

**DIOCESE DE ANGRA E ILHAS DOS AÇORES**

**CONGRESSO  
DIOCESANO  
DE LEIGOS**

**Edição da Livraria do  
Seminário Episcopal de Angra  
1995**





## ÍNDICE

Introdução .....	5
Nota Pastoral do Senhor Bispo .....	7
Oração pelo Congresso .....	19
Programa do Congresso .....	21
Discurso de abertura pelo Senhor Bispo .....	25
Discurso do Presidente da Comissão do Congresso .....	33
Primeiro Tema – "A Paróquia" .....	37
Subtema: "Paróquia, sua Evangelização e Estruturação Pastoral" ..	61
Subtema: "Organismos de Apostolado Paroquial" .....	69
Subtema: "Participação e Comunhão" .....	91
Segundo Tema: "A Igreja" .....	107
Subtema: "Participação dos leigos e sua missão na Igreja .....	133
Subtema: "A Igreja e os Jovens" .....	147
Subtema: "Formação permanente dos leigos" .....	157
Terceiro Tema: "A Família" .....	165
Subtema: "Educação na Família" .....	207
Subtema: "A catequese e a Família" .....	215
Subtema: "A Família, a Igreja e os Meios de Comunicação Social"	223
Documento de aprovação das Conclusões do Congresso	
pelo Senhor Bispo .....	233
Síntese do 1.º dia de trabalhos do Congresso – Comunicado N.º 1	235
Síntese do 2.º dia de trabalhos do Congresso – Comunicado N.º 2	237
Síntese do 3.º dia de trabalhos do Congresso – Comunicado N.º 3	239
Homilia do Senhor Bispo no 1.º dia do Congresso .....	243
Encerramento do 1.º Congresso Diocesano de Leigos	
pelo Senhor Bispo .....	249
Discurso de encerramento pelo Presidente da Comissão	
Diocesana para o Congresso .....	255
Lista nominal dos Congressistas .....	261
Nota de Imprensa .....	279
Temas, subtemas e questionários do pré-Congresso .....	283

Registo nº 10.865

Seminário Episcopal de Angra  
BIBLIOTECA

**CONGRESSO**

**DIOCESANO**

**DE**

**LEIGOS**

Seminário Episcopal de Angra  
BIBLIOTECA

## INTRODUÇÃO

*À medida que decorriam os trabalhos do nosso primeiro Congresso Diocesano de Leigos, por razões que são óbvias, a maioria dos Congressistas ia manifestando o desejo de poder possuir na íntegra, pelo menos, os textos dos três temas fundamentais nos quais todos tiveram a oportunidade de participar e, com maioria de razão, os de todos os respectivos subtemas, já que pela orgânica e metodologia do próprio Congresso, todos teriam de optar por uns e renunciar a outros.*

*O trabalho por muitos realizado em toda a Diocese durante três anos; a impossibilidade de todos participarem pessoalmente no acto do Congresso; a expectativa que se gerou; o desejo de partilha, esclarecimento e abertura de novos horizontes no caminho da renovação da nossa Igreja Diocesana; a atmosfera de seriedade, confiança, diálogo manifestada foram motivos mais do que suficientes para que este desejo latente se tornasse um pedido e uma vontade expressos por quase todos os Congressistas.*

*O desejo tornou-se realidade.*

*Ei-lo aqui o nosso primeiro Congresso Diocesano de Leigos escrito.*

*É um documento histórico e de recordação, mas, mais do que isso, pretende ser um instrumento de trabalho nesta fase mais difícil que é o post-Congresso.*

*Ei-lo aqui para estudo, reflexão e comparação a nível individual e em grupo, família e comunidade.*

*À luz das análises feitas sobre a Paróquia, Igreja e Família que fomos, somos, e temos, tendo em conta as pistas de renovação apontadas nestas três realidades fundamentais do dia a dia da nossa vida e concretizando as conclusões finais do Congresso, cresceremos e amadureceremos na nossa responsabilidade e corresponsabilidade de membros activos nesta Igreja diocesana que somos todos nós.*

*Durante os dias do Congresso foi consolador verificar a nova imagem da Igreja que brotou do Concílio Vaticano II. Uma comunidade de Congressistas, activa e responsável, dentro da qual existem diversos ministérios hierárquicos, mas que englobam todos os fiéis.. Foi uma chamada à nossa Igreja local e concreta, que se realiza e vive mediante o serviço dos diversos ministérios que o Senhor suscita nela. Estes ministérios são e serão os serviços que o amor e a responsabilidade comum suscita entre os fiéis..*

*Foi uma comunidade que esteve ao serviço e suscitou comunhão. Serviu-a e suscitou-a porque a comunhão não é uma realidade ou força extrínseca à comunidade. Foi, sim, a vida interna da própria comunidade do Congresso. O Congresso foi espaço comum do pensamento, de sentimentos, de acção decidida, de projecto que nasce da aceitação do Amor de Deus difundido no coração de todos os irmãos.*

*Este livro pretende ser uma ajuda para que cada congressista seja isto mesmo na família, no seu grupo de trabalho e na comunidade.*

*Se assim for e, certamente, todos tentarão que o seja, valeu a pena.*

**Monsenhor Dr. Augusto Arruda Cabral.**

## NOTA PASTORAL

### O Congresso diocesano dos Leigos

Inicia-se agora, em grande, a preparação do Congresso diocesano dos Leigos, que, a Deus querer, se realizará entre nós, em 1992.

Como outras dioceses estão preparando o seu Congresso, também nós nos lançamos com entusiasmo e fé na preparação do nosso.

Encomendamo-lo a Deus, e confiamos na protecção de Nossa Senhora.

Rogamos a ajuda espiritual de todos e esperamos a cooperação do laicado açoriano.

Pretende-se que este seja um tempo de séria e profunda evangelização, que atinja nossas vidas e ambientes, ajudando-os a ordenarem-se de acordo com a lei de Deus e para bem de todos.

O Congresso é uma actividade de grande alcance, em cuja preparação são chamados a cooperar quantos, baptizados e acordados para a vocação de cristãos, se disponham a dar um pouco do seu tempo e muito da sua fé para que tal "acto de Igreja" atinja as suas finalidades e os seus objectivos.

É um acto da nossa Igreja, aberta e desperta para sua missão de continuadora da acção redentora de Jesus Cristo.

- Por desígnio divino, lembra o Vaticano II, a Igreja é "sacramento de salvação", quer dizer, é sinal e instrumento vivo da acção redentora do mundo. Cabe-lhe salvar a humanidade. Mas a presença da Igreja na vida social, profissional e familiar não se verificará senão por uma activa participação dos leigos.

Não apenas de um ou outro, qual franco-atirador, isolado, mas de todos, empenhando-se na construção de uma ordem nova, para que o evangelho de Jesus não fique inútil, mas penetre os diversos ambientes e aí torne possível e desejável a vida cristã.

É dever dos leigos serem apóstolos, missionários da doutrina da Igreja, tanto no campo social, político e económico, como na vida familiar e pessoal.

- Se não forem os cristãos a marcar presença e a agir de forma organizada e guiados pelo evangelho, quem o fará por eles no mundo que é o nosso? Verificar-se-ia um vácuo que logo ideologias falsas tentariam preencher, com todo o cortejo de funestos resultados.

Por outro lado, se eles o não fizerem - cada qual consoante a capacidade própria e no ambiente em que vive - não poderão ficar tranquilos, nem dar-se por satisfeitos. A sua salvação estará em perigo, já que faltam a grave dever, que lhe vem do seu baptismo e se torna mais premente pela Confirmação recebida.

Pelo baptismo, o cristão entra no Povo de Deus, a Igreja, e torna-se participante de três funções que Cristo exerceu e chama-o fiel a exercer: participa no sacerdócio de Cristo, o que o obriga a procurar participar bem na Eucaristia, etc. ; participa na acção profética de Jesus, o que o chama e deve comprometer no ensino da doutrina da Igreja e a esclarecer os outros e sua vida segundo o evangelho; participa, finalmente, no poder e responsabilidade que Cristo tem de governar o mundo, o que situa o cristão na obrigação de cooperar para que a sociedade se organize e guie pela verdade, justiça, ordem e amor. Tudo isto constitui um dever

e um direito para o baptizado. De modo especial os leigos o devem exercer, pois vivem nesses ambientes e ali hão-de ser e aparecer como cristãos, responsáveis pelo bom ordenamento — de tudo.

### **Necessidade de formação**

- Mas ninguém dá o que não tem; ninguém faz o que não sabe.

Daí surge o direito de os leigos serem esclarecidos quanto a seus deveres e de se prepararem para lhes corresponderem por seu exemplo e por sua actividade.

Quem os deve esclarecer e preparar?

Os sacerdotes em primeiro lugar, mas também os outros leigos são obrigados a fazê-lo.

Esclarecem-se e formam-se em encontros, reuniões, trabalhos de grupo, etc.

Pela reflexão pessoal e em grupo, pela observação e também pelas actividades em que são chamados a participar.

Uma dessas actividades - conjunto de acções maiores ou mais pequenas, todas encadeadas num objectivo comum - será o Congresso diocesano de Leigos.

Desejando cooperar profundamente na evangelização da nossa terra, à luz do Vaticano II, pretende ele, por isso, ajudar os membros da Igreja a descobrirem qual a função da mesma no mundo, e qual a parte que a cada um deles cabe nessa função, e a disporem-se a corresponder-lhe.

A Igreja deve ser presença de Cristo a apontar aos homens o caminho certo e o sentido da vida; e dar-lhes ajuda por meio do ensino, pelo exemplo dos mais dedicados e sobretudo pela força dos sacramentos, que comunicam a vida divina; e a unir todos os baptizados para que, formando um Povo, se associem no cumprimento do seu dever e se tornem, por sua vez, elementos transformadores da vida do mundo em que vivem, ajudando a descobrir e corrigir erros e faltas.

Assim os cristãos seguem Cristo e comprometem-se na missão por Ele confiada.

Na verdade, cada membro da Igreja é “chamado” a cooperar com Cristo, que vive na Igreja e actua através dela, pelo que procurará “seguir Jesus” que o chama, e esforçar-se-á por “testemunhar” na vida os ensinamentos do Mestre. O verdadeiro cristão aspira a ser discípulo de Cristo. Não basta sê-lo. Porque é baptizado, impõe-se manifestá-lo por palavras e por obras.

### **A Caminho do Congresso**

O Congresso diocesano de Leigos é uma chamada a todos os fiéis leigos da diocese para que se unam e decidam a actuar de modo ordenado e assim se alargue a evangelização às famílias e ambientes da nossa terra.

Organizados nas paróquias, os grupos de fiéis animados pela comunhão, que os une como filhos de Deus e membros da Igreja, hão-de procurar conhecer as realidades e problemas que os cercam, para sobre tal se reflectir e ver que actuação se impõe para melhorar situações, corrigir erros e sanar condicionalismos que originam outros males.

- O Congresso será, antes de mais, uma atitude vivencial de comunhão, a cerrar laços fraternos entre quantos se disponham a dar seu testemunho cristão.

O exemplo de uns será estímulo para outros, e descobrir-se-á uma capacidade nova para dizer a muitos mais que façam o mesmo.

Unidos, apoiados na oração que faz confiar em Deus, - interessado mais do que ninguém no bem do seu Povo -, fortalecidos pela esperança que é possibilidade de fazer bem... os diversos grupos paroquiais serão agentes transformadores do meio ambiente, de acordo com os planos de Deus criador, e darão continuidade à acção redentora de Jesus Cristo, a qual abarca o homem e as realidades que o cercam.



Todas essas realidades importa evangelizar, ajudar a ordenar segundo o desígnio do Senhor.

Que o Congresso ajude os cristãos da nossa terra a renovarem-se espiritual e pastoralmente, a corresponderem generosamente ao pensar de Deus, para serem “fermento” que levede cristãmente todos os ambientes em que vivemos.

Constituirá assim hora de luz e de graça, tempo de evangelização **propício** e **benefício** para quantos colaborem em sua preparação e efectivação e para a nossa sociedade, bem carecida de orientar-se pelo evangelho da salvação.

O Congresso é de todos e para todos.

Ninguém falte à chamada! Nenhum dê menos do que está ao seu alcance!

Ajudem-nos as orações de todos, em particular das almas consagradas a Deus e de quantos queiram acompanhar-nos nesta gesta de evangelização.

Auxilie-nos o sofrimento dos nossos doentinhos, unidos a nós pela oferta a Deus de suas dores, e que teremos sempre presentes.

Não falte a disponibilidade dos que já deram provas de dedicação à Igreja.

Una-se a eles a disponibilidade dos que desta vez decidem colaborar.

A Virgem Santíssima vai à frente nesta nossa actividade diocesana. Ela a todos anime e conforte!

A benção de Deus venha sobre todos nós a garantir o fruto dos nossos trabalhos.

Angra, 25 de Setembro de 1989

\* *Aurélio, Bispo de Angra*



# CONGRESSO DIOCESANO DE LEIGOS

## DIOCESE DE ANGRA

1) - *Finalidade do Congresso segundo o pensar do Sr. Bispo*

a) - Avançar na renovação da Igreja à luz do Vat. II que é uma necessidade, para isso,

b) - Consciencializar o maior número possível de cristãos - clero, religiosos e leigos - da *realidade* que é a *Igreja* e sua *missão*, e da sua função que nela têm os leigos cristãos.

c) - Descobrir sempre mais o lugar, missão e função que os leigos como tais cabem na Igreja e no mundo.

d) - Abrir para planos concretos de actuação dos mesmos leigos - sem deixar de os ajudar a formarem-se - e para possíveis estruturas que apoiem a concretização de tais planos: *Conselhos pastorais de paróquia* e de *diocese*.

e) - A esta luz, abrir também para a

- revisão do espírito e actuação dos Movimentos e Associações, de modo a poderem ser e agir em conformidade com o que o Congresso Nacional decidiu, a "Christifidelis laici" indica e os Bispos apontam em sua "Carta Pastoral" sobre o mesmo tema.

f) - Possibilitar a toda a paróquia a *reflexão* sobre os temas para todos consciencializarem sua responsabilidade para termos *comunidades cristãs vivas*, evangelizadas e evangelizadoras.

g) - Ajudar os leigos a despertarem para o que são, e o que devem fazer. Ter sempre presente o seu *direito* e *dever* agirem como membros da Igreja, dentro da missão da mesma.

## ***ESTRUTURAS PARA A REALIZAÇÃO DO CONGRESSO***

### ***2) - Comissão Diocesana - Objectivos:***

a) - *Ajudar a formação das Comissões de Ouvidoria, Ilha e até Paroquiais;*

b) - *Dinamizar a Diocese no sentido do seu empenhamento no Congresso;*

c) - *Fornecer todos os guiões de trabalho e esquemas para as Assembleias;*

d) - *Coordenar e estimular todos os trabalhos das diferentes Comissões;*

e) - *Preparar o Congresso;*

f) - *Dar todo o auxílio que lhe for pedido, quer pelas Comissões, quer pelos grupos;*

g) - *Organizar um boletim do Congresso, para ajudar na preparação dos grupos, explicando os assuntos e partilha de experiências e,*

h) - *Fornecer para os Meios de Comunicação Social dados e notas sobre o Congresso.*

### ***3) - Comissão de Ilha - Objectivos:***

a) - *Fomentar a criação das Comissões de Ouvidoria;*

b) - *Coordenar e estimular Comissões de Ouvidoria;*

c) - *Promover encontros de reflexão com as Comissões de Ouvidoria, ou até com os animadores dos grupos e Comissões paroquiais;*

d) - Promover outras acções que julgue convenientes para o Congresso e,

e) - Organizar a Assembleia de Ilha.

4) - Comissão de Ouvidoria - Objectivos:

a) - Ajudar na Paróquia na formação da Comissão Paroquial, nas Assembleias e nos grupos;

b) - Promover encontros com os responsáveis dos grupos (animadores) para estudo dos guiões, e a forma de animar os grupos;

c) - Organizar Assembleia de Ouvidoria, onde se partilhe o trabalho dos grupos;

d) - Estimular e coordenar as Comissões Paroquiais e grupos e promover encontros com elas;

e) - Dar todo o auxílio que lhe for pedido, quer pela C. D. quer paroquial ou grupo;

f) - Organizar a nível de Ouvidoria as actividades que julgar convenientes para se atingir as finalidades do Congresso;

g) - Fornecer à Comissão Diocesana e à de Ilha os nomes dos membros das Comissões Paroquiais e o número de grupos, bem como o nome e outros dados de acordo com o impresso próprio e,

h) - Fazer a síntese das conclusões das Paróquias e enviá-las à Comissão Diocesana.

#### = ETAPAS A SEGUIR =

1) - Nas homilias os Sacerdotes **falarem** na finalidade do Congresso sua importância e necessidade para a renovação da Igreja que está nos Açores.

Fazerem apelos à participação de todos; lerem e comentarem a nota pastoral do Sr. Bispo sobre o mesmo; as Missas na T. V. e as Rádio-difundidas falarem igualmente no Congresso, bem como os jornais das Igrejas e boletins.

2) - Reuniões, no mês de Outubro, com todas as Obras e Movimentos da Paróquia, para lhes explicar o Congresso, os comprometerem no mesmo bem como falar na Assembleia Paroquial. Nesta reunião será eleita a Comissão Paroquial.

Até ao dia 5 de Novembro comunicar ao Ouvidor a constituição da Comissão Paroquial, e até ao dia 15 a Comissão de Ouvidoria comunicar à Diocesana e Ilha se houver a constituição das paroquiais e Ouvidoria já feitas. Formada a Comissão de Ilha, comunica à Diocesana até 30 de Novembro.

3) - A Comissão Paroquial logo após a sua eleição prepara a Assembleia Paroquial, de acordo com o esquema feito para a mesma preparação.

4) - Assembleia Paroquial segundo o esquema dado.

Nesta Assembleia formam-se os "grupos de base", o que não quer dizer que não se juntem novos elementos, convidados, e, que não participaram na Assembleia. Convém que cada grupo associe a si novos elementos. Nesta assembleia irão surgir os temas escolhidos dentro dos apresentados.

NB/ Se o grupo for de uma Obra ou Movimento, convide para a parte da reunião em que vão estudar o "guião", novos elementos.

Cada grupo escolhe o seu responsável.

Esta assembleia será feita até Fevereiro de 1990 inclusivé.

5) - Reunião com os responsáveis dos grupos para o estudo dos guiões.

Esta primeira reunião poderá ser feita na Paróquia ou a nível de Ouvidoria; deve ser feita logo após a Assembleia Paroquial.

6) - Reuniões de grupo (mensal)

As primeiras sobre a Igreja, seguindo-se as outras sobre os assuntos escolhidos nas Assembleias Paroquiais.

7) - Com os responsáveis pelos grupos para preparar os guiões, coordenar, trabalhar, estimular, dar formação e para animar espiritualmente.

A periodicidade destes encontros será determinada pela Comissão de Ouvidoria, de acordo com as Comissões Paroquiais.

8) - Em datas a marcar pela Comissão Diocesana, ouvidas as de Ilha, Ouvidoria e Paroquiais, após os trabalhos dos grupos, nova Assembleia Paroquial para partilha das reflexões.

Conclusões a nível de Paróquia e preparação da Assembleia de Ouvidoria e Ilha, no caso das Ilhas com várias Ouvidorias.

9) - Assembleia de Ouvidoria, data a marcar. Nesta haverá partilha das reflexões e conclusões das Paróquias.

10) - Assembleia de Ilha.

NB/ Para todas estas Assembleias a Comissão Diocesana enviará um esquema de trabalho.

11) - Congresso Diocesano em 1992, com a orgânica e participação a estudar.

### **= FORMAÇÃO DOS GRUPOS =**

1) - *Os grupos para o estudo dos cadernos ou guiões sobre a "Igreja" poderão ser formados pelos membros dos respectivos movimentos ou Obras que os poderão estudar nas suas reuniões ordinárias.*

Isto não quer dizer que estes elementos não se integrem noutros grupos e até convém, e que convidem outros que não são do movimento.

2) - *As pessoas que não estão integradas em Obras ou Movimentos da Igreja, formarão espontaneamente os seus grupos, podendo ser ajudados por elementos já mais esclarecidos o que será o ideal.*

*Apela-se para a generosidade destes, que devem na verdade ajudar.*

3) - Os grupos para o estudo dos assuntos escolhidos nas Assembleias, que se seguirão ao estudo da Igreja serão feitos à base dos que optaram pelos mesmos podendo estes serem inter-paroquiais.

4) - *Cada grupo tem o seu responsável e é que marca o dia e o local da sua reunião.*

5) - *Cada grupo além da sua reunião de estudo e oração,*

*pode marcar outras actividades e encontros de oração, participação numa Eucaristia etc.*

**6) - As conclusões de cada capítulo serão entregues à Comissão Paroquial para esta fazer a síntese a nível Paroquial.**



## ORAÇÃO

Senhor, nosso Deus,  
e Criador  
Filho Redentor  
Espírito Santificador,

Pelas mãos de Maria Santíssima,  
Mãe de Deus e nossa Mãe,  
nós vos pedimos:

- Animai todos os cristãos  
a comprometerem-se seriamente  
na renovação da Igreja  
e na transformação do Mundo;
- Abençoai os trabalhos  
de preparação e de realização  
do Congresso Diocesano dos Leigos;
- Iluminai aqueles  
que nele tomam parte;
- Assisti os fiéis da nossa paróquia  
nas Assembleias e grupos de reflexão;
- Enchei-nos a todos  
com os dons do vosso Espírito  
e renovai a face da terra!

AMEN.



# CONGRESSO DIOCESANO DE LEIGOS

Angra do Heroísmo, 6 a 8 de Dezembro 1992

## 1º DIA (6 - DOMINGO)

09h00 - Sessão de Abertura.

10h00 - 1º Tema - Paróquia.

11h00 - Intervalo.

11h30 - Debate.

12h30 - Almoço.

14h30 - Sub-temas:

1.1) - Paróquia, sua Evangelização e Estruturação Pastoral.

1.2) - Organismos de Apostolado Paroquial.

1.3) - Participação e Comunhão.

15h00 - Reunião de Grupos.

16h00 - Conclusões.

16h30 - Intervalo.

16h45 - Apresentação das Conclusões e Debate.

18h00 - Eucaristia.

20h30 - Jantar.

## 2º DIA (7 - SEGUNDA)

09h00 - 2º Tema - Igreja.

10h30 - Intervalo.

11h00 - Debate.

12h00 - Almoço.

14h00 - Sub-temas:

2.1) - Participação dos Leigos e sua Missão na Igreja.

2.2) - A Igreja e os Jovens.

2.3) - Formação Permanente dos Leigos.

14h30 - Reunião de Grupos.

15h30 - Conclusões.

16h00 - Intervalo.

16h30 - Apresentação das Conclusões e Debate

18h00 - Eucaristia.

19h30 - Jantar.

21h00 - Vigília (Igreja da Conceição).

## 3º DIA (8 - TERÇA)

09h00 - 3º Tema Família.

10h30 - Intervalo.

11h00 - Debate.

12h00 - Almoço.

14h00 - Sub-temas:

3.1) - Educação na Família.

3.2) - A Catequese e a Família.

3.3) - A Família, a Igreja e os Meios de Comunicação So-

cial.

14h30 - Reunião de Grupos.

15h30 - Conclusões.

- 16h00 - Intervalo.
- 16h30 - Apresentação de Conclusões e Debate.
- 17h30 - Reunião de Ilha.
- 18h30 - Sessão de Encerramento.
- 19h30 - Eucaristia (Igreja da Sé).
- 20h30 - Jantar de Encerramento oferecido por sua Excelência Reverendíssima o Bispo de Angra.

## NOTAS

### 1 - Recepção dos Congressistas:

Das 16h00 às 19h00-Entrega da documentação e registo de participantes:

- Igreja do Colégio
- 19h00 - Jantar  
(Seminário de Angra)

### 2 - Locais de Reunião:

Local dos Temas 1,2 e 3 e de Apresentação das Conclusões:  
Igreja do Colégio

#### 2.1 - Locais dos Sub-temas:

- 1.1, 2.1 e 3.1  
Igreja do Colégio
  - 1.2, 2.2 e 3.2  
Igreja de S. Francisco
  - 1.3, 2.3 e 3.3  
Igreja da Misericórdia
- « Queridos fiéis leigos, tendes uma vocação própria que não se esgota no cumprimento das obrigações mínimas de baptizados.

Esta é a vossa missão de fiéis leigos: ser o sal, a luz, a alma do mundo. Sois pais e mães de família, operários, professores, estudantes, lavradores, pescadores, ou empregados em qualquer outra profissão. Assim vivem os demais homens e mulheres; só que, ao realizardes a vossa missão, procurais dar-lhe uma abertura para a eternidade, cumprir nela a vontade de Deus, fazê-la levar segundo o Reino dos Céus, e colocá-la ao serviço do homem a fim de conseguir chegar àquela plenitude que lhe vem de Cristo, superando a ruptura entre o Evangelho e a vida.

*João Paulo II*  
*Homilia em Angra, 5.*

### COMISSÃO DIOCESANA DO CONGRESSO DE LEIGOS

## CONGRESSO DIOCESANO DOS LEIGOS

“Como é bom e agradável viverem os irmãos em união”.

Vem-me esta palavra da Escritura ao pensamento, ao ver-vos e saudar-vos a vós, os que viestes das diversas Ilhas do Arquipélago, e aqui representais os leigos da nossa terra.

Sê-de bem vindos e que o Senhor esteja com todos!

Saúdo, antes de mais, o Sr. Bispo de Coimbra, aqui na qualidade de Presidente da Comissão Episcopal para o Apostolado dos leigos. Na sua pessoa está, de alguma maneira, todo o Episcopado português, a quem estamos unidos. Muito nos honra sua estimada presença.

- Saúdo as Ex.mas Autoridades, não apenas, pela alta representação que assumem, mas também na sua qualidade de cristãos, preocupados, como todos nós, com a vitalidade das nossas comunidades e com a vida cristã dos seus membros.

Felicito a Comissão Diocesana pelo enorme trabalho realizado e pela dedicação de que deu provas.

O Senhor fecunde seus passos e cuidados e nos ajude a viver em alegria, amor e esperança estes dias, grandes na história da nossa Diocese.

A saudação alarga-se a todos os que vieram e aqui darão seu contributo e aos que eles representam.

Saúdo com muito afecto os sacerdotes presentes e os que

não puderam vir, neles vendo as traves mestras que suportam diariamente o ónus pastoral da nossa Igreja. A eles se ficará a dever, por certo, muito do que aqui se vai viver e as conclusões que deste Congresso sairão, bem como a sua efectivação.

Para os religiosos e religiosas, sempre atentos à vida da Igreja, vai saudação amiga.

Saúdo por igual todos os convidados e quantos estão presentes, lembrando as pessoas e as empresas ou entidades que colaboraram tanto na preparação do Congresso como para a sua efectivação.

### CAROS CONGRESSISTAS!

No desejo de cooperar na renovação espiritual e pastoral de pessoas e comunidades da nossa Diocese, vindes trabalhando, a maior ou menor ritmo, mas, por certo, com boa vontade da parte de todos, desde há dois anos, na preparação deste Congresso.

*Os leigos na Igreja e no mundo* - foi o tema geral que concitou o esforço e reflexão de muitos e que se quis concretizar, analisando o que deve ser a vida e a acção dos leigos na *Igreja*, na *paróquia* e na *família*.

- Meditando na identidade do leigo, apareceu, por sem dúvida, a nova luz, a sua *dignidade* ímpar.

“Nada nos alegre tanto como ver proclamada a dignidade de todos os membros da Igreja, para cuja vocação, para cuja santificação, guia e salvação se encaminha a acção da mesma Igreja” (Paulo VI).

Não apareça isto como elogio, mas como responsabilização de todos e cada um, para que aqui dêem a medida da sua fé, da consciência da sua pertença à Igreja e do sentido de compromisso que, como tais, hão-de viver, nestes dias e pela vida fora.

- Somos Igreja e aqui vimos demonstrá-lo com a nossa presença e oração, na participação nos debates, no ambiente a ser vivido, e nos compromissos a assumir



Em recente discurso aos Bispos portugueses da Província eclesiástica de Braga, diz o Papa verificar-se hoje “amadurecimento das comunidades portuguesas, o qual tem frutificado numa maior disponibilidade por parte dos fiéis leigos, muitos dos quais parecem dispostos a dar o melhor de si para tornar possível um *tempo de encontro, diálogo e colaboração*, no discernimento evangélico dos problemas e respectiva solução. Exemplo disso, diz o Papa, são os Congressos nacional e diocesanos sobre os fiéis leigos. Esta é uma das maravilhas que o Espírito continua hoje a realizar em Portugal: predispor e comprometer os crentes para a sua missão universal”.

Por isso, João Paulo II se apressou a enviar, por meu intermédio, uma especial bênção aos participantes deste nosso Congresso e a quantos cooperaram na sua preparação.

No mesmo discurso, O Papa se congratula vivamente “pelo maior sentido de pertença à Igreja e pela crescente consciência missionária e profética, de que estão a dar provas os cristãos portugueses, com o conseqüente desejo e abertura à formação cristã e ao fortalecimento da sua vida espiritual”.

A consciência de que somos Igreja, leve a que estas reuniões nos tornem *mais idóneos e mais piedosos* para aprofundar sempre mais no conhecimento e significado do mistério da Igreja.

Nenhum amesquinhe esta hora solene - alimentando pensamentos ridículos, atitudes de crítica ou de acusação. Cada qual bata no próprio peito e não no alheio.

É que este encontro não é composto apenas por nós.

Connosco está Cristo, em cujo Nome nos reunimos, e cuja assistência nunca falta em nosso caminho temporal (cf. Mat. 28, 20).

Aqui podemos, em certa forma, aplicar em nós a palavra de S. Paulo: “Somos colaboradores de Deus” (1 Cor. 3, 9), não porque julgemos poder dar eficácia à obra de Deus, mas por esperarmos que a nossa humilde e voluntária acção receba da acção divina o seu vigor e mérito.

Ponhamos, pois, em jogo todo o nosso empenho para

conseguir que a acção do E. Santo se introduza na nossa e a penetre inteiramente, a ilumine, fortaleça e santifique.

Deixemos que o E. Santo derrame em nossos corações a caridade que se traduza em sabedoria, isto é, em rectidão de juízos.

Demos a estes momentos de plenitude de vida da Igreja o seu mais alto significado e valor. Busquemos a verdade, amando a verdade de cada coisa, pois, como diz Santo Agostinho "Nenhuma coisa se conhece perfeitamente se não se ama perfeitamente".

Seja o nosso Congresso um *especial acto de amor a Deus*, de *amor à Igreja* e de *amor aos homens*, em particular os que em nossa terra vivem.

- A doutrina sobre a Igreja, ilustrada à luz do Vat. II, tenha repercussão feliz em nossos corações; actuemos para que brilhe mais o rosto da Esposa de Cristo para a todos oferecer a orientação do seu caminho para a verdade e para a vida, que Cristo veio trazer.

A Igreja é para o mundo. É para os homens.

Há-de procurar compreendê-los sempre melhor, partilhar suas esperanças, sofrimentos e boas aspirações, confirmando o esforço do homem moderno no sentido da sua legítima prosperidade, da sua liberdade e paz.

## ATTITUDES PRÁTICAS

Esforcemo-nos por tornar *operativos*, *práticos*, os princípios de todos conhecidos e referentes ao lugar do leigo na Igreja.

Utilizando as estruturas já existentes - v. g. *Conselhos pastorais*, e outras como Assembleias paroquiais e Conselhos económicos, e através de *programas de acção realistas*, estejamos dispostos a adquirir outra mentalidade e a dar outro espírito ao muito do que em cada dia se passa na nossa vida de cristãos e nas nossas paróquias.

Vivamos de maneira concreta a *missão* a que somos chamados como membros da Igreja.

Tal missão expressa e é fruto maduro da fé e da vida cristã

e obriga a sair de nós mesmos, de nossos critérios e interesses, para nos imbuir dos critérios do Evangelho, assim nos dispendo a servir os outros.

Com a fé recebida, somos portadores de um dom gratuito, que nos foi confiado para ser transmitido e testemunhado a favor do próximo.

A Igreja aponta “para fora de si mesma e para além de si própria, no sentido da salvação dos homens e da salvação do mundo”.

Na Vossa existência de leigos, manifestar-se-á a missão da Igreja, se souberdes inserir-vos nas diversas circunstâncias do viver do mundo, num cuidado de *humanização* à luz de Deus.

É missão vossa, de leigos, ajudar os homens a abrirem-se ao amor criador e libertador de Deus - sempre lembrados de que a *questão de Deus* tem a ver com *valores decisivos* em ordem à construção dum mundo mais justo, mais fraterno e mais esperançoso para o homem.

A missão completa da Igreja engloba o cuidado de transformação das realidades terrenas, segundo Deus, como antecipação do Reino.

Por isso, lembrou o Vat. II: “O cristão que descuida seus deveres temporais, falta aos seus deveres para com o próximo e até para com o próprio Deus, e põe em risco a sua salvação eterna” (G. S. 43).

Exercer missão, é ajudar a mudar os corações e os modos de viver, à luz da Palavra de Deus, e é mudar, também à mesma luz, as estruturas da sociedade.

Para ser fiel à sua missão, deve o leigo:

- a) Ser fiel ao Evangelho.
- b) Atender à vida real das pessoas - e assim o anúncio do Evangelho, mais do que doutrina, será iluminação dos problemas...
- c) Preocupar-se em transformar o mundo: o compromisso no mundo é condição para que as estruturas sociais, políticas, culturais e económicas possam ser orientadas mais de acordo com critérios cristãos.

d) O amor pelos mais pobres há-de ser outra exigência da missão, levando a denunciar situações de injustiça e a marcar *presença unida e solidária na acção* em favor dos mais carenciados.

Tudo isto exige que o leigo dê *testemunho* em sua vida e como fruto de convicção pessoal.

Daí se há-de partir para *novas formas de vida das nossas comunidades* - nas quais cada um deve colaborar, assumindo responsabilidades de acordo com a própria capacidade. Responsabilidades que hão-de ir até à *manifestação pública de fé* e à *participação* no esforço de promoção das pessoas.

Esta missão começa sempre no próprio coração...

## A PARÓQUIA

Nesta linha se há-de integrar a preocupação de tornar mais vivas, mais activas e mais missionárias as nossas *paróquias*. Aí chegarão elas, quando parte notável dos seus membros, formados e orientados nesse sentido, nelas se integrarem e actuarem com essa finalidade e esse espírito. No discurso aos Bispos portugueses, diz o Papa que hoje se “revela um forte e generoso empenhamento na evangelização e renovação da fé das comunidades cristãs, em particular as paróquias, *elemento fundamental nas dioceses*...”

Elas vão-se consolidando como sujeito de uma *catequese permanente* e integral, de uma *celebração litúrgica* viva e participada, e de um *serviço de caridade* efectivo e solidário com os mais necessitados”. A ninguém passe despercebido o programa indicado pelo Vigário de Cristo para a renovação das paróquias.

A paróquia é indispensável para dar a todos e em especial aos jovens a possibilidade duma experiência completa da fé e da Igreja.

Uma paróquia só será missionária a partir da *consciência missionária* dos seus membros, e quando procurar *analisar rigorosamente e à luz do Evangelho os problemas reais* das pessoas.

À comunidade cristã pertence tomar consciência da necessidade da sua presença concreta no ambiente próprio

realizando *gestos colectivos* exigidos pelos valores cristãos e pela dignidade fundamental do homem.

À FAMÍLIA dedicamos também especial atenção. Ela é o caminho da vida humana, espiritual, pessoal e social. Compete-lhe, em particular, despertar e formar a consciência das crianças e dos jovens.

Perante as dificuldades dos jovens, os pais são, por vezes, desamparados e podem ter a tentação de fugir às suas responsabilidades.

Da família diz o Papa no já citado discurso: "Prioritária na atenção dos pastores deve ser cada vez mais a família.

Face à atitude de recusa, desconfiança ou mera suspeita que continua a predominar no confronto do plano divino para a família anunciado pela Igreja, é justo interrogar-mo-nos se as paróquias estão a dar a resposta correcta e adequada às carências e dramas dos esposos, dos pais e dos filhos".

O Santo Padre insiste: "incrementa-se na paróquia a constituição de *grupos de espiritualidade familiar* e de *entreejuda conjugal*: a comunidade paroquial apareça como uma família de famílias, onde lhes seja dedicado o melhor dos seus recursos" (Id. ib.).

É necessário que não falem *casais-apóstolos* que ajudem os pais, e tenham a preocupação de dar às famílias os meios necessários para cumprirem a sua missão de *primeira comunidade educadora*, assim como o seu *ministério de evangelização e dom da fé*.

- Unidos na mesma fé, alentados pela mesma esperança, actuemos com alegria, paz e confiança neste Congresso que depende de Deus e de cada um.

O Senhor fará frutificar o nosso trabalho!

(discurso de abertura por)

\*Aurélio Granada Escudeiro,

Bispo de Angra



## CONGRESSO DIOCESANO DE LEIGOS \*

Exmo e Reverendíssimo Senhor Bispo de Angra  
Exmo e Reverendíssimo Senhor Bispo de Coimbra  
Sua Excia Senhor Presidente do Governo Regional dos  
Açores

Exmo Senhor Representante de Sua Excia o Senhor  
Ministro da República para a Reg. Aut. Açores

Exmo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Angra  
do Heroísmo

Reverendíssimo Clero  
Senhores Congressistas

Passados que foram os três anos de preparação para este I Congresso de Leigos da Igreja Católica da nossa Diocese, aqui estamos reunidos para em conjunto reflectirmos sobre a acção e actuação da nossa Igreja ao longo destes cinco séculos passados. Da reflexão podemos e devemos projectar no presente e para o futuro toda a nossa actividade passada na Igreja e em Igreja, com vista a eliminar o que de menos bom encontrarmos e praticamos, de forma a que possamos torná-la mais pura e mais digna, em suma mais genuína na sua essência. É certo que a Igreja está cheia de defeitos, (de pecados), só que esses defeitos (esses pecados) são nem mais nem menos do que o somatório dos defeitos (dos

pecados) de todos os que nos intitulamos cristãos católicos e orgulhosamente praticantes, (às vezes só quando convém).

Duma maneira geral atribuímos ao clero a responsabilidade (a culpa) por tudo quanto de mal existe no seio da Igreja. Que o clero tem grandes responsabilidades, não temos dúvidas. Mas como estamos num Congresso de Leigos, não à revelia da hierarquia porque temos o apoio dela mas mais do que o apoio estamos de mãos dadas, por isso, nós Leigos temos que ajudar a encontrar a traçar linhas orientadoras para a renovação desta Igreja à luz do Vaticano II após os 27 anos da sua realização, começando cada um de nós por se renovar a si próprio. Se assim fizermos, cada um terá a certeza de que a Igreja ficou melhor porque deixou de ter tantos defeitos. Ao longo destes três anos foram distribuídos em toda a Diocese 16 temas de estudo e reflexão, foram muitos os cristãos católicos que sobre eles se debruçaram. Não foram tantos quantos a Comissão e a hierarquia desejariam, foram os mais responsáveis e disponíveis, foram os que serão o fermento da Igreja renovada.

A Comissão Diocesana percorreu todas as ilhas, reuniu-se várias vezes com as Comissões de Ilha, e, em conjunto percorreram a maioria das paróquias quando estas se reuniram em Assembleia, sensibilizando as pessoas para a importância da renovação de actuações e ideias, explicando quais os objectivos do Congresso com vista ao fim a atingir.

Na imprensa muito se publicou, na rádio muito se disse, na televisão muito se mostrou e disse, nas igrejas muito se falou e rezou, contudo estamos convencidos que mais poderia ter sido feito.

Não nos queixemos por aquilo que menos bem correu, tenhamos esperança, sejamos caridosos uns para com os outros, porque se tivermos disponibilidade de espírito, isto é, disponibilidade interior, estas virtudes, esperança e caridade complementadas pela humildade, levar-nos-à a cada um dos 370 aqui presentes, em conjunto com os nossos párcos e com o clero em geral, com os outros nossos irmãos mais sensibilizados e



responsáveis, através desta Igreja, a encontrar o Caminho a Verdade e a Vida que é o próprio Jesus.

Durante estes três anos de preparação nem tudo foi fácil, mas houve muito trabalho, muita persistência, muita coragem, muito sacrifício e muita oração. Poder-se-ia ter feito muito mais e melhor, mas temos consciência do que somos, dos nossos limites e das nossas capacidades. E aceitamos aquilo que somos. Poderiam estar outros aqui, melhores ou piores, poderiam estar mais e poderiam estar menos. Estão aqueles que estão e que responderam à chamada. Cabe-nos a responsabilidade de repensarmos em conjunto o nosso lugar (direitos e obrigações) nesta nossa Igreja diocesana com o único objectivo de, todos de mãos dadas, ajudarmos esta nossa Igreja na sua renovação. Não temos a veleidade de querer mudar tudo de um momento para o outro, porque sabemos que isto é impossível, mas pretendemos sair daqui com três ou quatro conclusões bem concretas e simples que nós todos possamos cumprir na nossa família, na nossa comunidade e no nosso trabalho, já na próxima quarta-feira.

Isto irá exigir de todos nós muita serenidade, muita atenção, muita capacidade de diálogo e de partilha, muita compreensão e muita confiança uns nos outros. E com a certeza que Jesus Cristo nunca abandona a sua Igreja. Ele está aqui connosco e o seu Espírito Santo nos iluminará os caminhos a percorrer.

Quero agradecer todos os apoios, colaborações e subsídios recebidos nomeadamente:

BISPO DE ANGRA  
MINISTRO DA REPÚBLICA PARA OS AÇORES  
GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES  
BANCO COMERCIAL DOS AÇORES  
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA  
BANCO PINTO E SOTTO MAYOR  
BANCO PORTUGUÊS DA ATLÂNTICO  
CAIXA ECONÓMICA AÇOREANA

CAIXA ECONÓMICA DA MISERICÓRDIA DE ANGRADO  
HEROÍSMO

CÂMARA MUNICIPAL DE ANGRA DO HEROÍSMO

COMPANHIA DE SEGUROS AÇOREANA

C.T.T. - CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE POR-  
TUGAL

FREDERICO A. VASCONCELOS LDA.

HILDEBERTO ROCHA

MUNDIAL CONFIANÇA SEGUROS

NICOLAU SOUSA LIMA E FILHOS LDA

POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

REGIMENTO DE INFANTARIA DE ANGRA DO  
HEROÍSMO

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE ANGRA DO  
HEROÍSMO

RUI COELHO

Que MARIA, Mãe da Igreja e nossa Mãe, a Mãe da vida,  
nos ajude a todos. E vamos ao trabalho.

*\* (discurso de abertura pelo Presidente do C. Leigos)*

*Manuel Fonseca*

## TEMA - 1

# A PARÓQUIA



# AS PARÓQUIAS QUE TEMOS AS PARÓQUIAS QUE QUEREMOS

## Introdução

1. Paróquia - Terá ainda sentido, hoje?
2. As paróquias que temos
3. As paróquias que queremos

## Paróquia - Ambiente

de acolhimento  
de ajuda fraterna  
de catequese  
de culto  
de apostolado

conclusão

## INTRODUÇÃO

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que

sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração". (G.S.,1). Por isso, os discípulos de Cristo têm o dever de "investigar a todo o momento os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho". (G.S.,4). Só assim poderão responder "de modo adaptado em cada geração às eternas perguntas dos homens"; só assim poderão "conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações e o seu carácter tantas vezes dramático" (G.S.,4)

Estas afirmações do Concílio Vaticano II na constituição sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo, vindas a lume há vinte e seis anos, devem ser bem o mote para as reflexões deste Congresso de Leigos da Diocese de Angra que ora se está iniciando. Pelo menos será a pedra de toque da intervenção que vou proferir sobre as "Paróquias que temos e paróquias que queremos", intervenção que não tem veleidades de trazer o que quer que seja de novo sobre o tema, depois do muito que durante a preparação do Congresso se tem refletido, conversado e escrito. Desejaria, pois, que esta intervenção não fugisse muito a uma sistematização de todos os contributos que me chegaram às mãos, oriundos de quase todas as ilhas, de ambientes rurais e urbanos, de paróquias muito fechadas ao mundo e aos homens e de outras mais abertas aos problemas que numa região em transformação acelerada vão surgindo, de meios tradicionalistas e conservadores onde a pastoral de manutenção impera e de outros onde se tem experimentado novas formas de viver a fé, mais responsáveis e conscientes, ainda que de duvidosa eficácia imediata.

### **1. Paróquia - Terá ainda sentido, hoje?**

Dos muitos contributos que me chegaram, não descortinei nenhum que pusesse em causa a "paróquia" como estruturação da vida cristã comunitária na nossa Igreja dos Açores. Outra coisa

não seria de esperar, pois todas as orientações da Igreja desde pelo menos o Concílio Vaticano II, passando por Sínodos dos Bispos, Encíclicas, Cartas Pastorais dos diversos Episcopados, incluindo o português, deixam-nos a clara ideia de que a estrutura “paróquia” é ainda hoje válida. Válida foi desde o princípio da Igreja, ainda que com “nuances” diferentes: estruturas simples e leves, às vezes; estruturas rígidas e pesadas, outras.

Numa tentativa de resumir o pensamento dos documentos referidos acerca da realidade “paróquia” dir-se-ia que a “Igreja Universal se incarna nas Igrejas Particulares, constituídas por esta ou aquela fracção da humanidade concreta, que fala determinada língua, tem uma herança cultural comum, uma determinada visão do mundo, um passado histórico em que se revê”. (E.N.2). A Igreja que está na nossa Região - Diocese dos Açores - “é uma porção do Povo de Deus confiada a um Bispo para que a apascente, com a colaboração do presbitério de forma que, unida ao seu Pastor e reunida por ele no Espírito Santo por meio do Evangelho e da Eucaristia, constitui uma Igreja particular na qual está e verdadeiramente opera a Igreja de Cristo que é una, santa, católica e apostólica” (C.D.,11). As dioceses são grandes e muitas vezes dispersas, (o nosso caso é paradigmático) por isso, desde muito cedo, a Igreja conseguiu a maneira de estar mais próxima do local onde vivemos. “Como não é possível ao Bispo presidir pessoalmente, sempre em todos os lugares, deve erigir diversas comunidades de fiéis, entre as quais têm lugar proeminente as paróquias, constituídas localmente sob a direcção dum pastor que faz as vezes do Bispo” (S. C. 42).

Assim se compreende melhor a bela e feliz expressão de João Paulo II: A paróquia “é a própria Igreja que vive no meio dos seus filhos e filhas”. (CfL, 7).

Creemos, pois, que está afastada a ideia de que a Igreja Universal é constituída pelo somatório das Igrejas particulares e que estas pelo conjunto de comunidades de menor dimensão, sobretudo as paróquias. Não, estas são a própria Igreja que vive em determinado local. Ainda que, para referir “Paróquia”, tenhamos

de invocar um dado território, esta não o é, “nem estrutura, nem edifício, mas é sobretudo a família de Deus”. (CfL, 7).

A paróquia, segundo o Decreto sobre o Apostolado dos Leigos, apresenta um exemplo luminoso de apostolado comunitário, congregando num todo as diferenças humanas que encontra e inserindo-as na universalidade da Igreja. “Habituem-se os leigos a trabalhar na paróquia, intimamente ligados aos seus sacerdotes, a trazer para a comunidade da Igreja os seus problemas próprios e os do mundo e as questões relativas à salvação dos homens para serem examinados e resolvidos por troca de consultas; a empenhar-se na medida das suas forças em auxiliar todas as iniciativas apostólicas e missionárias da própria família eclesial”. (A. A., ).

Tendo em conta os documentos citados, temos que: a paróquia, como Igreja que vive num determinado local, deve exercer, através de todos os seus membros, as funções profética, cultural e pastoral, seguindo o mandato de Cristo aos seus discípulos.

## 2. As Paróquias que temos

Vou citar um dos contributos que me chegaram duma paróquia rural e que penso sintetizar o que se passa na maioria daquelas que se situam neste meio:

“A nossa paróquia e as vizinhas são muito religiosas. Todos os anos se celebram as festas dos nossos padroeiros com bonitas procissões, com roupa nova. Fazem-se romarias e peregrinações. Na maioria dos casos, tudo isto não passa de folclore e de querer parecer aquilo que se não é. Felizmente que, à parte todo este folclore, existem algumas manifestações de autêntica religiosidade e vida cristã, como a catequese (embora um bocado desorganizada), acções caritativas e uma ou outra organização da Paróquia”.

Aqui está o retrato: procissões, romarias, peregrinações, fachada. Catequese das crianças, ainda que desorganizada, algumas acções caritativas isoladas e um ou outro movimento



ou organização: irmandades, escuteiros, Legião de Maria...

É a pastoral de manutenção. Como se todos fôssemos cristãos católicos praticantes. Como se estivéssemos em situação de cristandade.

Todos os contributos que me chegaram revelam paróquias dominadas por uma grande apatia e vazio. As pessoas vão-se tornando cada vez mais indiferentes. Grassa a ignorância religiosa.

O materialismo e o consumismo são as causas desta situação. Ainda que a catequese se vá mantendo em todas as paróquias, bem organizada nuns casos, noutros menos, ela destina-se quase só às crianças e não tem acompanhamento familiar. Por isso, os adolescentes e jovens começam muito cedo a afastar-se da Igreja. É que a paróquia não se lhes revela atractiva, não responde aos problemas que lhes vão surgindo. Aos adolescentes e aos jovens, mas também e cada vez mais preocupantemente aos casais novos. A linguagem dos sinais não é a deles. Nos adultos vêem pouco testemunho, inclusive nos pais. Os padres são poucos, e velhos quase todos, física e psicologicamente. Aos ainda válidos e mais novos são confiadas muitas tarefas e muitas paróquias e, ainda por cima, dedicam-se a actividades extra-paroquiais, designadamente a de professores.

Não admira, pois, que os que se dizem cristãos no mundo rural, e são quase todos, vejam a paróquia como um território onde residem, em geral correspondendo à freguesia, onde as pessoas têm os seus hábitos e costumes religiosos que rapidamente se vão perdendo, embora a ela (paróquia) "me dirija para que o padre me baptize os filhos, para que trate dos papéis do casamento e onde sei me fará um funeral religioso". O padre, pois que aqui, quem faz tudo é ele.

As reflexões que nos chegam referem que nem tudo é negativo. Há sinais positivos no que respeita à catequese de crianças e adolescentes: catequistas bem preparados, espaços próprios para o efeito e algum acompanhamento dos pais. Existem alguns sinais de participação comunitária, quer na celebração dos

Sacramentos, designadamente a Eucaristia (grupos de leitores, acólitos, grupo coral...). Participação também na organização das festas, sobretudo na sua vertente de convívio exterior. Alguma acção caritativa, designadamente na assistência aos doentes. *Sobrevivência* de algumas organizações (cursos de cristandade, acção católica, Legião de Maria, Escutismo católico...).

Daqui se conclui que nas nossas paróquias rurais são cada vez menos aqueles que vivem empenhadamente a sua fé, embora muitos ainda participem nalgumas manifestações tradicionais: festas do Santo Cristo, do Bom Jesus, do Senhor da Pedra, festas do Espírito Santo, peregrinações e procissões de velas. Um bom número ainda vai à missa e comunga, sendo que a confissão é coisa cada vez mais rara.

Falemos um pouco das paróquias dos meios urbanos. As principais cidades dos Açores têm vindo a conhecer nos últimos anos transformações importantes que vêm modificar a vida das pessoas em todos os aspectos; também para os cristãos, o da vivência da sua fé.

O sector terciário da economia (comércio, serviços, administração pública) ocupa grande parte da população urbana e, porque necessita de espaços no centro das cidades, vai atirando cada vez mais as pessoas para as periferias. Outrossim, uma acentuada elevação dos rendimentos das pessoas tem vindo a propiciar a construção de novas habitações, a grande maioria nas periferias das cidades. Aqui, em Angra, uma cidade quase destruída pelo sismo de 1980, o fenómeno é particularmente evidente.

A mudança de residência de pessoas do meio rural para o urbano ou a ele adjacente e de ilhas pequenas para as periferias das cidades maiores fazem com que se percam os hábitos religiosos. Falta o suporte de formação cristã que permitiriam a essas pessoas continuar a sua prática religiosa e faltam nas paróquias aonde chegam estruturas de acolhimento dos novos habitantes. É mais gente que se perde, sendo que alguma poderia ser bem aproveitada para as tarefas urgentes que em cada comunidade continuamente

nos desafiam, pois que com suporte humano, ainda que superficialmente cristão, para tanto.

Para estes, o contacto com a paróquia passa a fazer-se quase só para tratar de documentos, como quem vai ao Cartório Notarial, aos Serviços Municipalizados e quejandos.

A heterogeneidade da vida num centro urbano, consequência duma sociedade em mudança acelerada, traz às pessoas um forte grau de instabilidade. Faltam os tradicionais apoios que com facilidade se encontravam nos meios de onde vieram; aí, todos se conheciam, aí todos podiam participar com facilidade em grupos sociais, culturais e religiosos. A estabilidade que se procura numa situação de mudança, nem na paróquia é encontrada.

Nos meios urbanos surge cada vez mais uma população flutuante, a que ninguém presta atenção: estudantes, militares, trabalhadores das mais diversas empresas, designadamente da construção civil. Ocupada nas horas de trabalho, esta gente não é integrada em actividades sócio-culturais nos seus tempos livres e a paróquia pouco faz por eles. Por isso, trilham tantas vezes o caminho do vício que destrói.

Paróquias há, as das nossas vilas, por exemplo, que partilham um pouco de tudo o que atrás fica dito acerca do estado actual das nossas paróquias rurais e citadinas.

Saliente-se que o aumento significativo dos índices de conforto nos Açores, a que não é alheio o fenómeno do consumismo, o surgir da Televisão, agora com cada vez mais canais, a reter cada vez mais as pessoas em casa e a propiciar cada vez menos diálogo e convívio familiar e social, o gradual aumento da escolaridade que faz com que grande parte dos nossos jovens, sobretudo os do meio rural, passe grande parte do seu tempo nas nossas vilas e cidades, o despertar para actividades culturais e desportivas que vão ocupando cada vez mais as pessoas, a alteração de conceitos acerca do papel do homem e da mulher na família e na sociedade, a diminuição da natalidade, o envelhecimento da população, designadamente nas freguesias rurais e nas ilhas que não possuem centros urbanos, as transformações políticas

operadas no País e na Região que vão despertando as pessoas para valores democráticos, tudo isto alterou a hierarquia de valores baseada na trilogia Deus, Pátria, Família cultivada durante muitos anos.

Se Deus não morreu, para muitos está esquecido. Pelo menos o Deus distante, sempre pronto a castigar, não é aceite. E porque foi o Deus que sempre conheceram e não lhes foi revelado Outro, esqueceram-no. A ordem religiosa formalista e ritualista, baseada na autoridade perde sentido e outra mais interiorista surge.

A pátria está hoje transformada e o Estado democrático tende a acabar com o autoritarismo. Os valores da tolerância, da liberdade de consciência, de estruturas de diálogo e consenso são cada vez mais comuns.

A família é permeável a tudo isto. A autoridade paternal, tal como se concebia, desmorona-se. As famílias vão aproveitando, como podem e sabem, estes valores e vão-nos integrando na sua própria vivência. Tarefa difícil. O diálogo e a aceitação de opiniões diversas é mais difícil que o autoritarismo.

Na Igreja, (na paróquia também), existiu e ainda se vai mantendo uma acentuação excessiva da autoridade. O autoritarismo clerical influencia a apatia de muitos. Cremos que está a passar, mas vai-se manifestando ainda, umas vezes explicitamente, outras do forma velada, mas apesar de tudo real.

Diríamos, à laia de conclusão, da análise às paróquias que temos: a pastoral paroquial em nenhum lado poderá ser fechada. Isto é sobretudo verdade nas paróquias urbanas e suburbanas. Terá de ser planeada em conjunto de modo que nenhum grupo (os que trabalham e residem na mesma paróquia, os que trabalham numa e residem noutra, os que mudaram de residência do centro para a periferia, os que dos meios rurais se vieram fixar e trabalhar na cidade, a população flutuante) escape a ser tocado e acolhido pela paróquia.

### 3. As paróquias que queremos

#### *Comunidade - ambiente de acolhimento*

Na linha da citação inicial da "Gaudium et Spes" as nossas paróquias devem acolher tudo o que constitui o mundo e a vida. *Acolhimento sem condições*: de cor política ou de estatuto social. *Acolhimento de todos*, sobretudo dos marginalizados, dos mais pobres, dos deslocados. *Acolhimento das manifestações culturais, sociais e recreativas*. Primeiro que tudo *acolher*: acolher as alegrias e as tristezas de todos mas sobretudo dos que nos estão mais próximos.

Acolher o mundo do trabalho com todos os seus problemas de falta de formação profissional, de salários baixos, de situações ilegais, sobretudo o trabalho infantil; os trabalhadores deslocados com os seus problemas de desenraizamento familiar e social e de falta de condições dignas de habitabilidade; aqueles que vêm os seus empregos em perigo porque a técnica - boa em si porque facilita, aperfeiçoa e acelera o trabalho do homem - pode suplantá-lo o mesmo homem, tornando-o "escravo da máquina". Acolher os trabalhadores individualmente ou organizados em sindicatos - cada vez mais dignos *parceiros* sociais, a ser ouvidos pelos poderes constituídos.

Acolher os jovens, um pouco desorientados no meio de tantas mudanças que os interrogam e para as quais não encontram resposta. Acolher a sua insegurança, o seu imediatismo, a sua falta de maturidade, a sua indecisão, mas também e sobretudo acolher a sua autenticidade, o seu dinamismo, a sua abertura à renovação, a sua disponibilidade, a sua cultura.

Acolher os mais velhos, cada vez mais sós, e com dificuldades de sobrevivência.

Acolher os doentes, acompanhando-os, integrando-os na comunidade, aproveitando o seu exemplo.

Acolher os que professam outras religiões, promovendo acções que conduzam ao ecumenismo.

Acolher os que, por palavras e actos que pressupõem espiritualidades, experiências, interesses diferentes dos oficiais, connosco convivem e connosco querem trabalhar.

Acolher é promover o encontro e o convívio, aceitá-los e neles colaborar quando não forem por nós organizados.

Acolher é considerar que as pessoas são melhor do que parecem.

Acolher é compreender sempre o ponto de vista do outro sem impor o nosso. Compreender é, por vezes, desaparecer para que o outro apareça.

Acolher é não julgar os outros. Nunca temos todos os dados para o fazer. E, se tivermos de julgar situações que envolvam pessoas, façamo-lo com discrição, com simpatia, com misericórdia.

Acolher é predispor-se, humildemente, a ser fermento.

É ter o sentido do outro, na feliz expressão de S. João Crisóstomo: "O Cristão é-o para os demais".

Para tanto precisamos predispor-nos, mudando a nossa atitude interior perante o mundo e a vida, perante as pessoas.

Acolher é a primeira tarefa da paróquia. Do Pároco e dos leigos mais empenhados e comprometidos. De todos os organismos paroquiais. Do Conselho Pastoral e do Administrativo (att. ao papel de acolhimento dos edifícios).

Todas as grandes tarefas eclesiais - profética, sacramental e sócio caritativa - têm de ter por base o acolhimento. A catequese começa pelo acolhimento; a celebração dos sacramentos terá de começar por um acolhimento mais que ritual, verdadeiramente às pessoas que participam, e neste ambiente terá de se desenrolar; sem acolhimento não há pastoral sócio caritativa que resista.

As pessoas que se sentem acolhidas reagem: ou positivamente - caso mais comum - estando, assim, predispostas para acolher a mensagem de Deus; ou negativamente, rejeitando o acolhimento de forma activa ou passiva. Neste último caso, é importante continuar a tarefa, respeitando sempre a liberdade das pessoas.

Acolher é a primeira tarefa do cristão: como Jesus. Ele

acolheu alegrias: as bodas de Caná; Ele acolheu tristezas, a da mãe de Naim, a das irmãs de Lázaro; Ele acolheu ricos e exploradores - Zaqueu; Ele acolheu os pobres, as crianças, os adúlteros, as prostitutas, os pescadores e os funcionários públicos, todos. Uns, a maioria, aceitaram o acolhimento: responderam, outros - poucos - rejeitaram-no. Em liberdade, sempre.

### *Comunidade - ambiente de ajuda fraterna*

“A paróquia é a família de Deus, como uma fraternidade animada pelo espírito de Unidade; é uma casa de família, fraterna e acolhedora, é a comunidade dos Fiéis” (CfL, 26). Isto supõe, realmente, viver a fraternidade cristã, concretizada na ajuda mútua, na comunicação de bens, no encontro e no convívio.

Fazê-lo de maneira organizada, porque mais eficaz, ainda que muitas acções possam ser individuais.

Para tanto, necessário se torna educar para o sentido do outro, também para a participação financeira para a paróquia, para a Diocese, para as Missões, para os países subdesenvolvidos... Necessário despertar o sentido da ajuda mútua nas infelicidades e nas desgraças. Necessário suprir as faltas dos poderes civis onde eles não podem ou não querem chegar: na alfabetização, na promoção de iniciativas culturais e recreativas, no apoio organizado às crianças e aos idosos mais necessitados, aos sem família.

Necessário que as nossas paróquias sejam pobres e se convertam claramente aos pobres. É que, em muitas, ainda pesa demasiado a presença de sectores bem instalados cujo pensamento e maneira de actuar não são os dos pobres. Os colaboradores mais directos da paróquia têm de ser pessoas que vivam “de maneira simples e sóbria”, que não se deixem enredar pelo consumismo, pelo dinheiro, pelo poder.

Imperioso se torna tirar daqui todas as consequências: em relação aos colaboradores que são, tantas vezes, a antítese do que se proclama; em relação à sumptuosidade (muitas vezes tornada

provocação) que surge nalgumas celebrações sacramentais (primeiras comunhões, comunhões solenes, matrimónio); em relação às ornamentações das Igrejas e aos adornos sumptuosos das imagens.

Pouco poderão fazer as nossas paróquias se não se converterem primeiro em ambientes onde se viva verdadeiramente a fraternidade cristã. Tal não se compadece com o individualismo religioso que ainda prolifera. Por isso, aqui também, o encontro e o convívio são importantes, como pressupostos duma vivência em fraternidade e ajuda mútua. Se os pequenos grupos que existem na Paróquia, criarem um ambiente de fraternidade, então os seus membros poderão ser fermento dela na paróquia.

Assim se vai construindo a comunhão e só se faz Comunidade assim, pois esta é o “rosto humano” daquela.

#### *Comunidade - ambiente de catequese*

Atendendo a que, no nosso meio se faz a iniciação catequética às crianças que foram baptizadas “na fé da Igreja” que é proclamada pelos pais e padrinhos e pela assembleia que participa; sabendo-se que a fé de muitos pais e padrinhos, primeiros responsáveis pela educação da criança, é titubeante e que a de muitas comunidades paroquiais é tão frágil que não chega a traduzir-se em actos;

O Baptismo exige, hoje, uma preparação muito cuidada de todos estes intervenientes, que os faça tomar consciência do seu compromisso e os ajude a amadurecer na fé.

É que a catequese das crianças incumbe em primeiro lugar à família - “Igreja doméstica” - através do seu testemunho e dos seus conselhos. Os pais são os “primeiros arautos da fé”. A paróquia vem a seguir com uma catequese mais sistemática.

Em qualquer dos casos - catequese familiar ou paroquial - parece importante deixar na criança atitudes básicas de confiança em Deus Pai, amor a Jesus Cristo, relação filial com Maria, consciência do mal - pecado -, sentido da Igreja, fazendo-lhe descobrir



e viver à sua maneira os valores cristãos do amor, justiça, ajuda e respeito aos outros.

Após isto, a criança estará em condições de receber o Corpo e Sangue de Cristo que a incorpora plenamente no Mistério Pascal e na vida da Comunidade.

E a catequese avança, ensinando às crianças as verdades da fé, ensinando-as a participar activamente na liturgia, sobretudo na Eucaristia, o que as levará a conduzir a sua vida consoante a palavra de Cristo que, gradualmente, vão interiorizando. Estarão, assim, em condições de, solenemente, professar a sua fé.

Vem depois a Confirmação que se deverá celebrar o mais tarde possível e só quando os adolescentes, jovens ou adultos estiverem em condições de assumir os compromissos baptismais, aderindo plenamente a Cristo e dando testemunho d'Ele. Não propor para o Crisma quando estas condições não estiverem reunidas sob pena de se cair na celebração dum rito vazio e de nula eficácia, como muitas vezes acontece.

Porque assim é, não nos devemos admirar da celebração do Crisma ser a "Carta de Alforria" da Igreja para a maior parte dos nossos adolescentes e jovens. Sabemos que tal se torna difícil numa sociedade de cristianismo tradicionalista como é a nossa. Uma coisa é certa: Para quem estiver predisposto, a Confirmação poderá ser oportunidade para um processo catecumenal mais completo e que exija um maior compromisso.

A catequese de adultos é uma exigência cada vez maior nas nossas paróquias, reconhecida, aliás, por todos nos trabalhos de preparação do Congresso. Da sua necessidade se faz eco João Paulo II na exortação apostólica "Catechesi Tradendae". Se ela é necessária para todos, mesmo para aqueles que nunca se afastaram da Igreja e até têm alguma participação para além da tradicional, ela é sobretudo necessária para os que "na sua infância receberam uma catequese proporcionada à sua idade, mas logo se afastaram de toda a prática religiosa e se encontram na idade adulta com conhecimentos religiosos perfeitamente infantis"; para os que se ressentem de uma catequese, sem dúvida precoce, mas

mal orientada e mal assimilada”; para “outros que, embora nascidos em países cristãos, inclusivé dentro de um quadro sociologicamente cristão nunca foram educados na fé e, quando adultos, são verdadeiramente catecúmenos” (C.T.,44).

Para conseguir estes desideratos, precisamos de catequistas cada vez mais preparados e empenhados, conhecedores da História da Salvação, da Doutrina Social da Igreja, clarividentes “que saibam distinguir o essencial do acessório”, com as noções mínimas de psicopedagogia para as idades que se pretendem educar na fé, abertos a uma renovação contínua dos seus métodos.

“Deve-se consagrar à catequese os melhores recursos de pessoas e de energias sem se poupar a esforços, trabalhos ou meios materiais, para organizar melhor e formar para ela pessoas qualificadas” (C.T. 15).

Tbda a paróquia tem que estar envolvida num ambiente de catequese, sendo que uns serão mais sujeitos-emissores e outros objecto-receptores da mensagem, mas todos abertos a desempenharem estes dois papéis, pois todos, todos precisamos da catequese.

João Paulo II faz-se porta-voz desta necessidade: “a Igreja é convidada por Deus e pelos acontecimentos, que também são apelos de Deus, a renovar a sua confiança na actividade catequística, como tarefa verdadeiramente primordial da sua missão” (C.T. 15).

A catequese é, pois, tarefa importante na missão da Igreja que está em cada paróquia, é para todos e é obra de todos. É dinâmica.

### *Comunidade - ambiente de culto*

Paróquia que acolhe, que põe os seus membros em relação fraterna e ambiente de ajuda mútua, que tem consciência que a catequese é tarefa importante e a pôr em prática, está em condições de celebrar a liturgia, onde Cristo está especialmente presente, razão pela qual “nenhuma acção da Igreja lhe é superior” (S. C.

13). Está em condições de celebrá-la no seu ambiente próprio, que é a Assembleia. Desta maneira as nossas assembleias litúrgicas poderão ser sinal, e são-no sobretudo quando celebram a Eucaristia.

Com o Concílio Vaticano II, a liturgia, por definição “oração de toda a Igreja”, deixou de ser espectáculo representado pelos clérigos, um conjunto de cerimónias exteriores e de regras que as regulamentam para ser “o Mistério Pascal de Cristo a tornar-se presente em palavras e gestos, para louvor de Deus e santificação dos homens”. Tal exige “participação plena, consciente e activa dos fiéis nas acções litúrgicas” (S. C. 7).

Terá sido na liturgia que se fizeram mais progressos nas nossas paróquias a julgar pelos testemunhos que delas nos chegaram. Mas há, apesar de tudo, muito caminho a percorrer. Participação é a palavra de ordem.

Mas como participar, se se vai à celebração por rotina e hábito? Como participar se não precedem os pressupostos acima enumerados? Paróquia que não acolhe, que não é fraterna, que não catequiza, não participa e, portanto, não pode celebrar. Celebrar o quê? Nada tem para celebrar. Por isso, muitas das nossas assembleias ainda não são sinal de comunhão. Por isso muitas das nossas paróquias estão longe de ser Comunidades, sendo certo que estas são “o rosto humano da Comunhão”.

Necessitamos renovar as nossas assembleias litúrgicas:

- Educar para a participação em todos os campos culminará com a participação na liturgia.

- Formar leitores para que a Palavra de Deus seja ouvida e assimilada.

- Preparar acólitos e animadores da Assembleia de modo a dar dignidade às celebrações.

- Formar cantores que ajudem a própria assembleia a participar, cantando, educando-os na compreensão de que a música litúrgica está ao serviço da fé, de modo que faça unidade com o que se celebra em vez de distrair, tendo sempre em conta a idade e capacidade dos participantes.

- Despertar, a pouco e pouco, os leigos para o valor da Liturgia das Horas como oração pública e comunitária do Povo de Deus. A liturgia não se esgota na celebração dos Sacramentos.

- Incentivar as pessoas a criarem um ambiente físico exterior propício à celebração que deve de ser de festa. A ornamentação sóbria é importante.

- Celebrar, tendo em conta as orientações litúrgicas, mas doseá-las com a criatividade própria de cada um.

- Preparar as celebrações em todos os aspectos de modo que nada seja improvisado. Criatividade não é improviso.

- Adaptar as celebrações ao nível da fé dos participantes.

- E porque não preparar a homilia com um grupo de leigos mais inseridos nos problemas da Comunidade de modo que a iluminação da Palavra de Deus sobre a vida seja mais adequada?

Se muitas das nossas assembleias dizem pouco às nossas crianças, aos nossos adolescentes e jovens e a muitos adultos pouco catequizados, é porque falham muitos destes aspectos. Muitas das nossas celebrações são ainda “chatérrimas” porque não participadas, porque demasiado demoradas, porque a homilia não diz nada à vida das pessoas, é morosa e confusa posto que mal preparada. No campo oposto estão as celebrações feitas para “despachar” e, como tal, não trazem nada a quem pretende participar. Desobriga-se o padre, desobrigam-se os assistentes.

### *Comunidade - ambiente de apostolado, de missão*

“Como o pai me enviou, assim eu vos envio a vós” (Jo. 20, 21).

“Ide por todo o mundo e levai o Evangelho a toda a criatura” (M.T. 28, 18-20).

Acolhidos, experimentando a ajuda mútua quotidiana, catequizados, celebrando a fé nas nossas assembleias paroquiais, designadamente as Eucaristias, podemos partir para acolher novamente, para ajudar outra vez, para anunciar sempre a nossa fé no nosso ambiente: onde vivemos e trabalhamos. Na nossa

sociedade onde existem problemas reais: de pobreza, de droga, de alcoolismo, de falta de habitação, de pornografia, de pessoas deslocadas, de falta de trabalho ou de trabalho mal remunerado, de más relações entre pais e filhos, de abandono dos idosos, de consumismo e materialismo. É neste ambiente que temos de exercer a missão. Nas nossas paróquias onde cada vez mais há baptizados que não praticam, indiferentes que não ligam, não crentes activos e passivos, pessoas de outras religiões.

Há que aproveitar todas as forças da paróquia para fazer apostolado. Ainda que não se pense o mesmo. Sem megalomanias de pensar que se convertem pessoas e organizações dum momento para o outro. A paróquia que se afasta de outras organizações da sociedade ou que até luta contra elas nunca poderá fazer verdadeiro apostolado.

Difícilmente uma organização poderá converter outra organização. Se não pudermos ir até ao fim na nossa missão, façamos juntos um pouco de caminho. Paróquia que queira ser verdadeiramente apotólica terá de ser sinal e terá de estar presente em todos os ambientes. Aí, os cristãos darão o seu testemunho por palavras e obras, estarão a ser missionários.

Há que educar para a missão e para o apostolado individual ou organizado, desenvolvendo uma catequese missionária, celebrando a liturgia com intenção missionária.

“Evangelizar significa para a Igreja levar a Boa Nova a todos os ambientes da humanidade e com o seu influxo, transformar e renovar, a partir de dentro, a mesma humanidade... A Igreja trata de converter, ao mesmo tempo, a consciência pessoal e colectiva dos homens, a actividade em que estão comprometidos, a sua vida e os ambientes concretos” (E.N. 18).

Nós, leigos, temos aqui tarefa primordial pois que, missionários, “Teremos de procurar, na medida das nossas forças, sanar as estruturas e ambientes do mundo” (L.G. 36). Este é que o nosso grande ministério laical, que até nem precisa de nenhum mandato especial: decorre da nossa fé amadurecida.

A Igreja nasce da missão evangelizadora do próprio Cristo,

por isso é comunidade missionária. "Nascida da missão, pois, a Igreja é por sua vez enviada por Jesus. A Igreja fica no Mundo, quando o Senhor da Glória volta para o Pai. Ela fica, aí, como um sinal, a um tempo opaco e luminoso, de uma nova presença de Jesus, sacramento da sua partida e da sua permanência. Ela prolonga-O e continua-O. Ora, é exactamente toda a missão e a sua condição de evangelizador, antes de mais nada, que ela é chamada a continuar. A comunidade dos cristãos, realmente, nunca é algo fechado sobre si mesmo. Nela, a vida íntima - vida de oração, escuta de palavra e ensino dos Apóstolos, caridade fraterna e fracção do pão - não adquire todo o seu sentido senão quando ela se torna testemunho, a provocar a admiração e a conversão e se desenvolve na pregação e no anúncio da Boa Nova. Assim, é a Igreja toda que recebe a missão de Evangelizar, e a actividade de cada um é importante para o todo" (E.N. 15).

Daqui, a veemente, se calhar chocante, afirmação do Concílio Vaticano II: "Não aproveita nem à Igreja nem a si mesmo aquele membro que não trabalhar para o crescimento do corpo, segundo a própria capacidade" (A.A. 2). "Não se pode conceber uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e se tenha entregado ao Reino sem se tornar alguém que testemunha e, por sua vez, anuncia essa Palavra" (E.N., 24).

O apelo que João Paulo II lançou aos leigos portugueses em Maio de 1982, aquando da sua visita a Portugal, tem plena actualidade, decorridos dez anos: "Não deixeis a Igreja ficar ausente de nenhum ambiente da vida da Vossa querida Nação. Tudo deve ser permeado pelo fermento do Evangelho de Cristo e iluminado pela sua luz. É vossa tarefa fazê-lo".

### *Outras formas de participação dos leigos na Paróquia - Conclusão*

Para além do que fica dito, que para muitos poderá parecer utópico no contexto da Igreja que está nos Açores, acerca da

participação no acolhimento, na ajuda fraterna, na catequese, na liturgia e no apostolado, referirei, por fim:

A corresponsabilidade eclesial nas nossas paróquias é um desafio. Com o Concílio Vaticano II foi restituída ao leigo a condição que, teoricamente, sempre teve e que praticamente, durante muitos séculos, não lhe foi reconhecida: pelo facto de ser baptizado participa na missão profética, sacerdotal e real de Cristo. Como os Bispos, os padres, diáconos e os religiosos. Esta dignidade e igualdade de todos os que receberam o baptismo e são fundamentais para se compreender que a relação dos leigos com a Hierarquia não é uma relação de dependência, mas de corresponsabilidade. A nossa participação na paróquia decorre da corresponsabilidade que temos na vida e edificação da Igreja que é comunhão. Por isso ela não é simples colaboração tal que a participação dos leigos se dispensaria se houvesse muitos padres e religiosos. Mantêm-se ainda em muitos a ideia de que os leigos são o “braço prolongado da Hierarquia”, conforme em tempos não muito recuados se dizia. Depois do Concílio Vaticano II, os leigos não podem ser vistos como uma espécie de empregados a prazo que serão despedidos no momento em que haja trabalhadores efectivos.

A nossa participação na vida da paróquia passa por descobrirmos e ajudarmos os outros a descobrir o lugar que a cada um cabe nela. Formas de participação existem muitas. Qual o meu lugar?

Temos de colaborar todos para desenvolver órgãos de participação e corresponsabilidade laicais dentro da paróquia. Eles poderão ser entre outros: Conselho de Leigos, Conselho Pastoral, Conselho para Assuntos Económicos, etc. que sejam efectivamente representativos dos diversos sectores e sensibilidades, que sejam verdadeiramente órgãos de participação. Certo e sabido que já algumas paróquias vão nesta linha, ainda que nestas sejam órgãos sobremaneira consultivos, fazendo depois o padre “o que quer e entende”. São muitas vezes, simples fachada; existem para se poder dizer que se tem. Estes conselhos seriam muito importantes

porque permitiriam ouvir o "sentir da fé" dos cristãos sendo que quem decide terá a grave obrigação moral de ser fiel ao Espírito que se manifesta, também, pela voz da Comunidade.

Participação nas decisões pastorais é nosso direito e nosso dever mesmo naquelas que, por mais difíceis, estão normalmente reservadas ao Bispo: o processo de escolha e nomeação dos nossos padres... Para lá caminhamos!

Que os padres não temam que estes órgãos de participação lhes vão tirar a "autoridade". É necessário que nos convençamos todos que um pai ou uma mãe de família ou um operário qualificado poderão ter mais autoridade para falar e colaborar em decisões num determinado ambiente dentro da Igreja. Que ninguém tenha medo: uns porque sentem que lhes vai faltando espaço de manobra, outros porque sentem que não são capazes.

Vamos caminhando para que a participação dos leigos na paróquia chegue a tudo o que não envolva a Ministério ordenado.

Para tanto é necessário *formação*. Sem ela a nossa Igreja continuará a marcar passo o que, nestas coisas, equivale a andar para trás. Formação humana, profissional, teológica, espiritual, apostólica. Avancemos neste campo com os pequenos grupos que já existem, muitos deles surgidos da preparação deste Congresso. Com persistência e paciência.

Se as nossas paróquias querem ter sucesso, ainda que a prazo, terão de partir destes pequenos grupos que o serão de formação, concerteza, mas também de partilha da experiência da fé. As nossas paróquias terão de ser reconstruídas a partir da base.

Ponham-se os grupos e movimentos, a paróquia toda, em relação com os vizinhos. Muitos trabalhos poderão ser feitos em conjunto. Pouparam-se energias e a eficácia será maior. Paróquia deverá ser comunidade em relação... pois assim experiência a comunhão inter-ecclesial.

Depois de reler esta intervenção, fiquei com receio de que ela pudesse deixar naqueles que me ouvem algum desânimo. Mas... nem tudo está perdido. Há muitos sinais de esperança. E, sobretudo, há que imaginar, há que pôr o nosso sentido crítico e a



nossa criatividade ao serviço da fé, ao serviço das nossas paróquias que são a Igreja de Cristo presente em cada recanto dos nossos Açores.

Mesmo que os padres vão faltando, mesmo que as nossas casas da Igreja se vão degradando, mesmo que cada vez menos pessoas colaborem e participem, mesmo que o materialismo e o consumismo alastrem, mesmo que... e sobretudo por isto, a nossa imaginação e a nossa disponibilidade são fundamentais para a construção da Igreja de Cristo nos ambientes onde vivemos. Mesmo que tudo pareça correr mal... “Eu estarei convosco!”

### *Bibliografia Consultada*

- Documentos do Concílio Vaticano II, sobretudo “Lumen Gentium”, “Gaudium et Spes”, “Apostolicam Actuositatem”

- Documentos Papais, sobretudo “Catechesi Tradendae” e “Evangelii Nuntiandi”

- J. Massant - “reflexiones Y experiencias de um cura sobre su paróquia” - Edições Marova, S.L.

Miguel Paya Andres - “A Paróquia, comunidade evangelizadora” - Ed. Centro Social e Paroquial de S. Brás, Évora

- “Communio, nº 1, 1985



**SUBTEMA - 1.1**

**PARÓQUIA,  
SUA EVANGELIZAÇÃO E  
ESTRUTURAÇÃO  
PASTORAL**



## **SUB - TEMA 1.1.**

### **- PARÓQUIA, SUA EVANGELIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO PASTORAL**

#### **SUB-TEMA PARA O CONGRESSO DIOCESANO DE LEIGOS**

#### **PARÓQUIA E SUA EVANGELIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO PASTORAL**

É em época de crescente e paradoxal individualismo e massificação que é desafio à Igreja a capacidade de ser testemunho de vida comunitária.

O chamado fenómeno de retorno ao religioso requer urgente reflexão e discernimento - que representa (busca de segurança, experiência psico-afectiva, busca de poder...)? como responder (a evangelização do religioso)?

Percebe-se, da Igreja, um discurso que nem sempre revela uma atitude de diálogo aberto e solidário com a sociedade, numa perspectiva de fermento na massa.

O facto de existirem estruturas pré-estabelecidas e muitas vezes rígidas provoca também, e infelizmente, uma atitude de recusa e repulsa.

Tbmemos como referência o modo como a Igreja se coloca perante os jovens - a proposta que lhes faz, o seu sentido de liberdade exigente mas humano, a sua disponibilidade para o

diálogo, a sua dedicação às pessoas e ao seu crescimento... - esta, entendemos ser a chave duma evangelização séria e que a longo prazo assegura a sensibilidade do Transcendente numa sociedade Secularizada, evitando o logro das expressões de religiosidade.

Tudo isto depende de se assumir ou não um papel activo na construção e organização de estruturas, pelos seus intervenientes, de forma a permitir uma articulação entre os mais diversos espaços e a Igreja, enquanto paróquia.

Os jovens passam pela paróquia daí que ela deva estar aberta aos desafios do mundo, estimulando o diálogo e a missão evangelizadora.

Na realidade social em que hoje nos inserimos a vida das pessoas desenrola-se a um ritmo que se pauta pela fragmentação, com as suas diferentes dimensões (afectiva, racional, sexual, moral, criativa...) a serem vividas como esferas estanques e incomunicáveis e não como elementos integrados da condição e dignidade de Homens.

O Homem como ser universal e plural não se restringe a espaços limitados mas é nos espaços limitados que concretiza as suas vivências. Isto de acordo com as diversas dimensões de ser, para, destes espaços, destas partes, partir para o todo da universalidade.

Entende-se que, para que o Homem se realize nas suas diversas dimensões e possa daí abranger um universo lato, se torna necessário, por um lado que se proporcionem *espaços pessoais* de construção de sínteses satisfatórias entre a pluralidade e ideais, modos de pensar e agir, presentes na sociedade. Por outro lado, se aposte num *diálogo* aberto e tolerante com aqueles e entre aqueles que se posicionam de forma diferenciada na realidade, percebendo tanto a exigência da sua fecundidade como a consciência dos seus limites (ES 83-88).

Este é o desafio a um modo de ver, pensar e agir na relação conosco, com os outros, com a Natureza e com Deus.

Daí que, seja nos espaços onde o Homem se movimenta que

se impõe a construção de sínteses pessoais e a existência de diálogo, porque são estes espaços - o meio, o social e o político, a escola, o trabalho, a Igreja, a Paróquia - que permitem ao Homem a realização da sua existência, desde que eles não continuem a ser tratados como compartimentos estanques onde não é permitido qualquer intercâmbio.

Importante será também perceber que o envolvimento do Homem nestes espaços, ou parcelas do todo, se gere a níveis diferentes, consoante lhe é permitida uma participação, da forma como ele é motivado a participar ou mesmo se o atraem o suficiente as estruturas já estabelecidas ou se simplesmente é, ou se sente, repellido por elas.

É importante também assegurar que pelo facto deste envolvimento acontecer a diferentes níveis, não invalida o empenhamento de um compromisso de protagonismo e participação que seja atitude resistente e activa de transformação das realidades.

A presença da Acção Católica assume um lugar não historicamente contingente, mas teologicamente fundamentado na estrutura eclesial. Por isso também, o papel característico da Acção Católica, no desígnio constitucional e no programa executivo da Igreja, não pode ser minimizado.

Entende-se assim a Acção Católica como forma de articulação e abrangência Paróquia/Meio (Escola), porque deve ser promovida a formação do indivíduo, neste caso do jovem, onde ele está, onde absorve e compreende onde pode ser ele o protagonista e onde se torna o evangelizador. Desta forma, para que se alterem de facto as relações entre as pessoas e os grupos no sentido de uma cultura verdadeiramente humanizadora, porque centrada em Deus.

Esta necessidade de actuar, existir e protagonizar a Igreja, acontece não só na Paróquia, como no espaço restrito e privilegiado mas, especialmente, nos espaços mais abrangentes onde se movimenta o indivíduo.

Esta é a necessidade de uma forma de intervir na sociedade

como fermento do Evangelho, duma maneira aberta, dialogante mas firme, forma esta que não está definitivamente adquirida.



Desafia-nos a busca de um estilo de vida coerente.

Algumas das possibilidades desse estilo concretizam-se no esforço de conhecimento e compreensão da realidade que nos rodeia e na qual nos inserimos, das suas potencialidades e dos seus riscos, das suas esperanças e aspirações, dos seus dramas e angústias.

Este esforço deve iniciar-se na Paróquia, muitas vezes fechada e isolada, considerando-se ela só Igreja, isolada da Diocese, das outras Paróquias e ser realidade.

Deve partir da paróquia, como enquanto local de participação e não do pároco como indivíduo - a opção pela participação dialogante.

É assim urgente o esforço de reflexão sobre o papel e o espaço da dimensão do religioso nas sociedades, sendo particularmente premente o desafio sobre o diálogo ecuménico.

Questões para os trabalhos de grupo:

1 - Importa reflectir sobre as estruturas, organismos e movimentos existentes, abertos ao diálogo e à participação, numa vertente de apoio aos que começam, se iniciam, na fé e no Evangelho. Que respostas existem para as contínuas interrogações, daqueles que fazem e dos que querem fazer uma caminhada para uma vivência cristã radicada no Evangelho!

De que forma se pode potenciar na Paróquia a criação dessas estruturas e desses organismos, tentando destruir a imagem de Paróquia fechada e não dialogante.

2 - Que protagonismo assumem na estrutura Eclesial as

minorias, as margens e os marginalizados. Importa aqui não encarar os pobres como fulcro de atenção mas como elementos activos e participativos.

3 - De que forma se potencia a escola como início de um percurso, local privilegiado de debate e de iniciação no levantamento de questões de conhecimento, compreensão, diálogo e compromisso.

4 - Que articulação Paróquia/Meio como forma de deixar superar a Paróquia fechada, concretizando noutros espaços a Mensagem do Evangelho e de Cristo.

## SUBTEMA - 1.2

# ORGANISMOS DE APOSTOLADO PAROQUIAL



## **SUB - TEMA 1.2**

**- ORGANISMOS DE APOSTOLADO PAROQUIAL**

**CONGRESSO DE LEIGOS**

**6, 7, 8 DE DEZEMBRO**

**ANGRA DO HEROÍSMO 1992**

**A PARÓQUIA E ORGANISMOS DE APOSTOLADO**

**S. JORGE**

**TEMA APRESENTADO POR OLÍMPIA S. DE FARIA**

***PARÓQUIA E ORGANISMOS DE APOSTOLADO***

“A agregação de fiéis leigos por motivos espirituais e apostólicos brota de várias fontes e vai ao encontro de diversas exigências: exprime de facto a natureza social da pessoa e obedece ao imperativo de mais vasta e incisiva eficácia operativa.” C.L.29

“Os indivíduos, as famílias, os vários grupos, todos aqueles que constituem a sociedade civil têm consciência da sua insuficiência para realizarem sós, uma vida plenamente humana e sentem necessidade de uma comunidade mais vasta, em que todos conjuguem permanentemente as suas forças em vista de uma realização sempre mais perfeita do bem comum.” G.S. 74

Facilmente se verifica esta necessidade a partir de uma atitude de humildade, de reconhecimento das nossas limitações

personais, face ao mundo, à vida, aos outros e até de nós mesmos.

Somos seres sociáveis por natureza, não só pela necessidade de sermos socorridos e de suprimos a insuficiência existencial - plano negativo - mas também, e sobretudo porque nós alcançamos a nossa plena realização, a nossa maturidade humana, quando somos capazes de nos integrar e de colaborar com os outros conseguindo "ser para os outros" - plano positivo.

Este desejo de viver com os outros, num plano cristão, encontra expressão adequada e rumo próprio na Igreja; não só viver junto do outro, embora estranho a ele, mas com ele e em plena comunicabilidade de vida e de ideias partilhadas.

"Par além destes motivos, a razão profunda que justifica e exige o agrupamento de fiéis leigos é de ordem teológica: uma razão eclesiológica, como abertamente reconhece o Concílio Vaticano II ao apontar ao apostolado associado um "sinal da comunicação e da unidade da Igreja em Cristo". C.L.29

Fazer comunidade, viver como as primitivas comunidades cristãs é comportar-se como membro activo e cristão eficiente dentro da Igreja de Cristo. Cristo nasce e vive numa comunidade de pequenas comunidades.

Jesus e os Apóstolos formam a primeira e primitiva comunidade cristã.

Às vezes esta comunidade é um pouco mais alargada, mas também mais flexível: os setenta discípulos, as mulheres.

A Eucaristia começa numa pequena comunidade.

É numa pequena comunidade que sucede o Pentecostes, o dom grande e prometido, fonte total da Igreja.

Em pequenas comunidades os discípulos reúnem-se para escutar a Palavra, celebrar a Eucaristia, partilhar os bens, consolar e ajudar-se mutuamente.

Esta reunião é tão importante que, aos poucos os cristãos se denominam por ela: eles mesmos são Igreja e como símbolo deram ao local da reunião o nome de Igreja.

O termo Igreja vem do grego EKLESIA. Em grego o termo é jurídico e designa a assembleia de cidadãos que numa cidade é

convocada pelo órgão público. No Novo Testamento emprega-se o termo EKLESIA, para designar “Assembleia do povo cristão”.

A Igreja é um povo, Não é, portanto, a Igreja dos clérigos. Povo em grego diz-se “laos”. Deste termo veio o vocábulo “leigo”.

A Igreja é, antes de mais assembleia de leigos. É o novo Povo de Deus que substitui Israel.

Mas durante muito tempo o termo “Igreja” teve diversas conotações:

- poder exterior que ordena, proíbe, corrige e vigia por meio do Papa, bispos, sacerdotes, formando só eles a Igreja.

- sociedade de seguros para esta vida e sobretudo para a outra.

- uma empresa comercial-financeira com os seus escritórios, a sua papelada, à qual se recorre para certos requisitos sociais de cor tradicional e religiosa como: baptismos, primeiras comunhões, casamentos e enterros.

- tradição respeitável, qualquer coisa que, como apelido se herda e se deverá conservar por rotina.

Com o Concílio Vaticano II esta imagem foi transformada: prevaleceu a igualdade de todos os membros da Igreja e não a estrutura hierárquica dos “graus”. Quando falamos de povo, queremos dizer que há entre os componentes do grupo algo de comum.

Um povo é um conjunto de homens a viver em sociedade, a habitar em território definido com certo número de costumes e de instituições comuns. É a dimensão colectiva que prevalece.

Na Igreja é impensável que a salvação seja individual por uma relação directa de cada um com Deus. Deus formou para si um Povo todo que adere, ouve o apelo de Deus, se torna sinal de unidade e de salvação.

A missão da Igreja não é apenas uma tarefa a cumprir; é um mis-tério de fidelidade amorosa a viver e a testemunhar.

A Igreja caracteriza-se pela ânsia em espalhar e comunicar os seus valores.

O Apostolado dos leigos flui da própria vocação cristã recebida pelo baptismo, confirmada no crisma e alimentada na Eucaristia.

A vocação cristã por sua natureza é também vocação para o apostolado. Os leigos são participantes da missão profética, sacerdotal e real de Cristo.

Conforme os diversos ministérios trabalham no reino de Deus procuram impregnar e aperfeiçoar com espírito evangélico a ordem temporal.

Jesus enviou os Apóstolos "Enviados". A Igreja é enviada por excelência entre os homens para continuar em nome de Jesus o Reino de Deus.

O apostolado dos leigos não consiste apenas no testemunho de vida: o verdadeiro apóstolo busca ocasiões de anunciar Cristo por palavras, quer aos não crentes para os levar à fé, quer aos fiéis para os instruir, confirmar e animar a uma vida mais fervorosa.

O Apóstolo é um homem conquistado por Jesus Cristo. O Cristão nunca pode limitar-se a uma atitude meramente passiva. A cada um é dado dons diferentes de acordo com a efusão do Espírito, mas para o bem comum.

O exercício efectivo do apostolado dos leigos exige uma formação apropriada.. O mais importante é a formação espiritual. Só podemos avançar efectivamente no Reino se a nossa vida estiver alicerçada firmemente na fé. Além da formação espiritual é necessária a instrução doutrinal na fé e nas ciências e nas técnicas de interesse para o apostolado. Não basta saber para crer, mas a inteligência pode conduzir a uma fé mais esclarecida.

Ninguém pode dar o que não tem. Ninguém anuncia ou comunica uma mensagem que não conhece. Mas possuída essa mensagem a ninguém é lícito conservá-la unicamente para si.

É necessário que os cristãos sejam evangelizados para, por sua vez, sentirem urgência em evangelizar:

"Ide e pregai o evangelho a toda a criatura"

"Ai de mim se não anunciar o evangelho"



Evangelizar refere-se ao primeiro anúncio do evangelho entre aqueles que nunca ouviram falar de Cristo ou se deixaram paganizar.

Apostolado é um termo mais amplo, englobando todas as acções pastorais, a começar pelo ministério da palavra.

É missão da Igreja e do apostolado afirmar a identidade cristã num mundo paganizado, indiferente, cheio de dúvidas e angústias, onde a ciência e a técnica não podem salvar.

Para um número significativo de leigos não é só um fenómeno individual, mas também uma vivência comunitária. Somos uma Igreja em que cada vez mais os leigos se associam para a missão.

Ao apostolado leigo individual, feito de actividades pessoais e sobretudo de testemunho cristão, devem juntar-se as formas associadas de apostolado em que os leigos se unem para realizarem certos objectivos.

(Nenhuma forma associada de apostolado é eficaz sem o testemunho pessoal de cada membro).

Por outro lado, diante das exigências hodiernas que superam de longe as capacidades individuais, requere-se um esforço conjugado para levar a mensagem evangélica ao coração da civilização.

O homem é por natureza social e aprouve ao Senhor unir o Povo de Deus (Pe. 12,5-10) num só corpo os que crêem em Cristo.

Mas é nos pequenos grupos ou pequenas comunidades que se ultrapassa por um lado a estranheza de um anonimato e a massificação por outro, com um espaço relativamente plural mas onde o indivíduo é identificado, onde podem acontecer relações interpessoais e onde o grau de adesão é relativamente mais forte.

Tanto numa ordem pedagógica como na psicoterapêutica, o pequeno grupo revela-se como o catalizador onde desabrocham e florescem inesperadas forças de criatividade, detectando problemas com mais complexidade e realismo, descobrindo soluções concretas, encontrando forças para assumi-las e

ajudando-se ao longo do caminho para manter-se na perseverança dos compromissos assumidos.

A pequena comunidade cristã é o espaço idóneo para descobrir e exercer o desenvolvimento dos seus carismas.

A pequena comunidade cristã é o espaço privilegiado para o crescimento, desenvolvimento e maturidade de vida cristã nos seus três aspectos: escuta da palavra, celebração e compromisso.

O Senhor prometeu a Sua presença especial quando dois ou três, número in concreto, mas não muito grande, se reunirem em Seu Nome. (Muitas vezes, uma reflexão num pequeno grupo é melhor captada do que a mais bela homilia..)

“A paróquia dá-nos um exemplo claro do apostolado comunitário porque congrega numa unidade toda a diversidade humana que nela se encontra e insere essa diversidade na universalidade da Igreja.

Habituem-se os leigos a trabalhar na paróquia intimamente unidos aos seus sacerdotes, a trazer para a comunidade eclesial os seus próprios problemas e os do mundo e as questões que dizem respeito à salvação dos homens para que se examinem e resolvam com o concurso de todos.” C.L.27

“no seio da comunidade da Igreja a acção dos leigos é tão necessária que, sem ela, o próprio apostolado dos pastores, não pode conseguir, a maior parte das vezes o seu efeito.” A.A.

A paróquia é de facto a plataforma indispensável de actuação mais frequente de todos os aspectos da pastoral: o culto, os sacramentos, locais de reunião, serviços assistenciais.

A paróquia renovada pode fomentar uma comunidade fraterna e livre, onde se vive como adultos, todos iguais, todos servidores uns dos outros, ainda que dentro de diversidade de circunstâncias, carismas e qualidades pessoais.

A Evangelii Nuntiandi innumera diversos campos de apostolado desde os mais avessos a Cristo aos mais permeáveis:

- mundo pagão.
- mundo descristianizado onde os baptizados vivem à margem da vida cristã, onde reina a ignorância e a indiferença.

- mundo religioso não cristão - A Igreja respeita as grandes religiões, mas não pode renunciar ao mandato de Cristo de anunciar o reino a todos.

- mundo dos cristãos não praticantes - há muitos cristãos que vivem totalmente à margem da vida cristã devido a vários factores: desenraizamentos sociais, interpretação individualista da religião.

- mundo dos praticantes - aos que vivem a sua fé e são observantes dos mandamentos de Deus e da Igreja, é preciso fazer crescer mais na fé, esperança e caridade.

Isto consegue-se através de pequenas comunidades.

Nas circunstâncias presentes é absolutamente necessário que se robusteça a forma associada e organizada de apostolado no campo de apostolado de leigos.

Existem muitos movimentos e formas organizadas de apostolado de leigos. Todos são importantes e úteis quando embuídas de um verdadeiro espírito eclesial e cristão ao serviço. Cada um tem os seus objectivos com métodos próprios no seu sector e no seu meio, mas é imprescindível ter consciência da complementariedade e estabelecer laços de estima entre eles, em que assente o diálogo, uma mesma conjugação de esforços e mesmo uma real colaboração.

Há uma variedade de associações de apostolado. Uma propõem-se o fim apostólico geral da Igreja outras, de modo particular, fins de evangelização e santificação. Outras ainda, têm como fim animar cristamente a ordem temporal. Finalmente algumas dão testemunho de Cristo, de modo especial pelas obras de misericórdia e caridade. (A.A.19)

Entre estas associações são de considerar antes de mais, aquelas que fomentam e promovem uma unidade mais íntima entre a vida prática dos seus membros e a sua fé. As associações não são em si um fim, mas um meio de servir a missão que a Igreja tem a cumprir com o mundo.

Sobre a liberdade associativa dos fiéis o Concílio diz: "Respeitada a devida relação com a autoridade eclesiástica, têm os leigos

o direito de fundar associações, dirigi-las e dar forma às já existentes.”

Como critérios fundamentais para o discernimento de toda e qualquer associação de fiéis leigos na Igreja podemos considerar:

- o primado reconhecido de cada cristão à santidade.
- a responsabilidade de professar a fé católica acolhendo e proclamando a verdade acerca de Cristo.
- Testemunho de relação sólida e convicta em relação ao Papa e aos Bispos.
- conformidade e cooperação na fidelidade apostólica da Igreja que é a evangelização e a santificação dos homens e a formação cristã das suas consciências de modo a impregnar de espírito evangélico as várias comunidades e os vários ambientes.
- o empenho na presença da sociedade humana que à luz da doutrina social da Igreja, se coloque ao serviço da dignidade integral do homem.

No que diz respeito àquilo que hoje, talvez com demasiada facilidade se designa por carisma de um movimento ou de um grupo, é necessário distinguir pelo menos quatro coisas: as pessoas que compõem o grupo, frequentemente generosas e sacrificadas; o germen ideal que sustenta a sua acção, na sua maior parte válida; a ideologia ou sistema doutrinal que se vem desenvolvendo à volta da instituição de fundo; e, finalmente a prática concreta.

Entre as várias formas de apostolado que têm particular relação com a hierarquia os padres sinodais referiram a acção católica.

Segundo o decreto sobre o apostolado dos leigos devem designar-se Acção Católica os movimentos que cumulativamente tenham as seguintes características: fim apostólico, responsabilidade dos leigos em relação com a hierarquia, organização agregativa e cooperação directa com a hierarquia. Qualquer movimento que obedeça a estas características pode ser designado Acção Católica, mesmo que não tenha esse nome, nem queira ter. (Os fiéis leigos, Cit.)

De facto este movimento inserido em todos os meios sociais,

cujo princípio básico assentava na trilogia: ver, julgar e agir, marcou profundamente os cristãos e o mundo: JAC, JEC, JIC, JOC,

JUC, são siglas de quase todos conhecidas, pelo menos os mais velhos.

Um documento mais recente, a Carta Pastoral "Os Cristãos Leigos na comunhão e missão da Igreja em Portugal" os nossos Bispos afirmam:

"É grato reconhecer a vitalidade de movimentos e associações de fiéis que protagonizam, em grande parte, o compromisso dos Cristãos Leigos na Missão da Igreja. Vão-se revitalizando os antigos, outros novos surgem em força e vigor espiritual.

Mas alguns destes movimentos correm, por vezes o risco de ficarem prisioneiros da sua visão particular pouco abertos às outras expressões eclesiais, pouco dispostos a colaborar, o que torna mais difícil a sua inserção na comunhão da Igreja."

Só uma visão da Igreja, necessariamente aberta e plural transfor-mará em riqueza e vigor a variedade dos dons, dos caminhos, das pedagogias e dos objectivos próprios de cada movimento.

## **ORGANISMOS DE APOSTOLADO EM S. JORGE**

Os Organismos de Apostolado em São Jorge não serão talvez diferentes dos que existem na Ilha de Jesus ou na Ilha do Arcanjo. O que será diferente é o meio em que estão inseridos, porque o Santo Cristo até é comum...!

Somos todos cristãos, uns por herança, outros por tradição, outros por convicção. Somos homens e mulheres plantados no meio do oceano, aperreados pela pequenez da Ilha, pela falta de juventude que parte por volta dos 14 anos para continuar estudos e que na maioria não voltam à Ilha.

Mas é em São Jorge que Cristo nos pede que sejamos apóstolos.

Vamos baixar ao concreto:

**Apostolado da Oração**

Movimento de espiritualidade com uma reunião mensal (que presentemente nem sempre se faz)

Este movimento tem-se extinguido em muitas paróquias, talvez porque os padres não lhe possam dar a assistência necessária, em virtude de terem à sua conta muitos outros movimentos.

Actualmente só existe na Calheta com cinco zeladoras que distribuem as pagelas pelos associados e recebem a revista "Mensageiro" e o Boletim "Vida em Testemunho".

Aderem a este movimento pessoas idosas.

### **Vicentinos**

Finalidade - acção sócio-caritativa

Com uma reunião quinzenal de formação espiritual e verificação de acção. A acção dos Vicentinos tem sido principalmente de assistência em géneros alimentares aos casos mais urgentes da paróquia, algumas visitas de estudo de casos de carências e convívio de 3ª idade.

Este movimento só existe na paróquia da Calheta. O ano passado contava com 12 elementos. Presentemente tem 4 porque os outros saíram da Ilha para continuar os estudos. Estão a fazer uma campanha para angariar mais elementos. É um movimento de jovens.

### **Cáritas**

Finalidade - acção sócio-caritativa

Foram construídas seis casas para pessoas de fracos recursos. Está programada a construção de uma sede na zona periférica da Calheta que servirá também de convívio para a 3ª idade e apoio à catequese naquela Zona.

Os estatutos dizem que fazem parte deste movimento todos os paroquianos da Calheta, para tal, costuma haver todos os anos uma Assembleia Geral para dar a conhecer o plano de actuação e

quando é caso disso, eleição dos corpos gerentes. Esta tem tido pouca frequência dos seus elementos. A direcção reúne todos os meses.

Este movimento só existe na paróquia da Calheta.

### **Equipas de Nossa Senhora**

Movimento de casais vocacionado para a espiritualidade do casal.

Tem uma reunião mensal.

Em São Jorge existem duas equipas, mas já existiram cinco. Uma dessas equipas é formada por sete casais e outra por quatro, oriundas de várias paróquias.

Assistentes - Pe. João Paulo e Pe. Manuel António.

Estas equipas apoiam o C.P.M. (Curso de Preparação para o Matrimónio) e promovem um retiro anual de dois dias para todos os casais que queiram participar.

### **CNE - Movimento de Escuteiros Católicos**

Existe nas paróquias de Santo Antão, São Tomé, Norte Grande, Santo António, Velas, Santo Amaro e Rosais.

Assistentes: Pe. João Paulo e Pe. João Carlos.

### **Cruzados de Fátima**

Movimento de mais recente implantação na Ilha nos moldes actuais.

Existe nas paróquias do Tbo, Santo Antão, S. Tomé, Ribeira Seca, Norte Grande, Santo António, Beira, Rosais e Manadas.

Tem por finalidade principal a divulgação da mensagem de Fátima.

Actividades: visita doentes, organização de peregrinações, participação no retiro de doentes em Fátima, retiros de jovens, etc.

Assistente - Pe. Manuel António.

### **Cursos de Cristandade**

Foram realizados na Ilha 10 Cursos, cinco para homens e

cinco para senhoras. Neles participaram cerca de 400 pessoas. Existem três centros de Ulteia com participação média de 30 pessoas em cada centro. Tem por finalidade vertebrar a cristandade. É um movimento de lançamento.

Tem uma Equipa de Ilha que reúne mensalmente e promove as acções próprias dos cursos como: Reviver, Cursos, Convívio, e já se fez um Reencontro.

Este ano começou também a Escola dos Cursos de Cristandade.

Assistente - Pe. Manuel António

### **Legião de Maria**

Tem por finalidade a glória de Deus por meio da santificação dos seus membros alicerçada no culto a Nossa Senhora.

Tem uma reunião semanal obrigatória e cada legionário faz semanalmente um trabalho substancial. O trabalho é sempre mandado pela presidente do Praesidium. Ninguém faz apostolado por conta própria. É enviado, tal como Cristo enviou os seus Apóstolos. Os legionários são ou deveriam ser as mãos e os pés do sacerdote. Vão onde ele não pode chegar.

Os membros de um Praesidium que não desempenham qualquer trabalho apostólico activo não têm direito ao nome de legionários.

Presentemente existem três praesidia adultos nas paróquias de Santo Antão, Ribeira Seca e Calheta. E um praesidio Juvenil em Santo Antão.

É um movimento vocacionado para a oração, formação e acção apostólica.

A sua terminologia e os seus métodos baseiam-se na organização do antigo exército Romano.

### **Catequese de Infância e Adolescência**

Organizada em todas as paróquias com mais de 170 catequistas. Presentemente a cargo do Pe. Galvão. Algumas paróquias queixam-se de falta de apoio dos párocos.



Esta organização tem merecido bastantes acções de formação a nível de Ilha, muitas delas prestadas pelo Secretariado Diocesano.

### **Catequese de adultos**

Iniciou-se uma catequese para adultos baseada em lições sobre Sagrada Escritura e Liturgia. Estão a participar 234 pessoas divididas por quatro zonas:

Calheta, Topo, Nortes e Velas. A catequese é dada quinzenalmente em cada uma destas zonas e estão a cargo de Pe. João Paulo, Pe. João Carlos, Pe. Galvão e Pe. Manuel António.

### **Movimentos litúrgicos**

Grupos corais, de acólitos e de leitores.

Existem em todas as paróquias e até lugares.

Só há um ministro extraordinário da comunhão no lugar do Portal.

### **Movimentos de jovens**

Os grupos de Jovens tiveram nesta Ilha de São Jorge momentos importantes.

Gostaria de destacar o grupo de jovens de Santo António criado no tempo do Pe. Ângelo Valadão e o grupo "Renascer" da Calheta.

Um grupo que se criou e que tem conseguido sobreviver ao longo dos tempos é o grupo de Jovens da Ribeira Seca. Foi a partir deste que se iniciou este ano de pastoral uma nova dinâmica no campo da juventude com o Pe. Artur Cunha.

Já estão formados grupos de jovens em quase todas as paróquias da Ilha. Estes têm como objectivos a formação humana, religiosa e ocupação dos tempos livres. Tem havido intercâmbios entre estes grupos.

Estão a preparar a vivência do dia mundial da juventude que será uma concentração na Caldeira de Santo Cristo com

Eucaristia e encenação da Paixão em que participarão todos os jovens da Ilha.

### **Conselho para os Assuntos Económicos**

Existe em Calheta, Sto. António, Rosais, Biscoitos, Ribeira Seca, Topo, Santo Antão, Beira e São Tomé.

É um organismo cujo serviço consiste em angariar e administrar os bens materiais, móveis e imóveis da paróquia.

Costuma-se elaborar uma lista com o dobro dos vogais que constituem o Conselho que é distribuída pelas famílias da paróquia e os mais votados ficam a constituir o Conselho. Estes são eleitos por um período de 3 anos e reúnem mensalmente.

### **Conselho Pastoral de Paróquia**

Existe em três paróquias: Calheta, Velas e Santo António.

É um organismo de corresponsabilidade que agrupa um representante dos organismos paroquiais e representantes dos vários sectores sócio-profissionais.

É o órgão coordenador das organizações e actividades pastorais da paróquia. Por sua natureza é o órgão mais importante da paróquia que deve ser criado o mais rapidamente possível, se não existe.

Cada membro é eleito por um período de 3 anos e deve reunir pelo menos 3 vezes por ano.

### **Irmandades do Espírito Santo**

Também existem as Irmandades do Espírito Santo em toda a Ilha que, na dúvida de pertencerem ou não aos organismos, quis incluir para não ficar no esquecimento dos Congressistas e facilitar reflexão que acharem por bem.

### **Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo**

Esta Ordem é muito antiga na Ilha, no lugar da Fajã dos Vimes pertencente à Ribeira Seca e conta com muitos irmãos.

No entanto, limita-se à festa de Nossa Senhora do Carmo com preparação espiritual no novenário.

É de referir que todos os anos entram para esta, novos elementos.

Sendo uma Ordem em constante renovação, pelo menos em elementos, no entanto, não o é na espiritualidade e demais obrigações por falta de orientações.

Tais movimentos de apostolado, tais sacerdotes.

Não nos esqueçamos, neste Congresso de Leigos, do papel dos sacerdotes porque eles também fazem parte do povo de Deus. Sem eles, normalmente não existem movimentos de apostolado por muita boa vontade que tenham os leigos.

“O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio hierárquico diferenciam-se essencialmente... mas ordenam-se mutuamente um ao outro, pois um e outro participam no mesmo sacerdócio de Cristo.” L.G.10

A função dos ministérios ordenados é a de estruturarem a comunidade.

Yves Congar escreveu a este propósito o seguinte: “Digamos, numa palavra, que Jesus instituiu uma comunidade estruturada, uma comunidade toda ela santa, sacerdotal, profética e apostólica, missionária, com uns ministérios no seu seio; uns, suscitados livremente pelo Espírito; outros ligados pela imposição das mãos à instituição e à missão dos doze.” (Ministères et Communion ecclésiale. Paris 1971)

Funcionários do culto, professores, e outros epítetos que não vale a pena referir, são às vezes a conotação do termo padre.

Mas não nos preocupemos muito com os padres. A experiência ensina-nos que nas paróquias onde os párocos são menos interessados, o Espírito Santo sopra e os leigos avançam.

## Breve quadro dos Organismos de Apostolado da Ilha de São Jorge

(APRESENTAÇÃO DO QUADRO COMPARATIVO)

NOME	FINALIDADE	PARTICIPANTES	PARÓQUIAS	ASSISTENTE ECLESIASTICO
VICENTINOS	Ação sócio-caritativa	Jovens	1 Paróquia	Pe. Manuel António
APOSTOLADO DA ORAÇÃO	espiritualidade	mais mulheres que homens	1 Paróquia	Pe. Manuel António
EQUIPAS DE NOSSA SENHORA	espiritualidade do casal	11 casais	inter paróquia	Pe. Manuel António e Pe. João Paulo
CÁRITAS	ação sócio-caritativa	paróquia	1 paróquia	Pe. Manuel António
C.N.E.	educação da juventude	crianças e jovens	7 Paróquias	Pe. Manuel António
CRUZADOS DE FÁTIMA	divulgação mensagem de Fátima	mais mulheres que homens	8 Paróquias	Pe. Manuel António
CLEROS DE CRISTANDADE	reviver a fé	casais (mais de 400)	12 Paróquias	Pe. Manuel António
LEGIÃO DE MARIA	glória de Deus pela santificação mentais	34 mulheres, 6 homens e 12 jovens (0)	3 Paróquias	Pe. Manuel António
EQUIPAS DE LITURGIA	viver a liturgia	mais mulheres que homens	todas as paróquias e lugares	Os párocos
CATEQUESE DE INFÂNCIA E ADOLESCENCIA	educação da fé	mais de 1 70 catequizistas (dois homens)	todas as paróquias e lugares	Pe. Manuel Galvão
GRUPO DE JOVENS	educação cristã	mais raparigos	12 Paróquias	Pe. Alair Cunha
CONSELHO PASTORAL	coordenação actividades pastorais	mais homens que senhoras	2 Paróquias	Os párocos
CONSELHO P/ ASS. ECONÓMICOS	administração bens materiais	quase só homens (4 senhoras)	7 Paróquias e 2 lugares	Os párocos

### Análise breve ao quadro

Há uma grande proliferação de movimentos. Há paróquias com 10 movimentos, outras com bem poucos.

A paróquia com mais movimentos é a Calheta seguida de Santo Antão e Santo António. Lembremos que esta última é das paróquias mais pequenas da Diocese. O padre que tem mais movimentos a seu cargo é o Pe. Manuel António. Dos 8 no activo na Ilha, cinco deles prestam assistência a organismos de apostolado a nível de Ilha.

As paróquias com menos organismos são Urzelina e Norte Pequeno.

Há mais participação de mulheres do que de homens.

Quanto à predominância das mulheres nos organismos de apostolado veja-se o que diz a CHRISTIFIDELES LAICI no nº 52:

“A excessiva insistência sobre a condição da mulher, pode levar a uma inaceitável conclusão: o esquecimento do HOMEM. Na verdade em diversas situações eclesiais é lamentável a ausência ou a presença quase reduzida dos homens, uma parte dos quais abdica das próprias responsabilidades eclesiais, deixando-as ao cuidado exclusivo das mulheres, como por exemplo: a participação na oração litúrgica da Igreja, a catequese, a presença em encontros religiosos e culturais e a colaboração nas iniciativas caritativas e missionárias.”

Uma greve geral das mulheres neste momento será que resolveria o problema?

O documento aponta para a presença coordenada dos homens e das mulheres par se tornar mais completa, harmónica e rica a participação dos leigos na missão Salvadora da Igreja.

As organizações com maior implantação na Ilha são as ligadas à liturgia e à catequese da infância e adolescência.

As de maior vitalidade neste momento são: Cursos de Crisandade, CNE e Cruzados de Fátima.

As paróquias, de uma forma geral, estão bem estruturadas com bastantes organizações, mas verifica-se que às vezes as mesmas pessoas pertencem a várias organizações.

Verifica-se por parte do clero um grande espírito de equipa e colaboração sobretudo os mais novos e os que nada fazem não impedem os outros de trabalhar inclusive nas suas paróquias.

O Congresso de Leigos mereceu por parte da comunidade de São Jorge uma larga preparação, quer a nível de movimentos, quer a nível de Assembleias de Ilha.

Nas Assembleias de Ilha concluiu-se que apesar das paróquias, numa forma geral estarem bem estruturadas, ou já se notarem sinais de mudança, ainda há muito a fazer. Temos baptizados a mais e cristãos a menos.

A seara é grande mas os operários são poucos hoje, como no tempo de Jesus Cristo. Mas há sinais de esperança.

### TESTEMUNHO DE VIDA

Gostaria de apresentar um testemunho da minha vida, quando ainda jovem em terras de Angola, mais precisamente, em Sá da Bandeira, no movimento SHALLON, palavra aramaica que quer dizer paz, amor.

Foi este movimento, sobre a égide de Pe. Luís Carlos, que galvanizou a juventude Angolana e em que vivi a mais apaixonante aventura de ser cristã.

Lá conheci o verdadeiro sentido da palavra evangelizar quando uma velhota de raça negra me disse : “não me venhas falar de Deus quando tenho a barriga vazia”. Compreendi então, que evangelizar é antes de mais, criar condições humanas para que as pessoas comecem a ver Cristo em nós.

Lá pude testemunhar autênticas conversões de jovens que nunca ou pouco tinham ouvido falar de Cristo.

Lá aprendi a experiência da correcção fraterna, lá experimentei, ainda que temporariamente, viver em comunidade de base.

E foi a febre de jovens encontristas que em terras quentes de Angola, quebrou o gelo de muitos governantes e comerciantes para que um bairro de lata “musseque” pudesse ter um sítio onde

as pessoas pudessem viver dignamente. Pertencíamos então à paróquia das Lajes, paróquia do Pe. Luís Carlos, penso que era a paróquia de todos os jovens de Sá da Bandeira. Era a juventude dos anos 70, juventude que marcou e fez caminho.

Que a juventude deste tempo marque presença como a de então, para aquecer a fé tradicional desta Diocese, com uma vida autêntica.

Que este Congresso que encerra precisamente no dia em que faz vinte e sete anos do encerramento do Concílio Vaticano II, seja um ponto de partida para uma nova pastoral dos jovens sobretudo nas Ilhas onde eles se encontram a continuar os estudos, quer a nível do ensino secundário, quer a nível do ensino Universitário.

Tenho esperança. Contem comigo.

#### BIBLIOGRAFIA

- Discursos do Papa João Paulo II em Portugal
- "A Mensagem de Cristo" - Gráfica Editora
- "É Preciso Renascer" - Barros de Oliveira
- "Teopraxis" - Ensaios de Teologia Pastoral, Vol. 1 e 2 de Alberto Iniesta
- "As linhas mestras do Vaticano II" - Gustave Martelet
- "Os Jovens formam a sua fé em grupo" - Vidal Ayala
- Carta Pastoral - "Os Cristãos Leigos na Comunhão e Missão da Igreja em Portugal" - Ed. Secretariado do Episcopado
- "A Instituição da Igreja" - Ed. Paulistas
- "Os Ministérios" (Iniciação Teológica) - Ed. Paulistas
- Concílio Vaticano II
- "Christiphideles Laici" - João Paulo II
- "Catechesi Tradendae" - João Paulo II
- "Os Fiéis Leigos" - Arnaldo de Pinho
- Manuais dos Movimentos





## SUBTEMA - 1.3

# **PARTICIPAÇÃO E COMUNHÃO**



## **SUB-TEMA 1.3**

### **- PARTICIPAÇÃO E COMUNHÃO**

**INTERVENÇÃO DA ILHA DAS FLORES NO CONGRESSO DIOCESANO DE LEIGOS COM O TEMA: "PARÓQUIA - COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO"**

O sub-tema "PARÓQUIA - COMUNHÃO E CORRESPONSABILIDADE" prende-se naturalmente, numa vertente mais pastoral, com o grande tema da IGREJA, de que a PARÓQUIA é a "última localização" no dizer de João Paulo II (C.L. n. 26)

Julgamos oportuno abordar este sub-tema em três momentos indissociáveis e complementares:

I - análise de sinais de comunhão e participação existentes no comum das nossas paróquias, bem como dos condicionamentos que mais dificultam a comunhão e a participação.

II - Fundamentação e perspectivação dos vários níveis de comunhão e participação, tendo em conta os mais recentes e importantes pronunciamentos do magistério pastoral da Igreja.

III - Procura de eventuais caminhos a percorrer nesta igreja local para uma mais alargada e efectiva comunhão e participação ao nível decisivo das nossas paróquias.

Algumas interrogações e interpelações se impõe

naturalmente neste esforço de ver julgar para um agir coerente e minimamente consequente.

### 1ª Parte: ANÁLISE DA SITUAÇÃO

**A - SINAIS DE COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO DE QUE NOS DAMOS CONTA NAS NOSSAS PARÓQUIAS**, pelo menos na Ilha das Flores:

1 - Solidariedade acolhimento e ajuda material aos outros, em casos pontuais.

2 - Colaboração nas actividades organizadas da Paróquia, tais como catequese, grupo coral, acólitos, leitores, agrupamento de escuteiros, cursos, grupo bíblico, etc. mas em pequenos grupos.

3 - Colaboração nas festas da Paróquia.

4 - Ajuda nas festas de Espírito Santo, nomeadamente na organização e cumprimento das "Promessas".

**B - CONDICIONALISMOS MAIS SIGNIFICATIVOS DA DESEJÁVEL COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO AO NÍVEL DAS PARÓQUIAS:**

1 - Formação religiosa inadequada "como pastoral de manutenção", como se todos fossem católicos; fragilidade do actual processo de iniciação cristã, como baptismo de crianças, sem opção cristã de adultos.

2 - Diminuição e envelhecimento da população, saída de jovens válidos para estudarem fora da Ilha.

3 - Indiferentismo perante a religião, falta de compromisso e responsabilidade, apatia e infantilismo religioso por falta de evangelização.

4 - Péssima imagem de Igreja, clericalismo religioso e anticlericalismo com profundas e antigas raízes em Portugal.

5 - Alheamento do clero da vida real das pessoas, distanciamento do povo e dos seus problemas concretos.

6 - Falta de valores democráticos e de pluralismo na Igreja.

7 - Ausência de homens, jovens e casais, dispersão e tendência para o individualismo.

## 2ª PARTE DE COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO NA PARÓQUIA E SUA FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICO-PASTORAL

Não é possível e seria desnecessário fazer neste momento uma teologia bíblica do povo de Deus, claramente assumida pelo concílio Vaticano II.

Convém no entanto recordar as raízes bíblicas da COMUNHÃO e da PARTICIPAÇÃO, já no antigo Israel e sobretudo na Igreja de Jesus Cristo, com uma releitura do cap. II da *Lumen Gentium*, sobretudo no n.9:

“Aproveu a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluía qualquer ligação entre eles, mas constituindo-se em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente. Escolheu por isso, a nação Israelita para Seu povo. Com ele estabeleceu uma Aliança; a ele instruiu gradualmente manifestando-se a si mesmo e ao desígnio da própria vontade na sua história, e santificando-o para si. Mas todas estas coisas aconteceram, como preparação e figura da nova e perfeita Aliança que em Cristo havia de ser estabelecida e da revelação mais completa que seria transmitida pelo próprio Verbo de Deus feito carne. (...) Com efeito, os que crêem em Cristo, regenerados não pela força do germe corruptível, mas incorruptível por meio da Palavra de Deus vivo (1ª Ped. 1,23), não pela virtude da carne, mas pela água e pelo Espírito Santo (Jo. 3,5-6), são finalmente constituídos em “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo conquistado... que outrora não era povo mas agora é povo de Deus. (1ª Ped. 2,9-10)

Assim como Israel segundo a carne, que peregrinava no deserto, é já chamado Igreja de Deus (2ª Esdr. 13,1; Num. 20,4; Deut. 23,1 ss.) assim o novo Israel, que ainda caminha no tempo

presente e se dirige para a futura e perene cidade (Heb. 13-14), se chama também Igreja de Cristo, pois que Ele a adquiriu com o Seu próprio sangue (Act. 20,28), encheu-a com o Seu Espírito e dotou-a dos meios convenientes para a unidade visível e social. Aos que se voltam com fé para Cristo, autor de salvação e princípio de unidade e de paz Deus chamou-os e constituiu-os em Igreja, a fim de que ela seja para todos e cada um sacramento visível desta unidade salutar. "(L.G. 9)

Fundamento básico da COMUNHÃO e PARTICIPAÇÃO eclesial na Paróquia é o itinerário da INICIAÇÃO CRISTÃ, quer ao nível de uma caminhada catequética que se deseja cathecumenal, quer ao nível dos sacramentos do Baptismo, Eucaristia e Confirmação celebrados por motivações várias e discutíveis.

Não encontraremos já a principal raiz de muitos problemas pastorais na incoerência e inconsequência do actual processo e pedagogia da iniciação cristã?

Há condições mínimas para se falar de uma "igreja de todos os baptizados" enquanto não houver coragem de romper com uma prática de rotina sociológica em que se *nasce cristão como se nasce português?*

É possível nestas condições "despertar o gigante adormecido" da larga maioria dos nossos baptizados que nunca escolheram ser cristãos?

São interrogações porventura incómodas, mas que julgamos importantes, porque por elas passa o objectivo último deste Congresso Diocesano de Leigos como ponto de chegada e de partida para uma igreja diferente!

A partir das nossas pequenas ou grandes paróquias, sonhamos com a COMUNHÃO no seu sentido mais amplo e global: com Cristo e com os irmãos na visibilidade e instrumentalidade da Igreja.

A partir da paróquia sonhamos com a participação em tarefas, sempre concretas, que realizam a Igreja vocacionada para a missão.

João Paulo II, na C.L. n. 32 estabelece a relação indissociável entre a COMUNHÃO e a MISSÃO:

“Dar fruto é uma exigência essencial da vida cristã e eclesial. Quem não dá fruto não permanece na comunhão: “Tbdo o ramo que em Mim não dá fruto (o meu Pai) corta-o”. (Jo. 15,2).

A comunhão com Jesus, donde dimana a comunhão dos cristãos entre si, é condição absolutamente indispensável para dar fruto: “Sem Mim não podeis fazer nada. E a comunhão com os outros é o fruto mais belo que os ramos podem dar: ela é na verdade um dom de Cristo e do Seu Espírito.

Ora, a comunhão gera comunhão e reveste essencialmente a forma de comunhão missionária. Jesus, de facto, diz aos Seus discípulos. “Não fostes vós que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi e vos designei para irdes e dardes fruto e para que o vosso fruto permaneça”. (Jo. 15,16)

A comunhão e missão estão profundamente ligadas entre si, compenetraram-se e integram-se mutuamente, a ponto de a comunhão representar a fonte e simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão.

(...) No contexto da missão da Igreja o Senhor confia aos fiéis leigos, em comunhão com todos os outros membros do povo de Deus, grande parte de responsabilidade”. (C.L. 32)

Na mesma exortação apostólica C.L. ns. 28-29, João Paulo II distingue, sem opor, *formas pessoais de participação e formas agregativas de participação*.

Em primeiro lugar convém valorizar, mesmo no âmbito da paróquia quando não se fecha sobre si própria, *as formas pessoais de participação* na vida e missão da Igreja:

“Cada um na sua unicidade e irrepetibilidade, com o seu ser e o seu agir põe-se ao serviço do crescimento e da comunhão eclesial, como, por sua vez, recebe singularmente e faz sua a riqueza comum de toda a Igreja. Esta é a “Comunhão dos Santos”, que nós professamos no Credo: o bem de todos torna-se o bem de cada um e o bem de cada um torna-se o bem de todos. Na Santa

Igreja - escreve S. Gregório Magno - cada um é o apoio dos outros e os outros são o seu apoio. "(C.L.28)

"É absolutamente necessário que cada fiel leigo tenha sempre viva a consciência de ser membro da Igreja, a quem se confia um encargo original, insubstituível e indelegável, que deverá desempenhar para o bem de todos. Nesta perspectiva, assume todo o seu significado a afirmação conciliar sobre a necessidade absoluta do apostolado de cada pessoa: "O apostolado que cada qual há-de exercer e que deriva sempre de uma vida verdadeiramente cristã (Jo. 4, 14) é origem e condição de todo o apostolado dos leigos, mesmo colectivo, e nada o pode substituir. A este apostolado, sempre e em toda a parte proveitoso e em certas circunstâncias o único adequado e possível, são chamados e, por isso, obrigados todos os leigos, de qualquer condição, mesmo que não tenham oportunidade ou possibilidade de colaborar nas associações". (A.A. 16 cit. C. L. n. 28)

Assim, os cristãos leigos devem estar, sobretudo no mundo, numa atitude de abertura e solidariedade com o meio em que vivem no âmbito das suas paróquias:

- Escolas dos vários níveis,
- Casas do Povo
- Autarquias locais
- Cooperativas e Sindicatos
- Colectividades culturais e desportivas
- Ambientes laborais e de diversão
- Associações políticas
- Tradições populares do meio

- Acontecimentos alegres ou dolorosos que marcam a vida do povo, etc.

Tudo isto, e talvez muito mais, deve interpelar os cristãos à comunhão e à participação, porque: "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, e



não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração". (G.S. 1)

Uma saudável relação IGREJA-MUNDO - tanto para os pastores como para os leigos - não continuará a ser a grande lacuna da renovação conciliar nesta diocese?

É claro que esta questão levanta outras igualmente importantes como a desmotivação e imaturidade de boa parte do nosso laicado, consequências também da consciente decapitação do nosso presbitério em muitos dos seus elementos mais válidos neste quarto de século de pós-concílio.

A formação dos leigos como tarefa também dos pastores, é indispensável para que se lhes possa honestamente pedir responsabilidades, numa sociedade tão complexa como a nossa, na hora de mudança que nos cabe viver.

"Dentro da Igreja particular ou diocese, encontra-se e actua a paróquia, que tem papel essencial na formação mais imediata e pessoal dos fiéis leigos. Efectivamente com uma relação que pode atingir mais facilmente cada pessoa e cada grupo, a Paróquia é chamada a educar os seus membros: ~

- para a escuta da palavra,
- para o diálogo litúrgico e pessoal com Deus,
- para a vida de caridade perfeita
- e para lhes fazer compreender, de forma mais directa e concreta, o sentido da comunhão eclesial e da responsabilidade missionária". (C.L.61)

## I - REALIZAÇÃO DA COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO NA PARÓQUIA AO NÍVEL DAS TRÊS ACÇÕES PASTORAIS FUNDAMENTAIS.

Efectivamente a comunhão e participação dos leigos nas dimensões profética, litúrgica e caritativa, torna-se mais eficaz e significativa nas mais diversas formas organizativas, no respeito

pelos carismas e implementação dos ministérios laicais, com a equilibrada inserção pastoral do movimentos, associações e outros grupos de apostolado, julgados necessários.

#### A - OS CRISTÃOS VIVEM A COMUNHÃO E PARTICIPAM NA MISSÃO PROFÉTICA DA IGREJA QUANDO EVANGELIZAM E AJUDAM OS FIÉIS A CRESCER NAS COMUNIDADES PAROQUIAIS (L.G. 12)

- já pelo testemunho de vida, pela integridade pessoal e competência profissional em todos os ambientes. (A.A. 6)

- pelo anúncio explícito de Jesus Cristo, em ocasiões que se proporcionem ou procurem, como verdadeiros apóstolos. (A. A. 6)

- pela catequese familiar e na paróquia para todas as idades, tendo como ponto de referência a idade adulta.

- em grupos, associações e movimentos apostólicos vocacionados para a evangelização, tais como: cursos de Críandade, Legião de Maria, Equipas de Casais, Centros de Preparação para o Matrimónio (CPM) e de preparação para o Baptismo (CPB), grupos bíblicos, cursos de formação de base para jovens e adultos, acção católica como forma privilegiada de apostolado laical, etc.

“De facto, são absolutamente necessários muitos lugares e formas de presença e de acção, para levar a palavra e a graça do evangelho às variadas condições de vida dos homens de hoje. (C.L. 26)

Os cristãos das nossas paróquias estão “acordados” para a urgência e modalidades de uma “nova evangelização” na fidelidade à *cultura do povo* que resta nestas ilhas?

Não nos tem faltado alguma criatividade, contentando-nos com arrastar rotinas ultrapassadas ou colar receitas inadequadas, porque importadas do exterior ou de livros que não nasceram da vida?

**2 - OS CRISTÃOS VIVEM A COMUNHÃO E PARTICIPAM NA MISSÃO LITÚRGICA DA IGREJA QUANDO REZAM, APRENDEM OU ENSINAM A REZAR, SOBRETUDO NA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA. (C.L. 26)**

- por uma participação consciente, activa e piedosa nas celebrações litúrgicas, sobretudo do Domingo (S.C. 14 e 48)
- pela abertura a novas formas de oração como por exemplo a liturgia das horas,
- pela implementação dos ministérios de leitor, acólito e ministros extraordinários da comunhão onde ainda não existem,
- pela participação criteriosa em equipas de liturgia como leitores, acólitos, cantores, animadores da assembleia, correcto arranjo dos templos, etc.
- pela renovação de formas tradicionais de oração que continuam válidas, tais como o terço, a via-sacra, etc.
- pela participação em comissões de festas paroquiais com o empenho de as dignificar e purificar de tantas coisas que ainda faltam, podem melhorar ou não estão bem...

Nas nossas paróquias aprende-se e ensina-se a rezar?

A celebração é já uma festa que atrai ou uma enfadonha obrigação para velhos, mulheres e crianças?

**OS CRISTÃOS VIVEM A MISSÃO E PARTICIPAM NA MISSÃO CARITATIVA DA IGREJA QUANDO ESTÃO AO SERVIÇO DO HOMEM COM UMA CLARA OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS MAIS POBRES. (S.R.S. 42)**

- antes de mais, por uma atitude de atenção e solidariedade com as necessidades do homem todo e de todos os homens nas paróquias onde vivem. "Cada paróquia deve tomar a seu cargo os seus pobres" (P. Américo)

- por acções concretas e eficazes de solidariedade, assistência e empenho na promoção e desenvolvimento das nossas

comunidades, sobretudo rurais e subúrbios operários.

- através de meios adequados e tão diversificados como: centros paroquiais de bem estar social, que não o sejam só de nome, criação de serviços domiciliários onde necessário, organização de núcleos paroquiais da Cáritas onde parecer mais conveniente, renovação das Conferências Vicentinas onde já existem, dinamização do voluntariado paroquial para serviços sociais pontuais, fomento de grupos de visitantes de reclusos, pobres, doentes, idosos, isolados e marginais. etc.

- cristãos "incômodos" junto das entidades responsáveis dentro das suas próprias competências na área social ou na busca articulada de soluções que ultrapassam as possibilidades das paróquias: ser voz dos sem voz nem vez...

Na maior parte das nossas paróquias a pastoral sócio-caritativa não continuará a ser "a parente pobre" no conjunto das três acções pastorais fundamentais?

Onde está a credibilidade da Palavra que proclamamos e dos sacramentos que celebramos, enquanto não sairmos à rua com respostas actuais para os inúmeros e crescentes problemas sociais?

Estão os nossos cristãos (incluindo pastores) abertos a este campo de comunhão e participação, ou continuamos fechados nas sacristias a contar os meninos e velhinhos que ainda vêm à catequese e à missa?

## II - ORGÃOS DE DIÁLOGO, PARTICIPAÇÃO E CORRESPONSABILIDADE NAS PARÓQUIAS DESTA DIOCESE

Não pode haver comunhão e participação no prolongamento de uma simples pastoral de manutenção, no reforço do clericalismo que parece não mais acabar, sem avançar rapidamente com órgãos de diálogo, participação e corresponsabilidade.

Sublinhamos três:

- assembleias paroquiais periódicas, abertas a todos, bem

preparadas por pastores, religiosos e leigos, com espaços onde tudo pode ser dito e tudo deve ser ouvido e tido na devida conta.

- Conselhos pastorais de paróquia, verdadeiramente representativos e não meramente consultivos, mas deliberadamente por respeito por todas as pessoas e confiança no Es-pírito que em todos se encontra e actua.

- Conselhos para os Assuntos Económicos que garantam a transparência na administração dos bens materiais e a sua utilização sempre ao serviço das prioridades pastorais da Igreja (P.O. 17)

Como se pode compreender que, apesar da legislação universal e diocesana existente, tão pouco se tenha avançado com estes órgãos de diálogo, participação e corresponsabilidade, para que uma vez por todas passemos das palavras?

Até quando, a resistência do clero, vai impedir o amadurecimento e participação efectiva do laicado nas nossas paróquias?

Não se pode dizer mais nem melhor do que o Concílio Vaticano II no n.10 do A.A. quando à paróquia se refere:

“Porque participam do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, têm os leigos parte activa na vida e acção da Igreja. A sua acção dentro das comunidades eclesiais é tão necessária que, sem ela, o próprio apostolado dos pastores não pode conseguir, a maior parte das vezes, todo o seu efeito. (...) A paróquia dá-nos exemplo claro de apostolado comunitário, porque congrega numa unidade toda a diversidade humana que aí se encontra e a insere na universalidade da Igreja. Acostumem-se os leigos a trabalhar na paróquia intimamente unidos aos seus sacerdotes, a trazer para a comunidade eclesial os próprios problemas e os do mundo e as questões que dizem respeito à salvação dos homens, para que se examinem e resolvam no confronto de vários pareceres. Acostumem-se, por fim, a prestar auxílio a toda a iniciativa apostólica e missionária da sua comunidade eclesial na medida das próprias forças”. (A.A. 10)

### 3º PARTE:

**PROCURA DE EVENTUAIS CAMINHOS A PERCORRER NESTA IGREJA LOCAL PARA UMA MAIS ALARGADA E EFECTIVA COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO AO NÍVEL DECISIVO DAS NOSSAS PARÓQUIAS:**

1 - Ensinar os leigos a serem Igreja, ajudando-os a desenvolverem a sua vocação de cristãos, a viverem o seu baptismo, a descobrirem a sua consciência de leigos, a serem responsáveis, respeitando a sua autonomia própria, embora em comunhão com a Igreja de forma a torná-los co-produtores e não simples consumidores nos diversos níveis de participação na vida da Paróquia.

2 - Todos nós leigos devemos ter voz activa na vida da Paróquia, desde as opções pastorais das nossas comunidades, até aos grandes problemas universais da própria Igreja, incluindo uma palavra a dizer na escolha dos nossos párocos e bispos.

3 - Alargamento dos Conselhos Pastorais e Para os Assuntos Económicos e todas as paróquias e Assembleias Pastorais periódicas a fim de que os leigos tenham oportunidade de participarem na organização e vida da Paróquia; estruturar movimentos sócio-caritativos de apoio aos mais carenciados e à 3ª idade, dado que estes últimos tem um peso significativo nas Paróquias.

4 - Em vez de esperarmos pelos mais renitentes irem ao templo, deviam ir, nomeadamente os párocos, ao seu encontro, tendo em conta as situações mais variadas da sua vida.

5 - Ter conhecimentos objectivos da realidade sócio cultural e religiosa do meio, com as suas possibilidades e carências.

6 - Definição de objectivos e prioridades pastorais para cada ano, em articulação com a Diocese, até agora sem plano pastoral.

7 - Procura conjunta de acções concretas que conduzam à realização dos objectivos, actuais, claros e capazes de mobilizarem os leigos, que querem alguma coisa.

8 - Aproveitamento dos recursos humanos e materiais de

que dispomos, ou ainda nos restam, sem marginalização de ninguém dentro das suas capacidades.

9 - Relação da paróquia com outras instituições por onde passa hoje a vida real das pessoas:

- Escolas
- Casas do Povo
- Autarquias
- Associações agrícolas
- Sindicatos
- Colectividades, etc.

10 - Abertura da paróquia às outras paróquias, sobretudo na mesma zona pastoral (ouvidoria).





## TEMA 2

### TEMA - 2

#### 1. 2000 ANOS DA HISTÓRIA

## A IGREJA



# **SOBRE A IGREJA**

## **I**

### **IGREJA**

#### **1. 2000 ANOS DE HISTÓRIA**

Trazer a este Congresso algumas reflexões sobre a Igreja obriga, desde logo, a limitar a certos aspectos o muito que haveria aqui para lembrar. A Igreja - Católica, Apostólica, Romana - da qual fazemos parte, é uma realidade enorme e antiga. A sua história de 2000 anos acompanha a de toda a humanidade. É uma história de homens, mas também - e principalmente - a história de uma presença transcendente na Terra, o que logo arrasta e implica uma dinâmica de conflito, se não com o mundo em si, de certo com forças que nele coexistem.

A Igreja foi instituída por Jesus Cristo para congregar os homens até ao fim dos tempos; e confiada ao colégio dos apóstolos e à chefia de um deles, um pescador de Cafarnaum chamado Simão, que tomou por isso o nome de Pedro. A partir da Palestina espalhou-se pelo que era então o mundo romano e nele se foi afirmando, a partir de estratos sociais modestos, que aos poucos atraíram e enquadraram os mais elevados; era praticamente tudo gente urbana ou urbanizada, pois só depois a Igreja se alargou

aos campos e sociedades agrárias, que até então se designavam de *pagãs*.

Organização que se ia definindo e estruturando, a Igreja era uma comunidade de gente; esta gente vivia uma doutrina e um culto novos, cujo monoteísmo derivava da religião hebraica mas cuja abrangência se alargava a todos os homens, muito para além do *povo eleito* de Israel.

Até ao século IV, a Igreja apostólica, depois a dos mártires afirmou-se e creditou-se pelo seu testemunho entre as outras religiões do Império, e isso veio a fazê-la reconhecida, aceite e finalmente assumida pelo próprio estado imperial. Começou assim a *era constantiniana*, na qual a Igreja se envolveu com os poderes políticos, a ponto de ela mesma se transformar em uma potência político-espiritual, que sobrepujou a própria organização do império. Os Bárbaros trouxeram nova leva de perseguições, até eles também serem convertidos. Mas o protagonismo e as rebeldias de certos espíritos, em seu próprio interior, criaram na Igreja - e, fundamentalmente, a partir mesmo do seu clero, confundido com a classe sacerdotal - disputas doutrinárias em que se chocaram a independência do pensamento e a autoridade instituída da hierarquia. O florescimento das ordens religiosas, a actividade missionária exercida nos novos mundos, cresceram a par de uma conflitualidade antiga, que levou a cismas, a guerras de religião e, por outro lado a uma autonomização progressiva do saber profano - no entendimento das realidades naturais - com a explosão do racionalismo e a criação da ciência moderna. Este saber profano não foi sempre bem recebido por uma hierarquia disciplinadora da pureza doutrinária, e estabeleceu-se uma luta que a Igreja (confundida com essa mesma hierarquia) veio a perder, juntamente com o seu poder temporal e com o seu ascendente junto de consideráveis grupos humanos.

A dinâmica da contestação cresceu, após o Renascimento, com o Iluminismo e as sequelas da revolução industrial. Os poderes civis do século XVIII distanciaram-se da Igreja-instituição-poder. Os do século XIX combateram-na, e depois toleraram-na, mas sem

qualquer submissão. Entretanto, já pensadores desta última época decretavam a morte de Deus, aliás referindo-o como uma simples criação do homem, à sua própria imagem e semelhança...

No nosso século XX, em um mundo sobrepovoado, fascinado pelas técnicas e mal se apercebendo das potencialidades suicidas das suas próprias criações, a Igreja vem desenvolvendo um esforço de purificação, de despojamento e de regresso à sua simplicidade e dinâmica primordiais. Fáz-lo, porém, em um contexto no qual são visíveis deserções, indiferenças e um novo paganismo que assola aquelas mesmas sociedades que outrora a própria Igreja enformara, animara e fizera crescer.

## 2. UM CONTRIBUTO INSUBSTITUÍVEL

Estes 2000 anos de Igreja tiveram uma influência única na própria evolução da humanidade. Numa perspectiva estritamente histórico-social, a Igreja marcou indelevelmente a Europa, e conferiu à civilização europeia a primazia e até a força que a fizeram, por seu turno, modelar a própria humanidade. Não é só o pormenor de ainda hoje a contagem dos anos se fazer, mesmo em países não cristãos, e até anti-cristãos, em função do nascimento de Cristo, que realmente cindiu em duas eras a História. Essa primazia decorre de um conceito de *progresso* que, arrastando o material, era também - e principalmente - espiritual ("Sede perfeitos como o vosso Pai é perfeito"). E decorre também da ideia - nova - de uma *igualdade* essencial entre todos os homens. Isto é reconhecido mesmo por autores que não escondem quanto à própria Igreja, juízos negativos, pelo menos quanto aos seus méritos actuais.

"A igualdade cristã fundamenta-se no facto de todos os homens serem dotados de uma faculdade específica - a faculdade de *escolha moral* -. Todos os homens podem aceitar ou rejeitar (o próprio) Deus, praticar o bem ou o mal (...). Pessoas manifestamente desiguais em termos de beleza, talento, inteligência ou

capacidade são, apesar disso, iguais, por serem *agentes morais* (...). Desta forma, a contribuição do Cristianismo para o processo histórico consistiu em dar a conhecer aos servos esta visão da liberdade humana, e em definir em que sentido todos os homens podiam ser considerados como tendo uma dignidade. O Deus cristão *reconhece* universalmente todos os homens, reconhece o valor e a dignidade humana individuais. Por outras palavras, o Reino dos Céus apresenta a perspectiva de um mundo em que a *isothymia* de todos os homens - mas não a *megalothymia* da vã glória - será satisfeita" (1).

A ideia de igualdade implica, assim, a de dignidade do homem, *mas como imagem de Deus*, e para Deus caminhando responsabilmente. Daí a sua liberdade.

A liberdade... Mas a liberdade é um conceito, em si, dinâmico e expansivo. Dessa expansibilidade nascem os conflitos - com os homens e com as instituições - . As lutas em que, com o tempo, a Igreja se viu envolvida, combatida, apontada mesmo como tirânica, derivaram do exercício dessa mesma liberdade que um dia se rebelou, primeiro contra a autoridade da hierarquia eclesial; mais tarde - tal como no princípio dos tempos - contra o próprio Deus; e em nossos dias, de forma mais ou menos insidiosa, contra o que o homem tem de mais elevado e nobre: a sua própria dignidade resultante de uma filiação divina (2).

Sinal de contradição, a Igreja. De escândalo, disse São Paulo. Presença até incómoda. Mas única, e insubstituível.

### 3. ENTRE NÓS

A preparação deste Congresso Diocesano de Leigos estendeu-se ao longo de mais de dois anos, durante os quais se foi

---

(1) F. Fukuyama, "O fim da História e o último Homem", 198.

(2) João Paulo II, Discurso à Confª Episcopal Portuguesa (02/11/11),#4.

desenvolvendo um trabalho de análise à realidade da Igreja nos Açores. Esta análise, de que me chegaram dois esquemas, aponta:

- uma prática religiosa rotineira e individualista, presidida por um clero envelhecido e rarefeito;

- uma fé desenraizada das realidades da vida, fixada em práticas não dinamizadoras e, em muitos casos, receosa de confrontar-se com os seus próprios fundamentos;

- uma mobilização de cristãos activos cada vez mais reduzida, passando ao lado da maioria dos jovens;

- uma ausência de pastoral eficaz, um clero desanimado, por vezes pregando a sua própria angústia e não transmitindo a esperança que, aliás, nem parece ter;

- uma aparente inadequação do discurso apostólico, muitas vezes não seguido da prática correspondente, perante as - também aparentes - necessidades materiais e espirituais da comunidade;

- o aparecimento de sacerdotes jovens e cheios de boa vontade.

Esta visão crítica, a cujo balanço negativo somente escapa a referência à boa vontade dos padres novos, espelha o grande desânimo, e também um sentido de lamentação, de quem a ela chegou. Passará, porventura, à margem de outros aspectos positivos da nossa realidade eclesial, que não pode dissociar-se dos nossos cinco séculos contínuos como comunidade cristã. Passará à margem de um certo desejo de espiritualidade, de mistério e até de acção, que em muitos casos tem determinado a procura, ou simplesmente a aceitação, de outras confissões religiosas, as quais vêm revelando uma vitalidade surpreendente. Mas passará ainda à margem da realidade que são 4000 catequistas, e outros envolvimentos de leigos em trabalho apostólico. Não pode ignorar-se que se desenvolveram, e continuam em curso, preparações para o matrimónio - individuais e colectivas

- Funcionam, decerto com eficácia vária, comissões e conselhos pastorais paroquiais. Realizam-se cursos bíblicos, e retiros para jovens. Há grupos corais, e participação - diferente, mas inegável - na vida litúrgica. Existem grupos de reflexão para casais. A Cáritas Diocesana é uma realidade, com obra feita e visível. Mantêm-se activos organizações e movimentos com antiguidade, dos Cruzados de Fátima aos escuteiros católicos, da Acção Católica aos Cursos de Cristandade. E implantaram-se movimentos novos, como os Focolares, o Shalom e os Carismáticos. O revigoramento das Misericórdias é também uma evidência que cabe revelar aqui e agora. E tudo isto é Igreja, e realizada através dos leigos, no nosso mundo actual.

Há mais, que também se deve apontar aqui. O envolvimento de católicos assumidos na vida política aconteceu, como directa consequência do seu compromisso cristão. Esse envolvimento começou na década de 60, teve a sua prova de fogo na de 70, e alcançou proporções históricas na Região Autónoma dos Açores, que foi essencialmente uma criação deles. Elementos da Opus Dei, da Acção Católica, dos Cursos de Cristandade, têm constituído a espinha dorsal da organização política do nosso arquipélago. A participação em activismo sindical contou com elementos de organizações operárias católicas, alguns com grande disponibilidade e empenhamento. E mesmo em actividades empresariais começam a aparecer leigos comprometidos numa vivência cristã no mundo.

Discutir-se-á a eficácia relativa daquelas obras, daqueles movimentos, destas acções e destas presenças. Notar-se-ão altos e baixos na vida e nos efeitos de cada um, dependentes, em grande parte, da personalidade de quem os integra com maior ânimo, desinteresse e disponibilidade. Tudo o que é humano se degrada. Mas o próprio risco disso mesmo, e do próprio erro, faz parte das áleas da vida, potência o sacrifício e amplia o grau de generosidade por parte de quem aceita as tarefas de levar a mensagem cristã à vida profana.



## A NOVA CRIAÇÃO

## 4. UMA ACÇÃO CONSTANTE NO MUNDO

Na verdade, o próprio facto de a cruz, sinal de ignomínia, se haver convertido em um símbolo universal de qualquer coisa de bom - substituindo-se ao círculo, sinal do sol, e à suástica, velha figuração ariana do movimento - comprova que algo de muito grande trouxe a Igreja à terra. Porque foi constante, e determinante, a acção da Igreja no mundo. A progressiva afirmação do monoteísmo sobre o politeísmo, a sublimação e espiritualização do sacrifício, a dignificação do homem - do *homem* e da *mulher* - a (impropriamente chamada) *humanização das guerras* e dos conflitos senhoriais, as grandes obras de caridade e de assistência a favor de doentes, cativos, presos e abandonados, a reelaboração da filosofia antiga, as universidades e as escolas desde as conventuais às paroquiais, a gesta missionária, a grande arquitectura religiosa, a música coral e a polifónica, a pintura, desde Giotto a Dali - tudo isso traz, directa ou indirectamente, a marca da Igreja ou daquilo a que convencionou chamar-se com propriedade discutível, o *humanismo cristão*.

Para alguns pensadores, mesmo contemporâneos, esta acção e esta influência são inegáveis, mas acham-se ultrapassadas no nosso tempo. Aponta-se hoje a Igreja como um factor que contraria os avanços da civilização, impede mesmo a realização do homem na sua plenitude. Desde o Renascimento os partidários do livre exame combatiam as directivas doutrinárias e as taxavam de bloqueadoras da inteligência e do progresso. O Iluminismo, endeusador da Razão, combateu o ensino religioso. O Romantismo exaltou a libertação do homem-indivíduo. Os agentes da Revolução Francesa laicisaram o estado, o século XIX e a revolução industrial criaram o novo materialismo, o século XX - apesar das guerras, as maiores de sempre - em alguns dos seus mais brilhantes

centros de cultura considera a Igreja um arcaísmo, a julgar pela linguagem corrente da comunicação social, e mesmo por alguns condutores de ideias com maior prestígio e audiência. O próprio Fukuyama, que atrás se referiu, escreveu isto, a partir de observações de Hegel e de Nietzsche: "(...) O Cristianismo não passa de outra ideologia de escravos (...) não defende a realização da liberdade humana na terra, mas apenas no Reino dos Céus (...) contém o conceito certo de liberdade mas, ao afirmar que não existe liberdade nesta vida, acabou por conciliar os servos deste mundo com a sua falta de liberdade (...) O Cristianismo, essa última grande ideologia de escravos, deu ao servo uma visão do que deveria ser a essência da liberdade humana. Apesar de não lhe ter proporcionado uma saída prática para a sua condição de servo, permitiu-lhe ver o seu objectivo com mais clareza: o indivíduo livre e autónomo, que é reconhecido pela sua liberdade e autonomia, reconhecido universal e reciprocamente por todos os homens".<sup>(3)</sup>

Embora. Em termos históricos, a Igreja - católica, i.e., universal - acompanhou o progresso e a expansão da civilização europeia, por dinâmica própria, universalista e globalizante, mesmo quando combatida e isolada pelos responsáveis, em momentos dados, por esse progresso e por essa expansão. E porque a dinâmica era própria e não alheia, aparentemente coincidente às vezes mas nunca confundida, eram inevitáveis situações de, pelo menos, mal-estar.

Esse mal-estar não pode dissociar-se de visões políticas que vêm desde as perseguições dos primeiros séculos até à emancipação do poder temporal, e culminam no secularismo isolacionista - mas militante - dos nossos dias, o qual relega a religião para a esfera privada de cada um, respeitando-a, quando a respeita, como uma mania benigna, ou pouco mais. E isto exactamente por a Igreja jamais se haver confundido com aqueles progressos que muitas

---

(3) Op. cit., 199

vezes acompanhou. E ainda agora muitas vezes penosamente se distancia - quando não é distanciada - das instituições humanas, precisamente porque ou quando estas perdem, ou nunca chegam sequer a ganhar, o *suplemento de alma* que as situe numa perspectiva religiosa, e por isso transcendente, da História da Salvação.

## 5. O MAL QUE SE RENOVA

Para aquele mesmo autor, Fukuyama - afinal, seguindo Marx, só que com sinal contrário - a *democracia liberal*, triunfante da monarquia hereditária, do fascismo e do comunismo, representava o *fim da História*, no sentido de a fase última da evolução do homem. Mesmo considerando apenas esta fase última como da evolução dos *sistemas políticos* - o que é bem menos do que a realidade sócio-humana total - não podemos aceitar que o *fim da História* se reduza a tão pouco como a fixação generalizada de um sistema de organização económica, social e de governo que começou a concretizar-se há dois séculos, com a república norte-americana.

E para o demonstrarmos é do maior interesse notar como o mesmo autor, na esteira de Platão, Maquiavel, Hobbes, Rousseau, Hegel, Nietzsche, põe em relevo uma coisa à qual Sócrates chamara *thymos*. Esta coisa é um sentimento humano, distinto dos apetites naturais e também da disciplina racional: é o sentido do valor próprio, conjugado com a aspiração ao reconhecimento do mesmo, que se apresenta como o motor profundo de actividades e atitudes do homem. Ora este sentido *tímico*, encontramos-lo na revolta de Lúcifer, e na sua projecção humana, que é o pecado original. É a face negra da dignidade humana - essa face em que a dignidade se afirma contra o próprio Deus, em vez de se afirmar (e *firmar*) n'Ele.

E essa é a raiz do pior mal do homem, a sombria grandeza de, em vez de aspirar a *Deus*, aspirar a *ser Deus*.

Este rememorar do pecado original é o bastante para se não

poder aceitar o *fim da História*. Porque a História do homem, bem mais do que a das instituições e das suas descobertas, inclui um elemento transcendente que lhe é essencial, e se acha evidentemente muito acima de uma solução política - o capitalismo liberal, ou o que for - conjunturalmente vencedora de uma outra, mais moderna por sinal, mas auto-arruinada, que foi a dos regimes comunistas.

O capitalismo liberal não resolve, porém, como nenhum sistema político, o problema essencial do homem e da vida dele no mundo. Pode atenuar - pelos seus processos de controlo e de diluição do poder - a *megalothymia* de alguns indivíduos mais perigosos, de alguns tiranos potenciais, ou de grupos, ou de nações. Mas não cria, nem pode criar por si, uma sociedade de santos, e só esta, restaurando o paraíso perdido, teria condições para viver plena e autenticamente a paz.

Até porque nem aspira a tanto, e até ostentivamente o ignora. Por isso, o Mal que acompanha o homem desde o princípio dos tempos, aí está, inteiro, renovando-se nos novos cenários que se criam justamente nos países em que o capitalismo liberal se implantou, e parece geral e pacificamente aceite. Ele aparece bem à vista no crime organizado, no tráfico, no desejo e no consumo da droga, na violência, na promiscuidade, na pornografia já industrializada, tudo protegido pelos entendimentos abusivos e pelas práticas perversas da liberdade. De resto, e é urgente tê-lo sempre presente, estes cenários existem para uma minoria de povos, se não de grupos, materialmente privilegiados. Não pode, de facto, esquecer-se o resto do mundo que é a maioria, os biliões, que, fora da sociedade industrial avançada, conhecem e continuam a conhecer antigas e novas formas de opressão, de injustiça e de crueldade, a par da fome e da doença que os afligem e exterminam.

A História não acabou, nem acaba ainda - sobretudo, não acaba *assim* -. O homem que se julga ser o *último*, patamar supremo da evolução, é apenas a *última*, por mais recente, criação das sociedades humanas que até se afastaram de Deus. E que

aparece, egoísta, servido de máquinas - e, longinquamente, de outros homens que até não conhece, e dos quais não quer saber - afogado em informação, em imagens, em ritmos, em sensações e, afinal, em tédio de viver.

Este *último homem* adorou o bezerro de ouro. Aceitou (mais) um ídolo que fez com suas mãos e, como sempre, abastardou-se. Os frutos desta sociedade *última* não serão de paz: serão de inquietação, de inveja, de luxúria, de gula, de preguiça, mas também de *stress*, de medo e, enfim, de morte.

É neste contexto - e tendo sempre presente a totalidade do mundo e das massas humanas que o habitam - que a Igreja conserva, intacta e porventura cada vez mais exigente, a sua missão de sempre, que é a de *unir e elevar* todos os homens.

É também por isso que a Igreja não pode nunca subordinar-se ao poder político: até porque, quanto mais o fizer, mesmo conjuntamente, mais difícil e doloroso será um dia libertar-se.

Para os agentes do poder, esta atitude da Igreja costuma ser apontada como uma inconstância e mesmo uma duplicidade. E assim parece às vezes. Mas assim tinha de ser.

A Igreja acompanhou, secundou mesmo, a expansão europeia pelo mundo. Acompanhou-a na sua expressão hierárquica. E foi agente dela, na medida em que eram cristãos os marinheiros, soldados, aventureiros, negociantes, caudilhos e pobres-diabos que foram os fautores dessa expansão. Mas foi-se distanciando - embora nem sempre, ou nem sempre a tempo, e nisso terá errado - dos grandes abusos que tal expansão ocasionou. Por outro lado, distanciou-se também dos poderes que já não o eram, e que portanto não serviam para sustentar a mensagem evangélica. Assim se passou com o Padroado português do Oriente, que a Santa Sé passou a considerar caduco quando a Igreja se implantara já na Índia, e a presença portuguesa passara de efectiva a simbólica, e de simbólica a uma recordação. Assim com a emancipação das colónias, que foi acarinhada quando pareceu irreversível, e por isso a Igreja permaneceu nelas quando partiu

o colonizador. A *Quadragesimo Anno* de Pio XI preconizou o Corporativismo, e o regime português de Salazar teve, por muitos anos, as bênçãos da Igreja hierárquica e o suporte do laicado português; mas começou a perdê-los no após-guerra, e durante a vaga de descolonização dos anos 60. O regime de Francisco Franco, em Espanha, começara como uma cruzada, em que houve mártires cristãos, e em que bispos até fizeram a saudação romana; recebeu mesmo o suporte efectivo de membros destacados da Opus Dei no lançamento das bases para a modernização económica - mas acabou com a Igreja afastada, e mesmo hostil relativamente à velha ordem que se aproximava do fim. Assim se deu, aliás, com o regime militar brasileiro de 1964, e com o chileno de 1973.

Isto parece relativismo, e é-o, na medida em que a Igreja *está* no mundo sem *ser* do mundo, e pode *acompanhar* o poder sem *ser* poder. Pode parecer oportunismo, e como tal é sentido por quem se julga abandonado e credor de fidelidades. Quem tal exige está a partir de uma ideia de compromisso e submissão que o poder dos homens sempre ambicionou, e de que o conflito de Henrique II de Inglaterra com Thomas Beckett continua a ser o caso paradigmático: que convém ter sempre presente nas suas causas, nos seus efeitos e na inevitável ruptura, com martírio e tudo, que foi a maneira de cortar de vez com a tentada - e negada - colusão.

## 6. OS DADOS DO PRESENTE

A missão da Igreja no mundo tem sido chamada *a nova criação*. Não se trata de uma novidade - novidade terá sido lembrá-lo - : a ideia de *nova criação* vem expressa em São Paulo, em São Tiago e até no Apocalipse <sup>(4)</sup>.

Assim, a Igreja, *Povo de Deus* - e não mera estrutura hierárquica, que também existe mas de maneira nenhuma lhe

---

(4) 2º Cor., 5, 17-18; Col., 3, 9-11; Rom., 8, 23; Igo, 1, 18; Apoc., 14,4.

esgota o conceito - corresponde a uma *realidade social e mesmo física* muito ampla e abrangente: esse Povo de Deus, formado por todos que olham com fé para Jesus Cristo como autor da salvação, princípio de unidade e de paz <sup>(6)</sup>, e vocacionado para incluir a generalidade dos homens <sup>(6)</sup>. Corresponde, por outro lado, a uma *realidade mística*, que é a da formar um corpo do qual Jesus Cristo é a cabeça - ideia formulada inicialmente por São Paulo, basicamente na Epístola aos Efésios <sup>(7)</sup>. E possui uma dinâmica própria que é justamente a de ser o instrumento dessa *nova criação*, de um *homem novo*, aquele a quem a Boa Nova é dirigida (8). Esta *nova criação* não exclui o mundo, antes o *eleva*, na medida em que se liberta do pecado pela assunção da boa nova do Reino de Deus, o qual "começado já na terra pelo próprio Deus, deve ser continuamente desenvolvido até ser também por Ele consumado no fim dos tempos, quando aparecer Cristo, nossa vida, e a própria criação for igualmente libertada da escravatura da corrupção, em ordem à liberdade e à glória dos filhos de Deus" <sup>(8)</sup>.

Esta elevação é a resultante de um trabalho de séculos, cujas formas variam, mas representam modalidades conjunturais de passos que se vão dando. E esses passos são sempre libertações.

Isto não obsta a que os libertados venham depois a voltar-se contra quem os libertou. E eis-nos reconduzidos ao conflito primordial da criatura contra o seu criador - do filho contra o pai, para usar a linguagem psicanalítica -. Conflito velho como o mundo - a bom rigor, mais velho até - e com registo e expressão nas culturas pagãs, como é o caso do mito de Prometeu, e fundamental na nossa, com a figura, já atrás lembrada, do pecado original.

Agora é detectar as formas actuais desse conflito: de que uma, insidiosamente contemporânea, se manifesta na própria

---

(5) "Lumen Gentium", # 9.

(6) *Ibid.*, # 13.

(7) Ef. 1, 22-23; 4, 11-16; 5, 23. E ainda: Rom., 12, 3-8 e Col., 1, 18 e 2, 18-19.

(8) J. J. Hernández Alonso, "La Nueva Creación", 250/264.

indiferença religiosa, patente em sociedades capitalistas avançadas - as tais do fim da História e do último homem - . São as sociedades que já nem se dão ao trabalho de negar Deus: limitam-se a esquecê-lo como coisa ultrapassada e inútil, embalagem perdida da sociedade de consumo. Os progressos da técnica trouxeram o conforto, certa noção de segurança, um bem estar amolecedor. A informação envolve, ocupa o tempo - que, todavia, continua a ser o mesmo, pautado pelos movimentos da terra - . O sentido comunitário atenuou-se, o indivíduo surgiu engrandecido na sua personalidade única e determinada; com a contrapartida esquecida da solidão que o espera na esquina. O sentido crítico, e logo céptico, desafia velhas verdades de há muito; e um dia confronta o homem com o vazio das novas crenças e as limitações da própria razão. A saúde geral melhorou com os progressos da higiene e da medicina; e, contudo, a morte permanece e, a caminho dela, a decadência, a inutilidade, a marginalização. Mas as conquistas do progresso são sedutoras, com tanto mal vencido, tanta distância encurtada, tanta dor anesthesiada, tanto ar condicionado, tanto bem a consumir, após milénios de penúria, que essa foi uma constante na história do homem até às últimas gerações que colheram os frutos da sociedade industrial. Por isso Galbraith acentua que a riqueza é a inimiga mais implacável do discernimento <sup>(9)</sup>.

Não nos iludamos, porém. O mundo vai em mais de 5 biliões de habitantes. Nós, mesmo aqui, pertencemos à pequena minoria - talvez um quinto da humanidade, talvez menos ainda - que tem acesso fácil aos benefícios da civilização material. O que, entre outras coisas, e não obstante o que a TV nos mostra diariamente da Somália, de Moçambique, de outros lugares, e não obstante ainda o que muitas vezes temos ao pé da porta, nos faz esquecer que *não é isso o comum e o normal na vida dos homens*.

Mesmo assim, alguns reconhecem, com o desconforto moral

---

(9) "The Affluent Society", 13.



reflectindo uma acusação - nem sempre muda - que as grandes nações cristãs, ou de tradição cristã, são aquelas onde se morre, não de fome, mas de se comer demais.

A poluição não é apenas física ou química. Ela é também psíquica, e é moral. Existe nas sociedades avançadas, e atingiu inclusivamente aquelas que já não sentimos tão perto, e se debatem na fome, na doença e no auto-extermínio. Estas sociedades, que há uns anos se chamavam do 3º e até do 4º mundo, foram contaminadas pelo que de pior havia na sociedade ocidental. Desenraizaram-se culturalmente, sem conseguirem assumir a civilização euro-americana, que efectivamente assenta em conceitos diferentes de posse, de trabalho, de produtividade, de eficácia, de criatividade técnica.

E é por isso que, nos países do chamado Ocidente, perdido o seu sentido de missão, se sente o renovado medo dos bárbaros, se fecham certas fronteiras, se repelem os imigrantes, sejam eles *boat-people* ou não, se hostilizam os imigrados, e os meios urbanos ricos põem grades nas janelas, instalam sistemas de alarme e sustentam polícias privadas.

### III

## EXIGÊNCIAS ACTUAIS

### 7. UMA SOCIEDADE AMOLECIDA

As nossas pequenas comunidades açorianas não escaparam ao surto de progresso que marca a Europa Ocidental, e os Estados Unidos, alguns (poucos) mais países colocados na vanguarda da ciência e das técnicas. A sociedade rural ou semi-rural, poupada, resignada, de até uns 30 anos - que alguns tentaram modificar e fazer progredir, e *em nome do seu próprio compromisso cristão* - alterou-se mesmo e, sem haver resolvido todos os problemas de pobreza ou isolamento, atingiu índices de bem-estar que surpreendam os seus próprios beneficiários e *lhes tiram qualquer*

*vontade de mudança*. O que isto possa ter de artificial e de precário, seria precisa uma repetição de terramoto de 1980, ou qualquer sacudidela análoga, ou social, ou política, para o consciencializar abruptamente, como sucedeu há 13 anos, e estará ainda vivo na memória de alguns.

Acedemos à sociedade da abundância. Com excepções individuais, mas que só confirmam a regra, entrou-se na sociedade de consumo. 170 milhões de contos parados nos bancos, para uma população de 240 000 pessoas, atestavam-no em fins do ano passado. Mas entrou-se por uma porta equívoca, porque resultante de combinações político-económicas perfeitamente artificiais, e que nem de longe correspondem a uma maior riqueza endógena. Os açorianos habituaram-se depressa demais às ajudas comunitárias, que deveriam orientar-se rigorosamente para a promoção de um desenvolvimento *real*; e aos subsídios a esmo, que atingiram no corrente ano, pelas razões conhecidas, um clímax delirante.

Não era exactamente esta a *populorum progressio* pela qual alguns trabalharam nos anos 60 e mesmo 70.

Este bem-estar generalizado, envolvente, é complementado por uma comunicação social em que o audiovisual apresenta um peso considerável. Este audiovisual entra na maioria das casas, e veicula mensagens que - pode dizer-se quase exclusivamente - não são de molde a elevar o espírito ou, sequer, a exaltar o Bem.

A sociedade açoriana não está livre de um fundo anti-clerical, fenómeno muito próprio dos povos latinos de tradição católica, e que costuma explicar-se como uma reacção, expressa ou larvar, a conceitos autoritários da Igreja-hierarquia, que fizeram carreira em outros tempos, e cujos custos ainda hoje se estão a pagar.

Este panorama negativo esconde virtualidades que não são suficientemente conhecidas, e que oferecem campo, para uma acção nova, ou renovada. Deve registar-se que aparecem casos de regresso à Igreja por *opção*, após afastamento e ruptura com uma pretensa meramente tradicional. São fenómenos de amadurecimento que sugerem muita coisa - e fundamentalmente

que são imensos os campos para quem se dispõe a trabalhar.

## 8. AS AQUISIÇÕES INDISCUTÍVEIS

Mas haverá, em nosso tempo e nos nossos meios, situações novas e situações caducas, aquisições de real progresso e fórmulas ultrapassadas?

Parece não ser legítima, na verdade, usar por exemplo da mesma linguagem que se usou há duas ou mais gerações, agora que a informação é outra, muita necessidades diferentes - decerto também em quantidade maior - e as técnicas de comunicação apuradas. António Vieira pregou sermões extraordinários, mas não haveria hoje comunidades com disponibilidade de tempo, e até disposição física, para o ouvir ao longo de horas, por bela que fosse a doutrina e soberbo o português. Por outro lado, a mensagem rápida e repetida, por vezes imperceptível conscientemente, mas eficaz porque subliminal, resultou de aquisições da ciência psicológica. Talvez São Paulo não tivesse enviado hoje as cartas que ditou: ele, que falava mais do que escrevia, e que também soube o que era ser rejeitado por cépticos, como sucedeu no Areópago de Atenas. As técnicas de venda porta a porta começaram a usar-se com livros, seguros e electro-domésticos, continuaram-se com algumas confissões religiosas, que as usam como processo de aproximação e transmissão de mensagem, e até ultimamente os políticos se servem delas em épocas eleitorais.

Estas formas de comunicação mais incisiva, menos expositiva, nada literária, não exclui vivências de espiritualidade, nem a apetência pelo transcendente. Até nas comunidades mais materializadas e motivadas para o bem-estar surgem cultos diferentes e exóticos, alguns privilegiando a contemplação, e socorrendo-se até de fórmulas, crenças e cultos orientais. Os próprios rituais satânicos, sobrevivência de feitiçarias antigas, fazem o seu reaparecimento e a sua sombria carreira <sup>(10)</sup>.

(10) R. Laurentin. "A Igreja do Futuro", 35/36.

As duas últimas gerações viram surgir, também aqui nos Açores, confissões protestantes e mesmo seitas, que recrutam activamente prosélitos. E nós vêmo-los, até às nossas portas, procurando esforçadamente comunicar-nos a sua nova fé. Alguns já provêm de famílias católicas tradicionais, a que mais ou menos todos pertencemos. Outros, geralmente os mais liderantes, são de origem exterior, mesmo estrangeira.

Depois, a substância. As verdades cristãs são internas, mas a sua concretização prática vari com o tempo. Há a contemplação do silêncio, e há a contemplação do trabalho. As obras de misericórdia apresentam objectos multiplicados de concretização, porque nem todas as fomes são de pão, nem todos os frios de falta de roupa, nem todas as aflições de tristeza ou de doença.

Meios novos de acção, outras mensagens de crença a responderem a uma, por vezes escondida, sede de infinito. Espiritualidades possíveis, um campo mais vasto para uma acção no concreto, no acompanhamento, no silêncio presente, em formas tantas de ajuda e de educação - educação para a vida, para o trabalho, para a terceira idade, para o tempo livre, para a simples solidariedade... Os dados aqui estão.

A estas novidades sócio-religiosas, a esta panóplia de novos métodos de aproximação, de missão e de persuasão, a estas novas carências espirituais e outras necessidades humanas nascidas de uma sociedade mais intensa na vida, mais frouxa na família, mais vulnerável aos venenos, mais condenada ao abandono e à solidão finais, a Igreja dos Açores vem *opondo* e a palavra *opondo* traz em si já uma carga negativa que convém reter, e sobre a qual interessa meditar) os seus templos barrocos que não se enchem como outrora; actos de culto que nem por serem já em vernáculo, se tornaram muito mais atractivos; e obras e movimentos de leigos que atrás se referiram, e de que os mais sólidos, por aparentemente melhor estruturados, têm várias décadas de existência, pois nasceram na primeira metade deste século, se não mesmo no anterior, em contextos sociais que nem já são propriamente dos nossos dias.

Não se menoscaba o trabalho dessas obras e movimentos, cujos frutos não serão espectaculares, mas existem. Nem se nega a santidade dos lugares de culto - embora cada vez mais sujeitos à profanação por desrespeito ignorante, a ponto de alguns precisarem de ser guardados para se manterem abertos - nem dos actos religiosos que ali se praticam. Mas não pode esconder-se a percepção de terreno perdido em face de outras crenças e, pior, em face de uma descrença e de um afastamento que as estatísticas apontam como crescente. Ou, pior ainda, perante necessidades novas dos nossos tempos, a que não houve ainda capacidade de apercebimento e, naturalmente, de resposta.

Será porque, em democracias onde até se interpela na rua o chefe do estado, os cultos em cenário grandioso, com incenso e rituais majestáticos, deixaram de falar à alma?

Será porque, noutra perspectiva, a banalização de actos sagrados, cansada e distraidamente repetidos, já não ajuda à tensão interna que a própria palavra religião (re + ligare) implica?

Será porque os jovens, cada vez mais soltos da família, em que a autoridade, antes mesmo de contestada, já duvida de si, encontram na televisão e nos jogos de computador o que outrora fora a história maravilhosa, fosse de fadas, fosse da vida de Jesus?

Será porque um culto intelectualizado de elites adultas alheou os simples de mensagens sensíveis que também eram, para tantos, uma forma eficaz de transmitir, e mesmo de consolidar?

Será porque a nossa Igreja se esqueceu do mundo e se voltou para os seus pequenos mundos, interiores a ela, às suas horas e aos seus movimentos?

Será porque nos esquecemos de que somos *católicos* - i.e., de vocação universal - e *apostólicos* - i.e., difusores da Boa Nova - e por tudo isto agentes co-responsáveis pela marcha da História?

## 9. CAMINHOS NOVOS PARA FINS ETERNOS

Não cabe, nesta exposição ensinar ou sequer indicar caminhos. Ela pretendeu suscitar reflexões sobre a realidade da Igreja, no mundo dos nossos dias. Que ela parece sofrer uma certa crise de apagamento ou ineficácia, é algo que sentimos todos, e que não interessa esconder. Isso nos estimula a sublinhar alguns pontos que, cremo-lo, estão uns além, outros aquém, do que precisa ser plenamente consciencializado para ser vivido. Mas aqui ficam, na sua imperfeição, para quem deles puder tirar maior proveito, porque a causa é boa e merece tudo.

*A Igreja somos todos nós.* Nos pequenos territórios insulares em que vivemos, ela está desde o princípio, numa presença forte, embora nunca despida de crises, diga-se, como sempre sucedeu em todo o mundo.

*A Igreja tem o próprio Jesus Cristo como cabeça*, e dele uma promessa explícita de a acompanhar até ao fim dos tempos, como um irmão maior e uma garantia, não apenas de sobrevivência, mas de realização dos seus fins, que são a construção do Reino de Deus.

*A Igreja não é deste mundo*, no sentido de, vivendo nele, não se deixar dominar por ele. Cabe-lhe tomá-lo, baptizá-lo e *dar-lhe uma perspectiva transcendente*, que não é poder sobre os homens, sobre as instituições ou sobre as riquezas, mas sim um *plus ultra* que liberta das contingências do efêmero e do desespero da dor sem sentido e da morte sem Deus.

*O Evangelho - a Boa Nova - era, no tempo de Cristo, anunciado aos pobres.* Os pobres do nosso tempo são os carentes de pão, de amor, de liberdade, de saúde, de justiça, de fé. É a eles que a Igreja se dirige para os receber e com eles construir o Reino.

*A Igreja tem, assim, de falar aos homens de cada tempo e cada lugar*, sejam eles crianças, adolescentes ou adultos, e de ser assumida por eles. As aquisições da psicologia e da sociologia devem ser estudadas, aprendidas e utilizadas nessa nova linguagem que os homens desejam, ainda que inconscientemente.

*A acção da Igreja, pelos seus membros presentes e em ordem ao alargamento do Reino, é semelhante à do fermento na massa que deve fazer levedar, transmitindo-lhe uma dinâmica que não é de*

domínio, e em que os efectivos em número nem são o que mais interessa garantir, conquanto se dirija a todos os homens.

*As crianças devem ser, desde o berço, familiarizadas com a ideia de Deus, e da comunicação com Ele. A oração aprende-se desde os primeiros tempos, e a partir daqui se criam melhores bases de mentalidade para as tempestades da adolescência e da idade adulta.*

*A escravidão pelo bem-estar é a versão contemporânea do bezerro de ouro do Êxodo. Erigi-lo em valor supremo, ou sequer significativo, estiola a dimensão vertical do homem, desnatura-lhe a fé, desanima-lhe o espírito e dessora a própria Igreja, seja em sacerdotes, seja em leigos, quando servida por quem esteja submetido a esta servidão.*

*Esse bem-estar é ilusório: porque passa, porque não tem garantias e porque é uma árvore que encobre a floresta dos sofrimentos e das necessidades dos outros, tanto próximos como distantes, que continuam a ser a maioria da humanidade.*

*O individualismo crítico é uma realidade do nosso tempo. A Igreja não pode ignorá-lo, nem condenar sem mais quem tiver o espírito condicionado por ele. Por isso a mensagem cristã, que é vivência de amor, não deve fechar-se também à demonstração, ao debate construtivo e à actualização doutrinal realista e corajosa, que toma em conta as aquisições e as circunstâncias de cada tempo e lugar.*

*Os Sacramentos e os actos de culto devem ser atractivos para os fiéis, que neles procuram, ou devem procurar, mais do que o cumprimento de um dever, um reforço da sua espiritualidade, e uma participação na missão da própria Igreja: o que implica preparação, e a natural apetência por algo de enriquecedor, e bom para os demais.*

*As obras e movimentos de leigos devem conhecer e assumir*

*as necessidades e as aptidões psíquicas e culturais dos seus próprios membros e, a partir desta base, crescer e ir ao encontro dos outros homens.*

*A hierarquia da Igreja deve actualizar o seu próprio conceito de dignidade e ministério sacerdotal, precavendo-se da profissionalização profana; o que também supõe uma aceitação, um acolhimento, um respeito e até um carinho por parte da comunidade, que não tem existido como devia ser. Os padres que temos estão muito sós, e precisam que os leigos os ajudem a viver o seu ministério.*

*A verdade é que estamos a assistir ao fim da Igreja clerical, como expressão mais proeminente da realidade eclesial. A Igreja dos leigos vai também a ganhar força afirmativa, mas não pode nunca substituir aquela. A Igreja de Cristo assentará na complementaridade destas duas formas, combinando-se na dimensão horizontal e na vertical de maneira a formar a cruz que é vida.*

Justamente em Maio do ano passado, entre nós, João Paulo II convidava-nos a *superar a ruptura existente entre o Evangelho e a vida* <sup>(11)</sup>.

Está aqui todo um programa que, na sua tremenda simplicidade, resume a eterna função da Igreja - de todos nós, como membros que d'Ela somos -.

E sobre isto, ocorre-me a lição que recebi um ano mais tarde e de um guia judeu, em Jerusalém. Estávamos na cidade velha, e ele descrevia-nos o templo que já lá não existe. Explicava como, entre o altar dos sacrifícios e o espaço onde se guardavam os rolos da lei hebraica - a Tora - havia uma cortina de separação. Essa cortina (o véu do templo, como lhe chamam os evangelistas) rasgou-se de alto a baixo no momento em que Jesus Cristo morria na cruz. E aquele guia judeu, contrariando a interpretação que eu sempre deste facto aprendera - a de que o véu do templo rasgado figurava uma como que maldição para a antiga lei - apresentou-nos uma ideia que jamais esquecerei, e que quero partilhar aqui.

---

(11) Homília na Missa em Angra do Heroísmo, # 5.



*O véu do templo separava, isolava, a Palavra do Sacrifício. Ao rasgar-se no momento da morte de Cristo, deixava a Palavra e o Sacrifício unidos, doravante fundidos numa realidade só. Cumprira-se a promessa, escrita, da redenção.*

O sacrifício é uma oferenda de vida. O Evangelho é a palavra. Quando João Paulo II nos convida a superar a ruptura entre o Evangelho e a vida, *está a apontar-nos a realização, na terra, e na medida em que isso nos cabe, dessa fusão da palavra com o sacrifício.*

O sacrifício é uma oferenda de vida. O Evangelho é a palavra. Quando João Paulo II nos convida a superar a ruptura entre o Evangelho e a vida, *está a apontar-nos a realização na terra, e na medida em que isso nos cabe, até no sacerdócio comum dos fiéis, dessa fusão da palavra com o sacrifício.* Foi o programa que nos deixou.

PARTICIPAÇÃO  
INERTE  
E  
SACRIFÍCIO  
NA  
MISERICÓRDIA



SUB-TEMA - 2.1

**PARTICIPAÇÃO  
DOS LEIGOS  
E SUA MISSÃO  
NA  
IGREJA**



## SUB - TEMA 2.1

### - PARTICIPAÇÃO DOS LEIGOS E A SUA MISSÃO NA IGREJA

#### GRACIOSA

### *PARTICIPAÇÃO DOS LEIGOS E A SUA MISSÃO NA IGREJA*

O tema, que nos foi proposto, é sem dúvida, muito interessante, mas o tempo, de que dispomos, não nos permite tratá-lo com a profundidade que merece.

Todas as pessoas são possuidoras da mesma e comum dignidade, que lhes advém do Baptismo - *ser filho de Deus*. Entretanto, esta honra, em vez de nos tornar vaidosos, deve proporcionar uma grande humildade que consiste em sentirmo-nos pequenos diante de Deus, e, ao mesmo tempo, um profundo sentimento de *gratidão* por sermos objecto do amor do Pai e, ainda, uma grande *admiração por Cristo, pela sua Vida e pelo Seu Amor*, que o levou a derramar o Seu sangue por cada um de nós.

Mas, *quem são os leigos?*

Muitas vezes a definição é dada *apenas* pela negativa, por aquilo que o leigo não é na Igreja - *não é sacerdote nem religioso*; corre-se o risco de ficar com a ideia de que o leigo é alguém que não tem valor, alguém a quem falta qualquer coisa - receber o sacramento da Ordem ou professar na vida religiosa.

A *Hierarquia* tem a missão especial de governar, pelo exercício da caridade e da unidade, de pregar e de santificar por meio dos sacramentos; os *Religiosos* escolheram uma vida de consagração total feita e exercida através dos conselhos evangélicos; as outras pessoas, que são em maior número, são os *leigos*.

O leigo é um cristão, que no Mundo procura ser fiel ao Senhor e que, consciente de que cada homem é seu irmão, está disponível para, com alegria, ajudar, ou, melhor dizendo, está sempre alerta para servir seja quem for - ao simpático, ao antipático, ao que parece amigo e ao que se mostrou inimigo, ao de perto e ao de longe, ao conhecido e ao desconhecido, procurando, assim identificar-se com Cristo que "não veio para ser servido, mas para servir" e que nos ordenou: "Assim como Eu fiz, fazei-o vós também".

De facto, toda a vida de Cristo foi, conjuntamente com a oração e a pregação, um serviço aos homens - (Basta recordar as curas de doentes, a ressurreição de mortos, o saciar a fome dos que O escutavam).

Ser cristão é ser discípulo de Cristo, é, portanto, *servir*.

*Qual o nosso campo de acção?*

- O lugar onde nos encontramos.

S. João diz-nos no cap.17, vers.16:

"Vós estais no Mundo, mas não sois do Mundo".

O Mundo é obra da criação de Deus e ao Mundo veio o Filho de Deus.

Mas temos de distinguir o Mundo como pátria ou como lugar de peregrinação.

Para nós, cristãos, a *pátria* é Deus e para Ele caminhamos no Mundo, não à toa, não em desordem, mas sim em peregrinação: *à frente a cruz* como vencedora da morte e do pecado, *seguida daqueles que a abraçam*; *aos ombros* de cada um, e *fardo*, que é a tarefa do dia a dia assumida com responsabilidade e amor; *como farnel, a Eucaristia*.

Presente no Mundo, este não oferece ao cristão a morada definitiva; oferece um espaço onde ele realize uma missão.

Os leigos vivem, pois, no Mundo, isto é, em toda e qualquer ocupação e actividade terrena, e nas condições ordinárias da vida familiar e social. São chamados por Deus para que aí, exercendo o seu próprio trabalho, guiados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros.

### Missão dos leigos

O apostolado dos leigos que o Concílio definiu como "participação na própria missão salvadora da Igreja" (L.G. nº33) radica-se no próprio ser e posição do leigo na Igreja, Corpo Místico de Cristo e Povo de Deus, comunidade viva e operante em que a dignidade comum e a diversidade de funções dos membros se conjugam e harmonizam numa unidade orgânica.

É missão da Igreja "com a difusão do Reino de Cristo em toda a terra para a glória de Deus Pai, tornar todos os homens participantes da salvação operada pela redenção e, por meio deles, ordenar efectivamente o mundo inteiro para Cristo (cf. Dec. Apostolado dos Leigos nº2). Esta missão, ou apostolado, exerce-a a Igreja através de todos os seus membros. Por conseguinte, também os leigos, porque incorporados em Cristo pelo Baptismo, constituídos em Povo de Deus, tornados participantes, na sua medida, do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, participam desta missão e devem realizá-la na Igreja e no mundo, do modo que lhes é próprio, isto é, no seu estado de leigos, membros da comunidade temporal em que estão inseridos. (cf. L.G. nº31).

Como células vivas de um corpo vivo que tem por cabeça Cristo e por alma o Espírito Santo, os leigos não podem ser membros inúteis, mas têm de contribuir para o bem de todo o Corpo.

Além disso, o sacramento da Confirmação e a virtude teologal da Caridade constituem fundamentos e exigência constante de pormos ao serviço de Deus e dos homens que Ele quer salvar, na Igreja e pela Igreja, toda a riqueza dos dons

recebidos “por bondade do Criador e graça do Redentor” (cf. L.G. nº33).

Não nos podemos esquecer de que o Espírito Santo *vive e quer actuar em nós e por nosso intermédio*. É necessário escutar as Suas inspirações e pedir-Lhe a força necessária para falar, para actuar, ou para calar quando for conveniente, não esquecendo que por nós não somos capazes de nada, mas que Ele está sempre presente.

O apostolado dos leigos, que sempre existiu na Igreja, parece ser mais necessário hoje. Com efeito, diz-nos o Concílio: “o aumento crescente da população, o progresso da ciência e da técnica, as relações mais estreitas entre os homens, não só dilataram imenso os campos do apostolado dos leigos, em grande parte acessíveis só a eles, mas também suscitaram novos problemas que reclamam a sua atenção interessada e o seu esforço. Este apostolado torna-se tanto mais urgente quanto a autonomia de muitos sectores da vida humana, como é justo, aumentou, por vezes com certo afastamento da ordem ética e religiosa e com grave perigo para a vida cristã”

(Dec. O Apostolado dos Leigos nº1).

### ***Um só Apostolado***

O apostolado dos leigos não se contrapõe ao da hierarquia. Há na Igreja um único apostolado exercido de modos diversos, segundo a capacidade dos membros. A acção da hierarquia e a dos leigos integram-se ordenadamente na missão geral da Igreja e completam-se. “O sacerdócio *ministerial* da hierarquia e o sacerdócio *comum* dos fiéis, embora diversos na essência e não apenas em grau, participam cada um, a seu modo, do único sacerdócio de Cristo”.

As acções próprias de um e de outro sacerdócio têm a mesma fonte e, processando-se de modos diversos, conforme os dons recebidos, convergem na unidade de missão. Esta unidade de apostolado é expressão da unidade essencial da Igreja, em que a hierarquia e os fiéis têm definidas as suas funções próprias no



exercício da missão sacerdotal, profética e real de Cristo que a Igreja continua através dos tempos, evangelizando e santificando os homens, restaurando a ordem no mundo, orientando todos para a verdadeira felicidade, que só se encontra em Deus.

### **União dos leigos com os Pastores**

Não pode dizer-se que o apostolado compete apenas ao clero e que a instauração cristã da ordem temporal é exclusiva dos leigos, embora compita mais a estes.

O Concílio adverte-nos de que, embora ao clero, pelos *poderes* e *missão* recebidos, seja confiado de forma especial o apostolado da evangelização e da santificação realizado pelo ministério da palavra e dos sacramentos, também os leigos têm nele parte importantíssima como “cooperadores da verdade”.

E o Concílio acrescenta que nesta ordem, isto é, na ordem espiritual, o apostolado dos leigos e o ministério pastoral se completam mutuamente (cf. A.A. 6). Os leigos, no exercício do sacerdócio comum, prolongam a acção ministerial do clero e, em união com ele - união que é essencial a todo o apostolado - tornam presente e operante a Igreja nos diversos locais em que estão inseridos, em muitos dos quais só por eles (leigos) é possível a acção da Igreja.

### **Como exercer o apostolado**

O *testemunho de vida cristã* dos leigos, as suas “boas obras” realizadas com espírito sobrenatural são para as pessoas que as vêem, forte apelo à fé e à glorificação do Pai que está nos céus (Mt. 5,16).

O leigo deve procurar aperfeiçoar-se e exercer com competência a sua actividade profissional, participar empenhada e solidariamente nas organizações e meios em que vive e trabalha, deve ter preocupação no cultivo da honestidade, da verdade, da fortaleza, da justiça e da fraternidade, na defesa dos mais pobres e dos marginalizados, na compreensão dos problemas dos outros e no testemunho do amor.

Na família, na escola, no trabalho, no sindicato, na política,

nos meios de comunicação social, no desporto, nos locais de diversão - onde quer que se encontre -, o cristão deve agir como Cristo procederia se estivesse no seu lugar.

Mas o apostolado não consiste apenas no testemunho de vida. Embora este seja muito importante e imprescindível, é necessário completá-lo com o *testemunho da palavra*.

O verdadeiro apóstolo aproveita e procura as ocasiões para anunciar Cristo com a palavra a todos os que Deus põe no seu caminho - aos não crentes para os conduzir à fé e aos próprios fiéis para os ajudar na sua caminhada de santidade ou mesmo para os instruir, para os levar a conhecer e a amar mais a Cristo e a viver melhor o seu cristianismo.

Onde está um cristão consciente, aí está a Igreja. Portanto, pela palavra e pelas atitudes, deve contribuir para que os outros sejam melhores, vivam mais felizes, para que em todos cresçam os valores morais, para que se dilate na Terra o Reino de verdade e de vida, de santidade e de graça, de justiça, de amor e de paz, conforme se reza no Prefácio da Missa de Cristo Rei.

### **Importância da presença dos leigos**

Se os leigos são colaboradores da hierarquia na divulgação da doutrina e na formação das consciências, eles ocupam um lugar mais importante na animação cristã da ordem temporal, uma vez que vivendo no mundo "particularmente lhes compete iluminar e ordenar todas as coisas temporais a que estão intimamente ligados, de modo que estas prosperem dentro da sua ordem e louvem o Criador e Redentor" (L.G. nº31).

Os leigos devem assumir, como encargo próprio, a instauração da ordem temporal e agir aí de modo directo e definitivo, guiados pela luz do Evangelho e pela mente da Igreja e movidos pela caridade cristã; enquanto cidadãos do mundo, devem cooperar com os demais cidadãos, com a sua competência específica e a própria responsabilidade, buscando em todas as coisas e em toda a parte a justiça do Reino de Deus. (Dec. Apostolado dos Leigos nº7). Na acção temporal concreta, variável no tempo e no espaço,

no modo e nos processos, segundo as diversas circunstâncias, são os leigos, na qualidade de cidadãos, que *livremente decidem*.

Uma vez que nos diversos "programas de acção" sejam respeitados os valores morais e religiosos, os direitos fundamentais do homem e do cristão, não é lícito ao leigo invocar a autoridade da Igreja para justificar as suas próprias opções e condenar as dos outros. É necessário o respeito mútuo e que, pela caridade, se ultrapassem as divergências.

### **Deus quer salvar**

Um dos mais graves problemas do nosso tempo é o do homem que está em perigo - do homem que desconhece a sua origem e o seu destino, sedento de domínio e cada vez mais escravo; do homem que se considera independente de Deus em quem não crê; do homem que põe na ciência e na técnica as suas únicas esperanças; do homem que não acredita no outro homem; do homem que julga a sua vida inútil; do homem fraco, indefeso; do homem escravo das suas paixões.

É este homem, ou melhor, são "milhões de homens", com quem nos cruzamos nas ruas ou encontramos nos mais diversos locais, que Deus quer salvar e para tal conta com a nossa ajuda.

### **Cristo quer a nossa colaboração**

Os que assistiram à ressurreição de Lázaro é que foram encarregados de lhe desatar as ligaduras; para acontecer a pesca miraculosa, no Mar de Tiberíades, Pedro e os companheiros tiveram de lançar as redes; para saciar a fome à multidão, Cristo serve-se do pouco pão que havia e manda repartir; para que surja vinho nas bodas de Caná, manda encher as talhas de água; até para a Última Ceia, envia discípulos à frente para preparar a sala... Cristo opera os milagres, mas quer que as pessoas façam alguma coisa, quer que colaborem.

Já o nascimento do Salvador foi divulgado pelos pastores; muitos conheceram Cristo pelas palavras da Samaritana; Zaquaeu converteu-se porque alguém lhe falara de Jesus a ponto de ele

ficar com desejo de O ver. Além destes, muitos outros fizeram apostolado no tempo de Jesus.

Na Igreja primitiva, a Boa Nova espalhou-se por toda a parte, porque os que ouviram a pregação dos Apóstolos transmitiram-na a outros.

É uma honra ser colaborador de Cristo.

Nós, que aqui estamos, assim como muitos dos nossos irmãos, sentimos o apelo de Cristo: "Ide trabalhar para a minha vinha".

Não devemos ficar indiferentes ao convite.

Seremos tanto mais felizes, quanto mais nos esquecermos de nós próprios para nos dedicarmos ao trabalho apostólico.

Não nos podemos esquecer de que temos de ser fermento na massa humana, sal da Terra e luz do Mundo.

É mesmo necessário aproveitar todas as oportunidades, porque o minuto, que passa, não volta e o que cada um de nós não fizer ficará eternamente por fazer.

É que Deus confiou a cada um uma missão específica. Cumpri-la, ou não, depende da nossa vontade, já que Ele nunca falta com a graça actual.

O cristão deve, pois, assumir com coragem, alegria e entusiasmo, o compromisso de *ser cristão e de actuar como cristão* em todas as dimensões da sua vida, em privado e em público, de forma individual e por meio de associações.

### **Importância da forma associativa do Apostolado**

O homem é, por natureza, social e Deus quis unir os que creem em Cristo em Povo de Deus e num Corpo.

Portanto o apostolado em associação corresponde à exigência humana e cristã dos fiéis e é, ao mesmo tempo, sinal da comunhão e da unidade da Igreja em Cristo. - "Onde estão 2 ou 3 reunidos em Meu Nome, aí estou Eu no meio deles" (Mt. 18,20).

Facilmente se compreende a grande importância do apostolado em associação, porque em vários meios tem de ser realizado mediante a acção comum.

Os leigos têm o direito de fundar associações, governá-las e dar-lhes um nome, respeitando sempre a relação com a autoridade eclesiástica. Não se devem, contudo, promover novas associações sem uma razão suficiente, para que não haja dispersão de forças.

As associações não têm em si o seu fim, mas devem servir à missão que a Igreja tem de cumprir para com o mundo.

### **Acção Católica**

Há algumas dezenas de anos, em muitas nações, leigos conscientes da sua missão na Igreja, uniram-se em várias formas de acção e de associação para, em união mais estreita com a Hierarquia, se consagrarem ao apostolado.

De entre elas, merece especial referência a Acção Católica pela formação e valiosa acção dos seus membros. Foi recomendada e fomentada por Sumos Pontífices e por muitos Bispos.

Estou convicta de que a sua existência é hoje mais necessária do que nunca. Urge implementá-la nos meios em que for possível, porque o seu *método continua actual* e pode dar um grande contributo à formação dos leigos e à cristianização da nossa sociedade .

Os leigos *participam*, por dever e por direito, em toda a vida da Igreja: - Na *Pastoral Litúrgica*, podem integrar-se de forma activa, quer na preparação dos Sacramentos, quer na participação da Eucaristia como leitor e acólito, comentador, director de canto e outros ministérios.

- Na *Pastoral Profética*, como já foi dito, o campo de acção é vastíssimo. De entre os diversos movimentos apostólicos, merece especial referência a Catequese, a qual permite que as crianças, os jovens e os adultos cresçam na Fé. Ser catequista é uma participação maravilhosa na vida da Igreja. Recordemos as palavras de Cristo: "Ide e ensinai...". Para ensinar é necessário estudar, não só para saber, mas sobretudo para "viver". Ninguém pode dar o que não tem e a catequese deve levar a conhecer Cristo para que a vida seja cada vez mais de acordo com a Sua Doutrina. A catequese é um "curso" (entre aspas) que não acaba. Sendo certo que nunca conheceremos totalmente Cristo, também é verdade

que nunca viveremos tão santamente que não possamos ser melhores.

- Na *Pastoral Sócio-Caritativa*, todo o cristão deve participar, porque a caridade é o sinal mais revelador do verdadeiro cristão. É pela caridade que o cristão se identifica como discípulo de Cristo, que dela faz depender a salvação de cada um.

Hoje, como sempre, há irmãos nossos sem alimento, sem vestuário, sem casa, sem saúde, sem trabalho, sem alegria, sem compreensão dos outros, carentes de carinho e que aguardam quem os ajude, quem os escute ou quem lhes dê um pouco de calor humano.

A verdadeira caridade é muito mais do que dar, é *dar-se a si mesmo*.

### Conclusão

O cristão, para ser feliz, *tem de sentir a alegria de ser amado pelo Pai com Amor infinito*; e, ao *querer corresponder* a esse Grande Amor, *é impelido a amar todo o homem*, seu irmão e, conseqüentemente, *a estar disponível para o ajudar*. Não é um favor, é um imperativo da própria consciência.

Mas a preocupação de muito fazer pode conduzir a um "activismo" exagerado que pode ser acção sem luz nem vida - acção que, em vez de trazer os homens a Cristo e de levar Cristo aos homens, pode fazer com que sejamos absorvidos pelo mundo.

*A fonte e origem de todo o apostolado é Cristo, o Enviado do Pai.*

A fecundidade do apostolado depende da nossa *união vital com Cristo*. "Aquele que permanece em Mim produz muito fruto, pois sem Mim nada podeis fazer" (Jo. 15,5).

Esta vida de união com Cristo tem de ser *alimentada pelos Sacramentos e pela Oração*. Para isso é preciso encontrar tempo para parar.

Nas tarefas diárias, é necessário *manter* tanto quanto possível, *o espírito unido a Cristo* e desempenhar as actividades segundo a vontade de Deus. S. Paulo, na Carta aos Colossenses

recomenda: "Tudo o que fizerdes, por palavras ou por obras, tudo seja feito em nome do Senhor Jesus Cristo, dando por Ele graças a Deus Pai".

Na Igreja não deve haver divisões. Deve existir a estima recíproca de todas as formas de apostolado e de associações e o respeito por cada um.

*Ninguém é mais que ninguém.*

SÓ DEUS É GRANDE, SÓ DEUS CONVERTE, SÓ DEUS FAZ O BEM. Nós somos *apenas* SEUS instrumentos; Devemos estar disponíveis para agir quando necessário, ou para dar o lugar a outro.

"DEUS É QUE OPERA TUDO EM NÓS".

Como S. Paulo, não busquemos a nossa própria utilidade, mas a dos outros, a fim de que sejam salvos (1<sup>a</sup>Cor.10,32-33).

"*A Messe é grande...*". *Sejamos operários empenhados* tendo presente o belo pensamento do Profeta João Baptista: "É necessário que Ele cresça e que eu diminua", mas fazendo da nossa parte tudo o que pudermos para que haja «um só rebanho e um só Pastor».

## QUESTIONÁRIO

1. Olhando para a Igreja dos Açores, como achas que tem sido a participação dos leigos?
2. Qual o papel dos leigos no Mundo e na Igreja?
3. Como pode ser exercido o apostolado dos leigos na Igreja?





SUBTEMA - 2.2

**A IGREJA  
E OS  
JOVENS**



## **SUB - TEMA 2.2**

### **- A IGREJA E OS JOVENS**

#### **CONGRESSO DIOCESANO DOS LEIGOS**

#### ***"A IGREJA E OS JOVENS***

É do interesse de todos, quer da Igreja, quer da sociedade em geral, reflectir sobre os problemas dos jovens porque é na juventude que se fazem as opções que vão marcar o destino de cada um.

A atitude de fé do jovem reveste-se por um lado na sua maneira de viver, ou modo de vida; por outro na comunicação com os homens, consigo mesmo e com Deus. Nesta dimensão é serviço aos irmãos aplicado pela Igreja. Esse serviço faz parte da fé dos Cristãos e do jovem que se deixa guiar no seu meio por Cristo. Isto leva-o a confrontar e verificar o seu modo de agir com a vida de Cristo que é Verdade, Caminho e Vida.

Os jovens são muitas vezes vítimas da conjuntura geral e da educação que receberam, mas manifestam uma maior abertura, reclamam dos valores cristãos e buscam estes valores anunciados pela Igreja. Então não podemos negar-lhes o Evangelho por simples descuido, por falta de prática religiosa ou por excesso de regras e monotonia. É preciso ir mais longe e é lícito dizer que o futuro do reino de Deus está nas nossas mãos... neste campo todos têm o seu papel a desempenhar.

A actividade da Igreja em relação aos jovens visa descobrir o mistério de Jesus Cristo. Descoberta apaixonante que se faz progressivamente em direcção a ideais simultaneamente presentes e distantes onde cada ponto de chegada vale como ponto de partida para os níveis de integração na Igreja em conformidade com os planos de Deus, de intimidade com Ele e santidade. É essa a primeira obrigação dos crentes e dos jovens que continuam no Mundo como leigos. Estes não podem sacrificar-se a critérios duma simples e mortífera mundanidade; na medida em que trazem consigo alguma coisa de novo são portadores de outros critérios, de outros valores e de outras aspirações, a tal ponto que ninguém é mero beneficiário da evangelização mas seu agente protagonista lucrando para si, propondo-a e transmitindo-a aos outros esforçando-se por colaborar com a graça.

Os jovens com as suas potencialidades e o seu impetuoso desejo de informação embora conscientes da sua autonomia, são possuidores de certas vacilações e inseguranças devido às quais não atingem a maturidade de adulto. Conscientes da mentira e da injustiça revoltam-se com atitudes de generosidade e egoísmo. Vêm-se na ambiguidade, desejariam servir e colaborar em favor dos oprimidos, sentem-se traídos por coisas aliciantes e outras tantas que os impossibilitam de agir. Também têm dificuldade em ver e aceitar que para chegarem ao bem é preciso passar pela renúncia no esforço, na luta, na Cruz. Importa formá-los para a sociedade do nosso tempo, tornando-os aptos a discernirem correctamente o que nela existe de positivo ou negativo e a participarem na construção de um futuro mais humano, harmónico e feliz. A Igreja tem de fornecer aos jovens bastantes elementos de interiorização pessoal que os leve a achar a vocação específica tanto no seio da Igreja como no Mundo.

O Senhor chama cada um a um estado de vida: conjugal, sacerdotal, religioso ou para determinado compromisso social. É necessário eliminar obstáculos que não se definem a partir de dentro mas ao sabor de influências puramente externas, fruto de uma defeituosa estruturação da sociedade que empurra as pessoas

contra a sua própria vontade ou obriga a opções que não se reconhecem em si mesmas. É necessário que cada jovem realmente conheça aquilo a que Deus o chama e que ele próprio é único e irrepetível entre todos.

A juventude é o tempo do discernimento dos talentos e conjuntamente, o tempo em que se começam a percorrer os últimos itinerários através dos quais se desenvolvem toda a actividade humana, o trabalho e a criatividade. Uns serão chamados à vida consagrada e a esses é preciso lembrar que a tal vocação é uma graça privilegiada de Deus. Outros são chamados ao estado matrimonial, a esses é preciso lembrar a dignidade do amor humano para o qual hão-de ser educados cuidadosamente. Outros com a sua formação profissional vêm-se a braços para encontrar o primeiro emprego pois são vítimas de estorvos de ordem social. É necessário estimular os jovens a se formarem com honestidade para que a sociedade que pretendem formar seja menos adversa que a actual procurando a dignidade do trabalho.

Assim é urgente uma sólida formação doutrinal que deverá ser dirigida ao coração e à inteligência para que conheçam Jesus e a Sua mensagem e a apliquem na vida prática porque só o conhecimento da Palavra de Deus permitirá aos jovens apreciar devidamente o magnífico tesouro das verdades em que acreditam e ter seguros pontos de referência para não vacilarem, quer nas escolhas que são chamados a fazer, quer nas tarefas em que necessitam lançar-se com vista à animação cristã.

Queixamo-nos frequentemente dos males de que padece o nosso mundo, e com certa razão, mas se os Cristãos conhecessem aquilo que dizem professar e o proclamassem abertamente, originando saudáveis correntes de opinião e de cultura que ajudassem a orientar para Deus o crescimento do Mundo, seriam bem menores os males de que nos queixamos. Entre Cristãos, esta ignorância religiosa inibe os adultos e de futuro inibirá os jovens de se afirmarem como um poderoso factor que poderiam e deveriam ser de construção do Reino de Deus e de renovação social.

É necessário integrar os jovens, o mais adequadamente

possível, na comunidade Cristã levando-os a tomar consciência de que não podem ser membros meramente passíveis, que têm que contribuir, que a Igreja é um corpo que cresce segundo a acção dos seus membros. Esta participação dos jovens deve ser aceite, estimulada e até exigida. Importa dar espaço aos jovens quer ampliando as formas de colaboração, quer evitando situações que não os atraem, dar-lhes o devido acompanhamento, integrando-os com os adultos para que contando com a confiança dos mais velhos eles próprios cresçam convenientemente até à estatura de Cristo e se formem para as exigências do apostolado.

Compreendemos assim a importância que deverá ocupar a catequese nos planos pastorais da Igreja: É impossível iniciar os fiéis na plenitude da vida cristã sem que eles conheçam no grau adequado à sua idade e às suas circunstâncias, o que Jesus nos ensinou e quis que nós soubéssemos. Precisamos de uma catequese que ensine os jovens e adultos das nossas comunidades a permanecerem lúcidos e coerentes na sua fé e a afirmarem a sua identidade cristã. É tão importante a catequese na família como na paróquia durante a infância e a adolescência para que os jovens desenvolvam uma fé crescente e esclarecida.

Um dos males da actual situação da Igreja é o baixo nível de cultura religiosa. O Cristão não pode estar menos esclarecido no ponto de vista religioso do que está nos domínios gerais da cultura humana sob perigo da sua fé morrer. A dissociação entre a fé e práticas tão essenciais da vida cristã, como a oração pessoal e um mínimo ou regular acesso aos sacramentos, são bem a prova de que entre nós alguma coisa está errada e é urgente remediar.

A catequese não deve ser uniforme no seu processo de transmissão. Pelo contrário, deve adoptar métodos pedagógicos naturalmente diversos, tendo em conta a idade a quem se destina, as condições temporais e de lugar em que os catequisandos vivem e a evolução da educação em geral.

No que respeita aos jovens a mensagem Cristã para ser aceite deverá incluir formas e temas diversos e motivadores, capazes de despertar a sua atenção, adesão e entusiasmo. Uma

vez que estão prestes a assumir a consciência e a responsabilidade do seu papel no mundo, mais forte terá de ser a sua aproximação de Cristo. Logo, a sua participação na Igreja é de grande importância, principalmente na acção litúrgica, sacramental e apostólica. Seguindo tudo isto o jovem saberá qual o sentido da sua vida moral e do seu comportamento entre os homens. A catequese não pode limitar-se ao exercício de uma simples aprendizagem ou seja não deve basear-se somente em fórmulas doutrinárias mas em vivências pessoais e colectivas, ensinando toda e só a Verdade revelada, transmitindo a doutrina de Cristo integralmente, sem disfarces, sem ambiguidades, sem mutilações. A catequese deverá ser um processo contínuo, organizado e eficaz. Importa pois assegurar a continuidade entre a catequese infantil e a catequese juvenil, tendo como apoio a família, a paróquia e a escola, sem no entanto esquecer o recurso a outras estruturas como por exemplo os grupos juvenis. Para que tudo isto seja possível é preciso considerar a formação de animadores ou catequistas, em especial jovens. Aos jovens, porque usam a mesma linguagem e é necessário que sejam eles os primeiros a empenharem-se na educação da fé dos seus colegas de escola ou trabalho.

A Igreja recebeu de Jesus Cristo o encargo de evangelizar o mundo e cada um dos cristãos é responsável pelo cumprimento deste encargo. Assim para que a formação cristã dos jovens seja completa é necessário levá-los à consciência dessas responsabilidades apostólicas. É importante que os jovens sintam o seu compromisso apostólico e se empenham na Evangelização, no testemunho de Cristo e da Sua doutrina. Torna-se urgente levar o Evangelho aos que se mantêm alheios ao Cristianismo e o ideal seria que lhes fosse levado pelos próprios jovens, aqueles que ainda se mantêm fiéis a Cristo e seguem a sua doutrina.

Os jovens devem ser os primeiros apóstolos dos jovens. Estes possuem o gosto de comunicar. Saídos da infância descobrem em si enormes riquezas e capacidades pessoais, passando da fase do receber ao dar, sentem-se insatisfeitos com o mundo e ao mesmo

tempo possuem um conjunto de qualidades (alegria, transparência, audácia, criatividade, idealismo) e uma tendência para tudo o que é belo. Isto torna-os aliados naturais de Cristo e da Igreja. A intervenção dos jovens no compromisso apostólico pode assumir diversas modalidades, podendo ser voluntário ou solicitado mas é sempre de valor inestimável, sendo de salientar o apostolado exercido pelos jovens em associação com outros jovens.

Os jovens necessitam sempre de quem os ajude a crescer na fé. O mandatô missionário não é dever apenas da Hierarquia da Igreja, é dever de todos. Os leigos e os movimentos a que pertencem estão comprometidos nisso e precisam estar animados de verdadeiro espírito apostólico e atenderem às necessidades internas da Igreja sendo uma das prioridades o despertar das vocações sacerdotais e religiosas.

O apoio espiritual torna-se urgente desde os primeiros anos de vida até à idade adulta. Isto inclui o apoio da família, dos professores e das entidades empregadoras. Se assim fosse não se deixariam levar pelos perigos da droga, do sexo, do álcool, da violência...

Não esquecer os jovens deficientes e diminuídos que além de já estarem unidos a Cristo nos seus sofrimentos pela salvação do mundo, podem também contribuir para a construção do reino de Deus.

A acção apostólica junto dos jovens deve ser um espaço de exercício da caridade fraterna e da solidariedade, sem competitividade e sem espírito destrutivo. É necessário que todos os jovens e responsáveis pela acção apostólica tenham isso em conta ainda mais num meio tão disperso como os Açores. Urge promover acções de animação, formação e enquadramento garantindo condições para fortalecer, integrar e fomentar o diálogo entre grupos e associações aproximando os jovens e os adultos.

As iniciativas no campo pastoral necessitam da unidade da Igreja por um lado e a exigência da eficácia das acções a realizar por outro. Para isto torna-se urgente a cooperação de todos os diocesanos. No entanto não é concebível uma actuação que não



envolva o racional aproveitamento de recursos que são baseados no conhecimento recíproco e na troca de experiências entre os responsáveis de paróquia e outras instituições que possam servir a juventude. A evangelização e a vida comunitária dependem do desenvolvimento e aprofundamento da consciência diocesana que deverá ser construída num pluralismo que reforce a unidade de missão.

A acção pastoral junto dos jovens é pois muito importante e deve ser partilhada com responsabilidade em conjunto com os jovens e todos os responsáveis pela acção pastoral na Diocese.

### CONCLUSÃO

A sociedade não pode continuar fechada às aspirações dos jovens recusando-lhes a possibilidade de continuarem uma família sã, de frequentarem uma escola que realmente os eduque para a vida, de terem fácil acesso ao trabalho, de participarem activa e responsabilmente na vida comunitária, de beneficiarem de condições propícias ao desenvolvimento dos bons costumes e da virtude. A contribuição dos jovens é indispensável pelo que não devemos frustrar a sua capacidade ou confiança que merecem.

Por seu lado a Igreja também precisa responder com eficácia às exigências que advêm da actual situação religiosa dos jovens porque, se por um lado há aqueles que vivem no indiferentismo, por outro também há, felizmente, uma grande maioria que se volta para Deus e querem que o Evangelho lhes sirva de luz na sua vida. A Igreja tem de lhes abrir as portas de par em par dando-lhes sem hesitar o lugar a que têm direito permitindo-lhes uma vida e autêntica descoberta de Jesus Cristo, no mistério da Igreja, e ao mesmo tempo cativando-os para o compromisso apostólico. Aqui tem lugar uma catequese adequada que lhes comunique a Verdade revelada mas com a preocupação de comunicar aos jovens aquilo que desejam aprender, isto é, a Palavra de Deus, sem rodeios, íntegra e exigente.

Contudo se a sociedade e a Igreja muito devem aos jovens

que se preparam para o futuro também os jovens muito devem quer a uma quer a outra. Estas possuem frescura, energia, generosidade, alegria, capacidade de entrega, e terá que haver da parte deles a decisão, a coragem, a persistência e a vontade de as fazer desabrochar para a realização de um grande empreendimento e o desejo de ir sempre mais além no esforço da fidelidade ao Evangelho.

O futuro não se improvisa, prepara-se com tenacidade e perseverança, é preciso que os jovens saibam defender-se das tentações do mal e afirmarem a sua personalidade aderindo ao que é verdadeiro, justo e bom. É através desta silenciosa maturação, do firme crescimento, em sabedoria, em capacidade realizadora, em espírito de serviço, em acolhimento da graça e da Palavra de Deus, que depende o futuro que todos desejamos seja melhor que o presente.

A um desafio assim tão manifesto a Igreja tem evidentemente que dar respostas, abrindo os caminhos do Evangelho aos jovens da nossa ilha, da nossa diocese, a cada um individualmente e ao conjunto da geração que constituem no que vai também o interesse do Arquipélago e a melhor garantia do seu futuro.

Meditemos nas palavras de Sua Santidade, o Papa João Paulo II:

“Os jovens são a esperança da Igreja...”

Corvo, 6 de Novembro de 1992

- Senhor Padre Paulo Batista
- João Greves
- Lurdes Mendonça
- Emília Sousa
- Lurdes Dias
- Alice Hilário
- Manuela Dias
- José R. Domingos
- Álvaro Marcelino

SUBTEMA - 2.3

**FORMAÇÃO  
PERMANENTE  
DOS  
LEIGOS**



## **SUB - TEMA 2.3**

### **- FORMAÇÃO PERMANENTE DOS LEIGOS**

Neste final do 2º milénio do cristianismo em que a ciência e a tecnologia têm evoluído rapidamente, o que é maravilhoso, há o perigo das pessoas colocarem em plano secundário os valores do espírito e até os próprios católicos, levados pela onda de ateísmo, agnosticismo, hedonismo, materialismo e consumismo serem levados a esquecer a Mensagem Cristã, baseada na Bíblia, na Tradição e no Magistério da Igreja.

O Concílio Vaticano II veio arejar e adoptar essa Mensagem ao nosso tempo e à mentalidade actual. A Igreja abriu-se aos problemas do mundo e os leigos foram responsabilizados como membros activos dessa mesma Igreja que não deixou de ser hierárquica e responsável pela integridade e pureza da Mensagem.

O sub-tema que foi indicado para o Faial foi: "Formação Permanente dos Leigos".

Nesta formação é fundamental a acção exercida pela Paróquia.

Na solicitude pastoral da Igreja sempre teve lugar eminente a Catequese, um dever sagrado originado numa ordem do Senhor: "Ide e ensinai".

A Catequese sistemática ainda está destinada, talvez em todas as nossas ilhas dos Açores, a um nível etário em que os problemas ainda não se agudizam, as dúvidas não surgem em

força e a fé não é posta em causa em profundidade, não deixa, porém, de ser de grande responsabilidade por ser a base da formação cristã.

Por este motivo, a Catequese precisa duma renovação contínua nos seus métodos, na busca de uma linguagem adaptada aos tempos e na técnica dos novos meios para a transmissão da Mensagem o que exige a formação permanente dos catequistas. O Secretariado da Catequese, atento a esse problema, tem proporcionado cursos e encontros, todos os anos, pelo menos no Faial, a nível ilha; embora nem todos os catequistas beneficiem dessas acções, por várias razões.

E Catequese para adultos nos Açores? Como? Quando? Será possível com o comodismo que se está instalando na sociedade açoriana?

Na pedagogia da fé não se trata simplesmente de transmitir um saber humano, trata-se de comunicar a Revelação de Deus.

A fé é um dom gratuito, mas implica da nossa parte uma resposta de aceitação, de adesão, de generosidade, de boa vontade.

A fé vai amadurecendo quando a Palavra de Deus é estudada, interpretada, compreendida e assimilada.

A Paróquia acompanha as famílias na educação e crescimento da fé e na celebração da mesma. É uma escola de exigência de formação permanente de todos, sobretudo nos Movimentos e Associações, na fidelidade aos carismas próprios, havendo entre todos o indispensável bom relacionamento para que mais pessoas possam beneficiar de formação cristã actualizada e permanente, tanto na linha do crescimento da fé, como na linha da espiritualidade e da acção apostólica. Formação a acção estão intimamente ligadas. Não podemos esquecer o que tem sido feito, nos Açores, neste sentido, pela Legião de Maria, pelos Cruzados de Fátima, pelo Movimento Esperança e Vida, etc.

O pequeno grupo é de importância vital para o desenvolvimento da vida cristã. Os pequenos grupos e a comunidade eclesial são realidades complementares.

Uma formação adequada dos leigos tem por base uma

formação humana adaptada às potencialidades de cada um para que se desenvolvam e alcancem a maturidade necessária para a sua realização como membros responsáveis na Igreja.

A maioria dos crentes apenas tem a homilia dominical como meio de formação da sua fé. Daí o cuidado que tem de haver na preparação das homilias que, sendo baseadas na Liturgia da Palavra, para que despertem interesse, têm de ser aplicadas a situações concretas da vida.

Embora a formação em grande grupo não seja de descurar, em pequenos grupos é mais eficaz porque é possível o diálogo, a partilha, a abertura, o acolhimento e uma assimilação mais profunda da Palavra.

Não é, contudo, apenas a abundância de conhecimentos que aumenta a fé, mas a abertura do coração na humildade. A soberba endurece e fecha e impede uma relação de amor, de aceitação. Deus resiste aos soberbos e comunica-se aos humildes.

A formação do coração, o entendimento da revelação aos pequeninos de que fala S. Lucas (10, 21-22) são a base.

A atitude espiritual de acolhimento e entrega pelo Espírito Santo abre o coração ao mistério de Deus que é o Pai, que é Amor.

João Paulo II diz que a renovação da Igreja só pode ser feita a partir do interior dos corações e das consciências que leva à vivência do mandamento novo (Jo, 15-12), à dimensão do serviço (Jo, 13; Mc 10, 35-46) e ao sentido da justiça.

Para tentar atingir esta meta é preciso parar para reflectir, para contemplar e o mundo de hoje sofre da enfermidade da pressa.

Todos somos chamados à santidade, mas muitas vezes ficamos pela mediocridade. Esta contenta-se com o amor pelos mínimos, aquela quer sempre mais e mais.

S. Paulo na carta aos Gálatas (2, 20) diz: "Vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim".

Um aspecto muito importante da formação é a oração do povo de Deus e, durante muitos séculos, foi entendida como acção quase exclusiva dos clérigos.

No nº14 da Constituição sobre a Sagrada Liturgia diz: "É

desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e activa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da Liturgia exige e que é, por força do Baptismo, um direito e um dever do povo cristão”.

Como ministros membros da assembleia celebrante, os leigos são chamados a um certo número de serviços e ministérios: acólitos, salmistas, ministros extraordinários da comunhão, comentadores, encarregados do acolhimento, da recolha das oferendas, membros do coro, presidência de certas celebrações da palavra e responsabilidade pela dinamização de comunidades sem pastor próprio.

Para se alcançar este objectivo têm especial importância as equipas litúrgicas que estudam e aprofundam os documentos sobre a Liturgia.

A formação na paróquia é importantíssima, contudo, não podemos esquecer que a Família é o primeiro agente de formação porque é a primeira escola da pessoa.

Na família todos têm qualidades, capacidades e valores próprios que postos em comum, cada qual à sua medida, enriquecem e fortalecem o laço mais belo e poderoso que os une - o Amor.

O seu testemunho de paz, de amor, de compreensão, de diálogo, de saber escutar, de hábitos de oração, são a melhor escola.

A pastoral familiar é tão necessária na hora presente em que o choque de gerações é um facto que ninguém contesta.

Os pais não podem ser ditadores, têm de respeitar a personalidade dos filhos, mas também não podem demitir-se da responsabilidade de serem orientadores e companheiros com mais experiência da vida.

Esta tarefa é difícil, por isso os encontros de casais e as reuniões de pais são uma oportunidade para a sua formação permanente.

Quais as causas da ausência de casais novos e de jovens nas celebrações litúrgicas?

A Escola como lugar de formação integral a prolongamento



da família nem sempre dá uma autêntica educação baseada nos valores humanos e cristãos. Daí o papel e a importância das aulas de Educação Moral e Religiosa Católica: Os Professores além da preparação doutrinal e tecnológica e da vivência como cristãos convictos, necessitam de preparação pedagógica para que possam exercer a missão que lhes foi confiada com competência e dedicação.

O desafio da reforma do sistema educativo requer uma participação diligente, criativa e entusiasta de todos, por isso urge a formação permanente dos professores.

Em todas as circunstâncias da vida do leigo é preciso a formação espiritual que tem como finalidade levar as pessoas a uma autêntica vida de fé que consiste em crer, ser, pensar, sentir, agir e reagir de harmonia com os critérios do Evangelho, a nível pessoal, familiar, eclesial, profissional, social, político, etc., assimilados numa formação progressiva.

É sempre actual o antigo método de revisão de vida - ver, julgar e agir, para se confrontarem factos e situações com a Palavra de Deus e com a doutrina da Igreja, porque o leigo não pode ter duas vidas paralelas: a espiritual e a secular.

O Concílio Vaticano II convidou todos os leigos a viverem esta unidade de vida, ao denunciar com energia a gravidade da ruptura entre a fé e a vida.

A formação espiritual deve ocupar lugar privilegiado na vida de cada um, chamado a crescer na intimidade com Jesus Cristo, na conformidade com a vontade do Pai, na dedicação aos irmãos, na caridade e na justiça.

Faz parte da formação integral conhecer a doutrina social da Igreja que visa especialmente o homem, o homem concreto e se ocupa dos direitos humanos.

Quando a Igreja anuncia ao homem a salvação de Deus, quando lhe comunica a vida divina através dos Sacramentos, quando orienta a sua vida segundo os mandamentos do amor de Deus e ao próximo contribui para a valorização da dignidade do homem.

A acção social tem sido grande preocupação dos últimos Papas: Em 1891 Leão XIII publicou a Encíclica "Rerum Novarum", face às mudanças radicais verificadas no campo político, económico e social, Pio XI em 1931 publicou a Encíclica "Quadragesimo Anno", João XXIII em 1961 publicou a Encíclica "Mater et Magistra", Paulo VI em 1971 publicou "Octogesima Adveniens" e João Paulo II em 1991 publicou a Encíclica "Centesimus Annus".

Apesar dos apelos da Igreja, o mundo está doente e o seu mal reside na crise de fraternidade entre os homens.

Afinal, recorda o Concílio Vaticano II o homem é a única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma, e para a qual Deus tem o seu projecto, isto é, a participação na salvação eterna.

Para a Igreja, a mensagem social do Evangelho não deve ser considerada uma teoria, mas um fundamento e uma motivação para a acção.

"Cada vez que fizestes estas coisas a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes" (Mt. 25,40)

Assim, nas actuais circunstâncias, é necessária uma formação que ajude os cristãos leigos a participarem activamente na construção da história segundo o Evangelho e orientados pela doutrina social da Igreja que é parte integrante da mensagem cristã.

"Aprender até morrer" é lema para qualquer pessoa, mas aprender com Jesus Cristo neste processo de renovação indicado pelo Vaticano II é maravilhoso e gratificante.

Não podemos, contudo, deixar de acrescentar que grande parte da eficácia da programação da formação dos leigos depende também do empenhamento que nela ponham os sacerdotes, sobretudo os Párocos.

CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DO  
FAMÍLIA

**TEMA - 3**

DEUS E A FAMÍLIA

**A  
FAMÍLIA**



# CONGRESSO DIOCESANO DOS LEIGOS

## TEMA: A FAMÍLIA

### 1. INTRODUÇÃO

### 2. FAMÍLIA / MATRIMÓNIO

#### 2.1 - Matrimónio / CPM

#### 2.2 - Matrimónio / Divórcio

#### 2.3 - Matrimónio / Sexualidade

### 3. FAMÍLIA / EDUCAÇÃO

#### 3.1 - Educação na escola

#### 3.2 - Educação na catequese

#### 3.3 - Educação nos tempos livres

### 4. FAMÍLIA / HABITAÇÃO

#### 4.1 - Que habitação temos?

#### 4.2 - Papel da Igreja

4.3 - Política de habitação

## 5. FAMÍLIA / TRABALHO

5.1 - Emprego / desemprego

5.2 - Formação profissional

5.3 - Os cristãos e o mundo do trabalho

5.4 - Catequese da doutrina social da Igreja

## 6. FAMÍLIA/ SAÚDE, SEGURANÇA SOCIAL, TERCEIRA IDADE

6.1 - A Saúde que temos e a que gostaríamos de ter

6.2 - A segurança social que temos e que gostaríamos de ter

6.3 - A família e os idosos

## 7. - CONCLUSÕES

### INTRODUÇÃO

O mundo em que vivemos, passa por amplas, profundas e rápidas transformações que atingem todas as instituições e sobremaneira a família. Ela constitui o fundamento da sociedade, e no dizer do Concílio Vaticano II (G.S.52), é, em certo sentido uma escola de enriquecimento humano. No entanto para atingir a plenitude da sua vida e da sua missão, a família necessita do contributo de todos os que exercem influência nas comunidades e nos grupos sociais. Quer isto dizer - continua o Concílio - que o poder civil deve considerar como sua função sagrada, reconhecer, proteger, cultivar a sua verdadeira natureza, defender a moralidade pública e favorecer a prosperidade dos lares. Aos fiéis, pede-se-lhes que promovam activamente os valores da família e do matrimónio pelo próprio exemplo.

Há no entanto algumas dificuldades, grandes entraves, que fazem com que a família corra hoje, riscos maiores. João Paulo II

na exortação apostólica sobre a família cristã, considera que face às luzes e sombras da família de hoje, é necessário conhecer a situação. É que “o desígnio de Deus sobre o matrimónio e sobre a família visa o homem e a mulher na realidade concreta da sua existência quotidiana, na sua própria situação social e cultural” (F.C.4). E adianta, “este conhecimento torna-se uma exigência imprescindível para a obra da evangelização.

A partir das situações, problemas, ansiedades e esperanças dos jovens, dos esposos e dos pais de hoje, a Igreja pode ser levada a uma compreensão mais profunda do inexorável mistério do matrimónio e da família.

Foram estes os pressupostos que animaram o grupo de trabalho que estudou este tema. Efectuámos inquéritos sobre cada uma das vertentes que pretendíamos analisar a realidade - família, e distribuimo-los por todas as ouvidorias de São Miguel, para que todas as paróquias da Ilha se pronunciassem. Infelizmente, nem todas responderam e a meta estimada de cerca de 300 inquéritos, não ultrapassou os 140. Não podemos portanto dizer que os resultados que iremos divulgar, são indicadores científicos da realidade. Acreditamos, no entanto, que as respostas mais cotadas, traduzem a maneira de pensar e de agir de uma larga faixa da população da Ilha de São Miguel. Isto mesmo o apançaram técnicos que conosco trabalharam.

É pois o resultado desse estudo de opinião não científico, repito, que aqui vão deixar-vos alguns dos elementos do grupo de trabalho que envolveu mais de uma dúzia de pessoas.

Entre as várias perspectivas possíveis de abordar a família, entendemos que, numa perspectiva prática e adequada aos tempos de hoje, ela teria de ser analisada nas vertentes do matrimónio, da educação, da habitação, do trabalho e da saúde, segurança social e terceira idade. Cinco abordagens, portanto, muito práticas, resultantes da percepção que o dia-a-dia nos oferece. Não pretendemos ser exaustivos, muito menos vamos apresentar uma resposta dogmática ou moral às aspirações das pessoas. Não trazemos receitas para nada nem ninguém.

A nossa opinião porém, revela-se nas perguntas dos questionários, e aí estamos em crer, traduzimos princípios da teologia, da moral e da doutrina social da Igreja com que as situações e opiniões recolhidas, em muitos casos não coincidem.

As nossas Ilhas estão a ser afectadas pela mentalidade consumista que está a fazer carreira nos países economicamente mais ricos. Pequenos como somos, mas integrados no sistema comunitário europeu, como forma de sobrevivência, os homens e as mulheres dos Açores, jovens e menos jovens, defrontam-se com a concorrência - essa palavra mágica das economias "bem sucedidas" (entre aspas) - na escola, no trabalho, na ocupação dos tempos livres, e até na família, por estranho que pareça. Na escola os alunos concorrem entre si, por vezes penosamente, para conseguirem uma nota alta que lhes permitirá ou um emprego mais vantajoso, ou uma entrada na universidade. Em consequência atropelam-se os colegas, os amigos, com a mentira, a desonestidade. O mesmo se passa nas empresas, pois o único objectivo é conseguir um melhor salário, um lugar mais bem remunerado, do qual resultará uma situação financeira familiar mais desafogada. E quantas vezes, as promoções são feitas à base do apadrinhamento, da filiação partidária, da simpatia de ocasião!... E não da competência, da honestidade, do trabalho recto!... A tão apregoada economia de sucesso, que se apresenta como exemplo moderno de boa gestão, está minada pela exclusão de muita gente séria e honesta, que optou por seguir princípios morais nobres. Muitos dos excluídos dessa civilização da concorrência, por não verem vingadas as suas capacidades, recorrem, sobretudo os jovens, a alibis que conduzem à morte da pessoa, por vezes física e também moral.

Mas nesta sociedade de consumo e concorrência, que muitos consideram ser o protótipo da sociedade ideal, a empresa parece assumir o papel da família. O trabalho, a lógica única da produção. O capital, o bem supremo ao qual se sujeita respeitosa e por vezes subservientemente o salário.

Claro que neste cenário, que papel se reserva aos idosos, à



ocupação necessária e saudável dos tempos livres, como forma de aquisição de cultura e meio de enriquecimento de contactos humanos? Que papel resta à família, na sua função de primeiro educador? Que papel para o trabalhador honesto, responsável com direito a salário justamente remunerado? Que futuro para a juventude, para o matrimónio, para o amor?

A pessoa humana, com direitos e deveres, tende cada vez mais a ser objecto de reflexão social e filosófica, por certo como princípio e fim da sociedade. Mas a prática é bem outra.

Há portanto que dar lugar à civilização da solidariedade, arrostando embora com a dinâmica instalada da portentosa civilização capitalista. A nova ordem económica, fundada em critérios evangélicos, adaptados aos novos tempos, é a única solução para a sociedade em que vivemos. Para isso exige-se nos coragem para denunciar e resolver situações injustas.

Os valores predominantes da sociedade actual, ameaçam os fundamentos da família e do matrimónio, pois os critérios actuais já não são os cristãos mas outros sem rótulo, servidos gratuitamente com indicação de-inofensivos, mas eivados dos valores mais anti-evangélicos que todos conhecemos.

Mas é nesta sociedade que temos de ser sinal e fermento, este é o mundo que temos de transformar e onde devemos começar a ser felizes.

## MATRIMÓNIO

No entanto, a dignidade do matrimónio que temos de defender está hoje, no dizer do Concílio (GS 47) obscurecida pela poligamia, pela peste do divórcio, pelo amor livre e por outras deformações. Além disso o amor conjugal é frequentemente profanado pelo egoísmo e pelo hedonismo e por práticas ilícitas contra a geração. São situações que a Igreja tenta entender e alterar, utilizando para o efeito acções, junto dos católicos no sentido de os esclarecer do terreno que pisam e dos riscos e das tentações que correm. Muito trabalho tem sido feito neste âmbito

pelos responsáveis dos cursos de preparação para o matrimónio. E posteriormente pelas equipas de casais ou equipas de Nossa Senhora.

## A FAMÍLIA

As condições de vida da família hoje tendem-se a alterar, da família patriarcal passou-se para a família nuclear, a diferenciação hierárquica interna é menos acentuada pela partilha de decisões pelo marido e pela mulher.

Esta deixou de estar circunscrita ao lar, mas passou a ocupar um espaço no mundo do trabalho. Os filhos passaram a ser criados e educados muito fora do âmbito familiar.

É frequente a falta de afectividade e de diálogo na família.

Todas estas alterações trouxeram inúmeros problemas que, frequentes vezes, levam a situações de ruptura: negação da indissolubilidade, a aceitação do divórcio, degradação da família, relações extra-matrimoniais...

Como resposta ao aumento destas dificuldades que a família atravessa surgiu a necessidade da preparação para o casamento. A Igreja, através da voz autorizada do Papa, confirmou a necessidade duma preparação para o matrimónio.

O CPM, como meio de preparação dos noivos para o casamento, não tem a pretensão de ser o único meio, embora seja uma das formas de preparação postas à disposição dos noivos de algumas, poucas, paróquias de S. Miguel.

O CPM, é uma iniciativa de cristãos casados que pretendem participar na vida e na construção da Igreja actuando em equipa. A equipa de animadores do CPM, tenta partilhar com os jovens a sua experiência de aprofundamento da vida conjugal e do sacramento do matrimónio.

Os encontros com os noivos não são lições dadas pelos casais. A primeira preocupação dos animadores é estarem atentos às inquietações dos jovens, escutando sem condescendência mas com cordial simpatia. A segunda preocupação é ajudar os jovens a

clarificar as suas inquietações, é também acompanhá-los no seu esforço de reflexão sobre a sua vida conjugal e como superar possíveis situações de conflito no mesmo, à luz da palavra de Cristo.

As preocupações dos jovens são o ponto de partida das sessões, embora tentando abarcar diversos aspectos da vida de um casal: o “sacramento”, a vida quotidiana, a vida sexual do casal, a fecundidade do matrimónio, o amor ao longo da vida...

No que respeita à religião, os jovens açorianos na sua maioria consideram-se católicos, mas têm uma prática religiosa reduzida, embora cerca de 85% pensem casar ou casaram pela Igreja, distanciando-se significativamente dos que desejam apenas casar pelo civil ou optam pela união livre. Constata-se que muitos dos jovens casais casaram, primeiramente pelo civil por motivos de natureza económica, regra geral, para conseguirem empréstimo para a futura casa. Mas se grande parte casa catolicamente, não tem grande consciência do sacramento do matrimónio e muitos não aceitam a imposição da indissolubilidade do mesmo, o que leva a que muitos casais que fizeram o casamento católico se divorciem mais tarde e voltem a fazer segundo casamento civil.

Num inquérito feito a jovens açorianos o divórcio foi considerado muito grave por 43,6%, pouco grave por 43,7% e nada grave por 12,7%. Estas percentagens, de certeza, seriam diferentes se o universo considerado abrangesse outras faixas etárias, pois sente-se que não é tão fácil a aceitação do divórcio por parte dos adultos.

Num inquérito, feito para saber quais são as razões que levavam ao divórcio, foram apresentadas as seguintes:

Fim do amor 22%

Infidelidade 21%

Violência do cônjuge 19%

Incompatibilidade de carácter 12%

Desentendimento sexual 10%

Alcoolismo 10%

Outros 6%

O CPM, pretende ajudar os noivos a reflectirem sobre as causas que estão subjacentes às razões apresentadas e consciencializá-los para as conseqüências graves que um divórcio acarreta e para a melhor forma de o evitar: o amor entre os dois, o diálogo constante e a presença de Deus na vida do casal.

Embora a partir dos dados deste inquérito se conclua que o desentendimento sexual, é, talvez, uma das causas pouco responsável pelo divórcio, não deixa de ser importante para a vida de um casal o bom entendimento nesse aspecto e uma visão correcta e cristã da sexualidade.

Pode-se com justiça dizer que o sexo continua a ser um problema mal enquadrado, passou-se do “nada” ao “tudo”, e ainda não se encontrou o equilíbrio.

Nos encontros de preparação para o matrimónio pretende-se levar os jovens a descobrirem o verdadeiro sentido cristão da sexualidade e a dialogarem um com o outro sobre a mesma. Apesar, da ausência de “tabus” os jovens têm dificuldade em abordarem este tema com respeito e com vocabulário correcto. A questão das relações pré-matrimoniais com todos os problemas que acarretam, é um assunto que também tem de ser focado, devido à relativa aceitação que as mesmas têm por parte de muitos jovens.

Avaliação dos jovens acerca das relações pré-matrimoniais

Nada grave 26,9%

Pouco grave 48,8%

Muito grave 24,3%

Através deste estudo feito com jovens de Ponta Delgada, eles apresentaram, como condições que eles consideravam necessárias para um bom casamento, as seguintes:

Fidelidade 21%

Estima mútua 21%

Tolerância 19%

Entendimento sexual 14%

Ter filhos 9%  
Acordo religioso 3%  
Partilha 3%  
Trabalhos domésticos 3%  
Rendimento suficiente 3%  
Outras 4%

Apesar do “ter filhos” não ter sido uma das condições mais apresentadas neste inquérito, nota-se, através das conversas com os noivos, que a maioria considera os filhos como importantes para a vida conjugal. Têm simultaneamente a preocupação do planeamento familiar, ditada não pelo sentido de responsabilidade mas também por um certo egoísmo.

O CPM apresenta, de uma forma detalhada, os diversos métodos de planeamento familiar. Dá, contudo, aos métodos de auto observação, “métodos naturais”, uma atenção mais cuidada. Não obstante os métodos naturais não implicarem problemas de saúde e serem aconselhados pela Igreja são, talvez, os menos seguidos. Pensamos que a causa desta pouca aderência é por exigirem um, auto-controle do casal e serem quase só divulgados nos CPMs. Os métodos artificiais são os mais conhecidos pela maioria da população e como tal utilizados.

O aborto, não sendo um método de planeamento familiar, pode ser uma consequência da utilização de certos métodos, pelo que se alerta os noivos para isso. Também se foca o problema do aborto provocado, interrupção voluntária da gravidez, que é um problema moral muito grave. Apesar de não ter muita aceitação, já é visto com alguma permissividade por certos jovens, como se pode deduzir destes dados estatísticos:

#### **ABORTO**

Nada grave 4,9%  
Pouco grave 31,1%  
Muito grave 64%

Tem-se em todos estes trabalhos com os noivos o objectivo de levá-los a reflectirem no amor que já estão a viver e na presença de Deus nas suas vidas por forma a descobrirem as condições necessárias para o crescimento e evolução do seu amor.

NOTA. Os dados estatísticos citados serão apresentados em acetato.

FONTE. - "Situação e aspirações da juventude nos Açores"

DE: Francisco Carmo, Gilberta Nunes Rocha e Octávio R. Medeiros

Outros dados estatísticos cedidos pelo Rev. Dr. Francisco Carmo.

Ponta Delgada, 2 de Novembro de 1992

Trabalho elaborado por elementos ligados ao CPM.

## FAMÍLIA / EDUCAÇÃO

É, portanto, de uma boa preparação para o MATRIMÓNIO, que inclui necessariamente uma adequada educação sexual, que dependerá o êxito ou o fracasso do Sacramento do Amor.

Mas, como tudo na família, também isso depende de uma boa ou má educação, de uma boa ou má formação da personalidade e de uma saudável vida em grupo. E a Educação é uma das responsabilidades primordiais da Família. A este respeito, diz-nos o Concílio: "Com efeito, é dever dos pais criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus e para com os homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos". (GE, 3)

Com o inquérito intitulado: "FAMÍLIA / EDUCAÇÃO", nas suas componentes - Escola - Catequese - Tempos Livres - pretendíamos suscitar o debate sobre:

- diálogo Família - Escola
- integração da Escola na comunidade
- a Escola e a formação profissional
- participação da família na catequese

- a catequese e o diálogo Fé / Vida
- os tempos livres como meios de crescimento e formação integral.

Numa mera tentativa de síntese dos inquéritos analisados, os dados levam-nos a concluir que:

- a família reconhece a participação da Escola no processo formativo dos seus educandos;
- a abertura à Escola é ainda diminuta em virtude da desmotivação da família por falta de formação cultural;
- a escola procura, embora lentamente, integrar-se na comunidade assumindo-se como emissor e receptor de cultura;
- existe algum desconhecimento dos objectivos gerais da reforma educativa e dos currículos que dela fazem parte;

Em relação ao sinónimo Família - Catequese, verificamos que:

- a participação dos pais fundamenta-se na prática tradicional de receber os sacramentos da iniciação Cristã;
- a família não se assume como primeira educadora de Fé;
- é necessário a Igreja investir na formação integral dos catequistas;
- urge incrementar a catequese para todas as idades;

No que se refere à ocupação dos Tempos Livres, constatamos que:

- não são reconhecidos como meios de formação e desenvolvimento integral;
- as comunidades não têm estruturas que apoiem a realização de actividades desta natureza;
- eles tornam-se em sobrecarga quando preenchidos por demasiadas actividades, limitando a participação dos pais na ocupação dos mesmos, em família;
- é fundamental a formação de líderes responsáveis pela dinamização de grupos;

Tendo em conta o direito universal à Educação, a finalizar destacamos, novamente as palavras do Concílio: "Todos os homens; de qualquer estirpe, condição e idade visto gozarem da dignidade

de pessoa, têm direito inalienável a uma educação correspondente ao próprio fim, acomodada à própria índole, sexo, cultura e tradições pátrias, e, ao mesmo tempo, aberta ao consórcio fraterno com os outros povos para favorecer a verdadeira unidade e paz na terra". (GE, 1).

## A FAMÍLIA / HABITAÇÃO

Mas a FAMÍLIA que segundo o desígnio de Deus. "É a célula base da sociedade, sujeito de direitos e deveres ainda antes do Estado e de qualquer outra comunidade. Encontra-se como que vítima da sociedade, dos atrasos e da lentidão das suas intervenções e sobretudo das suas injustiças". Refere a exortação apostólica sobre a FAMÍLIA CRISTÃ (FC 46). É um dos sectores em que se nota mais carências. Por falta de resposta dos poderes públicos na ajuda da sua resolução. E o *sector da habitação*, o Magistério da Igreja defende e proclama o "direito de ter uma habitação digna para levar convenientemente a sua vida familiar". Mas a verdade, é que grande número de irmãos nossos, sobretudo os mais pobres, estão longe de atingir este objectivo. Fácil é, portanto, compreender que são ainda maiores as dificuldades com que se deparam essas famílias.

### 1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Regressar aos valores da "Família de Nazaré" é hoje e sempre progresso social cristão. Na verdade, se nós, cristãos, queremos uma sociedade nova e mais humana, com uma Igreja mais activa, temos de nos bater com todo o vigor e todas as nossas energias pela valorização acrescida do papel da Família na formação das consciências, e dum modo muito especial, na educação integral dos nossos jovens.

Importa, assim, que sejamos sujeitos activos na construção e consolidação de famílias sádias. Para tanto, não é possível ha-



ver agregados familiares, equilibrados e fortes, se não estiver devidamente equacionado o problema da casa. A problemática da habitação neste contexto e missão a que os poderes públicos devem dar resposta, mas não só. Os cidadãos responsáveis e conscientes têm de estar também despertados para esta realidade, participando, colaborando, fazendo e fazendo fazer, serem vozes incómodas e denunciadoras do que está mal para que vá ficando bem. Este é o papel da Igreja, o nosso papel...

Cientes de que assim deve ser, um grupo de cristãos preparou e lançou um inquérito, dirigindo-o às paróquias de S. Miguel, com o objectivo de perguntar a realidade palpável como ela é, em termos das condições de habitação existentes, dos reais problemas que existem, do que se tem feito e do que se pode fazer e de como a Igreja pode ter um papel mais interventor no ataque a estes problemas, empenhada como é suposto estar na defesa dos mais necessitados, dos mais carentes e das famílias mais degradadas.

## **2. CARACTERÍSTICAS DOS INQUIRIDOS**

### **\* VER ACETATO Nº1 \***

Porque se pretendia indagar a sociedade micaelense, em termos o mais amplos possíveis, solicitava-se que o inquérito atingisse extractos populacionais diversificados, atendendo a idades, condição e actividade económicas, sexo, estado civil e religião.

As respostas forneceram as seguintes características evidenciadoras dos inquiridos:

**IDADE:** Dos 31 aos 60 anos, são 69% dos inquiridos, dos quais cerca de 31% estão na casa dos 41 aos 60 anos.

**CONDIÇÃO ECONÓMICA:** A maioria dos inquiridos é do nível médio (cerca de 69%). Apenas 7% são muito pobres.

**ACTIVIDADE ECONÓMICA:** Desempregados, pessoal dos Serviços e da Agricultura são as faixas profissionais mais significativas, com % entre os 15 e os 20%. Os estudantes são apenas 7%.

**SEXO E RELIGIÃO:** Igual % de homens e mulheres (45,4%), e a esmagadora maioria são católicos, dos quais 88% são praticantes.

### **3. ANÁLISE DO PROBLEMA HABITACIONAL**

Para se equacionar a problemática da habitação e suas implicações na estrutura das famílias, pareceu-nos correcto considerar os campos de análise e de observação seguintes:

#### **\* VER ACETATO Nº2 \***

Esta concepção de questionário obedeceu a uma dupla preocupação:

- 1º/ levantar a realidade actual;
- 2º/ encontrar soluções para o futuro.

#### **3.1. A HABITAÇÃO QUE TEMOS**

Sobre a "HABITAÇÃO QUE TEMOS", onde pretendemos diagnosticar a nossa situação real de habitação, os inquiridos transmitiram a ideia dum *cenário habitacional positivo*, talvez porque a maioria dos interrogados, como vimos, pertencem ao extracto de condição económica média.

#### **\* VER ACETATO Nº3 \***

Como se vê, cerca de 75% responderam possuir casa espaçosa para a família e as % são também elevadas (na casa dos 70, 80 e 90%) nas respostas SIM quanto a terem quarto de banho interior,

cozinha, condições de ventilação e luz e chão pavimentado ou alcatifado. A maioria tem casa própria (80%), não tem problemas de habitação e dizem não viver (68%) em casa antiga, sem pintura e sem reparação há mais de 20 anos.

À volta de 70% disseram possuir 5 ou mais compartimentos/divisões em sua casa (pode presumir-se terem incluído neste nº os quartos de banho e cozinha). Apenas 5% têm de 0 a 1 divisões na casa.

### **3.2. COMPOSIÇÃO E SITUAÇÃO ECONÓMICA DO AGREGADO FAMILIAR**

#### **\* CONTINUA O ACETATO Nº3 \***

Não deixa de ser curioso inferir na população inquirida a % de famílias que não têm crianças nem idosos, nem inválidos, nem deficientes. Terá sido porque o extrato etário mais questionado se situa entre os 31 e os 60 anos? Talvez, sim, ou talvez não...

Será que não indicia, também, uma outra realidade típica das sociedades modernas?: - redução das taxas de natalidade? Marginalização dos "pesos" da sociedade?

A maioria dos agregados tem 5 ou mais pessoas a viver sob o mesmo tecto, das quais, também na sua maioria (72%), têm apenas 1 a 2 pessoas a trabalhar para o rendimento da família. Também não deixa de ser curiosa a distribuição dos rendimentos familiares:

### **3.3. EMPRÉSTIMOS, HIPOTECAS E POLÍTICA GOVERNAMENTAL DE HABITAÇÃO**

#### **\* VER ACETATO Nº4 \***

Numa brochura profusamente ilustrada. O Governo Regional dos Açores, no decurso da recente campanha eleitoral de Outubro passado, mostrava ao povo açoriano a preocupação que

tem tido ao longo dos anos da sua governação com o problema da habitação.

Segundo os nºs revelados, o investimento/financiamento dispendido parece ter sido vultuoso, o apoio prestado em termos de pessoas contempladas já nem por isso e quanto aos critérios seguidos na aplicação social de tais apoios, uma resposta pode ser encontrada no conjunto de indicadores deixados pelos nossos inquiridos:

**\* VERACETATO Nº5 \***

Cerca de 52% das pessoas atingidas pelo inquérito afirmam que a política de habitação do Governo tem tido efeitos práticos palpáveis, através de casos concretos que identificam (casais jovens, auto-construção, habitação degradada), mas cerca de 57% consideram que os mais pobres e mais carenciados não têm sido os mais beneficiados com estes incentivos.

Através dum esclarecimento correcto e duma informação atempada, mormente por parte dos cristãos mais esclarecidos, cerca de 83% acha que os mais pobres poderiam ser bastante mais beneficiados do que de facto são.

### **3.4. MECANISMOS DE CRÉDITO E APOIO À HABITAÇÃO E COMBATE À POBREZA**

**\* VERACETATO Nº6 \***

Como se vê no quadro, cerca de 70% dos visados pelo inquérito consideram que os mecanismos de crédito e apoio à habitação e combate à pobreza são sentidos na área onde vivem, particularmente nas freguesias rurais, por via da forte intervenção de algumas Juntas de Freguesia. Segundo as respostas obtidas, os extractos populacionais mais atingidos por estes planos de apoio são:

Residentes em casa degradada .....	46%
Casais pobres com filhos menores .....	45%

Estes mecanismos de crédito, no entender de 53% dos interrogados, privilegiam a pessoa humana e a construção de famílias sádas, não obstante certos desvios na atribuição desses incentivos, podendo este indicador revelar algum equilíbrio na política habitacional que tem vindo a ser seguida pelas autoridades governamentais.

Contudo, é entendido que tais incentivos poderiam ser ainda mais influenciadores dessa justiça habitacional que pretende, caso fossem adoptadas, entre outras, medidas como:

Crédito à habitação com juros baixos e bonificações	59%
Apoios pecuniários e materiais à auto-construção ...	51%

\* VER ACETATO Nº 6 \*

### **3.5. POLÍTICA DE HABITAÇÃO E SUA APLICAÇÃO PRÁTICA**

Relativamente à problemática da aplicação no tecido social duma política de habitação correcta e equilibrada, os inquiridos apresentaram sugestões e propostas em % significativas (57 a 63%), relativamente aos domínios sociais da habitação degradada, apoio a jovens casais, auto-construção e apoio aos que nada têm.

Da extensa listagem de sugestões nos vários domínios apresentadas pelos inquiridos, ressalta-se, em termos de aproximação sintéti-ca, os seguintes indicadores:

\* VER ACETATO Nº7 \*

### **3.6. PAPEL DA IGREJA, FACE AOS PROBLEMAS DE HABITAÇÃO E APOIO ÀS FAMÍLIAS**

\* VER ACETATO Nº8 \*

Neste campo de análise, pedia-se às pessoas abrangidas que dessem impressões e sugestões quanto ao papel interventor da Igreja face aos problemas de habitação e ao apoio às famílias, designadamente às mais desprotegidas e menos bem informadas. As respostas obtidas estão sintetizadas num anexo a este trabalho e o acetato que a seguir se apresenta resume e quantifica o que as pessoas acham que pode e deve ser o papel desta comunidade cristã para, duma forma eficaz e muito positiva, enfrentar a pléiade de problemas ligados à habitação e que afectam muitas famílias da nossa Diocese.

## CONGRESSO DE LEIGOS 1992 - ANGRA DO HEROÍSMO

### **A FAMÍLIA NO CONTEXTO SÓCIO - LABORAL**

Mesmo dispondo de avultados meios financeiros para “gozar a vida”, ninguém passa por este mundo sem, de alguma forma, trabalhar. Do mesmo modo, a organização estrutural da família não subsiste sem trabalho concertado dos seus elementos:

Trabalho entendido em sentido amplo como exercício destinado a garantir a estabilidade do agregado familiar e, trabalho em sentido estrito, ou seja, actividade económica remunerada.

Forma peculiar de trabalho é o que se designa pelo termo genérico de “emprego”. Diz-se que uma pessoa está “empregada” quando ocupa um posto de trabalho e depende duma organização ou de outro indivíduo (dador directo ou indirecto, de trabalho) estabelecendo-se, em consequência, um tipo específico de relacionamento humano, comumente designado, de laboral.

Dada a complexidade do mundo do trabalho, a formação profissional transformou-se no caminho certo, quase único, para executar com êxito as tarefas e funções inerentes a qualquer posto de trabalho, garantindo-se assim a estabilidade do emprego.

Perante estes factos, em grupo de cristãos, leigos, achou que este congresso seria o “Congresso da oportunidade perdida”

# ACETATO N.º 1

<u>IDADE</u>	DOS 12 AOS 20 ANOS	10,3%	
	DOS 21 AOS 30 ANOS	11,3%	
	DOS 31 AOS 60 ANOS	69,1%	DOS 41 AOS 60 ANOS: 30,9%
	MAIS DE 60 ANOS	6,2%	
<u>CONDIÇÃO ECONÓMICA</u>	POBRES/MTO. POBRES	29,9%	
	NÍVEL MÉDIO	68,7%	MUITO POBRES: 7,2%
<u>ACTIVIDADE ECONÓMICA</u>	DESEMPREGADOS	23,7%	
	SERVIÇOS	18,6%	
	AGRICULTURA	15,5%	ARTESAN/LIB/INDIF: 14,4%
	COMERC/INDUST	12,4%	
	ESTUDANTES	7,2%	
<u>SEXO</u>	IGUAL % DE HOMENS E DE MULHERES	45,4%	
<u>RELIGIÃO</u>	CATÓLICOS	92,8%	
	NÃO CATÓLICOS	4,1%	CATOL PRATICANTES: 87,6%

## **ACETATO N.º 2**

- 01 - A HABITAÇÃO QUE TEMOS
- 02 - COMPOSIÇÃO E SITUAÇÃO ECONÓMICA DO AGREGADO FAMILIAR
- 03 - EMPRESTIMOS, HIPOTECAS E POLITICA DE HABITAÇÃO
- 04 - MECANISMOS DE CRÉDITO E APOIO À HABITAÇÃO E COMBATE À POBREZA
- 05 - POLITICA DE HABITAÇÃO E SUA APLICAÇÃO PRÁTICA
- 06 - PAPEL DA IGREJA FACE AOS PROBLEMAS DE HABITAÇÃO E O SEU APOIO ÀS FAMÍLIAS MAIS CARENCIADAS



# ACETATO N.º 3

QUADRO 1

QUESTÕES	SIM	NÃO
CASA ESPAÇOSA PARA A FAMÍLIA?	75.3%	
CONDIÇÕES DE HABITABILIDADE: Quarto de banho Interior?	80.4%	
Cozinha?	78.2%	
Luz, ar e ventilação?	92.8%	
Chão (alcatifas, pavimento,...)?	71.1%	
Casa antiga, sem pintura e sem reparação há mais de 20 anos?		68.0%
CASA DE RENDA?		79.4%
PROBLEMAS NA HABITAÇÃO?	41.2%	50.5%
CASA DEGRADADA, SEM CONDIÇÕES		66.0%

QUADRO 2

QUESTÕES	Respostas	Relevâncias
Nº de pessoas no agregado (5 ou +)	57.7%	
Nº de crianças no agregado (0 a 1)	45.4%	
Nº de idosos no agregado (0)	68.0%	(OC) 24.7%
Nº de deficientes/Inválidos (0)	82.5%	
Nº de pessoas que trabalham (1 a 2)	72.2%	(1P) 45.4%

QUADRO 3

RENDIMENTOS	Respostas
Até 50 contos	22.7%
De 51 - 100 contos	36.1%
De 101 - 200 contos	25.8%
Mais de 200 contos	11.3%

## ACETATO N.º 4

<b>O Governo Regional e a política de habitação seguida até 1992</b>		
<b>Programas</b>	<b>Ações Executadas</b>	<b>Valores Gastos</b>
Política de Habitação	Casa Própria e melhores condições	
Construção de casa própria	3.400 famílias	3,5 milhões de contos
Safin - Sistema de apoio financeiro a habitação	+/- 900 famílias	
Apoio a famílias carenciadas	210 famílias	380 mil contos
Habitação degradada	6000 famílias	2 milhões de contos
Apoio a compra de casa	370 famílias	600 mil contos
Construção de casas a custos controlados	545 fogos	Investimento Total: 4,3 milhões de contos Gastos no apoio: 500 mil contos
Apoio as cooperativas de habitação	357 casa construídas	Investimento Total: 2,5 milhões de contos Gastos no apoio: 800 mil contos
Lotes de terrenos cedidos para construção de casa própria	2000 lotes cedidos	

# ACETATO N.º 5

## QUADRO 1

Já fez recurso ao Crédito à Habitação?	47,4%
Acolhimento e aceitação dos beneficiários:	
Excelente	1,0%
Bom/Razoável	14,4%
<b>MAU</b>	<b>47,4%</b>
Informação sobre o crédito	
Não é fácil de obter	43,3%
Não é fácil de entender	47,4%

## QUADRO 2

Planos governamentais de apoio	
Já ouviu falar	79,4%
Não foi beneficiário	73,9%
Os mais pobres não têm sido os reais beneficiários	56,7%
Quem são os reais beneficiários destes planos:	
Os mais bem informados e os mais espertos	41,2%
Os mais influentes	22,7%
Os mais esclarecidos	18,6%
Os mais atentos	15,5%
Os mais cultos	9,2%

# ACETATO N.º 6

## MECANISMOS DE CREDITO

Mecanismos de Credito são sentidos na área onde vive ..... 69 %

### EXTRACTOS POPULACIONAIS ATINGIDOS

Residentes em casa degradada .....	46 %
Casais pobres com filhos menores .....	45 %
Casais jovens .....	34 %
Famílias sem meios de subsistência .....	29 %
Idosos .....	19 %
Desalojados .....	15 %

### MEDIDAS DE INCENTIVOS QUE DEVIAM SER ADOPTADAS

Credito à habitação com juros e bonificações .....	46 %
Apoios pecuniários e materiais à auto-construção	51 %
Solideriedade social e acompanhamento das famílias mais degradadas .....	44 %
Integração social das famílias da barraca para casa social .....	41 %
Planos integrados/coordenados (particulares e oficiais de ataque à casa degradada e aos sem casa .....	39 %

# ACETATO N.º 7

## POLÍTICA DE HABITAÇÃO

### HABITAÇÃO DEGRADADA

Apoio com materiais e dinheiro .....	19 %
Acção positiva do governo, apesar de não ter orçamento suficiente .....	18 %
Política de habitação tem melhorado as habitações mais degradadas .....	15 %

### APOIO A CASAS JOVENS

Ajuda material, monetária e lotes de terreno .....	19 %
Subsídios para compra de casa própria .....	21 %
Apoios insuficientes e mal esclarecidos contemplando quase só a classe média .....	21 %
Critérios sociais de atribuição mal definidos e injustos .....	19 %

### AUTO - CONSTRUÇÃO

Ajuda com materiais de construção, terreno, monetária e até projectos de moradias .....	29 %
Muito apoio, mas ainda insuficientes para tantas necessidades .....	19 %
Muitas famílias contempladas com o programa contemplado quase só a classe média .....	16 %
Bom programa, mas só para os com rendimentos de base .....	13 %

### APOIO AOS QUE NADA TÊM

Muito apoio, mas é importante que os apoiados colaborem .....	22 %
Apoio nulo ou quase nulo .....	19 %
Pobres são os mais esquecidos e mais ignorados .....	18 %
Devem ser 1.ª beneficiados, mas com controlo rigoroso .....	11 %

# ACETATO N.º 8

## PAPEL DA IGREJA

### SOLIDARIEDADE DOS CRISTÃOS PARA COM OS MAIS NECESSITADOS

Igreja pouco ou nada tem feito .....	32 %
Solidariedade cristã é coisa vã e teórica .....	26 %
Ajuda da Igreja, através dos movimentos e do clero .....	21 %
Igreja ser mais solidária e mais prática .....	20 %
Cristãos mais bem informados serem mais solidários com os pobres .....	19 %

### APOIO DA IGREJA À RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DE HABITAÇÃO

Pouco ou nenhum apoio .....	27 %
Igreja tem-se empenhado com estes problemas .....	20 %
Muito apoio moral e pouco financeiro .....	10 %

### SENTIDO DE COMUNIDADE DOS CRISTÃOS PARA COM OS MAIS NECESSITADOS

Pouco ou nenhum sentido de comunidade .....	26 %
Clero, movimentos e católicos trabalham pelo bem dos pobres .....	21 %
Algum sentido de comunidade .....	20 %
Maioria dos cristãos é egoísta e materialista .....	12 %

PAPÉL INTERVENTOR DA IGREJA NO ESCLARECIMENTO  
E RESOLUÇÃO DOS CASOS MAIS SENSÍVEIS DE HABITAÇÃO

Ser persistente e interessada com os problemas dos mais pobres, tornando-os públicos na comunicação social .....	38 %
Ser uma voz incómoda e activa na política de habitação .....	35 %
Levar problemas e inquietações às pessoas e grupos de influência e procurar sempre soluções dignas .....	33%
Informar e incentivar os necessitados a procurar ajuda nas entidades competentes .....	33%

PROBLEMAS MAIS GRITANTES DE HABITAÇÃO,  
DEGRADAÇÃO DE FAMÍLIAS E POBREZA NA ZONA ONDE VIVE

Pessoas sem casa, sem emprego e com poucos rendimentos .....	32 %
Casas antigas degradadas, sem condições de higiene e segurança .....	13%
Degradação social, devido ao álcool, droga e prostituição .....	11%

COMO PODE A COMUNIDADE CRISTÃ INTERVIR  
NA DENÚNCIA E RESOLUÇÃO DESTES CASOS

Maior intervenção na sociedade e junto do governo .....	32 %
Apelo á solidariedade dos mais cultos e mais influentes .....	25 %
Mudar mentalidades e ser sempre voz dos sem voz.....	21%
Ajudar os pobres a dirigirem melhor a sua vida .....	19%
Educar as famílias para se afastarem de práticas e locais permissivos ...	16%

PROBLEMAS MAIS GRITANTES DE HABITAÇÃO,  
DEGRADAÇÃO DE FAMÍLIAS E POBREZA NA ZONA ONDE VIVE

Pessoas sem casa, sem emprego e com poucos rendimentos .....	32 %
Casas antigas degradadas, sem condições de higiene e segurança .....	13 %
Degradação social, devido ao álcool, droga e prostituição .....	11%

se, a propósito do tema da família não se abordasse também o contexto sócio-cultural em que ela funciona.

Traduzir doutrina de belo efeito retórico sobre o “papel insubstituível da família”, de nada adianta. A nós afigura-se-nos de maior interesse conhecer o tipo de informação que as pessoas tem (ou mantêm) sobre temas de tanta importância, como o trabalho, o emprego e a formação profissional.

- Os resultados do inquérito lançado na ilha de S. Miguel, que resumidamente passamos a apresentar, constituem modesto contributo para esse conhecimento.

Em primeiro lugar, observou-se que é possível estabelecer uma escala de “Conhecimento/Informação”, partindo de, conceitos de carácter mais geral, para outros, de carácter mais específico.

Assim, relativamente à existência de centros de emprego e sua função, 112 (84,8%) respondem afirmativamente e 8 não respondem. Apenas 12 (9%) dizem desconhecer a existência desses organismos.

O mesmo se diga relativamente a “saber o que é a formação profissional e onde se adquire”. 116 (87,8) dizem saber (e as justificações apresentadas levam a concluir que assim acontece) 7 (5,3%) não sabem e 3 não respondem.

À cerca de orientação profissional; 69 (52,2%) nunca ouviram falar; 54 (40,9%) já ouviram falar e, 9, não respondem.

Dos que nunca ouviram falar, 55% situa-se na faixa etária dos 14 aos 30 anos. Quanto a habilitações literárias dos que nunca ouviram falar; 39% tem o 9º ano, 34% a 6ª classe e 26% o 12º ano:

- Pergunta-se então! E as nossas escolas?!... e a nossa juventude, para onde vai?!...

- Será que as escolas são “depósitos de alunos” e servem, exclusivamente, para transmitir conhecimentos?! Ou, pelo contrário. Não terão também uma função de orientação e preparação para a vida activa.

Assunto preocupante é, também, a tendência verificada para o abandono de trabalho nas zonas rurais e a procura de emprego, na cidade. 117 das respostas obtidas (88,6%), afirmaram a



preferência pelo trabalho na cidade. Apenas 7 (5,3%) mostra-se disponível para trabalhar na freguesia e 16 (4,5%) não responderam. Este indicador é tanto mais significativo quanto o número de inquéritos provenientes das zonas rurais é consideravelmente maior. Apenas 8,8% das respostas obtidas tem origem nas cidades. Problema igualmente grave, é o trabalho de menores, 63% das respostas obtidas revelam a existência do facto, identificando os sectores de actividade onde, com maior incidência se verifica.

Quando entramos no domínio de conhecimentos mais específicos (e/ou especializados) a maioria dos inquiridos não demonstra possuir informação. Por exemplo, acerca do Fundo Social Europeu, apenas 38 pessoas (24,2%) dizem já ter ouvido falar. 86 pessoas (65,5%) dizem que não sabem o que é, e 6% nem sequer respondeu.

No que concerne aos apoios financeiros ao trabalho feminino dizem desconhece-los 110 pessoas (83,3%). 19 (14,3%) sabem que existem e 2,2% não respondem.

Relativamente ao programa de apoio à contratação, o panorama é sensivelmente idêntico; 101 (76,5%) dizem desconhecer, 22 (16,6%) conhecem e 16,8% não respondem. O mesmo se diga dos incentivos para a criação da manutenção de postos de trabalho que são desconhecidos por 54,5% dos inquiridos.

Dada a limitação temporal importa, não podemos prosseguir com a análise a todas as respostas. Mas, antes de concluir, avançaria ainda, um tema que se prende com dignidade da pessoa humana:

- Efectivamente, não se pode falar de dignidade da pessoa humana, num contexto sócio-económico onde se praticam salários de miséria e, a expressão "bolsas de pobreza", não passa de um eufemismo para mascarar a incapacidade das instâncias do poder - seja de profano ou eclesial - para resolver o problema da injustiça social. Foi exactamente esta conclusão a que chegaram as pessoas que manifestaram a sua opinião, sobre o desnível existente entre o salário mínimo, 44.500\$00 e, um máximo de 350.000\$00: Apenas

2% “acham bem” - sic - a existência de salários elevados por oposição a salários de miséria. 22% preferem o silêncio, isto é, não respondem. 76% manifestam-se claramente contra o desnível, utilizando expressões, como as seguintes:

- “É uma realidade atroz e miserável; é desumana e monstruosa. O salário mínimo é muito baixo para que uma família possa sobreviver com dignidade. 16,6% dos que responderam, condenando o desnível, utiliza mesmo a palavra “injusto ou injustiça”.

### SÍNTESE FINAL

1 - A informação/conhecimento que os inquiridos demonstram possuir sobre matéria de capital importância, qual seja, a do mundo do trabalho, é extremamente reduzida e incompleta. Além disso, os circuitos de comunicação parecem não funcionar, por quanto, mesmo a informação existente não chegar aos interessados.

2 - Parece haver um desconhecimento total da doutrina social da Igreja. Com efeito, em nenhum dos inquéritos surge a expressão “doutrina social da Igreja” ou equivalente.

Do mesmo modo, não aparecem referências aos documentos do magis-tério sobre a matéria.

3 - Apenas, duas ou três pessoas, a propósito do desnível entre o salário mínimo e o “máximo” referem expressamente a palavra “pecado”, mas, nada nos permite inferir que se reportem ao documento pontifício que fala no pecado social (solicitududo rei socialis) nem sequer que tenham consciência que tal facto seja mesmo um pecado, cujo fundamento é a injusta distribuição dos bens.

4 - Nalguns inquéritos aparece “expressis verbis” a palavra “doutrina da Igreja”, mas, sempre em contextos que têm como referencial a Bíblia, a moral e os bons costumes.

5 - Subjacente à verbalização das respostas conseguidas, é possível detectar atitudes de pessimismo, conservadorismo e,

também, conformismo, manifestos em expressões, como: “não podemos fazer muito para mudar as coisas”; “isso é com o governo”; “os padres não estão preparados para falar em assuntos do trabalho das pessoas”; “sempre foi assim e sempre há-de ser”; “os padres não têm que falar no desemprego”, etc, etc.

5.1 - É possível detectar ainda uma certa forma de reducionismo assente nas motivações mais profundas do indivíduo. Assim, reduz-se a fé ao sagrado e ao religioso e o homem, apenas, à alma. Ignora-se em consequência, o corpo e a vida quotidiana, relegando-a para o domínio do profano e do impuro. Deste modo, a vida em Igreja limita-se à prática de ritos desligados do resto da existência humana e confirma-se à participação em associações e organismos ditos da “Igreja”.

5.2 - Mas, o mais grave desta análise, é que não constitui novidade alguma. Efectivamente, ela já integrava em trabalho desenvolvido em 1972 pelo Dr<sup>o</sup> Manuel António, subordinado ao título “os cristãos e a política”. Por outro lado, os leigos micaelenses reunidos em pré-congresso, na cidade da Ribeira Grande, acabaram por concluir que 10 anos após a 1<sup>a</sup> Assembleia Diocesana de Leigos, realizada na Ilha Terceira levantavam-se os mesmos problemas relativamente ao debate sobre a “Igreja que temos nos Açores”.

6 - Finalmente, a Igreja - entenda-se, a estrutura clerical que se movimenta no espaço/tempo dito sagrado - não parece ser grande ajuda levar as pessoas a conhecer melhor a realidade do mundo do trabalho.

6.1 - E pelo menos, a conclusão a que chega a maioria das pessoas que responderam ao conjunto de questões subordinadas ao título genérico “Linguagem utilizada pela Igreja”. Mas, vejamos, em concreto algumas afirmações:

- “A Igreja não ajuda a descobrir, nem a decidir” - sic -; outro opina que não é difícil alertar as pessoas ; só que nos momentos difíceis não se colocam ao lado delas. Alguém diz que a linguagem utilizada no espaço/tempo litúrgico é apenas de comentário, literariamente elaborada e sem nenhuma ligação à vida;

- Apesar de tudo, 53% dos que responderam, acha que a linguagem utilizada ajuda os cristãos a tomarem consciência dos seus direitos e deveres, mas, essa percentagem baixa para 39% quando questionados a respeito de saber se a linguagem da Igreja aborda as grandes questões da existência.

7 - A propósito do que acaba de dizer-se, ouçamos a voz do Papa, na Familiares Consortio:

"O dever social das famílias é chamado, ainda, exprimir-se sob a forma de *intervenção* política: antes de mais, devem as famílias empenhar-se em que as leis e as instituições do Estado, não só, não ofendam, mas, defendam positivamente os seus direitos e deveres se nesse sentido as famílias crescer na consciência de que são protagonistas da chamada *política familiar* e assumir a responsabilidade de transformar a sociedade. Doutra forma serão as primeiras vítimas desses mesmos males que se limitam a observar com indiferença.

## SAÚDE, SEGURANÇA SOCIAL, TERCEIRA IDADE

É bastante rica a doutrina da Igreja sobre o trabalho, o emprego, a formação profissional, elaborada tendo em conta os conflitos e as circunstâncias que a pessoa humana viveu no último século.

Ao aproximarmo-nos do final do milénio, tem-se cada vez mais a consciência e a convicção de que caminhamos para uma média de vida cada vez mais alta. Vem aí uma sociedade onde o número dos idosos tende cada vez mais a aumentar. Alguns locais dos Açores, essa problemática já se coloca com muita acuidade. E o mais curioso é que as pessoas têm uma noção correcta dos seus direitos: do direito à saúde, a uma segurança social que permita viver com dignidade o ocaso da vida, e que supra as carências normais estados de doença, maternidade, ou acidentes. Mas ouçamos os resultados do inquérito que para o efeito se efectuou...

①

FAMÍLIA  
SAUDÁVEL

EQÜILÍBRIO

FÍSICO  
PSÍQUICO  
SOCIAL

- DIÁLOGO

- RESPEITO  
(P. Individualidade  
de cada um)

- TOLERÂNCIA

- ALTERIDADE  
(Pensar no outro)

- SOLIDARIEDADE

- PERDÃO

INSERIDA NA

COMUNIDADE

COM CAPACIDADE  
ECONÓMICA PARA  
SATISFAZER NECES-  
SIDADES BÁSICAS

HABITAÇÃO

SAÚDE

EDUCAÇÃO

②

## DIFICIÊNCIAS SISTEMA SAÚDE

- MARCAÇÃO CONSULTA MÉDICO FAMÍLIA  
DIFÍCIL E DEMORADA
- GRANDE COMPASSO DE ESPERA ENTRE  
CONSULTA MÉDICO FAMÍLIA ESPECIALISTA
- CENTRO SAÚDE CONCELHO MUITO LONGE  
DE MUITAS FREGUESIAS, NÃO DÁ RESPOSTA
- INFORMAÇÃO E PREVENÇÃO DOENÇAS  
INSUFICIENTE

③

## SUGESTÕES EM ORDEM A MELHORAR O SISTEMA SAÚDE

- MAIOR HUMANIZAÇÃO MÉDICOS
- ENFERMEIRAS PESSOAL AUXILIAR
- CAMPANHAS INFORMAÇÃO ADAPTADAS
- Á CULTURA DE CADA COMUNIDADE
- POSTO DE ENFERMAGEM POR FREGUESIA
- EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE NA ESCOLA
- MAIOR ASSISTÊNCIA AO DOMICÍLIO
- HORÁRIOS DE ATENDIMENTO ALARGADOS
- COOPERAÇÃO DA COMUNIDADE NA
- RECUPERAÇÃO DE ALCOOLICOS, DROGADOS,  
JOVENS EM RISCO
- CAMPANHAS TELEVISIVAS DE INFORMAÇÃO  
E PREVENÇÃO DOENÇAS
- NÚCLEOS PAROQUIAIS PASTORAL SAÚDE
- ESCLARECIMENTO SOBRE O QUE É  
ALIMENTAÇÃO SAÚDAVEL.

4

**SUGESTÕES PARA  
MELHORAR FALTA  
DE INFORMAÇÃO  
SOBRE SEGURANÇA  
SOCIAL**

- CARTAZES, ESCOLAS, IGREJAS, CASA DO POVO, LUGARES PÚBLICO
- CAMPANHAS ADEQUADAS DE INFORMAÇÃO NA COMUNICAÇÃO SOCIAL E OUTROS
- NÚCLEO PAROQUIAL BEM INFORMADO E APTO A SABER ESCLARECER AS PESSOAS
- ESPAÇO DE INFORMAÇÃO EXCLUSIVA E FACILITADO NOS PRÓPRIOS SERVIÇOS



5

**PROPOSTAS  
APRESENTADAS  
EM ORDEM A  
MINORAR A  
SITUAÇÃO DAS  
PESSOAS COM RE-  
FORMAS MÍNIMAS**

- APOIO DA FAMÍLIA
- GRUPOS COMUNITÁRIO DE APOIO
- AVERIGUAÇÃO CASO A CASO PARA AJUDAS ESPECIAIS (Saúde, Alimentação, Habitação)
- MELHORES LARES
- CENTROS DIA C/ REFEIÇÃO
- REDUÇÃO NOS TRANSPORTES
- ASSISTÊNCIA DOMICILIÁRIA
- CARTÃO PRÓPRIO PARA DESCONTOS ESPECIAIS
- MAIOR PARTICIPAÇÃO DO ESTADO NOS MEDICAMENTOS

6

## PROPOSTAS PARA QUE O IDOSO SE SINTA ÚTIL, E POSSA FICAR COM A FAMÍLIA

- MAISESTABILIDADE E SOLIDARIEDADE NA FAMÍLIA
- REDUÇÃO NOS IMPOSTOS DA FAMÍLIA E DO IDOSO
- ESTIMULÁ-LO NA REALIZAÇÃO DE TAREFAS FÁCEIS E ÚTEIS
- CENTROS DE DIA EM QUE O IDOSO COLABORE E SE SINTA RESPONSÁVEL PELOS MESMOS
- CENTROS MAIS ALEGRES, SE POSSIVEL C/CRIANÇAS INTER-GERAÇÕES (O Idoso Ajuda a Estudar; Brincar e transmite conhecimento do passado e Trabalhos Manuais)
- MAIS, E MAIS ACCESSIVEIS SERVIÇOS AO DOMICÍLIO
- DAR AOS FILHOS MAIS AMOR E ATENÇÃO
- ENSINÁ-LOS A RESPEITAR O IDOSO, COM O EXEMPLO DA RELAÇÃO PAIS-AVÓS

7

**FORMAS DE  
PARTICIPAÇÃO  
DO IDOSO NA  
FAMÍLIA E  
COMUNIDADE**

- ESPAÇO AVÓS/NETOSPAIS A TRABALHAR
- OPINIÕES E CONSELHOS
- TRABALHANDO NO SEU RITMO PRÓPRIO
- VOTANDO
- PARTICIPANDO REUNIÕES PARÓQUIA
- PARTILHANDO TRISTEZAS E ALEGRIAS DA FAMÍLIA
- REZANDO
- ELO DE LIGAÇÃO E PONTO DE CONVERGÊNCIA DA FAMÍLIA



## SUBTEMA 3

### 3.1 FAMÍLIA

#### SUBTEMA - 3.1

# EDUCAÇÃO NA FAMÍLIA



## SUB-TEMA 3.1

### - EDUCAÇÃO NA FAMÍLIA

1) Sabemos que o meio social em que vivemos tem grande influência na vida das famílias, para o bem ou para o mal. Hoje em dia, condiciona-se mais no negativo do que positivo, pois a nossa sociedade está ainda muito longe de ser marcada pelos valores do Evangelho.

Mas não será que a família também tem a possibilidade de transformar o meio social? Daí que, para além do papel na educação dos filhos, a família cristã está chamada a dedicar-se na missão de humanizar a sociedade.

- “Os pais são os primeiros e principais educadores e catequistas dos seus filhos,” (Sua Santidade Pio X)

- A família é de forma privilegiada, o campo de cultura das grandes virtudes, sem as quais não há vida cívica libertadora e digna. (dos Bispos de Portugal - sobre a pastoral familiar)

A sociedade nas suas rápidas mudanças sócio-culturais criou novas exigências nos planos da Educação Familiar, a que os pais e educadores não são alheios, mas sentem dificuldades em exercer as suas funções, faltando-lhes por vezes a formação adequada a uma acção eficaz.

A industrialização e o pluralismo ideológico, bem como uma sociedade cada vez mais tecnificada e desumanizada, marcada pela violência e egoísmo materialista, e ainda o impacto crescente

dos Mass Média, são factores externos que influem no comportamento familiar. De facto, ou através da família a sociedade actual se humaniza e cristianizar, ou a própria família será ameaçada de ser arrastada da mesma vaga de materialismo em que as relações humanas e o sentido do transcendente acabam por se diluir..

É pois importante a educação e a qualidade da educação que é dada pela família hoje, para que, com uma personalidade forte e bem formada, a pessoa seja capaz de romper o cerco de (“pressão social”) que os critérios de valores (materialismo, hedonismo...) exercem na sociedade, e só assim será capaz de se orientar para critérios de valores próprios de acordo com o Evangelho e tentará modificar os padrões de comportamentos, por que se rege a vida em sociedade.

2) É na família que a criança se vai integrando na sociedade do mundo dos adultos com determinada cultura e forma de vida. É na família que a criança encontra a sua realização afectiva, condição para o equilíbrio psicológico para o próprio desenvolvimento intelectual.

Hoje torna-se difícil e delicada a tarefa de educar uma vez que em concorrência com a família, existem tantas outras realidades que tem forte influência na criança, com os mais diferentes critérios e formas, como acontece através da escola, da rádio, da televisão, da imprensa, dos grupos de amigos, etc... Daí que a formação de hoje deve basear-se na formação da consciência para os valores.

3) A escola centro privilegiado da acção educativa e da socialização dos nossos jovens, tem pois, de se debruçar sobre as condições reais em que a sua acção é exercida, tendo em consideração as características individuais dos alunos, a sua proveniência sócio-cultural, mas também a consonância com a educação pretendida pelas famílias.

Apesar dos esforços feitos nesta área, verifica-se que ainda necessitam de atenção as seguintes questões:

- A fraca participação dos pais nas decisões escolares.



- A educação nem sempre é a pretendida pelos pais.
- A maioria dos pais desconhece as Reformas Educativas, e nem sempre estão adequadas às necessidades da sociedade onde está inserida.
- O insucesso escolar e o abandono escolar.
- A dificuldade de inserção no sistema educativo.
- O crescente número de alunos nos estabelecimentos de ensino, dificultam a educação nos valores humanos e cristãos.
- A formação de professores.
- A falta de material de apoio escolar.
- Problemas com os transportes públicos, afectando os alunos, obrigando a passar tempo sem ocupação fora de casa e da escola.

Urge resolver estes e porventura outros problemas, e por isso a escola terá de prestar maior atenção às populações e aos alunos, especialmente no que respeita à sua preparação para a vida. Deve também criar um espaço propício para uma formação permanente dos pais através de colóquios, debates, etc...

A educação moral e religiosa faz parte integrante dos conteúdos específicos a que todo o homem tem direito. Daí o papel importante das aulas de Educação Moral e Religiosa, importa que sejam convenientemente aproveitadas de forma exigente, tanto na matéria de programas como em relação à escolha e preparação dos professores. Estes devem ser apoiados não só na linha de uma fé adulta, mas também em vista de uma melhor preparação pedagógica.

É muito valioso o contributo que os professores podem dar como cristãos conscientes, no seu testemunho de vida como crentes, na competência e dedicação, no diálogo com alunos e colegas, na motivação dos alunos para as aulas, nos Conselhos Directivo e na discussão das leis relativas ao ensino.

Se pretendemos uma sociedade saudável e preparada para os desafios do futuro devemos promover o sucesso educativo. Só é possível alcançar todos os objectivos, se houver a participação

diligente, crítica e entusiasta de todos os protagonistas; Pais, Educadores, Igreja, e Poder Público.

4) Aparece-nos os meios de comunicação social e de modo particular a televisão que influi muitas vezes profundamente, no aspecto afectivo, no intelectual, no moral e religioso.

Estes meios podem ser benéficos na vida e costumes da família, mas escondem perigos consideráveis de ideologias desagregadoras e de visões deformadas da vida, da família, da religião, da moralidade, que não respeitam a verdadeira dignidade e o destino do homem.

Os pais devem prestar atenção crítica e vigilante, averiguando as repercussões nos filhos, exercendo uma acção orientadora na sua consciência e guiando-os na escolha dos programas propostos.

É importante criar espaços na televisão (como meio poderoso de comunicação) por forma a tratar os problemas de educação na família, devendo participar técnicos e todos os responsáveis ligados a esta temática.

5) Para que a acção educativa resulte na sua plenitude, há que ter em conta as situações sócio-económicas que infelizmente atinge grande número das nossas famílias, limitando-as no seu processo educativo. São múltiplos os factores que conduzem a tais circunstâncias, mas nem por isso desresponsabiliza a sociedade e muito concretamente o poder público.

A falta de emprego, da habitação condigna, de saúde, o alcoolismo e outros, conduzem por vezes à degradação familiar. Estas dificuldades levam à frustração e a outras situações onde a dignidade humana é posta em causa.

Longe estamos de resolver estes problemas gritantes, e o pouco que é feito nem sempre atinge integralmente o ser humano.

6) A nível da formação religiosa, constatamos que é cada vez mais sentida e reclamada pelas famílias, uma melhor preparação, com vista a apoiar os pais na difícil missão educativa.

Os esforços feitos na formação religiosa tem sido em alguns casos insuficientes, agravada pela falta de receptividade da

sociedade, que se mantém em grande parte arreigada ao tradicionalismo e indiferentismo.

Por consequência, os pais sentem dificuldade na educação a ministrar aos seus filhos, o que gera um clima de insegurança e instabilidade. Assim, os jovens por vezes, são absorvidos pelos contra-valores proporcionados pelo meio que os envolve.

É preciso ajudar os jovens e os adultos, a exercer um juízo crítico sobre as realidades e os valores, de modo a discernirem o bem do mal, o que eleva e promove o homem, do que o rebaixa e avilta na sua dignidade, o que lhe poderá dar apenas prazer e satisfação imediata, mas passageira.

E aqui se situa todo um esforço no campo da educação sexual, moral, e religiosa. São os valores do homem que estão em causa e que é preciso promover: o valor da vida, do amor, da fé, da liberdade e da verdade.

De extrema importância é a presença da Igreja neste processo, abrindo-se às dificuldades existentes e às exigências que a vida actual obriga, promovendo com competência e eficácia uma formação contínua, (abrangendo todos os elementos familiares) de modo particular a formação cristã.

Em certos casos esta acção deve ser complementada com equipas multidisciplinares onde Sacerdotes, Leigos, Médicos, Sociólogos, Psicólogos, e Professores, que possam prestar o apoio devido e necessário, indo ao encontro das necessidades educativas tão prementes à sociedade actual.

#### 7) Os pais na missão de educadores cabe-lhes:

- Respeitar e ajudar a desenvolver a personalidade de cada filho.

- Dedicar tempo aos filhos, dialogar com eles, infundir neles o espírito de responsabilidade.

- Formar os filhos para o sentido da vida, com o próprio exemplo de vida.

- Orientar a consciência e o querer dos filhos de acordo com os valores Evangélicos.

- Instruir no amor e para o amor, para a doação aos outros, e para o compromisso em comunidade.

Esta responsabilidade é tão importante, senão mais, como assegurar o sustento e bem estar material dos filhos, será o de garantir-lhe uma educação para valores humanos e esta só a família está em condições de o fazer, integralmente.

*José de Moura Braga*

### **BIBLIOGRAFIA:**

1. Familiaris Consortio, exortação apostólica do Papa João Paulo II. A Família Cristã.
2. Desadaptações Sociais e Criminalidade.  
O Papel da Comunidade na Sua Prevenção, Centro de Estudos Judiciários.
3. Leigos em Congresso, Congresso Nacional dos Leigos.

### **PISTAS DE REFLEXÃO**

#### **- Educação na Família 3.1**

1. - O que fazer para que a família, associações de pais e de alunos possam ter uma intervenção mais activa e eficaz na escola?
2. - Como fazer sentir (ou pressionar) as estruturas governamentais para cumprirem as suas obrigações no que diz respeito aos direitos da família?
3. - Que estruturas ou instituições se devem fomentar, e organizar para que as famílias se ajudem mutuamente?
4. - Que contributo deverá dar a Igreja para a formação e educação das nossas famílias?

## SLIDE TEMA 3.2

### SUBTEMA - 3.2

# A CATEQUESE E A FAMÍLIA



## **SUB - TEMA 3.2**

### **- A CATEQUESE E A FAMÍLIA**

#### **EM NOME DO PAI, DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO**

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos Vossos Fiéis e acendei neles o fogo do Vosso amor.

Enviai, Senhor, o Vosso Espírito e tudo será criado.

E renovareis a face da terra.

#### **OREMOS:**

Ó Deus que iluminais os corações dos Vossos Filhos com a luz do Espírito Santo, tornai-nos dóceis às Suas inspirações, para apreciarmos rectamente tudo e todos e gozarmos da Sua consolação.

**POR CRISTO, SENHOR NOSSO, AMÉN.**

### **= A CATEQUESE E A FAMÍLIA =**

L. G. 11 - Os pais cristãos, em virtude do Sacramento do Matrimónio, com que significam e participam o mistério da unidade do amor fecundo entre Cristo e a Igreja, auxiliando-se mutuamente para a Santidade, pela vida conjugal e pela procriação e educação dos filhos, e têm assim, no seu estado de vida e na sua ordem, um Dom próprio no Povo de Deus.

Desta união origina-se a família, na qual nascem novos cidadãos, da sociedade Humana os quais, para perpetuar o Povo de Deus através dos tempos, se tornam Filhos de Deus pela Graça do ESPÍRITO SANTO, no BAPTISMO. Na família, como numa Igreja doméstica, devem os pais pela palavra e pelo exemplo, ser para os filhos primeiros arautos da FÉ e favorecer a vocação própria de cada um, especialmente na vocação Sagrada.

L. G. 3 - Os pais que transmitiram a vida aos filhos, têm uma gravíssima obrigação de educar a prole e, por isso, devem ser reconhecidos como primeiros e principais educadores. É dever dos pais criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus e para com os Homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos Filhos. A família é, portanto, a primeira escola das virtudes. É sobretudo na família Cristã, ornada da Graça e do dever do Sacramento do Matrimónio, que devem ser ensinados os filhos desde os primeiros anos, segundo a FÉ recebida no BAPTISMO. A isto se chama catequese ocasional, tanto o Pai como a Mãe, bem como os restantes membros da família têm uma oportunidade única de catequizar no momento Próprio sem necessidade de criar outras condições para que a mensagem penetre. Nós catequistas temos de pegar em algo da vida, iluminar com a mensagem para depois voltar à vida.

Por razão particular pertence à Igreja o dever de educar, não só porque deve ser reconhecida como sociedade Humana capaz de anunciar a todos os Homens - usando todos os meios aptos, sobretudo aqueles que lhe pertencem, o primeiro dos quais é a instrução Catequética - o caminho da Salvação, comunicando aos crentes a vida de CRISTO. Tenhamos em atenção que a Igreja é formada por todos os BAPTIZADOS, independentemente do seu estado e condição, também nós entramos com a nossa quota parte de responsabilidade.

E qual tem sido a nossa formação Pessoal, para melhor desempenharmos a nossa Missão? Temos nós tido a preocupação de actualização para não perdermos a oportunidade única de melhor contágio com os nossos filhos? Estamos à altura de os



comprendermos nos seus problemas, e são tantos, que o Mundo lhes oferece no dia-a-dia? São os meios de comunicação, tão variados, são os meios escolares, com todos os problemas que os rodeiam, muito especialmente os ADOLESCENTES que atravessam uma instabilidade tão Grande!

Os jovens têm na sociedade de hoje o seu próprio lugar. As condições em que vivem, a mentalidade e as relações com a família estão mudados. Depressa adquirem uma condição social e económica. Se por um lado cresce a importância social e política, por outro, parecem incapazes de assumir as novas Tarefas.

Tudo isto exige deles uma actividade apostólica, aliás isto é próprio deles. Com o amadurecimento e tomada de consciência da própria personalidade, estimulados pelo ardor da vida e pela actividade transbordante, assumem a própria responsabilidade e assim tomam parte activa na vida social e cultural. Se aqui entra o Espírito de Cristo, podemos esperar deles frutos abundantes.

Serão eles mesmos os imediatos apóstolos da juventude, exercendo assim o apostolado entre os outros jovens. Vejamos quantos se dedicam com tanto amor e ardor ao Munus de ensinar, comunicando Cristo e a Sua Vida.

Temos novos catecismos que vão do primeiro ao décimo ano, embora não estejam todos a ser usados neste momento por todas as nossas comunidades. E os adultos, especialmente os pais que tanta ajuda precisam neste campo. A maioria da nossa gente só teve a formação religiosa em criança e adquiriram conhecimentos religiosos muito rudimentares - *para quando uma catequese de Adultos?*

Isto está suficientemente documentado no recente Magistério da Igreja quanto à sua natureza, quanto aos seus conteúdos e quanto aos seus destinatários.

Se a Igreja que está nos Açores não fizer uma opção clara e corajosa por uma autêntica Catequese de Adultos, dificilmente fará uma opção por uma Igreja de discípulos de Jesus Cristo. Pois Ele disse: "Ide por todo o mundo ensinai todas as gentes Bapti-

zando-as em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e Eu estarei convosco todos os dias”.

Não posso terminar sem falar um pouco da celebração de alguns Sacramentos: 1º Qual grau de consciência por parte dos pais e dos padrinhos em relação ao Sacramento do BAPTISMO?

Todos os Sacramentos são importantes, mas este é muito importante porque nos torna Filhos de Deus, Membros da Igreja e Templos do Espírito Santo, como tal continuadores da missão evangelizadora de Cristo na terra.

2º E quanto ao Sacramento da Eucaristia; vestidos brancos e nova indumentária são a grande preocupação do nosso povo, e não a formação da consciência, e vida de FÉ familiar.

3º Citando só mais este, que é o Sacramento da CONFIRMAÇÃO; quando é que deixa de ser administrado a pessoas sem conhecimento nem compromisso Cristão?

O Código de Direito Canónico diz que este deve ser administrado na idade da discrição e a Conferência Episcopal Portuguesa determinou que este seja celebrado ordinariamente por volta dos catorze anos, mas como todos nós sabemos, nesta idade ainda não atingiram a consciência nem o grau de conhecimentos indispensáveis.

Este Sacramento marca para toda a vida. Ele deve marcar o fim duma caminhada catequética e ser assim, só administrado no décimo ano de caminhada de FÉ.

Não podemos, deixar passar este dia de encerramento no nosso Congresso Diocesano sem nos lembrarmos que também hoje faz vinte e sete anos que aconteceu o Encerramento do CONCÍLIO VATICANO II o qual permitiu que estivéssemos aqui hoje.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.  
Imaculada Conceição Mãe e Modelo da família Cristã!  
ROGAI POR NÓS.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

## A CATEQUESE E A FAMÍLIA

### QUESTIONÁRIO

1 - Os casais na celebração do Matrimônio e ao pedir o Batismo para os filhos, comprometem-se a educá-los na Fé.

Será isto que está a acontecer? Se não que fazer?

2 - A educação religiosa da Infância e adolescência termina com a celebração do Sacramento da Confirmação .

Será a idade de 14 anos ou no fim do décimo ano de catequese a melhor altura, para esta celebração?

Estão eles aptos a assumir a sua Fé?

3 - Que fazer para que os jovens continuem a sua formação religiosa depois do Sacramento da Confirmação?

4 - A formação dos adultos, especialmente os Pais jovens, que receberam uma formação religiosa incipiente, que fazer para que sejam e estejam à altura de serem eles próprios a catequizar os filhos?



SUBTEMA - 3.3

**A FAMÍLIA,  
A IGREJA  
E OS MEIOS  
DE COMUNICAÇÃO  
SOCIAL**



## **SUB-TEMA 3.3**

### **- A FAMÍLIA, A IGREJA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

### **A FAMÍLIA, IGREJA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Sub-tema apresentado pelos leigos do Pico ao Congresso Diocesano

1 - **INTRODUÇÃO:** Sem perdermos de vista os grandes temas do Congresso: **FAMÍLIA; PARÓQUIA E IGREJA**, bem ao contrário, decidimos muito cedo, na nossa qualidade de grupo animador da preparação do Congresso, que talvez conseguíssemos os objectivos pretendidos se lançássemos, antes, à Comunidade Cristã da nossa ilha na reflexão e estudo dos vários factores que decididamente estão a influenciar a vida dos três grandes pilares: Família, Paróquia e Igreja, a saber:

- A população que temos (aceleradamente envelhecida) e a população que não temos, porque emigrou.
- A sociedade de consumo que se vem estabelecendo entre nós, responsável por muita coisa boa, mas também afectando negativamente o comportamento das gentes, face à nossa identidade e ao conjunto de valores de que somos portadores.
- A explosão escolar dos últimos 20 anos como um fenómeno maior causador de grande impacto social que atinge uma boa parte

da nossa população mais nova. Isto apesar de todas as deficiências e falhas que conhecemos no nosso ensino.

- O fenómeno Televisão, o grande responsável pelo abanão a que vêm sendo sujeitas as nossas gentes, alargando, por um lado, o nosso horizonte insular e, por outro, corroendo o tecido cultural e cristão, timbre do povo açoriano.

- E finalmente debruçamo-nos sobre um certo individualismo causador de atrofiamentos e de certa menoridade, que é urgente ultrapassar.

E toda esta reflexão veio sendo amassada com o fermento dinamizador da Palavra de Deus e dos documentos conciliares.

- Na sequência do que acabámos de sintetizar, foi-nos proposto desenvolver o sub-tema: A Família, a Igreja e os Meios de Comunicação Social.

De bom grado vamos tentar fazê-lo, com todas as limitações que nos são impostas pela falta de tempo e de disponibilidade mercê de outras obrigações.

2 - Durante os anos da sua vida pública, Jesus preocupa-se em difundir aos seus discípulos a Mensagem de que é portador da parte do Pai. E ao terminar a sua passagem histórica pela terra, incumbe aos seus seguidores reunidos em Igreja, a missão de difundir, sempre e em toda a parte, a Boa Nova da Salvação que Ele sintetizou assim: "Ide, pois, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo... E Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo." (Mt. 28, 19 s).

Se o Evangelho tem de chegar a todas as épocas e a todos os grupos humanos, ele é PERENE, isto é, não perde nunca a sua actualidade. Ainda hoje, portanto, e na nossa Região Açores mantém o seu viço e a sua capacidade galvanizadora...

3 - No entanto, porque a sociedade se renova e se alteram as mentalidades à medida que as idades sucedem umas às outras, a Boa Nova do Evangelho carece, por isso mesmo, de ser aprofundada em novos termos. Esta operação de actualização do corpo doutrinal foi-se fazendo ora em Concílios convocados pelo Papa, ora através do magistério ordinário do mesmo Santo Pa-



dre, para toda a Igreja, e dos Bispos para as suas dioceses. E assim, há 25 anos atrás, a Igreja reuniu para apresentar aos homens do nosso tempo e em linguagem adequada à mentalidade moderna, a mensagem cristã de que é legitimamente portadora.

Estas palavras extraídas da Constituição Pastoral: "A Igreja no Mundo Actual" (nº1) têm de facto sabor à novidade do Evangelho: "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração..."

4 - Para que a Mensagem chegue ao seu destino nas melhores condições, não basta que se faça o aprofundamento e reformulação doutrinária. A novidade do Evangelho tem de ser partida aos bocadinhos, comida, mastigada, assimilada e transformada na nossa própria vida individual e colectiva. Dito de outra maneira, a Mensagem Cristã tem de encarnar no concreto, em áreas tão sensíveis e tão decisivas como a família - a profissão - a cultura - a política - o lazer... E só o leigo consciente e responsável pode fazê-lo convenientemente, pelo conhecimento da realidade e pela sua inserção social.

**APROFUNDAMENTO DOUTRINAL E ENCARNAÇÃO DA MENSAGEM** são os dois pólos à volta dos quais queremos tecer algumas considerações.

5 - Não basta adequar doutrinariamente o Evangelho aos tempos que correm. Impõe-se igualmente primar em transmiti-lo em linguagem actual e sugestiva. O "invólucro" também é importante.

Um dos nossos cantores que quase nada tem para dizer ao povo, o pouco que diz coloca-c numa linguagem que as pessoas entendem. A Igreja, por sua vez, que é possuidora de uma sublime Mensagem, quase não sabe colocar isso, nas mãos dos seus destinatários.

Vem-nos fazendo alguma falta a arte de bem comunicar. Sem

ela pouco adianta, por mais sublime que seja o Evangelho, uma vez que vivemos num mundo em que são exploradas até à sociedade as técnicas da Comunicação .

6 - Enquanto a sociedade actual conversa familiarmente com computadores, a Igreja pode e deve possuir órgãos de comunicação social próprios. Só que não basta possuí-los. Mais importante do que isso - entendemos nós - é gerir o seu uso com competência e probidade ao serviço da Pessoa Humana e do Reino de Deus. E não só os que lhe pertencem, mas até aqueles que a sociedade civil pôs à sua disposição. Achamos até, para proveito e prestígio da própria Igreja, que a Comunicação Social de que ela dispõe, deverá ser usada e orientada, tendencialmente, pelo menos, por equipas mistas de sacerdotes e leigos, na procura de uma diversidade e equilíbrio que conduza à dignificação da Mensagem.

7 - Julgamos, no entanto, que maior preocupação, por ventura, será levar a cabo uma operação de sensibilização que permita alertar a consciência colectiva da sociedade açoriana, para a alteração rápida que se vem verificando na transformação das mentalidades. Como é realmente importante os cristãos organizem-se, recorrendo a todos os meios humanos e técnicos ao seu alcance, para planearem uma acção diversificada e por fases, com vista a darem um apoio à aprendizagem de “defesas”, quer aos indivíduos, quer às famílias e comunidades paroquiais, com vista a fazer face à avalanche avassaladora de mensagens que se cruzam nas cabeças das pessoas.

É urgente uma acção concertada por parte da Diocese de padres e de leigos mais conscientes, por ventura ultrapassando a própria Escola, ajudar as pessoas e os grupos a ler, interpretar, filtrar o caudal de mensagens que invade quotidianamente a nossa privacidade, provocando o desnorte em muitos espíritos.

Talvez seja caso para se falar numa certa alfabetização...

É extremamente importante fornecer-se a uma boa parte do nosso povo critérios de prioridades, critérios de avaliação, que permitam ao comum das pessoas defender-se da “agressividade” cada vez maior do poder mediático dos Meios de Comunicação

Social. Faz falta uma certa capacidade selectiva que lhe permita distinguir... e optar pelo que melhor lhes convém.

8 - Como suporte gerador desta ideia, estão os grupos formados ou a formar. Gente que se junta para rezar, reflectir e agir. Grupos que sejam fermento, pólo dinamizador. Gente que reboque... e que acabe por dar rosto (identidade) às nossas comunidades paroquiais.

Quem vai dar corpo às conclusões saídas deste congresso? Quem vai fazer a sua inserção? Quem vai mobilizar a sociedade açoriana? Só os grupos organizados e articulados, assistidos e apoiados é que serão capazes de fazer o desejado investimento...

9 - Sondagem à opinião pública sobre a Comunicação Social.

Sendo "A Família, a Igreja e os Meios de Comunicação Social" o sub-tema que nos coube tratar neste Congresso Diocesano de Leigos, decidiu o grupo animador da ilha, encarregado de dinamizar os trabalhos preparatórios, levar a cabo durante o mês de Outubro, um inquérito que permitisse avaliar, dalguma maneira, o impacto da Comunicação Social na nossa ilha.

Das respostas obtidas (cento e quarenta e oito) pudemos chegar às seguintes conclusões, que gostosamente partilhamos com os congressistas aqui presentes:

1 - As nossas famílias estão **MUITO EXPOSTAS** aos vários órgãos de Comunicação Social, nomeadamente a Televisão e o Vídeo.

2 - Enquanto isso, percebe-se a *diminuição do interesse por leituras consideradas formativas*, embora o grosso dos inquiridos diga que já ouviu falar de revistas como a Família Cristã, Bíblica, e Juvenil (estas duas últimas em menor percentagem).

3 - Os livros indicados que os inquiridos recomendariam, se fosse caso disso, a outros leitores, não são propriamente livros de formação cristã.

4 - Ao contrário, sobre o interesse por outras leituras ditas inofensivas (leia-se fúteis...), como "Maria", "Gente" e a "Mulher

Moderna”, verifica-se até a tendência, entre os inquiridos que falam destas publicações, para fazer uma certa apologia desse tipo de literatura.

5 - É notório o volume dos “sins” à pergunta se os cristãos podem e devem aprender a seleccionar programas de T.V. e as suas próprias leituras. As respostas afirmativas foram mesmo maciças.

6 - Embora em número não muito elevado, há um número razoável de inquiridos que se pronuncia favoravelmente quanto à necessidade de se aproveitarem os grupos já existentes ou até criarem-se outros para tentar continuar ou iniciar uma caminhada em Igreja.

7 - Interrogados ainda sobre o que se deveria fazer quanto a esta situação concreta, face à Comunicação Social, a nível de ilha e de diocese, as respostas foram poucas, e vagas, por isso não concludentes.

### CONCLUSÃO:

O que pretendemos com este trabalho pastoral iniciado há dois anos atrás e que agora aqui parcialmente partilhamos, nos seus resultados, com a Comunidade Diocesana?

Relançarmos a vida da Igreja onde o Senhor nos chamou a viver. Melhor, relançarmos a nossa vida em Igreja. Descobrir o Evangelho naquilo que ele tem de mais genuíno e de novidade, para o nosso tempo, tendo em vista a sua encarnação nas realidades existenciais. Não só. É preciso dar à Boa Nova do Evangelho uma nova irradiação, à medida das necessidades actuais. Mas isso trás riscos, pode levar-nos a incorrer em fracassos e desânimos.

Só que não sejam epidémicos ou simultâneos!

Nesta caminhada feita assim no escuro, desejamos que não nos falte a fé suficiente, que nos permita perceber que não vamos sozinhos.. Que misteriosamente o Cristo de Emaús caminha ao nosso lado, rasgando clareiras... incentivando nossos corações...

fazendo-nos descobrir pela reflexão e partilha de vida (anseios e responsabilidades) que só assim teremos em pleno **COMUNIDADE CRISTÃ.**

Não há outra forma de viver na Igreja e em Igreja.

O Grupo encarregado da Animação.

## GRUPO DE ANIMAÇÃO

1. O grupo de animação é constituído por membros da comunidade que se comprometem a trabalhar para a realização da missão da Igreja e da comunidade cristã.

2. O grupo de animação é constituído por membros da comunidade que se comprometem a trabalhar para a realização da missão da Igreja e da comunidade cristã.

3. O grupo de animação é constituído por membros da comunidade que se comprometem a trabalhar para a realização da missão da Igreja e da comunidade cristã.

4. O grupo de animação é constituído por membros da comunidade que se comprometem a trabalhar para a realização da missão da Igreja e da comunidade cristã.

5. O grupo de animação é constituído por membros da comunidade que se comprometem a trabalhar para a realização da missão da Igreja e da comunidade cristã.

6. O grupo de animação é constituído por membros da comunidade que se comprometem a trabalhar para a realização da missão da Igreja e da comunidade cristã.

7. O grupo de animação é constituído por membros da comunidade que se comprometem a trabalhar para a realização da missão da Igreja e da comunidade cristã.

8. O grupo de animação é constituído por membros da comunidade que se comprometem a trabalhar para a realização da missão da Igreja e da comunidade cristã.

9. O grupo de animação é constituído por membros da comunidade que se comprometem a trabalhar para a realização da missão da Igreja e da comunidade cristã.

10. O grupo de animação é constituído por membros da comunidade que se comprometem a trabalhar para a realização da missão da Igreja e da comunidade cristã.



## DIOCESE DE ANGRA

Apartado 55

9701 Angra do Heroísmo Codex

Terceira - Açores

Aurélio Granada Escudeiro, por graça de Deus e mercê da Santa Sé Apostólica, Bispo de Angra e Ilhas dos Açores:

Tendo-se realizado em Angra, nos dias 6, 7 e 8 de Dezembro corrente, o I Congresso Diocesano de Leigos:

- Dou graças a Deus pelo modo como ele foi preparado e decorreram as suas sessões de trabalho:

- Congratulo-me com todos os que nele participaram:

- Louvo o trabalho insano e persistente da Comissão diocesana do Congresso e das comissões de Ilha e da Paróquia.

- Tendo-me sido presentes, como é dever, as Conclusões do mesmo I Congresso Diocesano de Leigos:

Hei por bem.

Aprová-las, confiando-as aos leigos da Diocese, em particular às citadas Comissões bem como aos rev.mos Párocos e mais Clero, para que, cada qual no seu lugar que lhe é próprio, procurem dar-lhes concretização com zelo e fé e a generosidade de que já deram provas, assim continuando o Congresso.

- Decido que seja constituído o Conselho diocesano de pastoral, como estava programado, devendo seus membros tomar posse até ao dia 15 de Janeiro próximo.

Dado em Angra, sob o sinal e selo de minhas armas, aos 15 dias do mês de Dezembro do ano de 1992.

E eu Pe. João António Bettencourt Neves o subscrevi.

*\* Aurélio, Bispo de Angra.*

DICHOPE DE ANGRA

1992  
15 de Dezembro  
Angra do Heroísmo

Este documento é uma cópia de uma página de uma obra de referência. O texto original é muito pequeno e está muito desfocado, tornando-se ilegível. Apenas se conseguem distinguir algumas palavras e frases fragmentadas, como "Angra do Heroísmo", "15 de Dezembro", "1992" e "Angra do Heroísmo".



# SÍNTESE DO 1º DIA DE TRABALHOS DO CONGRESSO DE LEIGOS

## APRESENTADA PELA COMISSÃO DIOCESANA

### COMUNICADO I

Considerando que a paróquia que temos tem ainda algumas formas menos positivas na sua estrutura e vivência;

- Considerando ainda que a paróquia que queremos deverá integrar os seguintes aspectos:

- Acolher;
- Criar ambiente de ajuda fraterna;
- Catequisar;
- Celebrar;
- Ser comunidade de apostolado e missão.

O Congresso concluiu pela necessidade de:

1. Reinventar formas de acolhimento paroquial.
2. Reinventar formas de participação tais como :

- Constituir o Conselho diocesano de pastoral e, onde ainda

não existam, os Conselhos pastorais de paróquia, neles participando quantos possam.

- Tornar mais activos e participados os conselhos paroquiais para os assuntos económicos.

3. Fomentar o aparecimento de grupos de análise, reflexão e acção.

4. Intensificar a pastoral sócio-caritativa com opção preferencial pelos mais abandonados ou marginalizados.

5. Denunciar as injustiças sociais.

6. Formar catequistas e dinamizar a catequese a vários níveis.

7. Promover o aparecimento de Escolas de Leigos.

8. Dinamizar, reorganizar, actualizar e articular entre si os diversos movimentos de apostolado.

9. Formar líderes - dinamizadores e agentes de pastoral.

10. Preparar convenientemente as Celebrações Dominicais e as dos Sacramentos.

11. Institucionalizar a pastoral inter-paroquial tanto nas cidades, onde ainda não exista, como no meio rural.

# SÍNTESE DO 2º DIA DE TRABALHOS DO CONGRESSO DE LEIGOS

APRESENTADA PELA  
COMISSÃO DIOCESANA.

## COMUNICADO II

- Considerando que, por um lado, a Igreja dos Açores se encontra na situação normal da Igreja no Mundo, no qual dominam a tensão e a conflitualidade e que por outro, também tem conseguido ultrapassar as situações de crise, constata-se que, esta nossa Igreja, apresenta aspectos menos positivos e animadores, mas que, também vive e actua em esperança e em variadíssimas actividades.

O Congresso debruçou-se sobre:

- A participação dos Leigos e sua Missão na Igreja.
- A Igreja e os Jovens.
- Formação Permanente dos Leigos.

Depois de um frutuoso debate o Congresso conclui pela necessidade de:

1. Uma maior participação dos Leigos na vida eclesial e cívica.
2. Uma melhor articulação e interaguda entre Leigos e Clero.
3. Os Leigos se organizarem em grupos diversificados de acordo com a sua vocação e carismas, quer aproveitando os grupos existentes quer criando os necessários.
4. Dar testemunho de Cristo em todos os sectores da vida quotidiana.
5. Coerência entre a Fé e a Vida.
6. Atitude de permanente oração.
7. Melhor preparação das homilias, tendo em conta a realidade da vida quotidiana da comunidade em que a Igreja está inserida.
8. Dinamizar os leigos, nem que se tenha de recorrer a convívios entre os diversos movimentos da Paróquia.
9. Uma estrutura diocesana que irradie orientações para a formação permanente dos leigos.
10. Uma ponte que faça a ligação entre catequese do Crisma e da idade adulta.
11. Uma maior formação e competência em ordem a uma melhor leccionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas.
12. Promover a aproximação dos cristãos numa linha ecuménica.
13. O Congresso, analisadas as causas do abstencionismo de muitos jovens das celebrações litúrgicas e da vida da Igreja, concluiu ainda que a Pastoral da Juventude deve encontrar formas de respostas claras e inequívocas com vista a cativar o empenhamento dos jovens, concretizado no acompanhamento do seu crescimento na cultura e na Fé, respeitando a sua maneira de ser e colaborando nas suas iniciativas.

# SÍNTESE DO 3º DIA DE TRABALHOS DO CONGRESSO DE LEIGOS

## APRESENTADA PELA COMISSÃO DIOCESANA.

### COMUNICADO III

- Considerando que a identidade da família cristã se deve inspirar nos valores da Família de Nazaré;

- Considerando as grandes mudanças operadas na sociedade e na família actuais;

- Considerando que tais mudanças devem ser realizadas em áreas tais como a educação, saúde, segurança social e assistência aos idosos e formação profissional, habitação e apoio aos jovens. O Congresso debruçou-se sobre:

- Educação na família.

- A catequese e a família.

- A família, a Igreja, e os meios de comunicação social.

Após um frutuoso debate, o Congresso concluiu pela necessidade de:

1. Uma formação familiar mais adequada, não esquecendo a educação sexual.
  2. Valorizar as associações de pais e associações de alunos.
  3. Solicitar uma maior abertura da escola aos problemas da família.
  4. Alertar às instituições governamentais para o respeito e promoção dos direitos da família.
  5. Actualizar, revitalizar e criar, se necessário for, organizações paroquiais que sejam espaços abertos de partilha, acompanhados por técnicos bem formados.
  6. Valorizar o que existe, a nível de Igreja, para ajudar a formar as famílias.
  7. Realizar, a médio prazo, uma assembleia diocesana de jovens.
  8. Tornar a transmissão da mensagem cristã mais cativante, mais adaptada às exigências do nosso tempo e melhor preparada, utilizando para o efeito os meios de comunicação social existentes, que devem ser independentes, abertos às ideias e servidos por técnicas modernas.
  9. Dinamizar o Secretariado Diocesano das Comunicações Sociais.
  10. Apontar critérios concretos de avaliação da mensagem que nos chega através dos meios de comunicação social existentes.
  11. Preferencialmente, ser criado um centro de produção de programas radiofónicos a ser distribuídos pelas rádios locais.
  12. Fomentar um maior empenhamento dos cristãos que trabalham nos meios de comunicação social.
  13. Criar grupos de reflexão sobre a programação da televisão que chega junto de nós, até para possível diálogo com os responsáveis da mesma.
  14. Salientar o papel importante que os santuários diocesanos podem desempenhar na formação religiosa dos nossos fiéis.
- Finalmente o Congresso propôs e aprovou um voto de congratulação às comissões organizadoras dos trabalhos preparatórios e da realização do I Congresso Diocesano de Leigos.

1988

# APRESENTAÇÃO DE APOSTOLUS AO DIACONADO

## HOMILIAS





Homilia de 6/11/92

## APRESENTAÇÃO DE CANDIDATOS AO DIACONADO

A apresentação de um candidato ao diaconado associa a comunidade a viver, no mesmo espírito, tanto a alegria por irmos ter um diácono, futuro sacerdote, como a acção de graças a Deus por dádiva tão preciosa e como o sentido de responsabilidade que cada fiel deve ter face a um novo sacerdote.

Apresentam-se os candidatos, e interrogam-se os fiéis quanto à vida dos mesmos e quanto às garantias que dão de virem a ser fiéis no ministério em que pelo Sacramento da Ordem vão ser investidos.

Frequentemente os fiéis se alheiam da vida dos seus padres e da colaboração que devem prestar-lhes e ainda do ambiente que à sua volta se impõe criarem para bem desempenharem sua missão e para melhor ultrapassarem as inevitáveis dificuldades que sobrevêm.

Contudo, muitos, que faltaram a esse dever, são os primeiros a criticar as falhas - reais ou supostas - dos sacerdotes. Digo reais ou supostas, porque muitos são os que inventam coisas contra os padres, e nem faltam forças ocultas a querer denegrir padres e a Igreja.

Há sempre espíritos mesquinhos que se deixam manobrar neste lamentável esforço de culpar a Igreja de erros, que, muitas vezes, não tem.

Há sempre os má-línguas, há os cobardes e há os eternos escondidos, com a ingrata missão de atacar Deus e a sua Igreja...

Não podemos ser tão ingénuos que não estejamos alerta, sem deixar amedrontar-nos por quem quer que seja.

Servir a Deus é reinar. Estar com Deus é triunfar!

- Saibam, pois, os fiéis assumir sua responsabilidade, sentir-se membros da Igreja e actuar de forma a que os actuais ou futuros candidatos ao presbiterado possam contar com a oração dos cristãos, com a sua estima, apoio e contributo... todos irmanados no mesmo espírito eclesial e no desejo de alegremente tornar presente no mundo a acção salvadora de Cristo.

Isto não podendo ficar na humana simpatia, já que deve fluir da consciência de ser membro da Igreja, responsável, à sua medida e em seu campo próprio, pela missão da mesma Igreja. É a regra de sempre: "todos devem preocupar-se com o que é de interesse comum".

✠ *Aurélio, Bispo de Angra.*

## SEGUNDO DOMINGO DO ADVENTO

- Estamos no segundo Domingo do Advento.

Advento é tempo de espera e de preparação para a vinda de Jesus, o Salvador.

Veio no seu nascimento, no tempo.

Vem quando chama cada um, pela morte.

Virá no fim dos tempos - julgar. Vem quando entra a ser luz, ponto de referência, sentido da vida...

- Tempo de expectativa e de preparação, o Advento é uma dimensão essencial da fé, na medida em que é preparação do definitivo - "*veremos Deus face a face*".

Não há felicidade completa, enquanto não pararem todos os relógios.

O tempo é *Advento* ou é desespero.

Importa, pois, reavivar a esperança, purificá-la, torná-la tensa... por isso é Advento. "Vem, Senhor Jesus!". Isso pedimos depois da Consagração na Missa.

- A fé é sempre adventual, pascal e natalícia.

O que muda é a pedagogia - na apresentação de cada tempo litúrgico - o *permanente é a fé*.

Os leigos são os agentes de verdadeiro Advento de Cristo, da sua chegada às pessoas, aos corações, às famílias, à sociedade, como Salvador único.

Sem eles, não haverá Advento para muitos...

- "*Endireitai as veredas do Senhor - Eis que vem o Salvador*" - A palavra de João Baptista tem de ser assumida por cada membro da Igreja, por cada leigo. Aqui está a sua identidade, a sua missão...

- Como chegar a isso? Valham-nos as leituras desta Eucaristia.

1. Antes de mais, há que *conhecer o Messias*, o Enviado do Pai, o Salvador, Jesus: para *aderir a ele*.

Sobre Ele repousa o Espírito do Senhor, o Espírito que dá vida e força e faz brotar *rebento novo* de galho velho: *avivar nossa fé* - A vida verdadeira vem por Jesus. Ele é a renovação.

*Com Ele*, se há-de estabelecer a *justiça* (identificada com a *santidade*) a favor dos pobres e dos pequenos: lutar pela *justiça*, pela *verdade*, pela *santidade*.

Deixando o mal, a opressão, a exploração...

Assim entramos no tempo da *reconciliação universal*: de cada *um com Deus* e de *todos entre si*.

Unir-nos todos à *volta do Salvador*, em Igreja, na Igreja - Só assim se adere a J. Cristo.

2. Combater todos os obstáculos à *unidade* que Jesus deseja para a sua Igreja.

A *divisão dos corações* é que se opõe à *fraternidade*.

O ciúme dos *ministérios*, das funções, do lugar a ocupar por cada um é que *complica* o serviço à comunidade e leva a fugir a esse dever.

A divergência de doutrinas provoca a divisão dos espíritos.

Com S. Paulo, aceitemo-nos uns aos outros.

O Apóstolo aceita o *pluralismo*, mas não aceita *divisões* que abram brechas na Igreja. Por isso, repetidamente fala da *caridade*.

Exorta ao *acolhimento* mútuo e indica a *fonte* donde vêm os dons divinos: o *procedimento de Deus* com os homens, em Cristo Jesus, Servo de Deus em favor de judeus e de pagãos.

O procedimento dos cristãos há-de reflectir o procedimento do próprio Deus. "Sede santos, como Eu sou santo".

Assim, Deus será glorificado...

3. João Baptista, no Evangelho, fala dos tempos messiânicos, e dá a *mensagem* para esses tempos - *Conversão* é a mensagem permanente na Bíblia. Exigência de quem queira seguir o Messias ou dá-Lo a conhecer.

- *Conversão* - é a mudança radical nos *critérios* com que julgamos factos e pessoas; é mudança nos *princípios* que orientam a vida; é passar das teorias à prática daquilo em que se crê; envolve o *compromisso da vida*, o viver de acordo com o projecto divino. Aguardar sempre a Deus.

É sobretudo querer aceitar em sua totalidade o *Reino de Deus* que está próximo: Que Ele reine em nós: no nosso coração e no dia-a-dia, na nossa esperança...

Preparai os caminhos do Senhor...

A preparação do caminho do Senhor é a *conversão* e a *purificação do pecado*. O Baptismo e o reconhecimento dos pecados operam essa purificação.

- Preparar o caminho do Senhor é distinguir bem a *justiça* da injustiça, o *bem* e o mal; não se ficar numa religião tradicional, rotineira, feita só de actos, aceitando só o que agrada... mas começar vida nova, à imitação de Jesus, pobre, humilde e servidor... que sai de junto do Pai para vir até aos homens, a quem faz irmãos.

Não nos contentar com uma religião formalista, mas procuremos ser a *árvore* que dá bons frutos... pelos quais se dá a conhecer o que se é.

*Abrir-nos* ao Espírito do Senhor, para adesão inteira, *total ao Messias* que vem salvar a humanidade - Queimar o que em nós seja ramo seco, inútil, *busca* ou *culto do próprio eu*.

O Reino dos céus é *dos violentos* - ou dos que sabem dar o *sim* a Deus e não olham para traz..

É a hora dos que assim decidem ser...

A vossa hora, amados irmãos!

✽ Aurélio, Bispo de Angra.



## NO ENCERRAMENTO DO I CONGRESSO DIOCESANO DE LEIGOS

- Demos graças a Deus pelas luzes recebidas durante estes dias. Foi obra de Deus quanto de bom se fez e foi muito.

- Louvor ao trabalho de todos, insano e persistente, com relevo para a Comissão diocesana, que não se poupou a esforços e tudo ordenou e preparou com apuro e pontualidade.

- Alegremo-nos com o espírito geral que dominou sempre. Sublinhemos a esperança que a todos animou.

Esta não foi uma oportunidade perdida, mas uma hora de graça, uma etapa bela na renovação de Santa Igreja que nos Açores está e que a seu tempo, frutificará.

Parabéns a todos!

- Analisando o que se passou, forçoso é sublinhar:

A participação alargada, viva por vezes contundente, dos que estiveram e viveram este Congresso.

Foi um encontro de espíritos, de preocupações, de aspirações, que não podem ficar sem resposta.

Verificou-se presença alargada da diocese em suas ilhas e sectores, fosse embora desejável que houvesse ainda mais jovens, e vários estiveram, e mais responsáveis por tarefas de carácter social e civil.

Muito se apoiaram todos e receberam luz da doutrina do Concílio Ecuménico Vaticano II.

Grande foi o desejo de todos em acertar, em avançar, em comprometer-se.

Viu-se que somos:

- *Uma família*, que ficou a conhecer-se um pouco mais, e que importará ter sempre presente que = muitos somos os que somos Igreja e queremos trabalhar nela e levá-la ao mundo para ser *sal, luz e fermento*.

- Considerámos e tivemos presentes algumas realidades sociais: a família, o trabalho de menores, a habitação, etc.

Outras realidades sociais foram citadas e concitaram a atenção geral, sinal de consciência de responsabilidade cristã, o que é muito positivo.

- Verificou-se serem caducas algumas estruturas, enquanto outras há que são sólidas, a aproveitar bem.

- Verificámos que o *clero* não chega para tudo, não deve fazer tudo, não pode decidir tudo só por si.

Dever nosso é estar no nosso lugar, libertando o clero de tarefas que nos cabe realizar - actuando em cuidado respeito mútuo.

Não regatearemos o nosso aplauso ao clero dedicado e generoso que o Senhor nos deu e a quem todos muito devemos.

A par, verificou-se qual deva ser a missão dos leigos e o seu lugar na Igreja e no mundo.

- Reconhecemos que muitos *leigos* ainda não descobriram tudo o que são, o que podem e devem fazer.

Muitos outros leigos há, porém, com obra feita, trabalho realizado, boa dedicação e óptimo espírito..

- Verificámos que há Associações e Movimentos de valor, a par de outros mais fracos e que urge reanimar.

Importa criar outros Movimentos, sem pôr neles toda a esperança, que deve residir nos corações e apoiar-se em Deus.

Isto exige a *purificação* e a *conversão* de cada qual.

Perante tudo isto e como normal estado de espírito, há que:



1. Não *recrear as mudanças* necessárias, nem navegar em erros e ambiguidades do mundo; mas buscar a *renovação*. Que esta não seja *impaciência*, mas ensine a levar a cruz do irmão; nem seja *descuido*: mas fazer hoje tudo o que hoje pode ser feito.

Se a Igreja é eterna, as realidades a evangelizar são de hoje. Não ter *impaciência ingênua*, que, no fundo, é *triumfalista* - e leva a desprezar os fracos e cansados.

Combater todo o espírito de *seita*, de grupo, que é sempre agressivo e *não é do Espírito* = procuremos ser Igreja - unidos à Igreja.

- Combater os *equivocos* - não dizer fomos libertados, podemos dizer tudo, nós é que somos Igreja. O mundo tem duas cabeças - é realidade ambígua.. Não nos adaptar, sem mais, ao mundo.

A imagem do mundo que o cristão tem de ter, há-de ser a que a comunidade hierarquizada tem.

Ultrapassar a *decepção* - esta é a meta natural dos entusiastas, que não rezam e não confiam.

Há dois perigos: a *falta de fé* de que Deus continue a governar a Igreja - e isto leva à *falta de caridade*; e à *falta de esperança* - lembrar que Deus continua a governar a Igreja, mas de forma ordenada, com tempo e etapas.

Ser adultos na fé e na esperança.

O Vat. II foi uma revisão de vida, em que a Igreja reflectindo sobre si, encontrou coisas novas, encontrando coisas antigas. É assim com o novo "Catecismo da Igreja".

Sempre que a Igreja - (e nós) reflecte no que é mais *essencial* nela mesma, encontra-se mais nova: primitiva Igreja, primitiva novidade.

Na Igreja há heresias teológicas e heresias pastorais: isto é, acções da Igreja feitas de tal modo que não permitem que a Igreja avance, viva a sua vida, que a fé informe a vida.

Pode ser-se muito ortodoxo na doutrina e herege na pastoral.

## Lembrar sempre

1. Deus é o *agente principal* de toda a acção da Igreja, da acção salvífica e não qualquer acção.

Na história da salvação, é Deus que tem a iniciativa e não o homem. Que a acção nossa, da Igreja, se desenvolva de tal maneira que deixe ver que Deus é o agente principal.

Deixar actuar Deus - na nossa acção; - a Igreja é Sacramento de Cristo, instrumento da iniciativa divina.

Quando uma *técnica* pastoral esvazia o mistério de Deus é herética. Seria contar só com métodos humanos = preocupação da acção.

O que dá *força* à Igreja é a *fidelidade* a Deus e ao seu plano.

Não querer uma pastoral, que melhor seria acção do sociólogo, do psicólogo e não do cristão, sacerdote ou leigo.

2. *Fidelidade à encarnação de Jesus Cristo* - princípio Cristocêntrico.

A acção da Igreja tem de ser profundamente humana.

A mediação da Igreja é absolutamente necessária na história da salvação. Temos de agir.

Deus não quer fazer nada sem nós - enquanto membros da Igreja, mas livres e responsáveis. Quando as coisas não avançam, Deus não avança.

Depende de nós o êxito da Igreja - êxito que é de Deus.

Deus actua por sua providência e não por milagres, como norma.

Ter cada um de nós capacidade inventiva.

- Nunca se cumpre uma missão senão através duma *doação pessoal total*. Cristo actua na medida da nossa entrega.

3. A *acção salvadora de Deus* na Igreja está sujeita às *leis do tempo, às etapas*. Se o homem é protagonista com Deus na salvação, há-de descobrir que Deus vive connosco o tempo, respeita as etapas.

Deus respeitou de tal modo o tempo que Ele próprio se fez tempo: em Jesus Cristo.

A nossa tarefa em Igreja, há-de *beber na paciência* de Deus. O que é primeiro na ordem do valor nem sempre é o primeiro na ordem do tempo.

4. A acção da Igreja é essencial e indissolivelmente *tradicional e renovadora*.

*Tradicional* - a) Plano divino-eterno-nada de novo na Igreja.

b) Plano de existência *divina da Igreja* - o Temporal, o da história, não existirá na eternidade a Igreja como instituição.

*Renovadora* - A Igreja é, por essência, renovadora - Os verdadeiros tradicionais (não tradicionalistas) são renovadores.

Uma Igreja deixa de ser renovadora quando deixa de ser tradicional - e então é infecunda.

A Igreja é tradicional pelo *interior, pela força do Espírito..*

5. Na Igreja há uma *só missão* - mas há diversidade de *ministérios e funções* - ao serviço da única missão.

A Igreja só trabalha quando trabalha na unidade - isso é *sinal de fé*.

Tudo na Igreja tem de estar ao *serviço da unidade*, que não é unicidade.

Nenhum cristão, embora responsável, pode fazer algo sem o Bispo. Só há um sacramento = a Igreja.

6. Voto de recondução da Comissão diocesana e das Comissões de Ilha.

O Congresso continua...

✠ *Aurélio, Bispo de Angra*



# Discurso de encerramento do Presidente da Comissão Diocesana do Congresso dos Leigos

Manuel Fonseca de Sousa Mendes

Exmo. e Reverendíssimo Sr. Bispo de Angra e Ilhas dos Açores

Exmo. e Reverendíssimo Sr. Bispo de Coimbra e Presidente da Comissão Episcopal do Apostolado dos Leigos

Sua Excelência Sr. Ministro da República para a Região Autónoma dos Açores

Sua Excelência Sr. Presidente da Assembleia Legislativa Regional

Sua Excelência Sr. Presidente do Governo Regional dos Açores.

Excelentíssimo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

Reverendíssimo Clero.

Irmãos Congressistas.

Chegamos ao fim das primeiras duas etapas do nosso 1º Congresso Diocesano de Leigos.

Amanhã começamos a terceira etapa.

Todas elas são importantes.

Durante a primeira etapa - três anos a ela dedicada - observamos, analisamos, reflectimos e rezamos em grupo, paróquia, ouvidoria e ilha os temas e subtemas propostos.

Foi um trabalho árduo, duro e sacrificado de todos nós e de tantos outros que conosco estão motivados para ajudar a renovar esta nossa Igreja Diocesana.

Durante a segunda etapa - três dias a ela dedicada - partilhamos as nossas preocupações e problemas, certezas e incertezas, angústias e alegrias, dialogamos uns com os outros sobre tudo o que partilhamos; reflectimos propostas concretas de actuação prática; conhecemos melhor a nossa realidade eclesial; aproximamo-nos mais uns dos outros; sentimo-nos mais responsáveis e corresponsáveis na renovação da nossa Igreja; despertamos para os nossos direitos e obrigações a nível de respostas concretas à nossa vocação de cristãos católicos leigos no dia a dia da nossa vida; celebramos em Igreja a nossa fé na oração e na Eucaristia e estamos cheios de esperança, porque apesar dos nossos defeitos e pecados como Igreja que somos, terminamos esta segunda etapa com a consciência de que somos capazes de ser fermento na massa.

Estiveram presentes 135 paróquias da nossa diocese. Não puderam estar presentes 46. Vamos todos fazer o possível para que essas paróquias que aqui não estiveram, não fiquem à margem do que aqui se passou e viveu. Elas fazem também parte da nossa Igreja e, por isso, como dissemos aqui nestes três dias, temos de olhar muito aos mais fracos, pobres e abandonados, urge que, quando chegarmos às nossas ilhas lhes demos as mãos a esses nossos irmãos com a consciência que necessitamos também deles para conosco construirmos e renovarmos esta Igreja de todos nós.

Este primeiro Congresso, sem vaidades e presunção, mas com realismo e objectividade, foi um êxito na sua participação, liberdade de manifestação de ideias e experiências, sentido de unidade e fraternidade, tolerância e aceitação, entusiasmo e alegria, consciência assumida dos nossos erros e limites e muita

vontade de conversão, de ajuda, de diálogo e actuação prática na linha do apostolado.

Meus amigos. Aos amigos não se agradece, exige-se. Muito menos aos irmãos. Agradecemos já às entidades que nos ajudaram economicamente, a realizar este Congresso.

A vocês todos quantos connosco trabalharam desde a primeira hora, vamos continuar a exigir. Mas permitam-nos uma palavra especial aos que trataram os temas e subtemas - e tão bem o fizeram - saudando-os e manifestando para com eles o nosso carinho e admiração com uma salva de palmas.

Amanhã começa a terceira etapa, a post-congresso, uma comissão que, certamente, irá funcionar e continuar a nível diocesano, não é suficiente para tentar concretizar as conclusões que nós todos acabamos de aprovar, que são:

(leitura das conclusões)

Pedimos que todos quantos estamos aqui nos responsabilizemos a nível de ilha para que tais objectivos não fiquem por aqui nem no papel.

Da nossa parte, tudo faremos. Contem connosco com o mesmo entusiasmo e com a mesma vontade de fazermos tudo quanto aqui concluímos.

Ao Sr. Bispo, aos sacerdotes e aos religiosos queremos dizer-lhes que estamos com eles e que nos ajudem nesta tarefa que é de Igreja.

Que a Imaculada Conceição, pura e santa, a Mãe de vida e do Amor formoso nos ajude a todos a construir esta nossa Igreja que Cristo, o seu filho, nos deixou na nossa mão.

Bem hajam!

*Manuel Fonseca*





Instituto Nacional dos Cangeiros

Alameda D. João de Castro

1000-000 Lisboa

**DOCUMENTOS  
VÁRIOS  
ANEXOS**

Paróquia de Santa Barbara

Paróquia de Santa Maria

Paróquia de Santa Clara

Paróquia de Santa Catarina

Paróquia de Santa Espirito

Paróquia de Santa Joana

Paróquia de Santa Joana do Campo

Paróquia de Vila do Porto

Paróquia de Vila Rica

Paróquia de Vila Rica

Paróquia de Vila Rica



## Lista Nominal dos Congressistas

### **Ilha de Santa Maria**

Ouvidoria Santa Maria

Paróquia de Almagreira

Filipe Alberto Silva Bettencourt

José Chaves Melo

**Paróquia de S. Pedro**

Jesuína das Mercês R. Ricardo

José de Sousa Fontes

**Paróquia de Santa Bárbara**

Beatriz Melo Santos

José Andrade Moreira

Pe. Júlio de Sousa Soares

**Paróquia de Santo Espírito**

José do Rego Braga

Maria de Jesus de Sousa Braga

**Paróquia de Vila do Porto**

Briolanga Maria Andrade Ricardo

Filomena Sousa Rego

José de Moura Braga

## **Ilha de São Miguel**

Ouvidoria Capelas

### **Paróquia de Capelas**

João Manuel Albano Martins

Maria de Lourdes de Sousa Mota

Ouvidoria Fenais da Ajuda

### **Paróquia de Achada**

Silvino da Rocha Machado

### **Paróquia de Lomba da Maia**

Laurénio Manuel de Sousa Monte

Rosa Maria de Medeiros Amaral

### **Paróquia de Maia**

Ana Rita Gonçalves Remígio

Luís Fernando Bettencourt Câmara

Maria das Mercês de Medeiros Pacheco

Ouvidoria Lagoa

### **Paróquia de Água de Pau**

Carlos Manuel de Sousa Melo

Maria dos Anjos Vieira

### **Paróquia de N. Senhora do Rosário**

Délia Maria Silva Melo Leite

Florinda Manuela Soares Amaral Borges

Jorge Manuel Mota Amaral Borges

Silvério Damião Raposo Leite

Ouvidoria Nordeste

**Paróquia de Lomba da Pedreira**

Norberto Manuel de Melo e Leite

**Paróquia de Nordeste**

Maria da Conceição Resendes Ferreira

**Paróquia de Sto. António-Nordestinho**

Élia Maria Lima Moniz

Ouvidoria Ponta Delgada

**Paróquia de Covoada**

Maria Eduarda Melo Lima Pereira

**Paróquia de Fajã de Baixo**

Ana Liseta Paiva

**Paróquia de Fajã de Cima**

Maria Genoveva da Ponte Viveiros Moreira

Oswaldo de Medeiros Vicente

**Paróquia de N<sup>o</sup> S<sup>a</sup> dos Milagres Arrifes**

Geraldina da Silva Moniz

Ulberta Maria Raposo Moniz Tavares

**Paróquia de Relva**

Evaristo Ferreira Duarte

**Paróquia de S. José**

Ana Jácome Correia Wintze Ribeiro Cymbron

Eduarda Maria Mota Machado Bermontt Amaral Leite

Maria de Jesus Viveiros

Maria Eugénia Perestrello d'Orey Roquette

**Paróquia de S. Pedro**

José Augusto Borges

**Paróquia de S. Sebastião - Matriz**

Alfredo Moreira Candelária

Ana Rosa Correia Medeiros

José Amorim

José Rogério da Apresentação

Maria de Lourdes d'Ançã de Sousa Velho Quintanilha

Pe. José Ribeiro Martins

**Paróquia de Santa Clara**

António Luís Mendonça

José Gabriel Ávila

**Paróquia de Santa Luzia**

Daciano Gabriel Furtado Alves

Manuel de Sousa Pacheco

**Paróquia de São Pedro**

António Carreiro Barbosa

Isabel de Andrade Braga

Maria José Melo de Amaral

Maria Luísa Almeida Silva

Pe. José Medeiros Constância

**Paróquia de São Roque**

Jordão Manuel Tavares Faulha

Marco Aurélio Carvalho de Medeiros

Pe. Fernando Cabral Teixeira

**Paróquia de Saúde - Arrifes**

Carlos Manuel Tavares Sebastião

João Carlos Lourenço Ferreira Costa

Maria Manuela Medeiros Barbosa Tavares

Ouvidoria Povoação

**Paróquia de N<sup>o</sup> S<sup>a</sup> Mãe de Deus**

Gregório Silvestre Amaral

José Oliveira

**Paróquia de Remédios**

José Gabriel Ferreira Mendonça

Maria São Pedro Rego Pacheco Mendonça

Ouvidoria Ribeira Grande

**Paróquia de Conceição**

Belmira Encarnação Sousa Viveiros

Fernando Moniz Tavares

**Paróquia de Matriz**

Maria José Melo Lopes

Pedro Furtado

**Paróquia de Pico da Pedra**

João Faustino Pereira Ramos

Maria Eduarda Frazão Ramos

**Paróquia de Porto Formoso**

José Eduardo Gonçalves Cabral

**Paróquia de Rabo de Peixe**

Eduardo Rosário Vieira Brum

Manuel Estrela Maiato

**Paróquia de Ribeira Seca**

Fernando Manuel Raposo Maré

**Paróquia de Ribeirinha**  
Álvaro António Garcia Feijó

**Paróquia de Sta. Bárbara**  
Fátima do Céu Tavares Galvão  
Maximinio de Sousa Galvão

Ouvidoria Vila Franca do Campo

**Paróquia de Água D'Alto**  
Eduarda da Conceição Frias Câmara

**Paróquia de Ponta Garça**  
Ir. Maria Susete de Jesus Ferreira  
João Carlos Barbosa Leite  
Maria Goretti Rodrigues Gouveia

**Paróquia de Ribeira Chã**  
Manuel Clemente de Almeida  
Maria de Lurdes Pacheco

**Paróquia de Ribeira das Taíñas**  
Matilde de Andrade Rodrigues

**Paróquia de S. Miguel Arcanjo**  
Maria da Graça Melo de Amaral

**Paróquia de S. Pedro**  
Ana Maria de Medeiros Fontes Pacheco  
Joseph Louis Medeiros



Ouvidoria

Paróquia de Subdepart. Past. Juv.  
Célia Maria Ávila Azevedo  
Maria Leonor de Almeida Silva Lopes

**Ilha Terceira**

Ouvidoria Angra do Heroísmo

**Paróquia de Altares**

Luciana Augusta Lourenço  
Maria de Fátima Gil Duarte Freitas  
Pe. José Alves Trigueiro

**Paróquia de Cinco Ribeiras**

Claudina do Coração de Jesus Borges Câmara  
Estevão Manuel Melo Cota  
Isaura de Fátima Ribeiro Silva  
José Agostinho Candeias Coelho

**Paróquia de Conceição**

Arnalda Mercês Leonardo de Sousa  
José Rogério Linhares de Oliveira  
Álvaro Leal Monjardino  
Maria Neli do Couto Gonçalves Rocha  
Pe. Adão Teixeira  
Virgínia Maria Borges Pereira

**Paróquia de Feteira**

José da Rocha Toste  
José Lúcio Aguiar Sampaio

**Paróquia de Porto Judeu**

Francisco Gaspar Leal Cardoso

**Paróquia de Posto Santo**

António Toledo Alves

Manuel de Melo Couto

Manuel Martires Bettencourt

**Paróquia de Raminho**

José Henrique do Álamo Oliveira

Raquel Flores da Silveira Simas Bretão

**Paróquia de Ribeirinha**

João Jacinto Borges

Maria de Fátima Lima Lopes

**Paróquia de S. Bartolomeu**

António José Coelho de Oliveira

João Nelson Costa Vieira Gonçalves

José Domingos Barcelos Mancebo

José Henrique Coelho Rodrigues

**Paróquia de S. Bento**

Fernando Manuel Ávila

Francisco José Cabral Aurora

Lucília Maria Rebelo Machado Ferreira

Paulo Manuel Coelho Moules

**Paróquia de S. Mateus da Calheta**

João Leonel Vieira Maranhão

Jorge Manuel Martins Ormonde

Maria Bernardete dos Santos Contente Gomes

**Paróquia de S. Sebastião**

Elisabete de Fátima Barcelos

João Ferreira das Neves

Rita Fagundes Barcelos

**Paróquia de Santa Cruz**

António M. Ribeiro

**Paróquia de Santa Luzia**

Albertina Toledo Soares

Leonor Amado Valente Lameira

Maria Leonilda da Silva Cardoso Bettencourt

Maria Leonor Azevedo Machado

Pe. Manuel Carlos Sousa Alves

Victor Manuel Pacheco de Almeida

**Paróquia de São Pedro**

António Jacinto Avelar

Maria Leopoldina Borges Ávila

Olga Cristina Pereira da Silva

Paulo Manuel Simões Ferreira

Pe. Jorge Manuel Mendonça Luís

**Paróquia de Sé**

Luís Francisco Rodrigues Inácio

Maria Emília Rocha Melo Mendes

Maria Filomena Martins

Nídia Manuela Sousa Lopes Inácio

Pe. António da Luz Silva

Pe. Augusto Manuel Arruda Cabral

Pe. Gregório Rocha

Pe. Jacinto Manuel Monteiro da Câmara Pereira

Pe. Jorge Reis

Pe. José António Piques Garcia

Pe. José Lima S. Mendonça

Pe. José Soares Nunes

Pe. Laudalino C. Moniz

Pe. Ricardo António Henriques

Teresa de Jesus Coelho

### **Paróquia de Seminário Maior**

Adriano Borges  
Alfredo Medeiros  
Antônio Henrique  
Antônio Saldanha  
Emanuel Valadão  
Firmínio Lima  
Francisco Monteiro  
Hermínio Mendes  
João Pires  
José da Encarnação  
Leonardo Cabral  
Luís Gabriel

### **Paróquia da Serreta**

Antônio Gonçalves da Costa  
Daniel da Costa Cota

### **Paróquia de Terra - Chã**

Ana Lúcia Ferreira  
Manuel da Rocha Coelho  
Maria de Fátima Bettencourt da Costa Martins  
Pe. Francisco Dolores

### **Ouvidoria Praia da Vitória**

### **Paróquia de Cabo da Praia**

Benvinda de Fátima Lima Borges  
Marco Paulo Homem Andrade

### **Paróquia de Casa da Ribeira**

Alberto Silveira Dutra  
Carlos Manuel Ávila Dinis  
Fernanda de Fátima da Silva Cardoso  
Luís de Meneses Nunes

Pe. Cândido Botelho Falcão  
Rosa Maria da Costa Machado Nunes

**Paróquia de Fonte do Bastardo**  
Cândido T. Mendes

**Paróquia de Fontinhas**  
Dina Isabel Martins Marques  
Rafael Meneses Marques

**Paróquia de Lajes**  
Jorge Manuel Coelho Pires  
José Valentim Vieira Alves Pinheiro  
Maria do Carmo Meneses Rodrigues Borges  
Pe. Jacinto Alberto de Meneses Bento

**Paróquia de Porto Martins**  
Alda Silva  
João Gonçalves Ribeiro

**Paróquia de Santa Cruz**  
Carlos António Silva Lima  
Carlos Graciliano de Melo Cabral  
Fernanda Borges Leal  
Maria Lúcia Toste Caetano

**Paróquia de Vila Nova**  
Francisco de Freitas da Costa  
Maria de Fátima Borges Ramalho  
Rosa Maria Fernandes Lourenço

## **Ilha Graciosa**

Ouvidoria Graciosa

### **Paróquia de Guadalupe**

Maria José da Silva Quadros

Rosa Maria Medina da Silva Ormonde

Paróquia de Nossa Senhora da Luz

Manuel António Silva Ataíde Silveira

Maria Luísa Cunha

### **Paróquia de Santa Cruz**

Adelaide Maria Medina Teles

Maria Leónia Fagundes Pereira

Pe. António Machado Alves

### **Paróquia de São Mateus - Praia**

Manuel Avelar Cunha Santos

Maria Manuela Machado Mendes

## **Ilha de São Jorge**

Ouvidoria São Jorge

Olímpia Soares Faria

Pe. António Manuel Matas

Regina de Azevedo Pires Toste Tristão da Cunha

### **Paróquia de Curato dos Biscoitos**

Idalina Silva Bettencourt Lopes

Rogério Soares Veiros

### **Paróquia de Manadas**

Maria das Dores Fagundes Pacheco

**Paróquia de Norte Pequeno**

Lígia Bettencourt Fagundes

**Paróquia de Rosais**

Fernanda Maria Costa

Maria Ilda Matos

**Paróquia de Sto. Amaro**

Lúcia Maria Vieira Reis

Maria Lucinda Lemos Pires

**Paróquia de Sto. António**

Maria Celeste Santos

**Paróquia de Topo**

Teresa de Jesus Sousa Mendonça

**Paróquia de Urzelina**

Cecilia Flores Freitas

José Isidro Almeida Silva

**Paróquia de Velas**

Maria Laura Machado Murtes

**Paróquia de Santo Antão**

Maria Guiomar Bettencourt Tomar

**Ilha do Pico**

Ouvidoria Madalena

**Paróquia de Candelária**

Ir. Noémia Maria Alves

**Paróquia de Madalena**

José António Marcos Soares  
Maria Beatriz Rodrigues Marcos  
Pe. Raimundo Bulcão

**Paróquia de S. Mateus**

Maria da Conceição Baptista Goulart Macedo  
Rosa Maria Garcia

**Paróquia de São Caetano**

António Helder Melo da Silveira  
Cecília Rodrigues Melo da Silveira

Ouvidoria São Roque

**Paróquia de Santa Luzia**

Albertina Fraga Pinheiro  
Delfina Pires de Serpa

**Paróquia de Sto. António**

Maria Ascensão Simas

Ouvidoria Lages

**Paróquia de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Piedade**

Elisabeth Maria de Oliveira Goulart  
Maria do Rosário Simas Freitas

**Paróquia de Ribeiras**

Manuel de Sima da Silveira

**Paróquia de Ribeirinha**

Margarida de Jesus Gomes Fernandes Medeiros



**Paróquia de S. João**

Manuel Teixeira Silva Maciel

Maria Alice Goulart

**Paróquia de Santa Cruz**

Helder Soares Ávila

Paróquia de Santiss. Trindade - Matriz

Ermelindo dos Santos Machado Ávila

**Paróquia de Silveira**

Ana Henriques dos Santos Cardoso

Maria de Fátima Soares Melo Bettencourt

Ouvidoria Lajes do Pico

**Paróquia de Santss. Trindade - Matriz**

Maria Rosa dos Santos Porto

**Ilha do Faial**

Ouvidoria Horta

Paróquia de

Manuel Azevedo

**Paróquia de Angústias**

Fernando Manuel de Melo

**Paróquia de Capelo**

Cecília Maria Faria de Brum Matos

**Paróquia de Cedros**

Maria Aldina Lacerda Freitas

Maria Emília Silveira Moitoso Vargas

**Paróquia de Conceição**

Conceição de Jesus Pereira da Rosa Duarte

Gabriel Moisés Medeiros Duarte

Maria Alice Garcia Fialho

Natália Ramos da Silveira

**Paróquia de Matriz**

Fernando Dutra de Sousa

José da Silva Duarte

Manuel Faria de Castro

Maria Estela Ramos da Silveira Brum

Maria Manuela Jesus Pinheiro Duarte

Teresa de Jesus da Silva Morais

**Paróquia de N. Senhora da Graça**

Hélia Maria Dias Oliveira Dias

Jorge Manuel Andrade Dias

**Paróquia de N. Senhora das Dores**

Davide Goulart da Silveira

Josefina Eugénia Faria Branco

**Paróquia de Salão**

Avelino Santos Silva

**Paróquia de Santa Catarina**

José António Freitas Correia

José Pimentel

**Paróquia de S. Mateus**

Carlos Ernesto Faria

Maria Laçatele Silva Lopes

## **Iha das Flores**

Ouvidoria Santa Cruz

### **Paróquia de N. S. do Livramento - Caveira**

Flora Maria Pedro

### **Paróquia de Santa Cruz das Flores**

Deolinda Maria Jesus Carpinteiro

Eduardo Alberto Medena de Freitas

Maria da Conceição Nora Freitas

Ouvidoria Lajes

### **Paróquia de N. Senhora do Rosário**

Norberta Maria Freitas Lourenço

### **Paróquia de Nossa Senhora do Rosário**

Adão Pinheiro Silva

### **Paróquia de S. Caetano da Lomba**

Maria da Conceição Avelar Freitas

### **Comissão Executiva**

Francisco dos Reis Maduro Dias

Mafalda Margarida Garrão Gonçalves

Maria de Fátima Morisson M. F. Gonçalves Capaz

Maria Manuela M. de Ávila Duarte

Nelson Manuel Lindo Gonçalves

Paulo Jorge Mendonça Marques

Vasco Augusto Pinheiro Gonçalves Capaz

Vitor Manuel Pinheiro Silva Duarte

## **Comissão Diocesana**

Pe. Augusto Manuel Arruda Cabral  
Manuel Fonseca Sousa Mendes  
Teresa de Jesus Coelho  
Oswalda Rocha Couto Sousa Dinis  
João Fernandes Dinis  
Maria Deodete Furtado  
Humberto Sérgio Ávila  
António Machado Ribeiro

## **Secretariados, Obras e Movimentos**

Acção Católica Independente  
Cáritas  
Casa de São Francisco  
Casa do Espírito Santo  
Catequese  
Corpo Nacional de Escutas  
Cruzados de Fátima  
Curso Preparação Matrimónio  
Equipas de N. Senhora  
Legião de Maria  
Madre de São Gonçalo  
Movimento Católico Enfermeiros  
Movimento dos Cursos de Cristandade  
Movimento dos Vicentinos  
Org. Apost. Acção Católica Rural  
Secretariado da Pastoral da Juventude  
Secretariado Diocesano da Pastoral

## CONGRESSO DIOCESANO DE LEIGOS

Documento a ser enviado aos órgãos de comunicação social, dando uma retrospectiva somativa dos três anos de preparação para o Congresso Diocesano de Leigos.

A Comissão Diocesana.

### CONGRESSO DIOCESANO DE LEIGOS

#### NOTA DE IMPRENSA

Passados 3 anos de preparação para o Congresso de Leigos, a realizar nos dias 6, 7 e 8 do próximo mês de Dezembro. A Comissão Diocesana achou por bem dar a conhecer a toda a Diocese quais as actividades desenvolvidas.

Devido ao facto dos Açores serem constituídos por Ilhas, houve a necessidade de deslocações periódicas de elementos da Comissão e do Assistente Espiritual a Santa Maria, São Miguel, Graciosa, São Jorge, Pico, Faial, Flores e Corvo, tendo por objectivos:

- Formar e dinamizar grupos que preparam o Congresso.
- Sensibilizar as comunidades para o papel do leigo na Igreja.
- Analisar trabalhos já efectuados.

Ainda no âmbito desta preparação deslocaram-se por duas

vezes à Ilha Terceira, os responsáveis de quase todas as Ilhas, tendo em agenda dois pontos distintos:

1 - Balanço dos trabalhos realizados nos anos apostólicos de 89/90 e 90/91, dando a conhecer a realidade quanto ao comportamento na preparação do Congresso e saber quais as dificuldades e formas de trabalho em cada Ilha e/ou zonas.

2 - Tentativa de preencher lacunas no que dissesse respeito a corrigir actuações e métodos de forma a podermos programar o Congresso na recta final, neste último ano apostólico.

Ambas as reuniões de trabalho tiveram a presença do nosso Prelado que fez questão em acompanhar sempre e bem toda esta preparação ao longo dos 3 anos.

O Congresso terá a duração de 3 dias e serão apresentados 3 temas: A Paróquia a cargo da Ilha do Faial, A Igreja a cargo da Ilha da Terceira e a Família a cargo da Ilha de São Miguel.

As restantes Ilhas, assim como as já referidas apresentarão sub-temas, para isso a Comissão Diocesana enviou sugestões para a escolha dos mesmos a apresentar.

Para a efectivação do Congresso, a Comissão Diocesana nomeou uma outra Comissão denominada de Executiva que tem a seu cargo a organização logística.

Deste modo, a referida Comissão, no passado mês de Abril, procedeu à inscrição provisória dos participantes de todas as ilhas, até ao máximo de três por freguesia. Em Outubro foram feitas as inscrições definitivas. Assim, estão já inscritos cerca de 300 participantes, nomeadamente leigos, representantes dos Secretariados e Movimentos Apostólicos e representantes do Clero.

No dia 5 de Dezembro a Comissão Executiva fará a recepção dos congressistas e, entre as 16 e as 19 horas, na Igreja do Colégio procederá à entrega da documentação de apoio. Nesta Igreja funcionará também o serviço de secretariado.

Além da Igreja do Colégio serão utilizadas ainda a Igreja de S. Francisco e da Misericórdia.

Em cada um dos três dias do Congresso as manhãs serão

ocupadas com a apresentação dos temas referidos, seguida de debate.

De tarde os congressistas dividir-se-ão pelas 3 Igrejas, onde serão apresentados os sub-temas constantes do programa que se anexa e que constituirão um ponto de partida para os trabalhos de grupo, cujas conclusões serão apresentadas, debatidas e permitirão a elaboração das conclusões gerais do Congresso que, desta forma amplamente participada, permitirão um levantamento efectivo das preocupações, anseios e ideias da nossa Comunidade Cristã, bem como a orientação dos trabalhos a desenvolver no futuro.

Em cada um dos dias, aos trabalhos acima referidos seguir-se-à a celebração da Sagrada Eucaristia.

Como o título deste documento indica, esta retrospectiva consiste numa reflexão rápida do trabalho desenvolvido por uma Comissão escolhida com uma finalidade:

Preparar um Congresso que se pretende serem 3 dias de paragem na vida de pessoas baptizadas, para contribuírem cada vez melhor na Igreja dos Açores, e tomarem maior consciência da responsabilidade do que é ser Cristão e estar ao serviço do Reino de Deus, numa postura activa na promoção da liberdade, da verdade, da justiça, da fraternidade e da paz no nosso meio e no mundo.





# TEMAS PRÉ-CONGRESSO



## TEMAS PRÉ - CONGRESSO

### MISSÃO DOS LEIGOS JOVENS NA IGREJA

Os jovens devem ser encarados como membros de pleno direito da Igreja, porque o são; é essencial aceitar o seu contributo específico e estimular a sua responsabilidade própria na evangelização dos seus companheiros de juventude. Todos somos chamados a trabalhar na vinha do Senhor nas várias horas do dia e nas diversas idades da vida. É uma extraordinária variedade de presenças na Igreja, todas e cada uma chamadas a trabalhar para o advento do Reino de Deus segundo a diversidade de vocações e das situações, carismas e ministérios. Trata-se da variedade ligada, não só à idade, mas também à diferença do sexo e à diversidade dos dons, como igualmente às vocações e às condições de vida; é uma variedade que torna mais viva e concreta a riqueza da Igreja. Em relação à missão dos jovens na Igreja, há uma dimensão humana de base a ter em conta na sua formação. A escola pode e deve ir formando nos jovens um sentido crítico de cariz positivo e iniciá-los, gradualmente, à participação responsável na sociedade, mas os pais e a comunidade cristã não podem descurar o seu contributo imprescindível neste campo.

A vocação primordial da comunidade cristã, neste campo de formação, é situar-nos numa relação consciente com Deus - rocha firme no mais íntimo de nós mesmos e ponto de convergência com o que há de mais vital na comunidade humana e no universo criado em geral - ; e na medida em que o faz, não através de uma

reflexão teórica, mas através de uma pedagogia que nos leve, movidos pela confiança, pela esperança e pela caridade, a participar com Deus na nossa história pessoal e colectiva, a Igreja abre acesso a uma perspectiva nova sobre os acontecimentos - que podemos classificar de profética - que relativiza neles o que é contingente e valoriza o que tem futuro, por ser de Deus. (A.A.29)

Os jovens, em muitos países e regiões, também na nossa, constituem uma força excepcional e são um grande desafio para o futuro da Igreja. É neles que a Igreja lê o seu caminho para o futuro que a espera e encontra a imagem e o convite daquela alegre juventude com que o Espírito de Cristo constantemente a enriquece. Eles "são a esperança da Igreja". (J.E.2). Aliás, sempre foi assim na Igreja, desde os tempos apostólicos. (1º. João, 2, 13 sgs.).

Mas os jovens não são na Igreja só objecto de solicitude pastoral da Igreja; são de facto e devem ser encorajados a ser sujeitos activos, protagonistas da evangelização e artífices da renovação social. A juventude é o tempo de uma descoberta particularmente intensa do próprio "eu" e do próprio "projecto de vida", é tempo de um crescimento que deve realizar-se "em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens" (Lucas 2, 52).

Eles intuem profundamente os valores da justiça, da não violência e da paz. Estão abertos à fraternidade, à amizade e à solidariedade. Mobilizam-se, facilmente, em favor das causas que concernem a qualidade da vida e a conservação da natureza.. Todavia, sabemos também que abundam neles as inquietações, as desilusões, as interrogações, as angústias e receios do mundo, para além das tentações próprias da sua idade.

Jesus Cristo mostrou um amor de predilecção ao jovem do Evangelho. "Olhando para ele, amou-o", (Marc. 10,21), atitude que a Igreja deve assumir sempre continuamente.

"A Igreja tem tantas coisas para dizer aos jovens, e os jovens têm tanta coisa para dizer à Igreja" é este o diálogo recíproco a que nos convida o magistério da Igreja, o qual deverá continuar e

manter-se com cordialidade, clareza e coragem, favorecendo o encontro e o intercâmbio das gerações e será fonte de riqueza e de juventude para a Igreja e para a sociedade civil.

A Igreja olha para os jovens com confiança e amor... Ela é a verdadeira juventude do mundo... Olhai para ela e nela encontrareis o rosto de Cristo.

“Para cumprir a missão, de sob o impulso do Espírito Santo, a obra do próprio Cristo, que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para condenar, para servir e não para ser servido, a Igreja tem incessantemente o dever de perscrutar os sinais dos tempos e de os interpretar à luz do Evangelho, de tal sorte que possa responder, de um modo adequado a cada geração, às eternas interrogações dos homens sobre o sentido da vida presente e futura e sobre as suas relações recíprocas. Importa por conseguinte, conhecer e compreender este mundo no qual vivemos, as suas esperanças, as suas aspirações, a sua índole, frequentemente, dramática”. (G.S. 4).

Em relação aos jovens são sinais dos tempos:

Valores e perspectivas dos jovens; problemas e preocupações deles; atitudes face ao futuro; dificuldades de integração e participação dos jovens na sociedade actual; o processo de acomodação dos jovens à actual situação; o acesso dos jovens aos estudos superiores e ao primeiro emprego; o diálogo jovens-adultos, etc., etc... .

Cada geração tem de fazer a sua leitura dos sinais dos tempos, em sua dimensão universal e local. Com a realização deste nosso Congresso Diocesano de Leigos, criam-se condições, particularmente, favoráveis a que os cristãos jovens e comunidades nele envolvidos se consciencializem deste seu dever de “estar atentos aos sinais dos tempos”, o que implica em primeiro lugar identificá-los, conhecê-los, escutá-los, decifrá-los. É essa uma primeira tarefa que lhe propomos.

Com isto não pretendemos mais do que dar-lhes coragem para que se lancem nesta tarefa com espírito de fé, de verdade, de disponibilidade à vontade de Deus, deixando que a Palavra do

**Senhor surja para renovar o nosso empenhamento e fidelidade ao Espírito Santo de Deus.**

### **QUESTIONÁRIO**

**1 - Como se preocupam as nossas comunidades com os seus jovens e adolescentes?**

**2 - Que apoios e acompanhamento as nossas comunidades dão aos jovens e adolescentes?**

**3 - As nossas comunidades têm grupos de jovens e adolescentes? Quais? Em que trabalham?**

**4 - Quais os problemas mais importantes dos jovens da sua comunidade? Como resolvê-los a fim de os integrar responsabilmente na vida da Igreja local?**

## MISSÃO DOS LEIGOS NOS MOVIMENTOS DA IGREJA

Em Portugal, o processo de renovação conciliar criou condições propícias à implantação e desenvolvimento de novos movimentos, não existentes antes do Concílio, e produziu efeitos de mudança nos movimentos existentes.

Algumas grandes ideias - força do Concílio têm estimulado processos de valorização do papel dos leigos na Igreja e reforçado a legitimidade das suas formas associativas, ao mesmo tempo que as condições sociais objectivas tornaram cada vez mais necessária a actuação dos leigos nas estruturas sociais e começaram a ocorrer alterações significativas no entendimento e nas práticas do papel do padre na Igreja e na sociedade, assim como no número de padres em serviço e de seminaristas. Á medida que se vai difundindo o valor da comunhão e da vida comunitária que chama a tomar parte activa na Igreja todos os baptizados; que se vai criando uma nova consciência da missão da Igreja, e que todos, na Igreja, de várias maneiras, são corresponsáveis por ela; que se vai elaborando conceptualmente e praticando um novo modelo de relação entre a Igreja e a sociedade, designadamente os poderes estabelecidos, passando pela descoberta do valor e responsabilidade da autonomia da secularidade; e que se vai clarificando que o apelo à perfeição é dirigido a todos os cristãos e que todos podem e devem atingir a perfeição cristã e ser santos no seu próprio estado de vida; à medida que estes elementos se vão difundindo por um

número crescente de cristãos e na própria sociedade, vão sendo reconhecidos novos significados, valor e funções aos leigos e aos movimentos.

Por outro lado, parece legítimo reconhecer-se que os movimentos têm sido agentes de difusão das grandes ideias - força conciliares atrás referidas, não só no plano das ideias, mas principalmente pelos espaços que criam de experimentação e aplicação destes valores. É legítimo pensar-se que factores sociais tais como diversidade de estratos sociais, pluralidade de valores e formas culturais, mudança sócio-cultural, democratização e processo de desenvolvimento favoreceu a diversidade de movimentos, assim como factores de ordem eclesial tais como vida comunitária participada, dinâmica evangelizadora, clericalismo reduzido e boa catequese e formação dos leigos.

A implantação dos movimentos contribui para que se tenha criado um estrato de leigos que se distingue da generalidade dos católicos açorianos. Os membros dos movimentos são, geralmente, praticantes mais assíduos dos actos de culto públicos, designadamente da Eucaristia dominical, conhecem mais a doutrina da Igreja, participam mais nas tarefas e serviços das paróquias e das diversas obras e actividades católicas, têm uma mais clara e viva consciência da sua identidade como católicos e da sua pertença à Igreja, estão mais conscientes dos preceitos morais católicos e de que devem transmitir a mensagem do Evangelho e conformar a sua maneira de viver e actuar na sociedade segundo os valores do Evangelho.

Não é raro encontrar casos de alguma tensão e até conflitualidade entre membros dos movimentos e outros leigos, ou entre eles e o clero, ou entre membros ou grupos de movimentos diferentes: a posição e o papel dos movimentos e dos seus membros no seio das paróquias, das dioceses ou até em estruturas de âmbito supra-diocesano chocam-se, por vezes, com os de outros agentes ou entram em competição com eles. É, assim, frequente, tanto no discurso oficial da hierarquia como no dos movimentos relacionar o direito à legítima autonomia e diversidade dos movimentos com



a obrigação de cooperarem para a unidade da Igreja, aos diferentes níveis estruturais; ainda que cada discurso possa ter acentuações diferentes.

Apesar da dificuldade em estabelecer generalizações em virtude da grande diversidade de movimentos tendo em conta, designadamente, os seus objectivos específicos, os métodos e formas de acção, as formas de organização, o número e tipo de membros, o tempo de existência, as formas de relação com a hierarquia, a espiritualidade que cultivam, os temas e métodos de formação que privilegiam, a expansão que têm no país e estrangeiro, a importância e intensidade de dependência das respectivas estruturas internacionais, as formas e meios de comunicação social tanto para o interior como para o exterior, a abertura e grau de cooperação com outras associações e identidades eclesiais e civis, é possível verificar que os movimentos têm desempenhado funções significativas na Igreja e na sociedade em Portugal, neste último quarto de século.

Em síntese, poderiam identificar-se as seguintes mais relevantes:

- têm sido quadros de referência de vida cristã e de experiência de vida comunitária;
- têm sido instrumentos de formação permanente dos leigos;
- têm sido agentes de evangelização;
- têm fornecido dirigentes e outros agentes responsáveis para muitas organizações sociais e suscitado acções de animação sócio-cultural e de prestação de serviços à sociedade, a todos os níveis;
- têm facultado o intercâmbio de pessoas, ideias e experiências entre cristãos de dioceses e de países diferentes.

Os movimentos podem considerar-se lugares e agentes muito importantes de auto-construção e renovação da Igreja e espaços de intensa inter-acção entre a Igreja e a sociedade. As perspectivas da evolução da sua presença e intervenção estão condicionadas por alguns processos em curso na sociedade e na cultura e na Igreja do nosso tempo.

Como grande cenário, deverá considerar-se a progressiva integração de Portugal na C.E.E., como poderoso e rápido processo de mudança que já está a atingir directa ou indirectamente todos os planos e sectores da vida, desde o económico ao cultural e espiritual.

Não deverá supor-se ou esperar-se que se implantem entre nós, de forma mecânica e imediata, todos os padrões e formas de pensar e viver comuns nos países mais desenvolvidos da Europa central e do norte, assim como não deverá pensar-se que apenas se farão notar algumas pequenas e limitadas influências, sobretudo na esfera da economia e da gestão dos recursos materiais. A evolução da nossa sociedade estará cada vez mais condicionada pela evolução da construção da Europa, o que exige um projecto da Europa do séc. XXI e do papel de Portugal nessa construção. Neste contexto, poderá perfilar-se no nosso horizonte um influxo mais forte de tendências secularizantes na nossa vida social e cultural: os objectivos propostos como desejáveis e os caminhos considerados mais eficazes para os alcançar podem vir a desenhar-se e a ser postos em prática de tal modo que se notará uma grande distância entre eles e as concepções e critérios cristãos da vida, do homem e da sociedade.

É muito provável que o debate destas questões tenda a ser subjugado por argumentos e critérios de mera eficácia e racionalidade técnica e pode suceder que muita gente, posta perante um debate pretensamente técnico e um quadro cinzento de discursos político-ideológicos incoerentes e quase indistintos, acabe por não participar e não arriscar a levantar questões de outra ordem, em especial sobre o sentido e a qualidade de vida. Levantem-se, pois, questões sérias sobre os caminhos do futuro da Europa que exigem clareza de critérios e um aprofundamento da participação dos europeus nas decisões a tomar.

Instâncias de reflexão crítica, capazes de ler os sinais dos tempos e de estimular a actuação dos cristãos na construção da Europa, poderão vir a ter um papel muito importante no futuro próximo. Para isso, deverão preparar-se para já.

Um obstáculo insidioso à actuação dos movimentos está já a fazer-se sentir: o individualismo desvaloriza a dimensão comunitária, favorece uma atitude passiva nas associações e movimentos, ou leva a que a participação seja mínima, sem custo, sem compromissos. Na sua esteira pode ir uma tendência de privatização da religião e da fé, a produzir o aumento do número de católicos não praticantes, numa primeira fase, e de indiferentes, a seguir. A toda a Igreja, em geral, e aos movimentos, em particular, coloca-se um desafio à sua capacidade de dialogar com os homens de hoje, com a cultura moderna. Há riscos e potencialidades no processo de construção da Europa: a partir do Evangelho, a Igreja tem um contributo próprio a dar, mas é claro que ele não se esgota com a intervenção da hierarquia e terá de passar pelas formas próprias de os cristãos leigos assumirem a missão da Igreja.

Aos movimentos cabe uma boa parte da tarefa evangelizadora da Igreja, o que passará também pela sua capacidade de dinamizarem os seus membros a percorrer um contínuo e progressivo caminho de aprofundamento da fé, como raiz e garante da sua identidade. Numa sociedade aberta e pluralista onde se vão diluindo os mecanismos de controlo social que garantiam a conformidade - pelo menos exterior e pública - dos modelos de pensar e agir com as crenças, valores e tradições cristãs, assume particular relevo a urgente questão de os cristãos precisarem de saber explicitar as razões da sua fé, terem a coragem de viver com um estilo próprio, o que os pode colocar na incómoda posição das minorias. Também para poderem viver a situação de isolamento pessoal e de grupo minoritário, muitos cristãos poderão procurar respostas e apoio nos movimentos. Nestas condições, as funções de acolhimento e apoio inter-pessoal poderão vir a ser muito solicitadas e valorizadas.

A multiplicidade e a diversidade dos movimentos tem contribuído para que os espaços de participação na Igreja e as formas de presença e intervenção da Igreja na sociedade se adaptem à grande complexidade e variedade de formas de

expressão e de necessidades e capacidades pessoais e grupais que as sociedades modernas apresentam. A clareza e eficácia do sinal que a Igreja é na sociedade não é afectada pela diversidade de movimentos e de outras formas organizativas, salvo se entre elas se estabelecerem incoerências tais que se torne duvidosa a unidade da própria imagem da Igreja e fique em causa a credibilidade da sua mensagem. A construção dinâmica da unidade na diversidade poderá vir a revelar-se um serviço de grande valor que a Igreja presta a um mundo onde, frequentemente, o ser diferente é uma ameaça à unidade; ou porque é uma defesa agressiva contra a uniformidade, ou porque é a expressão de uma incapacidade para se relacionar e complementar com outros.

Neste mundo do ter, do isolamento, da competição e do efémero que é, em grande parte, o nosso, há também lugar para a interrogação sobre o sentido e o valor da vida, para a solidariedade, para a esperança num mundo de paz e de justiça, de harmonia dos homens entre si, com a natureza e, para muitos, com Deus. Há assim necessidade e espaço para a tarefa da reevangelização da Europa, a partir de dentro, o que exigirá a renovação da própria Igreja.

A associação dos fiéis leigos por motivos espirituais e apostólicos brota de várias fontes e vai ao encontro de diversas exigências: exprime, de facto, a natureza social da pessoa e obedece ao imperativo de uma mais vasta e incisiva eficácia operativa. Na verdade, a incidência "cultural", fonte e estímulo e, simultaneamente, fruto e sinal de todas as demais transformações do ambiente e da sociedade, só se pode alcançar com a acção, não tanto dos indivíduos, mas de um "sujeito social", isto é, com a acção de um grupo de uma comunidade, de uma associação, de um movimento. É isso é particularmente verdade no contexto de uma sociedade pluralista e fragmentada - como é, em tantas partes do mundo, a actual - e perante os problemas tornados enormemente complexos e difíceis. Por outro lado, sobretudo num mundo secularizado, as várias formas associativas podem representar para muitos uma ajuda preciosa a favor de uma vida

cristã coerente com as exigências do Evangelho e do empenhamento missionário e apostólico.

Para além destes motivos, a razão profunda que justifica e exige o associar-se dos fiéis leigos é de ordem teológica: uma razão eclesiológica, como abertamente reconhece o Vat.II ao apontar o apostolado associado como um “sinal de comunhão e de unidade da Igreja em Cristo” (A.A.18). É um “sinal” que deve manifestar-se nas relações de “comunhão”, tanto no interior como no exterior das várias formas associativas, no mais vasto contexto da comunidade cristã. É a própria razão eclesiológica apontada que explica por um lado o “direito” de agregação próprio dos fiéis leigos, e, por outro, a necessidade de “critérios” de discernimento sobre a autenticidade eclesial das suas formas associativas.

Antes de mais, é necessário reconhecer-se a liberdade associativa dos fiéis leigos na Igreja. Essa liberdade constitui um verdadeiro e próprio direito que não deriva de uma espécie de “concessão” da autoridade, mas que promana do Baptismo, qual sacramento que chame os fiéis leigos para participarem activamente na comunhão e na missão da Igreja. (L.G.37). Trata-se de uma liberdade reconhecida e garantida pela autoridade eclesiástica e que deve ser exercida sempre e só na comunhão e com a Igreja. Neste sentido dos fiéis leigos em associar-se é essencialmente relativo à vida de comunhão e à missão da própria Igreja. Como critérios fundamentais para o discernimento de toda e qualquer associação dos fiéis leigos na Igreja, podem considerar-se de forma unitária, os seguintes:

- o primado dado à vocação de cada cristão à santidade (L.G.39; 40; A.A.19);
- a responsabilidade em professar a fé católica;
- o testemunho de uma comunhão sólida e convicta (L.G.23; A.A.23);
- a conformidade e a participação na finalidade apostólica da Igreja (A.A.20);
- o empenho de uma presença na sociedade humana.

Temos de dar graças a Deus pelo grande dom da comunhão

eclesial. (João 15,5). A consciência do dom deve ser acompanhada de um grande sentido de responsabilidade. Trata-se com efeito, de um dom que, à semelhança do talento evangélico, deve ser posto a render numa vida de crescente comunhão. Ser responsáveis do dom da comunhão significa, antes de mais, empenharmo-nos na vitória sobre toda a tentação da divisão e de contraposição que ameaça a vida e o empenhamento apostólico dos cristãos. (1ª.Cor.1,10; 1ª.Cor.1,12.13; João 17,21)

### QUESTIONÁRIO

1 - Os cristãos da sua comunidade sentem-se apóstolos e evangelizadores no seu dia a dia?

2 - Porque será importante haver movimentos de apostolado?

3 - Que atitudes devem ser tomadas para que os movimentos vivam a comunhão dentro da Igreja?

4 - A nossa comunidade precisa de ser evangelizada? Porquê? Como fazê-lo?

## MISSÃO DOS LEIGOS NA CULTURA

Um dos aspectos característicos da humanidade de hoje, um autêntico “sinal dos tempos” que está a amadurecer em diversos campos e em diversas direcções, no campo sobretudo, das mulheres e do mundo dos jovens e na direcção da vida, não só familiar e escolar, mas também cultural, económica, social e política é o leigo tornar-se protagonista e, em certa medida, criador de uma nova cultura humanista, como exigência ao mesmo tempo individual e universal.

O Vat. II entende por “cultura” todos aqueles “meios com que o homem afina e usa os seus múltiplos dons de alma e de corpo, procura submeter ao seu poder, com o saber e o trabalho, o próprio cosmos; torna mais humana a vida social, tanto na família como em toda a sociedade civil, como o progresso do costume e das instituições; enfim, no decorrer do tempo, exprime, comunica aos outros e conserva nas suas obras, para que sejam de proveito a muitos e mesmo à humanidade inteira as suas grandes experiências espirituais e as suas aspirações”. (G.S.53).

A criação e transmissão da cultura é uma tarefa grave dos nossos dias para tornar possível a convivência humana e a evolução social. A cultura é o bem comum de um povo, a expressão da sua dignidade, só dentro e através da cultura é que a fé cristã se torna histórica e criadora da história.

Perante o progresso de uma cultura que aparece divorciada

não só da fé cristã mas até dos próprios valores humanos, bem como perante uma certa cultura científica e tecnológica incapaz de dar resposta à premente procura da verdade e do bem que arde no coração dos homens, a Igreja tem plena consciência da urgência pastoral de se dar à cultura uma atenção toda especial. Por isso, a Igreja pede aos fiéis leigos que estejam presentes, em nome da coragem e da criatividade intelectual, nos lugares privilegiados da cultura, como são o mundo da escola e da universidade, os ambientes de investigação científica e técnica, os lugares da criação artística e da reflexão humanística.. Tal presença tem como finalidade não só o reconhecimento e a eventual purificação dos elementos da cultura existente, criticamente avaliados, mas também a sua elevação, graças ao contributo das originais riquezas do Evangelho e da fé cristã. O que o Vat. II escreve sobre a relação entre o evangelho e a cultura representa um facto histórico constante e, simultaneamente, um ideal de acção de singular actualidade e urgência; é um programa empenhativo que se impõe à responsabilidade pastoral da Igreja inteira e, nela, a responsabilidade específica dos fiéis leigos. (L.G. 58). Paulo VI na E.N. 18-19 diz que a cultura é para converter a consciência pessoal e colectiva dos homens, para modificar os seus critérios de vida e para evangelizar em profundidade (E.N. 18-19).

O caminho que hoje se privilegia para a criação e a transmissão da cultura é o dos instrumentos da comunicação social. Também o mundo dos mass-media", na sequência do acelerado progresso das inovações e da influência, ao mesmo tempo planetária e capilar, sobre a formação da mentalidade e do costume, constitui uma nova fronteira da missão da Igreja. Em particular, a responsabilidade profissional dos fiéis leigos nesse campo, exercida, tanto a título pessoal como através de iniciativas e instituições comunitárias, deve ser reconhecida em todo o seu valor e apoiada com os mais adequados recursos materiais, intelectuais e pastorais.

No uso e na recepção dos instrumentos de comunicação,



tornam-se urgentes tanto numa acção educativa em ordem ao sentido crítico, animado da paixão pela verdade, como numa acção de defesa da liberdade, do respeito pela dignidade pessoal, da elevação da autêntica cultura dos povos, com a recusa firme e corajosa, de toda a forma de monopolização e de manipulação.

Não deve ficar por esta acção de defesa a responsabilidade pastoral dos fiéis leigos; em todos os caminhos do mundo, também nos principais da imprensa, do cinema, da rádio, da televisão e do teatro, deve anunciar-se o Evangelho que salva.

### QUESTIONÁRIO

1 - Os fiéis leigos da vossa comunidade a que nível de sensibilização e de alerta estão para esta realidade cultural e sua evangelização?

2 - Em que sectores concretos da vida da comunidade têm ou podem actuar? Como o têm feito?

3 - Como usam os meios de comunicação social para evangelizar a comunidade? Que grau ou tipo de intervenção têm?

4 - É possível fazerem mais e melhor na sua comunidade neste sector da cultura e evangelização? O quê? Como? Com quem?



## MISSÃO DOS LEIGOS NA POLÍTICA

Ser cristão é professar os valores da justiça, da caridade, do amor e da fraternidade, que são indispensáveis à ordem temporal, à cidade dos homens. A coerência que se exige dos leigos, entre a Fé e a vida, coteja-se com uma verdade muito simples: Nenhum cristão pode fugir à política.

É urgente combater a comodista e generalizada indiferença perante as mudanças do quadro social do nosso país, da nossa região, em relação às quais grande parte dos leigos se limita à participação mínima através do exercício do direito do voto.

Muitas encíclicas e outros documentos do magistério da Igreja e, mesmo, dos nossos Bispos, convidam os cristãos a empenharem-se no desenvolvimento político, económico e cultural.

Para os fiéis leigos o desempenho na política deve ser considerada como um modo particularmente exigente de viver a caridade ao serviço dos outros na perspectiva do bem comum. (G.S. 74); (S.R.5. 36)

A vida política desenvolve-se, cada vez mais, à margem dos valores evangélicos. É desejável que se promovam medidas estimulantes de participação dos cristãos e mesmo dos cidadãos na vida e acção política, que se promova a formação e informação sócio-política necessárias para tornar os leigos capazes de assumirem tarefas de ordem temporal. Há que fazer a aprendizagem da pluralidade e empreender reflexões teológicas

sobre a política que é promoção do bem comum e luta pelos direitos humanos.

No exercício do poder político é fundamental o espírito de serviço, único capaz, ao lado da necessária competência e eficiência, tornar "transparente" ou "limpa" a actividade dos homens políticos, como, aliás, o povo justamente exige. Isso pressupõe a luta aberta e a decidida superação de certas tentações tais como: o recurso à deslealdade e à mentira, o desperdício do dinheiro público em vantagem de uns poucos e com miras de clientela, o uso de meios equívocos ou ilícitos para, a todo o custo, conquistar, conservar e aumentar o poder.

Os fiéis leigos empenhados na política devem certamente respeitar a autonomia das realidades terrenas, rectamente entendida. (G.S. 76)

Simultaneamente - e hoje sente-se-o com urgência e responsabilidade - os fiéis leigos devem dar testemunho daqueles valores humanos e evangélicos que estão intimamente ligados à própria actividade política, como a liberdade e a justiça, a solidariedade, a dedicação fiel e desinteressada ao bem de todos, o estilo simples de vida, o amor preferencial pelos pobres e pelos últimos. Isso exige que os fiéis leigos sejam cada vez mais animados de uma real participação na vida da Igreja e iluminados pela sua doutrina.

Para isso poder-lhes-á ser de apoio e de ajuda a familiaridade com as comunidades cristãs e com os seus Pastores.

Estilo e meio de realizar uma política que tenha em vista o verdadeiro progresso humano é a *solidariedade*; esta pede a participação activa e responsável de todos na vida política, desde os cidadãos individualmente aos vários grupos, sindicatos e partidos: todos e cada um somos simultaneamente destinatários e protagonistas da política. (S.R.5.38)

Tal solidariedade, com efeito, "é caminho para a paz e simultaneamente para o progresso". (S.R.5.39)

## QUESTIONÁRIO

1 - Os fiéis leigos da sua comunidade como vêm a actividade política no nosso país e na nossa região?

2 - Como se comportam os cristãos na política do nosso país e da nossa região? E, nós, se estamos nela?

3 - Para os fiéis leigos da sua comunidade que relação há entre política com caridade, justiça, serviço aos outros, respeito pelas realidades terrestres, solidariedade, paz e testemunho dos valores humanos e evangélicos?

4 - Têm os cristãos leigos da sua comunidade medo de se meterem na política? Porquê?



## MISSÃO DOS LEIGOS NA FAMÍLIA

A família é o primeiro espaço para o empenhamento eclesial dos leigos. É a natural e estrutural dimensão social a que os leigos são chamados à comunhão com os outros e à doação aos outros. (G.S. 24). É um empenhamento que só poderá ser desempenhado adequadamente na convicção do valor único e insubstituível da família para o progresso da sociedade e da própria Igreja.

Jesus Cristo mostrou-se preocupado em restituir ao casal a sua inteira dignidade (Mat. 19, 3-9) e à família a sua própria solidez (Mat. 19, 4-6): S. Paulo mostrou a relação profunda do matrimónio com o mistério de Cristo e da Igreja (Ef. 5, 22; 4,6; Col.3,18-21).

A principal responsabilidade de uma família cristã é dar testemunho de uma vida inspirada no Evangelho. O leigo participa na missão da Igreja começando exactamente na família. É preciso que a voz das famílias seja ouvida. É indispensável dar maior atenção à promoção da dignidade da mulher. Há que promover meios que permitam ajuda recíproca entre as famílias, espiritual e material, até porque há muitas famílias onde faltam meios indispensáveis de alimentação, trabalho e habitação, enquanto noutras há um bem estar excessivo que leva a uma mentalidade consumista.

A acção apostólica dos fiéis leigos na família consiste:

- Em tornar a família consciente da sua identidade de

primeiro núcleo social de base e do seu papel original na sociedade, para que a própria família se torne cada vez mais protagonista activa e responsável do seu crescimento e da sua participação na vida eclesial;

- Exigir de todos, a começar pelas autoridades públicas, o respeito por aqueles direitos que, salvando a família, salvam a mesma sociedade; (Familiaris Consortio, 46);

- Interessarem-se pela promoção dos valores e das exigências da família, perante as ameaças à estabilidade e fecundidade da família e as tentativas da sua marginalização e de esvaziamento do seu sentido social;

- Serem os pais os primeiros e insubstituíveis catequistas dos seus filhos e fazerem da família a primeira escola de formação da fé;

- Cumprir a sua missão educativa e de humanização a todos os níveis;

- Fazer desabrochar, alimentar e amadurecer as possíveis vocações de consagração que Deus chama.

### **QUESTIONÁRIO**

1 - A maioria dos leigos da vossa comunidade tem consciência de que são a família o primeiro espaço de empenhamento eclesial? Em que se concretiza?

2 - Os leigos da vossa comunidade são solidários a nível espiritual e material nas famílias? Sempre?

3 - Os leigos da sua comunidade fazem alguma acção apostólica pela família? Qual? São muitos, poucos, alguns que a fazem? Como?

4 - Que fazer na sua comunidade para que os leigos cristãos vivam a sua missão de cristãos na família?



## MISSÃO DOS LEIGOS NA PROFISSÃO

O serviço prestado à sociedade pelos fiéis tem um seu momento essencial na questão económico-social, cuja chave é dada pela organização do trabalho.

O mundo do trabalho, na complexidade das suas formas, põe diariamente diante de nós múltiplas realidades que impõem uma permanente atenção para que, não só não contrariem o pensamento de Deus sobre o mundo, mas sejam um meio para que, pelo trabalho, a humanidade encontre o seu Salvador. (G.S. 67 e L.E.3)

Solidários com homens e mulheres marcados por duras realidades os leigos cristãos lutam pelos justos direitos dos trabalhadores, nos locais de trabalho e nos movimentos sindicais.

É na acção apostólica dentro das empresas ou no interior dos sindicatos, com outros trabalhadores, que os cristãos dão testemunho vivo de Jesus Cristo, revelando-O e também descobrindo-O em muitos dos seus irmãos de trabalho.

A actividade sindical deve ser exercida com espírito de serviço e o sindicalismo deve ser um espaço de educação dos trabalhadores e não apenas reivindicativo e defensivo dos seus direitos. (L.E. 24-27)

O desempenho, as frustrações vividas pelos jovens que não encontram trabalho, a insegurança no trabalho para aqueles que o têm, são situações que geram a revolta e o desânimo nos

trabalhadores e nas suas famílias e que lhes destroem os valores que normalmente estão implícitos na sua vida diária.

A reflexão feita leva à conclusão de que os valores a que os trabalhadores aspiram coincidem com a mensagem de Jesus Cristo: a verdade, a justiça e liberdade. Os trabalhadores cristãos reconhecem que, na medida em que se solidarizam com os seus companheiros e companheiras de trabalho, os ajudam a descobrir que os valores por que lutam são valores evangélicos e que Jesus Cristo está com eles.

### **QUESTIONÁRIO**

1 - Os cristãos leigos da sua comunidade têm consciência de que em qualquer idade e em qualquer condição de vida são chamados a ser apóstolos de Jesus Cristo?

2 - São realmente apóstolos no seu trabalho?

3 - Têm consciência de que o principal dever do cristão é ser santo em todas as ocasiões e em qualquer estado de vida?

4 - Que atitudes tomar para melhorar a situação existente?

## MISSÃO DOS LEIGOS NA ACÇÃO SÓCIO-CARITATIVA

A acção social usa o desenvolvimento integral da pessoa humana, procura corrigir as assimetrias, evitar as causas das disfunções e promover a integração humana e social dos mais vulneráveis e desfavorecidos. Para os cristãos tem de ser encarada como instrumento da missão evangelizadora do próprio Cristo, como forma do seu anúncio ao mundo e no mundo.

O serviço feito à sociedade exprime-se de variadíssimas maneiras: desde os livres e informais às institucionais, desde a ajuda dada aos indivíduos a que se destina aos vários grupos e comunidades de pessoas.

Toda a Igreja, como tal, é directamente chamada ao serviço da caridade. (A.A.8) A Caridade para com o próximo, nas expressões antigas e sempre novas das obras de misericórdia corporais e espirituais, representa o conteúdo mais imediato, comum e habitual da animação cristã da ordem temporal que constitui o empenho específico dos fiéis leigos.

Com a caridade para com o próximo, os fiéis leigos vivem e manifestam a sua participação na realeza de Jesus Cristo, isto é, no poder do Filho do homem que "não veio para ser servido, mas para servir" (Marc. 10,45); vivem e manifestam essa realeza na forma mais simples que é possível a todos e sempre e, ao mesmo tempo, na forma mais digna, pois a caridade é o dom mais alto que o Espírito dá em ordem à edificação da Igreja (1ª Cor. 13,13) e

ao bem da humanidade. A caridade, com efeito, anima e sustenta a solidariedade activa que olha para a totalidade das necessidades do ser humano.

Uma caridade assim, actuada não só pelos indivíduos, mas também de forma solidária, pelos grupos e pelas comunidades, é e será sempre necessária: nada e ninguém a pode e poderá substituir, nem sequer as múltiplas instituições e iniciativas públicas, que também se esforçam por dar resposta às carências - muitas vezes hoje tão graves e generalizadas - de uma população. Paradoxalmente, essa caridade é tanto mais necessária quanto mais as instituições, ao tornarem-se complexas na organização e pretendendo gerir todos os espaços disponíveis, acabam por se esvaziar devido ao funcionalismo impessoal, à burocracia exagerada, aos interesses privados injustos e ao desinteresse fácil e generalizado.

Se, por um lado, o progresso económico nas sociedades modernas contribui para a elevação do nível de vida médio das populações, por outro, gerou incidências sociais negativas e alimentou profundas assimetrias sociais pelo agravamento ou manutenção de desigualdades culturais, pelas divergências entre necessidades económicas e necessidades sociais e uma distorção entre progresso económico e progresso social.

Para além das "novas formas de pobreza", caracterizadas na época actual pelo desempenho, sobretudo dos jovens, das mulheres e dos deficientes, pela existência de elevado número de famílias monoparentais e pelos diferentes modos de tóxico-dependências, não podemos esquecer que as condições de trabalho, de habitação e de meio ambiente são geradores de perturbações psicológicas individuais e colectivas que estão na base da falta de coesão familiar e social.

Precisamente neste contexto, continuam a aparecer e a espalhar-se, sobretudo nas sociedades organizadas, diversas formas de voluntariado que se traduzem numa multiplicidade de serviços e de obras. Se for vivido na sua verdade de serviço desinteressado ao bem das pessoas, especialmente as mais

carecidas e as mais abandonadas dos próprios serviços sociais, e voluntariado deve ser visto como sendo importante expressão de apostolado, onde os fiéis leigos, homens e mulheres, desempenham um papel de primeiro plano.

### QUESTIONÁRIO

1 - Como percebemos o sofrimento no caminho para o Reino de Deus?

2 - Como aceitamos as contrariedades e os sofrimentos da nossa vida do dia a dia?

3 - Que atenção damos aos doentes da nossa comunidade? E a todos os tipos de marginalização?

4 - Que estruturas existem na nossa comunidade para apoio aos doentes, aos drogados, aos alcoólicos, aos deficientes, às prostitutas, etc. etc.?



# A FAMÍLIA COMUNIDADE DE AMOR

## 1. - A Família que temos

1. 1. - Os contrastes sociais e culturais em que a família está inserida e as crises de transformação que atravessa são consequência das dinâmicas culturais existentes nos nossos dias, caracterizadas por uma densidade de mensagens diferentes entre si, sobrepostas e com frequência discordantes, veículos de comportamento múltiplos, em relação aos quais se tem vindo a debilitar progressivamente a capacidade de juízo e de valorização.

1. 2. - As análises desenvolvidas sobre a família nuclear, que é a nossa família, típica das sociedades industrializadas contemporâneas, frequentemente comprovam que esta se encontra exposta a processos de desintegração e de desinteriorização.

A dimensão de vida interior perde significado progressivamente, para dar espaço e interesses instrumentais e a preocupações utilitaristas, diminuindo acentuadamente, o crescimento afectivo e formativo. Assim, a família corre, cada vez mais, o risco de ser considerada como uma realidade de sobrevivência cultural, à qual já não se confia uma função específica e concreta, tanto no que se refere a cada uma das pessoas como às sociedades no seu conjunto.

1. 3. - A família que temos - com maiores possibilidades de intimidade, de liberdade e de responsabilidade nas relações entre os seus componentes, que são de facto vantagens, encontra-se

actualmente a braços com problemas de vária ordem: uns inerentes à sua nova forma actual; outros derivados da própria estrutura social em que se insere e dos condicionalismos modernos.

Vamos enumerar alguns desses problemas:

- trabalho da mulher, às vezes longe de casa;
- dificuldade de diálogo por falta de tempo e disposição;
- habitação e emprego/desemprego;
- ocupação de tempos livres;
- a forte influência dos meios de comunicação social;
- o pluralismo ideológico e religioso;
- a insegurança e massificação dos centros urbanos;
- os problemas ligados à sexualidade e natalidade, amadurecimento afectivo;
- a instabilidade e o perigo de infidelidade;
- família, hotel onde se come e dorme;
- ignorância em relação ao que é, objectivos e fins concretos da família, tanto para as pessoas que a compõem como para a própria sociedade;
- contestação de autoridade familiar.

## 2. - O que é a família.

2. 1. - O amor e o alicerce, a substância, o alimento e a razão de ser do casamento. Amor que é a doação total e sem reservas. Pelo sacramento do matrimónio, que consagra o amor, começa a história do casal cristão. Desde o início é básico que se possua a consciência de que o casamento em Cristo implica dom mútuo, mas sempre em vista de um dom comum. Dar-se um ao outro, para se darem os dois à fecundidade, no mais amplo significado da palavra.

Espaço e tempo para o aproveitamento da intimidade para o conhecimento mais profundo um do outro a todos os níveis, mas mantendo sempre vivas as relações com os outros. A pequena Igreja do lar só crescerá se mantiver o pequeno circuito vivencial que lhe é própria em comunicação com a circulação do grande corpo eclesial a que pertence.

2. 2. - Espaço e tempo para, generosa mas realisticamente,



amadurecer a decisão quanto ao número de filhos, tendo sempre em conta as capacidades globais do casal (económicas, sociais, de saúde) e o bem comum a promover.

Escolher, com consciência o método mais adequado para o desejado intervalar no nascimento dos filhos, considerando a importância dessa questão no equilíbrio afectivo do matrimónio e eliminando a tentação de criar problemas morais e pessoais sobre a matéria.

Pelo Baptismo começa a caminhada cristã dos filhos que por ele se tornam membros da família a corpo inteiro, irmãos na fé.

A educação cristã que se segue deve começar muito cedo, pela palavra e pelo exemplo, sobretudo por este. Os pais são progenitores da vida total, portanto, da vida corporal e da vida do espírito.

Discretamente, acompanhar toda a fase de socialização dos filhos. De forma natural, colaborando com os professores e com os catequistas para que o grande mundo vá penetrando no lar e o lar no mundo. Sem imposições intempestivas, ir criando hábitos de oração e de frequência dos sacramentos.

2. 3. - A família cristã é a Igreja doméstica:

(Rom. 16, 5; 1ª. Cor. 16, 19; Col. 4, 15; L.G. 11; J.S. 48; A.A. 11) a família cristã é comunidade de Amor, (J.S. 48) espaço e tempo de intimidade. A família cristã é uma comunidade de oração.

Espaço e tempo para exercer a autoridade como serviço de Amor necessário. Escola de catequese. Igreja doméstica na Igreja local.

3. - A família que queremos.

3. 1. - Uma família que seja comunidade de crentes e sinal, sacramento de salvação; aberta ao diálogo; que aprenda cada membro a ser tão feliz a dar como a receber; que cada membro nunca desista do esforço de se melhorar; que cada um se mantenha sempre numa atitude de verdade.

3. 2. - Uma família que respeite a individualidade de cada um dos seus membros, mas tentando integrá-los,

progressivamente, na dinâmica familiar, consoante as capacidades de cada um.

Uma família, cujos membros consoante as suas responsabilidades, mais do que a inteligência e a cultura, ponham ao serviço da mesma o dom da paciência, da humildade, da sinceridade, da generosidade, da alegria e do amor que todos podem possuir na medida em que o desejarem.

Uma família, cujos pais, tenham consciência de que não são obrigados a ter êxito na educação dos filhos, mas apenas a fazer tudo para o ter.

3. 3. - Queremos uma família resistente e ao mesmo tempo flexível às mudanças, que tenha cada membro, consoante a sua idade, capacidade de selecção e de decisão relacionada com uma autêntica ordem de valores morais e de fé. Numa palavra: uma família amadurecida nas diversas fases evolutivas da vida.

### QUESTIONÁRIO

1 - *A família que temos*

1.1. - Como se encontra a família na vossa paróquia dum modo geral e global?

1.2. - A família na vossa paróquia passa por uma crise de fé, de relação entre os seus membros, de relação com as outras famílias? Será também uma crise económica, de trabalho, de qualidade de vida, de formação?

1.3. - Quais as grandes causas dos aspectos negativos que se encontram na família da vossa paróquia?

2 - *O que é a família*

2.1. - Que consciência tem as pessoas na nossa paróquia daquilo que realmente é a família?

3 - *A família que queremos*

3.1. - O que devem fazer as pessoas na vossa paróquia para que a família possa ser mais e melhor?

3.2. - O que podem fazer na vossa paróquia para que a família seja o que deve?

3.3. - O que vão começar a fazer já para tal?

## SUB - TEMA: A EDUCAÇÃO NA FAMÍLIA

### 1 - *A educação na família que temos*

Ao nível educativo podemos captar a variedade de problemas que os pais têm de conhecer e experimentar como educadores naturais dos seus filhos. Em todos esses problemas fica sempre algo no ar e que não resulta totalmente acabado, porque a dinâmica da família não se esgota facilmente. Uma mesma família tem muitas caras, porque cada um dos seus membros tem também muitas facetas com as quais se apresenta aos outros. Por isso uma família, aparentemente reduzida, tem muitas situações diversas, onde os papéis, os moldes e modelos a imitar e a destruir no jogo profundo de identificações (imitações) e diferenciações para a construção da personalidade de cada membro familiar, vão alternando sempre.

É neste contexto familiar que se assentam as bases para ver o que podemos fazer com a família actual. Cada membro dela tem uma história própria e leva consigo outras histórias. Cada um de nós tem um sem número de rostos que vão aparecendo segundo motivos e circunstâncias, umas vezes escolhidas e outras impostas por elementos que não conseguimos controlar na sua totalidade.

Concretizemos alguns problemas familiares a nível educativo:

#### 1. 1. *A situação educativa dos casais novos*

Antes de se decidirem para o casamento vivem as tendências dominantes de hoje em relação ao casamento: casar ou não casar? Valerá a pena? Arranjar uma alternativa? Está aqui o valor do casamento posto em causa.

O sacramento, como tal, não é posto pela maioria conscientemente. A sobrevivência da mulher hoje não é problema.

Casar, sim. Mas quando? E até quando? Hoje é difícil o emprego. Estuda-se durante mais tempo. Casar em "part-time"? O sentido do provisório...

Casar para quê? Para viver melhor? Conveniência? Para se libertar da família anterior? Para o exercício da sexualidade?

Nestas dominantes em relação ao casamento e ao sacramento há três ideias fortes relacionadas com o aspecto educativo:

- 1 - a procura de felicidade. Mas que felicidade?
- 2 - o valor do diálogo e do entendimento. Diálogo e entendimento acerca de quê?
- 3 - a vitória do amor sobre as dificuldades. Será mesmo amor? Que responsabilidade?

A nível de educação religiosa, os casais novos têm falta de referências a Deus e à Igreja sobre o amor e o casamento.

Não são inimigos de Deus e da Igreja. São indiferentes. Deus e a Igreja não lhes dizem nada. O amor e o casamento é um problema deles. Terminado o amor, termina o casamento. Muitos jovens procuram o casamento católico, como dado adquirido, não por razões de fé. Não sabem o porquê do casamento católico. São razões de tradição, de família de vergonha que os levam a tal decisão.

Depois do casamento, a lua de mel, onde tudo é novidade. A vida absorve-os a pouco e pouco. Vão adiando o primeiro filho. Vivem um para o outro: trabalho, amigos, vida superficial e louca, longe de Deus, nada de religioso. Depois aparece o 1º filho e o casal começa a fazer referência à sua infância e fazem o mesmo que os pais fizeram com eles: Baptismo, uma festa social; 1º Comunhão, mais uma festa social;

Comunhão solene é o termo e fim de toda a educação religiosa.

Aqui começa a tal "autonomia" e o corte e vazio de Deus e de fé. Os lares dos casais novos são lugares onde não se reza, porque não sentem necessidade de rezar. Quando muito, rezam aquilo que os pais lhes ensinaram.

A nível de educação humana, os problemas estão todos relacionados com a palavra chave: desenvolvimento. Os elementos do casal tem a sua história, a sua curva, as suas fases e as suas etapas próprias. Mas de tudo isto, o que é importante é o modelo de relação interpessoal.

E neste sentido, há áreas de aprendizagem que hoje estão bem identificadas:

- 1 - o conhecimento de si próprio;
- 2 - o conhecimento do outro;
- 3 - compreensão do que se passa no outro (tolerância);
- 4 - aprender a alegria de viverem juntos.

#### 1.2 *Problemas relacionados com a determinação do nível mental*

Este ponto continua a ser uma forte causa de inquietação por parte dos pais.

Algumas vezes, são os próprios pais que descobrem a existência de que algo não está bem no comportamento dos filhos e pedem conselho a alguém que nem sempre está preparado para o dar. Mas a maioria das vezes, são os próprios pais que fazem "um estudo" à sua maneira da insuficiência intelectual dos filhos, porque o seu rendimento é escasso. Este processo é muito perigoso, porque na maioria dos casos não se trata de insuficiência quanto à capacidade intelectual, mas precisamente porque se passou a "clarificar" este ou aquele filho de mau, rebelde, doente, perverso ou possuído de maldade que molde a sua personalidade e a condiciona a pouco e pouco. A experiência deste processo é desoladora e tremendamente perturbadora de uma acção educativa eficaz.

### 1. 3. *Problemas escolares*

Neste capítulo entram: as dificuldades nos estudos, o escasso rendimento escolar que constituem um grave peso para a maioria das famílias. Nem todas as famílias são capazes de ver com clareza que tais problemas estão relacionados com a estrutura concreta da família em que o filho que os tem num determinado momento. São, a maioria das vezes, problemas criados pelas relações interpessoais da família que necessita de recriar um novo sistema de vida e de contactos de maior perfeição, capaz de apoiar o amadurecimento global do filho criança ou adolescente.

### 1. 4. *Problemas relacionados com a orientação profissional, escolar, pessoal e vocacional*

Neste sector a família está ultrapassada em relação aquilo que, há anos atrás, podia resolver por si mesma com critérios de senso comum. As causas desta situação estão na nossa própria sociedade e ambiente hodiernos, nos quais tudo fica cada vez menos claro e as motivações ocultas e inconscientes manipulam todo aquele que tem de tomar uma decisão em qualquer dos aspectos da orientação. Além disso, tudo isto se complica a este nível quando vemos e sabemos que a maior parte das pessoas que buscam quer na família quer fora dela, orientação, fazem-no para conseguirem uma fórmula ou receita com carácter directivo e não para adquirir um conhecimento objectivo de si mesmo e da realidade ou meio ambiente que apoie uma decisão pessoal, livre e responsável.

### 1. 5. *Problemas relacionados com as crises pessoais*

Neste capítulo podemos incluir os desequilíbrios de personalidade de diversa ordem, os transtornos de comportamento, conflito de adaptação, problemas de educação sexual e afectiva. Deles constituem o tributo da família - doente - e uma sociedade também doente que devora comportamentos. É o sofrimento inevitável para conseguir um tipo de adaptação a uma sociedade que exige ajustamentos e que põe em tensão as pessoas. São crises que necessitam de apoios e de curas específicas para conseguir a adaptação a esquemas sociais com os quais nem sempre os pais estão de acordo. É uma situação grave.

1.6 *Problemas relacionados com a área matrimonial como são:*

As ausências dos pais; as separações justificadas e não justificadas; as infidelidades conjugais; os divórcios etc. As repercussões que tais problemas têm sobre amadurecimento pessoal dos elementos da família, já de si doente como grupo humano, são de tal modo desagregadoras que destroem a família como tal e cada um dos seus elementos.

1.7 *Problemas relacionados com o nível sócio-cultural*

Há muitas famílias ainda que constituem um mundo fechado a níveis sócio-culturais por condicionamentos de diversa ordem: falta de informação, ignorância, falta de meios de ajuda e orientação, falta de recursos materiais e económicos, etc.

1.8 *Muitas famílias se relacionem falando*

Outras, e são cada vez mais, comunica-se estabelecendo um jogo inconsciente, através da comunicação não verbal que pode ser normal, anormal e doentia de conteúdo e de relação. Neste caso as palavras são substituídas por gestos ou sintomas e a interpretação dos mesmos tem de ser feita com cuidado.

Do mesmo modo que uma palavra pode ter diversos significados no contexto de uma frase até formar e exprimir uma ideia, um gesto ou sintoma, também pode ser utilizado com diversos significados, consoante o contexto familiar em que nasce e se desenvolve.

Poderíamos sintetizar os gestos ou sintomas do contexto familiar nos seguintes: confusão de gerações, conflitos contínuos, escassa autonomia pessoal e forte resistência a qualquer mudança.

## QUESTIONÁRIO

1 - Quais os maiores problemas que encontra nas famílias da sua paróquia a nível de responsabilidade nos papéis a exercer, modelos a imitar e a destruir e respeito pela individualidade e personalidade de cada um?

2 - Quais as causas desses problemas? Falta de preparação

dos pais? Falta de educação dos filhos? Essa falta de preparação dos pais terá sido criada por responsabilidade deles, pelo não cumprimento da missão da Igreja e do Estado neste sector? A falta de educação dos filhos será por causa do não cumprimento da missão educativa dos pais, das Escolas, das catequeses, dos meios de comunicação social, do ambiente em que se vive?

3 - Que preparação e acompanhamento se dão aos casais novos na sua paróquia? Quais os seus maiores problemas?

4 - Que meios tem a sua paróquia para tentar resolver todos estes problemas? Como pô-los a funcionar? Necessitará de outros? Quais?



# Tema: A PARÓQUIA COMUNIDADE DE VIDA

## QUESTIONÁRIO

### 1. *A Paróquia que temos*

- 1.1. Como se encontra a nossa paróquia?
- 1.2. Qual o "modelo" ou "imagem" que ela representa?
- 1.3. Quais as grandes causas dos aspectos negativos que se encontram na nossa paróquia?

### 2. *O que é a Paróquia*

- 2.1. Na nossa paróquia temos a consciência plena que a Paróquia é "Eco" do mundo, Comunidade fundamental da Igreja Diocesana e Comunidade de Vida?

### 3. *A Paróquia que queremos*

- 3.1. O que podemos fazer para que a nossa paróquia seja uma comunidade viva?
- 3.2. Que devemos fazer para que a nossa paróquia seja cada vez mais aberta ao nosso meio, às paróquias "vizinhas" e à Diocese?

### 4. *Nós e o Congresso dos Leigos*

Depois de estudarmos os guiões sobre a Igreja, quais os temas que gostaríamos de tratar nos nossos grupos?

N.B. No verso estão indicados os temas de guiões que a

Comissão Diocesana do Congresso dos Leigos já tem e que foram do congresso Nacional. Podem escolher deles ou indicar outros.

## **SINAIS DOS TEMPOS NA REALIDADE PORTUGUESA**

- 1 - Na Família
- 2 - Na escola e educação
- 3 - No trabalho
- 4 - Na economia e desenvolvimento
- 5 - Na construção da democracia
- 6 - Na cultura e critérios de vida dominantes
- 7 - Na ciência e na técnica
- 8 - Na religiosidade
- 9 - Na comunicação social
- 10 - Nos tempos livres
- 11 - No mundo rural
- 12 - Na situação da mulher
- 13 - Nos jovens
- 14 - Nos problemas sociais
- 15 - Na qualidade de vida e defesa de ambiente
- 16 - Na mobilidade da população

### *A renovação conciliar da Igreja em Portugal*

- 1 - A vida comunitária: as comunidades que existem
- 2 - A liturgia
- 3 - O desafio da evangelização e da missão
- 4 - A catequese na Igreja pós-conciliar
- 5 - A participação e a corresponsabilidade na Igreja
- 6 - Que consciência de Igreja e do leigo na Igreja
- 7 - Consciência e prática dos sacramentos da iniciação cristã (Baptismo, Confirmação e Eucaristia)
- 8 - A construção da unidade das Igrejas: o problema ecuménico
- 9 - Frutos positivos e problemas derivados do Concílio

10 - Difusão e conhecimento da doutrina do Magistério

11 - Renovação conciliar e mudança sócio-cultural

## **ASSEMBLEIA PAROQUIAL**

No sentido de uma melhor preparação da Assembleia paroquial sugerem-se algumas pistas:

1 - A reunião com todos os responsáveis de Obras e Movimentos da Paróquia e convidados, para lhes explicar o que é a Assembleia e o seu plano e, pedir a sua colaboração.

Nesta é escolhida, eleita a Comissão paroquial para o Congresso.

2 - Sugerir à Comissão paroquial que vai preparar a Assembleia:

a) Feitura de cartazes a colocar nos diferentes lugares da Paróquia.

b) Convites pessoais.

c) Distribuição da carta com programa e horário pelas casas.

d) Organizar o convívio para o almoço (podem convidar jovens para o fazerem).

e) Preparar cânticos para o início dos trabalhos de grupo, partilha e encerramento.

f) Preparar a Eucaristia (altar, leituras, cânticos, etc.).

g) Organizar o lanche, para os que querem ficar a partilhar.

h) Preparar a sala.

i) Pedir orações aos doentes, etc.

j) Receber as pessoas no dia da Assembleia e ajudar no sentido da formação dos grupos e trabalho dos mesmos.

l) Criar todo um ambiente que seja favorável à Assembleia.

m) Procurar motivar jovens que dinamizem outros.

N.B - Cada Comissão paroquial, conhecendo bem a sua comunidade verá os meios mais eficientes para a mesma Assembleia. O que demos foram sugestões, no sentido de ajuda.

20/9/1989

Caro colega e amigo

Os grandes desafios que à Igreja dos Açores se apresentam neste tempo devem ser encarados como uma oportunidade a não perder para que ela própria se renove e seja mais santa.

Eles apelam a que se encontrem as energias necessárias para um movimento de renovação e conversão. Nesta linha aparece o Congresso Diocesano de Leigos, para que toda a Igreja Diocesana se comprometa, estudando-se e estudando os problemas que há nos Açores. para que se renove e dê respostas adequadas aos mesmos.

Toda a Igreja se tem de comprometer, mas nós padres temos de ser a alma deste movimento; é uma grande honra, mas também uma grande responsabilidade. Amanhã pode ser tarde...

Embora o Presidente da Comissão Diocesana seja um leigo, como esta se dirige aos colegas e como ainda não estão constituídas as Comissões de Paróquia, Ouvidoria e Ilha, eu escrevo em nome da Comissão Diocesana.

Como vos dizia na minha primeira carta sobre o Congresso, enviamos todo o material para a Assembleia paroquial, bem como a Nota Pastoral do Sr. Bispo, para ser lida e comentada nas homilias. Feita a reunião com todas as Obras e Movimentos da Paróquia e eleita a Comissão paroquial para o Congresso, esta deve começar logo a preparação da Assembleia paroquial. Julgamos fundamental esta Assembleia, por isso parece à Comissão Diocesana que será útil enviar a todas as famílias uma

pequena carta, o programa, as perguntas que serão discutidas e os guiões que já temos, para escolherem os que desejam tratar, podem escolher ou indicar outros, como é evidente. A Comissão paroquial fará então as foto-cópias, para a sua paróquia e depois dirá os assuntos escolhidos para darmos os guiões, mas logo após a Assembleia Paroquial, toda a Diocese irá estudar os dois guiões que já estão feitos, sobre a Igreja. Os outros serão depois.

Bom trabalho e um grande e amigo abraço.

Volte por favor...

produção de um determinado tipo de produto, a fim de evitar a duplicação de esforços e a perda de tempo. A Comissão de Inquérito, ao analisar os dados apresentados, constatou que a maioria das empresas não possui um plano de produção definido, o que resulta em atrasos e custos elevados. Além disso, a falta de comunicação entre os departamentos de produção e vendas também contribui para a ineficiência do processo produtivo.

### Planos de produção e controle de custos

#### Planos de produção

Os planos de produção são documentos essenciais para a gestão da produção, pois permitem a organização dos recursos e a previsão dos custos. No entanto, a maioria das empresas analisadas não possui planos de produção detalhados, o que resulta em problemas de controle de custos e atrasos na entrega dos produtos. A falta de planejamento também dificulta a identificação de gargalos no processo produtivo e a implementação de melhorias.

Além disso, a ausência de planos de produção dificulta a comunicação entre os departamentos de produção e vendas, resultando em conflitos e insatisfação dos clientes. A implementação de planos de produção detalhados e a melhoria da comunicação entre os departamentos são medidas essenciais para a otimização do processo produtivo e o controle de custos.

DEPÓSITO LEGAL N.º 80853/94

União Gráfica Angrense  
600 exemplares  
Setembro.94



